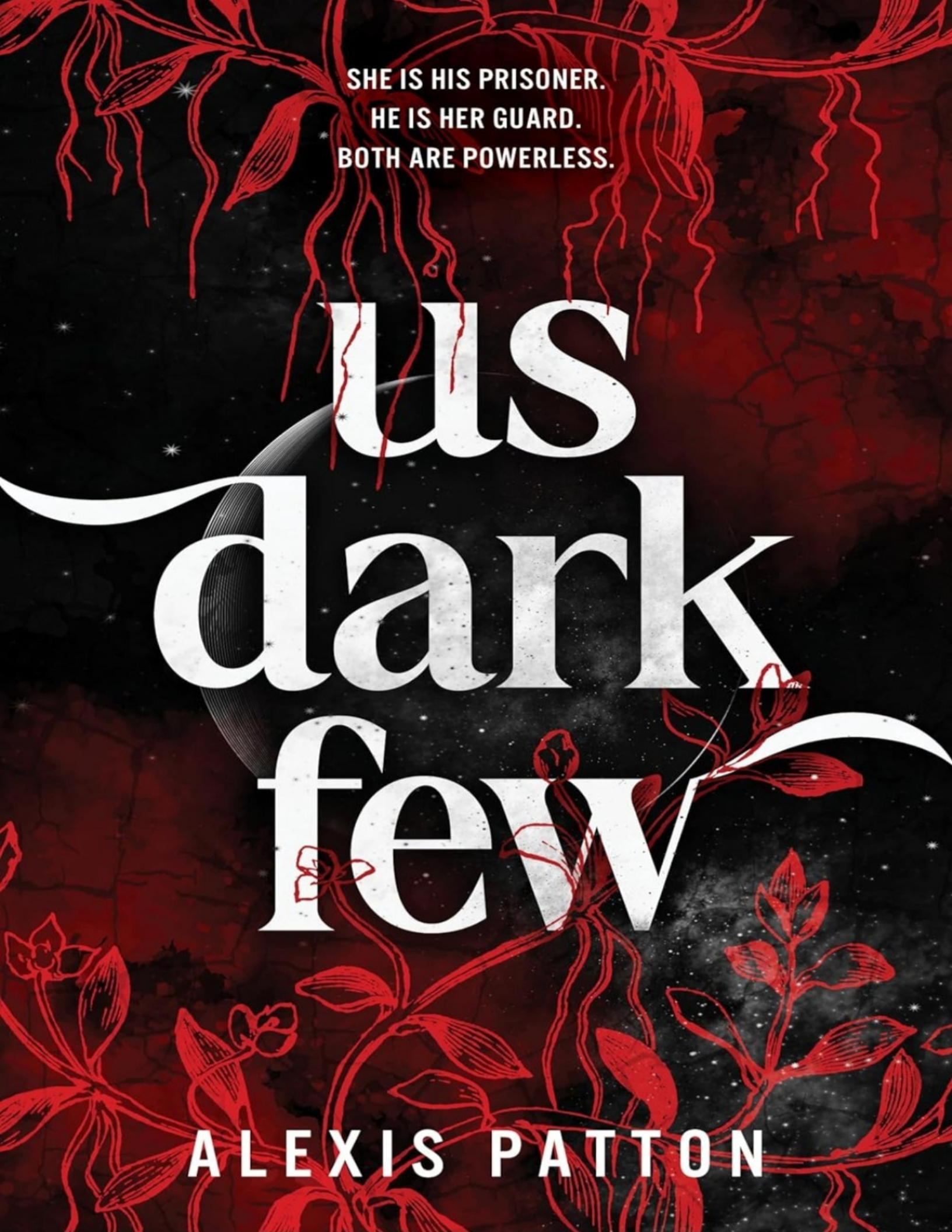
SHE IS HIS PRISONER.
HE IS HER GUARD.
BOTH ARE POWERLESS.
us dark few
ALEXIS PATTON

POUCOS ESCUROS DOS EUA
ALEXIS PATTON

Direitos autorais © 2023 Alexis Patton
Todos os direitos reservados.
Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência e não intencional do autor.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão expressa por escrito do editor.
ISBN: 979-8-9881178-0-3
Design da capa por: Kristopher Mehaffy

DEDICAÇÃO

Para todos os sonhadores e desajustados.
E aqueles que preferem dançar no escuro

1

Se a vida fosse medida pelas lições que aprendi,
eu seria imortal.
– Khalani Kanes

Quem disse primeiro "só para cima" mentiu. As coisas sempre podem piorar. Sempre. Você pode despencar ainda mais entre essas rachaduras e fendas, porque não existe um verdadeiro fundo do poço para deter a descida do infortúnio.

Khalani Kanes conhecia essa lição melhor que a maioria.

Algemas pesadas roçavam seus pulsos e tornozelos. Cada movimento provocava uma dor aguda onde o metal frio encontrava a pele, mas foi a imponente lareira no centro do cômodo que chamou sua atenção.

A JUSTIÇA PREVALECE

O Credo de Apolo, esculpido profundamente no estrado de pedra, a encarava de volta. Zombando dela com suas falsidades. Justiça não existia no cenário infernal surreal de Apolo. Não para aqueles que mais precisavam. Sua definição foi transformada em arma muito antes de Khalani nascer.

Um guarda colossal com cicatrizes profundas esculpidas no rosto mutilado a puxou e a fez parar bruscamente no Salão de Sentenças. Tochas formavam um amplo círculo ao longo das paredes. As sombras bruxuleantes contra as rochas tornavam o espaço mais ameaçador e perturbador, o que provavelmente era o objetivo.

O medo se manifestou dentro dela, tão profundo que quase tomou uma presença física. Ela conseguia sentir o cheiro amargo da fragrância, saboreá-lo contra os lábios secos. Seus pulmões se expandiram para captar mais oxigênio, mas até o ar estava contaminado, uma espessa camada de arrependimento composta pelos pecados e gritos daqueles que morreram onde seus pés trêmulos estavam ancorados ao chão.

Toque. Toque. Toque. Toque.

O eco de sapatos engraxados atraiu seu olhar.

Um homem acima do peso, trajando uma túnica preta, aproximou-se da lareira de pedra. Sua cabeça calva refletia a luz, mesmo na caverna escura. Os guardas se enrijeceram e se empertigaram diante de sua presença.

O Mestre Juiz esteve aqui.

Ele avaliou a sala com uma carranca demente, e seu olhar pousou sobre ela. O corpo de Khalani encolheu, tentando se tornar o menor alvo possível. Seus membros teriam sido cortados em pedaços e enfiados em um liquidificador de aço se olhares pudessem matar.

O Juiz Mestre sentou-se pacientemente, empoleirado bem acima dela. "Sabe o que é isso, Srta. Kanes?" Um X permanente estava incrustado na pele pálida entre suas sobrancelhas enquanto o Juiz Mestre segurava um livro preto e familiar.

Khalani esfregou os dedos enquanto as algemas se moviam contra seus pulsos. As palavras não saíam. Como se sua língua já tivesse sido torcida e arrancada.

"Isso é traição", continuou o Juiz Mestre. "Uma traição da mais alta estima contra Apolo. Com quem você compartilhou essa informação?"

Ela ergueu o olhar, incrédula. Eles não sabiam...

Os músculos frágeis de suas costas tremeram e se curvaram sob o peso de sua escolha. Mas não havia escolha. Khalani já sabia o que precisava fazer.

"Ninguém." Ela engoliu em seco.

“Você sabe o que Apolo costumava fazer com mentirosos, Srta. Kanes?”

O corpo dela tremia visivelmente, o coração martelando contra o peito, e ele sorriu.

"Nós os deixaríamos na superfície", sussurrou o Mestre Juiz em um tom perturbador, inclinando-se para a frente. "Seus corpos queimavam com a imensa radiação enquanto batiam nas portas, implorando para entrar enquanto derretiam gradualmente. Você não tem família para falar. Não há ninguém vivo que a ame. Ninguém pensaria duas vezes se a deixássemos fora de Gênesis para queimar e apodrecer. Então, vou perguntar mais uma vez. Você contou a alguém sobre este livro?"

Não há ninguém vivo que te ame.

As palavras reverberaram nas paredes de pedra e penetraram em Khalani como facas afiadas e cruéis. Ela cerrou os punhos, mas nada conseguiu apagar a verdade crua daquela declaração.

Ela costumava acreditar que o amor era como o sol. Invisível. Inabalável. Um ponto brilhante em um universo sombrio. Mas o amor não era como o sol.

O amor era como a gravidade. Puxando e puxando você para as profundezas mais profundas, expondo suas vulnerabilidades, rompendo barreiras e deixando você sem nada além de espaço.

Foi o amor que a fez abrir a porta naquela noite fatídica.

Um mês atrás, quando Douglas entrou correndo na casa dela depois do toque de recolher, como se uma matilha de ratos raivosos o estivesse perseguindo, ela não o dispensou como qualquer pessoa sã faria.

Quando as mãos dele tremeram ao revelar o livro preto e esfarrapado que parecia séculos mais velho que ela, ela não foi embora. Quando ele abriu a boca e disse: "Preciso que você fique com isso por alguns dias", a resposta dela deveria ter sido um sonoro "Não".

Mas ela ignorou os sinais de alerta óbvios e insistiu que eram de um tom alaranjado intenso. Douglas era seu único amigo em Apollo, e não importava que ele tivesse 69 anos e cheirasse a livros velhos e uísque aguado. Amizades não precisam fazer sentido para quem está de fora. Ela notou que ele a observava de forma peculiar pela primeira vez enquanto ela comia no chão em frente ao seu apartamento.

Por um ano inteiro, ele passou por ali, observando-a em silêncio enquanto ela se sentava no chão. Então, um dia, de repente, ele falou.

"A estrada é mais confortável que uma cadeira?" Ele parou no meio do caminho.

Ela olhou para cima, surpresa por o velho estar falando com ela. Ela até olhou

por cima do ombro como se algum outro esquisitão estivesse comendo cereal seco no calçamento.

"Provavelmente não." Ela se virou. "Mas minha bunda gosta de ficar mais perto do chão. Me lembra para onde vou algum dia."

"Isso é mórbido."

"Não, só muda a sua perspectiva. O lugar onde você come deve ser uma zona de conforto, então decidi que comer no chão pode me deixar mais confortável com as partes ruins da vida. Devo tentar um dia", respondeu ela, voltando à sua refeição.

Uma pausa mais longa e Khalani pensou que tinha deixado a garota estranha comendo sozinha na estrada, mas suas sobrancelhas se ergueram quando ele se sentou ao lado dela, gemendo enquanto esticava as pernas.

"Bem?" ela perguntou depois de um longo, mas confortável silêncio.

Ele bufou. "Bem, não é a sensação mais agradável que meus ossos já tiveram. Mas talvez você tenha razão e a mudança só venha com dor."

Depois disso, Douglas passou a jantar com ela na estrada todas as semanas. Ela descobriu que ele trabalhava nos Arquivos, o prédio misterioso que abrigava artefatos do Grande Colapso, mas ele nunca revelou detalhes de seu trabalho. Nem para ela. Nem mesmo para a família. Esse deveria ter sido seu primeiro sinal de alerta para ficar longe de qualquer coisa que ele pedisse para manter escondida.

Douglas insistiu que voltaria em breve para pegar o livro de volta. "Guarde-o por alguns dias. Por favor", implorou.

Foi o jeito febril com que ele falava que a deixou arrasada. Ela concordou em ficar com o livro temporariamente e esperou que ele batesse à sua porta. Mas ele nunca bateu. Só quando entrou na praça da cidade e encontrou o corpo dele pendurado nas ruas com a palavra LADRÃO gravada na testa é que percebeu o que ele tinha feito.

Khalani deveria ter devolvido o livro naquela ocasião. Se ela fosse esperta, talvez também tivesse evitado ser assassinada. Mas ela não era sã nem normal.

Ela estava sozinha. O tipo de solidão que ninguém deseja. O tipo em que você pensa que quer se afogar, mas, na realidade, tudo o que quer é ser salvo.

A palavra Poesia rabiscada na capa não significava nada para ela. Mas quando Khalani criou coragem para abrir as páginas, percebeu rapidamente que o conteúdo não era belo, pitoresco ou delicado. Era cru. Descontrolado. Cada palavra, permeada de paixão e vigor, despertava um espírito interior que havia sido sepultado há muito tempo. Uma parte dela que ela desconhecia que existia.

Ela continuou lendo porque era a primeira vez que seu cérebro e seu coração ousavam estar na mesma página. Ela continuou lendo para escapar. Para ser livre. Ela leu para se firmar na terra e gritar sua discordância.

Quando os guardas invadiram sua casa dias depois e a prenderam por um roubo que não cometeu, Khalani permaneceu em silêncio. Não porque fosse uma mártir. Mas porque não encontrava mais conforto em viver no chão.

"Fale!" A voz do Mestre Juiz estalou contra ela como um chicote, atraindo Khalani rapidamente para o presente.

“Eu não contei a ninguém.” Sua voz era firme e inflexível.

Se ela revelasse a verdade, que compartilhou o livro com a esposa de

Douglas, o Juiz Mestre mataria toda a família. Ela não permitiria que isso acontecesse. Era o seu último resquício de força. O único resquício de bondade que restava em seu corpo.

Eles poderiam levar o resto dos seus pedaços vazios.

O Juiz Mestre se inclinou para a frente, observando seu rosto pálido. Apesar do pavor ardente que a percorria, ela o encarou.

O Mestre Juiz franziu a testa e recostou-se. "Não importa", afirmou calmamente, mas seu olhar serpentino prometia punição. "Se alguém estiver envolvido, vamos farejá-lo como os vermes que são."

O Mestre Juiz chamou um guarda até o estrado, entregando-lhe o livro. O guarda jogou-o descuidadamente dentro de uma lixeira de metal e começou a encher o recipiente com um líquido escuro. O peito de Khalani se elevou em respirações rápidas enquanto o cheiro forte de gasolina enchia o ar.

A boca do Juiz Mestre se curvou diante do pânico estampado nos olhos dela. "Faça isso", ordenou ele.

O guarda pegou uma tocha e ateou fogo na lixeira.

Ela queria *gritar* . Deixar cada gota de dor jorrar de seus pulmões desesperados. Mas nenhum suspiro ou som saía de seus lábios. As chamas vermelhas prendiam a concentração de Khalani enquanto seu corpo balançava hipnoticamente de um lado para o outro. Um líquido se acumulava no canto dos seus olhos. Ela não conseguia dizer se era da fumaça ou do seu próprio desespero. Era difícil distinguir o que era para cima e para baixo. O que era real ou não.

O fogo lambeu, rachou e dilacerou uma das últimas coisas na Terra que valia a pena salvar. E uma parte doentia e horripilante dela queria pular nas chamas e queimar também.

"Se dependesse de mim, todos aqueles artefatos inúteis nos Arquivos seriam destruídos." O Juiz Mestre enxugou as mãos. "Eu adoraria ver seu corpo pendurado nas ruas, para que todos pudessem ver o traidor que você é. Mas o Diretor contatou o tribunal recentemente. Os prisioneiros deles continuam morrendo. Que pena para você. A morte teria sido mais rápida."

O choque percorreu sua mente enquanto as palavras dele eram lentamente registradas.

Não.

"A Corte de Apolo a sentencia à prisão perpétua de Braderhelm." O martelo bateu na laje de pedra. Selando sua condenação.

2

Como os mortos não podem falar,
pensei em cantar para eles.

"Mova-se." Seu acompanhante brutal a empurrou com um forte empurrão para as costas.

Ela cambaleou para a frente, quase tropeçando nos tênis gastos que lhe deram, um tamanho maior que o seu. Queimaram suas roupas e a forçaram a vestir um macacão fino, esfarrapado e dilapidado. O macacão cinza fedia a urina, e ela lutou contra a vontade de vomitar enquanto o cheiro repulsivo a envolvia.

Khalani foi levada para a Prisão de Braderhelm por um portão gigantesco, protegida por guardas armados com o dobro do seu tamanho e vestindo coletes pretos de mangas compridas enquanto zombavam dela sem piedade.

O ar gélido batia em sua pele, o tecido fino de seu uniforme oferecia pouco calor enquanto desciam fundo na terra. Seus dentes batiam no escuro pelo que pareceu um quilômetro e meio até que o longo túnel se abriu e o guarda careca a empurrou para uma área de vários andares com celas bloqueadas.

Ela ergueu os olhos enquanto o teto se estendia acima dela. Luzes brilhantes se estendiam ao longo das paredes de pedra, luminosas e vívidas, revelando centenas de prisioneiros.

Braderhelm não separava homens de mulheres. Ambos os sexos espiavam das celas ao som de seus passos, e um rugido abafado percorreu a imensa caverna. Prisioneiros gritavam e batiam contra as grades. A pressão de cem globos oculares deslizava por seus braços magros, e Khalani queria que um buraco surgisse sob seus pés e a engolisse por inteiro.

O guarda ao lado dela pegou a arma e apontou o cano para o teto. Três estrondos consecutivos irromperam da arma.

“Silêncio!” gritou o guarda.

O silêncio emanou das celas, e o guarda grunhiu, embainhando sua arma. Khalani sentiu o ar escapar do peito. Ela se levantou cautelosamente de sua posição abaixada, descobrindo a cabeça. Seus olhos deslizaram para a esquerda e encontraram um prisioneiro.

Suas mãos pálidas apertaram as barras de aço, e aqueles olhos brilhantes a encararam com desdém absoluto, como se ele a tivesse imaginado envolvendo seus dedos em volta do pescoço dela e espremendo cada gota de vida para fora.

Khalani lançou a cabeça para a frente e correu até o guarda, que a conduziu para dentro de um elevador. O interior moderno e reluzente contrastava com a caverna da prisão. Subiram rapidamente alguns andares antes que o elevador parasse bruscamente. Ela seguiu o guarda para fora, e uma placa empoeirada estava pendurada no teto.

Bloco de Celas 7.

O guarda seguiu em frente, e os prisioneiros espiavam para fora de suas celas.

"Ela vai embora rápido."

“Vou dar-lhe uma semana.”

"Menos que isso."

"Tempo suficiente para a boca dela funcionar." Alguém riu.

“Apolo-rato.”

Uma garota empurrou as grades e cuspiu em seu rosto. Saliva espessa escorreu pela bochecha de Khalani enquanto as palavras duras a bombardeavam como uma saraivada de balas, vindas de homens e mulheres.

Khalani tentou manter a expressão facial o mais neutra possível, pois não podia se dar ao luxo de demonstrar qualquer sinal de fraqueza, não em Braderhelm. O medo e a escuridão interior continuavam a se arrastar como sombras permanentes enquanto seu peito pesava a cada passo.

A guarda, inexpressiva, parou diante de uma cela vazia e abriu as grades para ela. Ela entrou e encontrou uma cama de solteiro suja no chão, com o que pareciam ser manchas de vômito, e um vaso sanitário no canto. Era só isso. Não havia janelas virtuais, apenas uma cela escura e decrépita e um fedor de almíscar que enchia o ar.

O guarda agarrou seus braços com força e destrancou as algemas. Sua pele frágil parecia pior do que realmente era. Ou talvez seu corpo estivesse completamente dormente àquela altura, incapaz de sentir qualquer coisa.

"A chamada começa pontualmente pela manhã. Vocês ouvirão o sinal da manhã e ficarão do lado de fora da cela esperando o guarda do bloco completar a contagem das celas. *Não* durmam até tarde durante a chamada, ou serão punidos. Qualquer outra pergunta vocês farão a ele, não a mim", disse ele no momento em que ela estava prestes a abrir a boca e perguntar se havia papel higiênico.

O guarda tirou um dispositivo fino e metálico do bolso. Ela ouviu um leve bipe, e a ponta assustadora e afiada brilhou em vermelho neon.

“Estenda o braço esquerdo”, ele ordenou.

"O que é isso?", ela sussurrou. No instante seguinte, sua cabeça virou para o lado quando o guarda a acertou com as costas da mão. Sua boca se abriu em choque quando ele chegou bem perto do seu rosto.

"Faça o que lhe mandarem, *quando* lhe mandarem, prisioneiro. Agora, estenda o braço antes que eu o quebre."

Seu peito subia e descia em respirações rápidas. O anel dele atingiu o canto do olho dela com o golpe, e uma lasca quente de sangue escorreu por sua bochecha como uma lágrima. Suas mãos tremiam enquanto ela lentamente levantava o braço. O guarda corpulento agarrou seu cotovelo e abaixou o dispositivo até seu pulso. Sua pele formigava com o calor imenso conforme a ponta se aproximava, e ela entrou em pânico. Em uma última tentativa de desespero, ela tentou se afastar, mas o guarda a segurou firme.

Dor. Era tudo o que ela sentia quando o guarda tocou a ponta em seu pulso. Nenhuma força era capaz de conter seus gritos. Seus lamentos ecoavam pelas paredes, comprimindo o ar ao seu redor, implorando em agonia inútil para parar. Mas ninguém respondeu aos seus gritos de socorro. Sua voz ficou rouca quando o guarda recuou, e os olhos de Khalani deslizaram para o número 317, vermelho vivo, gravado em sua pele.

Você não é mais Khalani Kanes. Khalani Kanes desapareceu no momento em que você pisou em nossas muralhas. Ela não existe mais. Você é a Prisioneira 317. Alinhem-se ou serão punidas.

Apenas um número. Nada melhor do que gado geneticamente modificado. A guarda brutal saiu rapidamente, fechando as grades com um estrondo retumbante, e tudo o que restou foi o som de sua respiração na cela gélida. Lágrimas escorriam por seu rosto, trilhas úmidas de dor continuando em um aguaceiro sem fim. Tantas lágrimas que seu rosto logo se esqueceria de como era não chorar.

Isso era possível?

Suas costas se curvaram enquanto a calamidade e o infortúnio a cumprimentavam e acariciavam seu corpo como um velho amigo. Beijavam seu rosto e faziam a passagem úmida das lágrimas descer ainda mais por sua pele frágil.

Tiraram tudo. Até o nome dela.

Ela escorregou para o chão. Estava frio. Duro. A única coisa que era... real. Todo o resto era apenas um sonho. Um pesadelo do qual ela não conseguia escapar. Movendo-se lentamente, ela enfiou a mão no bolso da calça e pegou o único item pessoal que lhe permitiram levar. Uma foto dos pais.

Ela tinha cabelos longos e escuros como os da mãe e os olhos verdes do pai. Ela estava nos ombros do pai, e a câmera disparou enquanto todos riam. A foto foi tirada um dia antes de Genesis se tornar habitável, uma semana antes da morte deles.

Quando a imensa cúpula que protegia a superfície da radiação letal foi concluída, muitos se alegraram com o notável feito da engenharia humana. Isso até os corpos retornarem. Apolo forçou os prisioneiros de Braderhelm a construir a cúpula que cercava Gênesis, e todos eles morreram por envenenamento por radiação. Seus cadáveres foram carregados pelas ruas até a enfermaria.

Ela ainda se lembra do cheiro. O odor de pele carbonizada, como se tivesse sido derretida em uma panela, forçava homens adultos a se ajoelharem em choque. Manifestantes se reuniram na Praça Apollo, gritando sua dissidência contra o Conselho, mas foram rapidamente derrotados pelas forças armadas. Corpos jaziam jogados nas ruas, entre eles os de seus pais, brutalmente assassinados pelo regime Apollo.

Khalani tinha apenas 8 anos.

Ela ficou sem comer por uma semana. Sentou-se em frente à porta, imaginando que seus pais apareceriam a qualquer momento e a envolveriam em seu abraço caloroso. Um vizinho preocupado veio vê-la e encontrou uma menina pequena e magra caída no chão, ainda olhando para a porta.

Esperando. Esperando.

Porque ela não entendia o conceito de acordar e eles não estarem lá. Sem beijá-la ou mandá-la arrumar o quarto. Sem enxugar suas lágrimas quando ela estava com medo, sem cuidar dela quando ela estava doente e sem se importar se eles também ficassem doentes.

Os pais dela nunca voltaram para buscá-la. E nunca voltarão. Às vezes, ela os odiava por isso.

Mas talvez seja impossível odiar alguém sem amá-lo.

Com o canto do olho, uma barata gigante emergiu de um minúsculo buraco na parede de pedra. A criatura mexeu suas antenas e se moveu pelo chão. Sua testa franziu quando a barata passou por um pedaço de giz preto no chão, com metade do tamanho do seu mindinho.

Horas se passaram antes que ela se movesse. Lentamente, como se seu corpo pesasse mil libras, Khalani estendeu a mão e agarrou o giz. Seus olhos se ergueram para as paredes rochosas de sua cela, marcadas por traços pretos por toda parte.

Ela não precisava contar todos os traços para saber que quem quer que ocupasse a cela antes dela não duraria muito. Khalani apertou o giz com mais força. Ela também poderia deixar algo para trás. O mais tênue traço de energia para que o próximo prisioneiro soubesse que ela um dia esteve viva.

Khalani olhou para o livro dos pais mais uma vez e o virou no chão de pedra. Talvez a poesia nunca tenha sido feita para ser calamitosa. Tragédias tão fragmentadas não deveriam ser trazidas à existência, mas era a sua verdade. Sem um nome, a única coisa que lhe restava era a voz.

Seus dedos trêmulos deslizaram pelo espaço em branco enquanto ela não revelava sua alma a ninguém.

Você se lembra disso
Você não pode?
Os sussurros iluminados no escuro
Quando a esperança na vida
Não foi construído para desmoronar
Você sente isso
Você não pode?
As reverberações dentro
Colapso de desejos mortos
Sonhos adiados antes de começarem
Você ouve isso
Você não pode?
Aquele silêncio mais uma vez
Mais alto que gritos
Corações morrendo como o meu antes
Você percebe isso
Você não pode?
A perda começa com sua primeira respiração
Ou aceite a derrota com os olhos sujos
Ou sorria quando encontrar a morte

3

O vazio tem a fragilidade das penas e suporta o peso das montanhas.

Um alarme estridente ecoou por toda a prisão, e Khalani sentou-se abruptamente. Ela não dormiu. Chegou o momento em que seu rosto secou, pois não havia mais lágrimas para chorar. Desprovida de emoção e energia, ela ficou deitada no chão a noite toda, observando cenas de sua antiga vida se desenrolarem nas fendas de pedra do teto.

Esfregando os olhos inchados de exaustão, ela olhou para as barras de aço se abrindo.

“Chamada!” gritou uma voz profunda e masculina.

Passos de outras prisioneiras saindo de suas celas chegaram até ela. Lembrando-se das palavras do guarda no dia anterior, Khalani se levantou de um salto e saiu timidamente da cela. As luzes brilhantes eram avassaladoras, e ela cobriu os olhos com a mão.

“Psstt, ei!”

Ela se virou para a esquerda. Uma prisioneira baixa, de cabelos trançados de um azul brilhante e pele cor de marfim, a encarou. "Você precisa ficar em cima disso." A garota de cabelos azuis apontou para uma faixa amarela no chão. "Movimento censurado."

Khalani caminhou apressadamente até a fila. "Obrigada", sussurrou, mas a estranha virou-se abruptamente para a frente, sem cumprimentá-la mais.

Ela manteve um pé na linha amarela e espiou por cima da grade de metal. Uma multidão de prisioneiros permanecia rígida em cada andar. Do outro lado do seu bloco, um guarda vestido todo de preto passava por cada prisioneiro, examinando-os de cima a baixo. Seu rosto estava escondido, mas seu físico brutalmente tonificado era evidente, como se pudesse quebrar o pescoço dela num instante.

Seu coração batia forte no peito. E se aquele guarda a tivesse designado para a superfície? Nenhum prisioneiro foi enviado à superfície em 10 anos, mas circulavam rumores sobre planos para expandir o domo Gênesis. Khalani rezou para não estar viva quando esse dia chegasse. Poucas mortes eram mais dolorosas do que a doença causada pela radiação.

Khalani se remexeu de um lado para o outro, esfregando os dedos nas mangas do uniforme. O som de passos pesados raspando no metal a fez enrijecer. Ela olhou fixamente para a frente enquanto o corpo corpulento do guarda entrava em seu campo de visão.

Ele tinha bem mais de 1,80 m de altura. O colete preto de mangas compridas apertava seu corpo largo e musculoso, que parecia esculpido em pedra. Ele segurava uma almofada elétrica, marcando-a ao passar por cada prisioneiro. A guarda parou diante dela, e ela encontrou um pingo de coragem para levantar a

cabeça.

Seus olhos eram da cor da meia-noite.

Ela não sabia que olhos podiam ser tão negros, como se a pupila sangrasse até a íris inteira. Ela presumiu que todos os guardas raspavam a cabeça, mas cabelos pretos e finos caíam levemente sobre a testa dele. O guarda imponente parecia alguns anos mais velho que ela, com pele lisa e dourada e cílios grossos emoldurando seus olhos penetrantes. Mas quando seus olhares se encontraram, Khalani subitamente ficou rígida diante da agressividade em seu olhar.

O maxilar afilado dele se contraiu enquanto seus olhos frios percorriam o traje dela de cima a baixo, o desgosto emanando dele enquanto o cheiro pútrido do macacão sufocava o ar.

“Nojento”, ele murmurou com repulsa, marcando o bloco elétrico.

A boca de Khalani se contorceu e seu olhar se voltou para o fino distintivo prateado abaixo do ombro esquerdo dele. *Capitão* ...

“Olhe para a frente, Kanes”, ele ordenou sem olhar para cima.

Ela se virou para a frente com um estalo. Mal percebeu que ele não se referia a ela como Prisioneira 317. Não que precisasse. A marca sob sua pele queimava mais do que palavras e títulos jamais poderiam.

"Todos para suas tarefas!", gritou a guarda, e os prisioneiros do seu bloco começaram a se movimentar. Seus olhos se moviam freneticamente. Para onde diabos ela deveria ir?

“Ouça com atenção.”

Seus músculos se contraíram diante do tom sombrio e vigoroso. Ela se mexeu um pouco, e o guarda se aproximou. Perto demais. O corpo dele era completamente menor que o dela, dominando o espaço, quase sufocando o ar ao redor.

O guarda a observava atentamente, uma sombra ameaçadora passando entre seus olhos, que estavam focados nela como um laser. Nenhuma arma era visível. Isso era mais assustador por algum motivo. Sua energia estoica e distante, por si só, a fazia querer voltar para sua cela.

"O Bloco 7 é seu lar agora. Você está enfrentando as consequências dos seus atos, e se não quer que sua vida aqui seja um inferno, então faça tudo o que eu mandar. Entendeu?" A voz grave dele raspou a pele dela. Ele não desviou o olhar nem lhe deu espaço para respirar.

"S-Sim." Ela pigarreou, forçando o terror a desaparecer para funcionar corretamente.

Você se apresentará a Marcela nos túneis da extremidade norte todas as manhãs. Trabalhará metade do dia lá e depois seguirá para o refeitório com os outros prisioneiros. Esta será a única refeição do dia, sem vadiagem. Depois, você se apresentará a George na Ala A Sul. Ele lhe dará a tarefa da tarde.

Ela assentiu para si mesma, repetindo as palavras dele, tentando memorizar tudo o que ele dizia. Um leve peso saiu de seu peito. Ela não tinha nenhuma tarefa designada para o domo. Ainda não.

"Após o seu turno da tarde", continuou ele, irritado, "você tem uma hora de intervalo na mina. Depois disso, volte para a sua cela para a chamada noturna. Se você se atrasar de alguma forma, eu saberei, e você não vai gostar do que vai acontecer como punição." Suas sobrancelhas se abaixaram de um jeito

enervante, tipo "eu como crianças pequenas no café da manhã".

"Você me pegou, Kanes?"

“Sim”, sua voz conseguiu permanecer firme.

Ótimo. Não há absolutamente nenhuma briga com outros presos. Se você tiver algum problema com outro detento, resolva na mina. Não venha me procurar com problemas, porque não tenho tempo para lidar com seus problemas pessoais.

Ela franziu a testa, prestes a perguntar o que era o poço, mas ele continuou falando,

"Você ganha uma ficha de banho uma vez por semana se tiver um bom desempenho nas suas tarefas. Se não cumprir, seu fedor não será a única coisa que cobrirá esta prisão." Ele torceu o nariz. "Não espere simpatia ou pena, porque você não vai conseguir. Nem de mim nem de ninguém aqui embaixo. Entendido?"

As feições afiadas do guarda se contorceram em desdém, como se ela não passasse de um inseto repugnante que ele pagaria ingressos na primeira fila para ver pisoteado.

Douglas lhe contou certa vez sobre os cinco estágios do luto: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. Ela compreendia os quatro primeiros facilmente. Era a aceitação que sempre lhe escapava. Era inútil, como tentar agarrar o ar com as mãos nuas.

Os insultos velados e o olhar cruel da Capitã cravaram-se em sua pele como uma faca cega. Torcendo-se para frente e para trás. Roendo suas finas paredes de autocontrole. A raiva amarga era sua única companheira no subterrâneo.

"Muito claro", ela respondeu, impassível. Ele poderia ser a última pessoa viva, e ela preferia cavar sepulturas e recorrer a esqueletos em busca de compaixão.

Seus olhos se estreitaram e ele se inclinou para a frente, a poucos centímetros de distância. "Se você acha que eu lido com qualquer atitude, está redondamente enganado. Não siga qualquer uma dessas regras e eu *farei* você sofrer", a ameaça saiu lenta e quase um sussurro.

Calafrios percorreram sua nuca, mas ela assentiu lentamente, mais confortável com ameaças veladas do que com mentiras de sobrevivência. O corpo imponente dele permaneceu tenso, observando-a enquanto seu aviso pairava no ar estático.

“Vamos.” Ele se virou abruptamente.

Khalani se esforçou para acompanhá-lo enquanto as longas pernas do guarda atravessavam a passarela, sem se dar ao trabalho de ver se ela o seguia. Porque ele sabia que ela não tinha para onde ir.

Ele a conduziu até o elevador, e eles deslizaram lentamente pelas celas dos prisioneiros. Ela se manteve o mais longe possível dele, mas o corpo do Capitão era tão musculoso que tornava o elevador pequeno. Ele não carregava um rifle no ombro como os outros guardas. Sem dúvida, havia armas escondidas sob o colete, mas ele se portava com uma confiança silenciosa. Como se não precisasse de nenhuma.

Caminharam em silêncio pelos túneis escuros. A única fonte de luz vinha de fios cimentados no teto, que emitiam um brilho branco. Suas pernas se moviam

em ritmo acelerado para acompanhar o ritmo acelerado dele, mas Khalani aproveitou o tempo enquanto marchavam pelas cavernas complexas para estudar seu inimigo.

Apesar do seu tamanho imenso, o guarda movia-se com elegância, examinando cada canto com um olhar calculista. Sua pele quente e rica era uma raridade em comparação com a maioria dos que viviam no subsolo. Mas as feições escuras e os olhos semicerrados do Capitão só aumentavam sua seriedade. Khalani era descendente de hispânicos, mas as raízes deste guarda pareciam estar ligadas ao Leste Asiático e, em qualquer outro homem, seu nariz afilado, maçãs do rosto angulares e queixo pronunciado o teriam tornado bonito.

Este guarda não era bonito, nem atraente. Esses eram termos muito fracos.

Ele era um desastre do qual você não conseguia desviar o olhar. Ele era a calma inabalável enquanto você se inclina à beira do precipício da morte. Ele é o medo que jaz na escuridão.

"Há alguma razão para você estar me encarando?"

"Não." Ela inclinou a cabeça para a frente. Visão periférica alucinada, também notada.

"O túnel da extremidade norte é por ali." O guarda apontou para o corredor decrépito. "Alguma pergunta? Agora é a única hora de perguntar", alertou.

"Você tem um nome?" Referir-se a ele como um homem musculoso, tenso e assustador pelo resto de sua curta vida não parecia nada atraente.

“Eu sou o Capitão de Braderhelm.”

“Eles não dão os nomes dos capitães?”

"É tudo o que você precisa saber. Você não viverá o suficiente para usar nomes." Suas palavras ásperas pairaram no espaço vazio.

O sangue subiu ao seu rosto e a emoção rapidamente superou a lógica.

"Acho que aqui embaixo os humanos são numerados, e só os monstros têm nome. Engano meu."

Ela se afastou, mas dedos rígidos agarraram seu braço, bem acima da marca sensível. As sobrancelhas do Capitão se franziram enquanto ele aplicava uma pressão cortante sobre o ferimento não cicatrizado. Ela se encolheu visivelmente, mas ele não cedeu. Suas feições se contorceram em algo maligno. Instável.

Como se cada camada sob sua pele fosse cortada e cortada com violência, e ele segurasse frouxamente as rédeas do controle.

Ele torceu o pulso dela, e ela engasgou com a dor aguda.

"Diga isso de novo." O Capitão inclinou a cabeça.

O queixo de Khalani tremia enquanto ela encarava seus olhos sombreados. A presença inquietante e formidável do guarda acionou todos os seus instintos de fuga, gritando para ela correr. Ela manteve a boca fechada, suando frio.

"Nada a dizer agora?" Seu olhar se estreitou, percorrendo seu pequeno corpo. "A única razão pela qual não vou quebrar seu pulso é porque você precisa dele para o próximo turno, e eu não tenho paciência para seus gritos patéticos. A menos que esteja preparada para as consequências, fique de boca fechada, ou eu garanto que um osso quebrado será o menor dos seus problemas."

O Capitão soltou-a dolorido. Ela apertou a mão, fazendo uma careta, mas ele não lhe deu chance de falar.

"Se tem uma coisa a aprender, Kanes, é isso. Braderhelm é implacável, e

ninguém se importa com os seus problemas. Entre na linha, ou você morrerá dolorosamente."

"Então por que não me mata agora?" ela disse asperamente, incapaz de conter seus sentimentos de desolação.

Seu olhar gélido cravou-se na pele dela, e o Capitão inclinou a cabeça, seus narizes mal se tocando. "Boa tentativa", brincou. "Espero que você termine alguns turnos de trabalho antes de morrer. Mas continue assim, e eu realizarei seu desejo. Agora, suma da minha frente."

O ódio ricocheteou no ar gélido entre eles. As palmas das mãos dela coçaram, preparando-se para testar os limites da raiva dele, mas Khalani se virou, escapando às pressas antes de agir por instintos fatais. Algo no Capitão a arrepiou, mas também a compeliu a se lançarem em uma colisão frontal, convidando a dor a anestesiar o vazio.

Depois de alguns passos, ela olhou por cima do ombro, mas ele já havia sumido, levando consigo a intimidadora nuvem de energia. Ela se forçou a expirar, reconhecendo seu precário equilíbrio entre a vida e a morte.

Uma parte perigosa dela gostava de brincar com a destruição. Ela não se importava em jogar jogos mortais e ganhar prêmios ainda mais mortais. Na verdade, ela ansiava por isso. Porque tinha que acabar. De um jeito ou de outro.

Ela precisava que tudo acabasse.

4

Não podemos ser nada juntos.

Ela seguiu os fios iluminados embutidos no teto, ignorando a bolha que estourou em seu calcanhar. Quando o túnel se abriu para uma caverna extensa e empoeirada, o som de metal rangendo contra pedra se intensificou. Lâmpadas de três metros de altura foram colocadas ao redor da sala, suas luzes brilhantes iluminando enormes blocos de rocha.

Ela parou arrastando os pés contra o cascalho, localizando a fonte das pancadas. Uma fileira de prisioneiros brandia picaretas pesadas contra a parede de pedra, abrindo uma nova passagem no túnel. Uma camada de poeira pairava no ar, e ela lutou contra a vontade de espirrar.

"Pare de relaxar!" Um guarda corpulento se aproximou de um velho com uniforme de prisioneiro, curvado de exaustão.

O prisioneiro disse algo inaudível ao guarda, e este bateu com a coronha da arma na cabeça do prisioneiro. O prisioneiro caiu de bruços no cascalho, imóvel.

"De volta ao trabalho!", gritou o guarda para os outros prisioneiros, que não olharam mais para o homem inconsciente. Suas expressões faciais estavam inexpressivas enquanto continuavam a balançar as picaretas em direção à parede de pedra, como se já tivessem visto coisas muito piores.

Uma garota passou arrastando os pés, empurrando um carrinho de mão cheio de cascalho. Seus cabelos loiro-claros estavam grudados na testa devido ao suor, o rosto afundado e uma fina linha de costelas se projetando através dos buracos irregulares de sua vestimenta cinza. Os olhos de Khalani se arregalaram diante da fragilidade de seu corpo.

A menina não devia ter mais de treze anos e parecia capaz de cair na gargalhada ao menor sopro de vento. O carrinho de mão provavelmente pesava mais do que ela.

“Ei”, Khalani sussurrou, caminhando em sua direção.

A frágil garota virou a cabeça lentamente, e Khalani congelou diante da expressão em seu rosto. Seus olhos eram um vazio, como se um fantasma tivesse atravessado seu corpo e tomado conta dela.

“O que você quer?” a garota perguntou com uma voz monótona.

O corpo de Khalani parecia preso ao chão. Um nome. Ela não conseguia se lembrar do nome da mulher que o guarda lhe dissera para encontrar. Detalhes do passado empalideceram diante do agora intransponível. Khalani acabaria como ela, uma concha viva que perdeu qualquer vestígio de uma vida passada?

Era assim que ela já era?

"Por que você não está trabalhando, prisioneira?", gritou um guarda. O guarda corpulento avançou, e seus músculos congelaram. Seus olhos azul-claros brilharam de raiva quando ele sacou um cassetete de aço e bateu nas costas da jovem. A jovem caiu com um grito lamentoso.

“Não. Por favor, pare!”, gritou Khalani.

"O que você disse?" O guarda se virou para ela com um olhar implacável e chegou bem perto do seu rosto.

Suas mãos tremiam. "S-desculpe, senhor. Não é culpa dela. Eu estava fazendo uma pergunta. O Capitão me mandou aqui para encontrar alguém." O nome finalmente lhe veio à mente. "Marcela."

Os olhos do guarda se estreitaram enquanto a examinava de cima a baixo. Ela engoliu em seco e não se moveu um centímetro. Khalani mal percebeu que ela havia se mijado um pouco.

"Continue andando", o guarda gritou para a garotinha, que se levantou lentamente, mancando. Ela agarrou o carrinho de mão e saiu cambaleando, com as costas curvadas de dor.

"A Marcela é por ali." Ele acenou com a cabeça em direção ao fundo da caverna. "Depressa, prisioneiro. A menos que você queira que eu lhe dê um motivo real para se atrasar."

Seu coração batia tão rápido que as batidas se misturavam em uma vibração singular. Os passos pesados do guarda ecoavam atrás dela, seguindo-a como um demônio enquanto ela se dirigia para o fundo da caverna.

Marcela era uma mulher corpulenta, com cabelos ruivos presos em um coque alto. Ela examinava os prisioneiros com um olhar de aço, pronta para atacar ao menor erro de movimento. Como a personificação humana de um abutre, vasculhando a área em busca de uma presa.

“Gostaria que todos os animais não tivessem morrido no Grande Colapso”, disse Khalani, de 15 anos, ao seu professor de história, o Sr. Harroway.

"Ah, é aí que você se engana", disse o Sr. Harroway. "Os animais não estão realmente extintos, e não estou falando daqueles clonados e geneticamente criados para alimentação. Você se esquece de nós. Humanos são animais. Claro, gostamos de nos considerar leões, o velho rei da terra. Mas eu nos vejo mais como abutres, trabalhando em bandos para chegar ao topo. Os urubus que não se reconhecem como um só", comentou ele, desviando o olhar, pensativo.

“Isso é um pouco sombrio”, disse Khalani.

O Sr. Harroway riu baixinho. "Isso é história humana. Mais escuro que a meia-noite. Por que você acha que fugimos para o subsolo?"

“Continuem andando!”, gritou Marcela para vários prisioneiros.

O tom estridente de sua voz fez Khalani estremecer, apagando a memória antiga. Marcela estava toda de preto como os guardas, mas um distintivo prateado em seu colete refletiu a luz, identificando-a como funcionária da prisão. A cabeça de Marcela se ergueu bruscamente do bloco elétrico em sua mão quando Khalani se aproximou.

Marcela franziu os lábios em desaprovação enquanto a olhava de cima a baixo. "Eu pedi para me darem mais força aqui embaixo. E eles me deram... você."

As sobrancelhas de Khalani se franziram e ela abriu a boca para dizer algo, mas a mulher levantou o dedo.

"Não, não. Você fala quando eu te faço uma pergunta. Qual é o seu número?", perguntou Marcela, com uma carranca no rosto.

"Meu número?" Ela franziu a testa.

“Aquele marcado em você”, Marcela retrucou impacientemente.

Khalani olhou para a cicatriz no pulso e cerrou os dentes. "317. Me mandaram me apresentar a você."

Os dedos de Marcela percorreram rapidamente o touchpad, e ela franziu o cenho para a tela. "Eu esperava pelo menos um pedreiro ou um fazendeiro, mas me mandaram uma garota magricela que trabalhava como distribuidora de alimentos. Preciso ir até o Diretor", murmurou Marcela.

Uma breve onda de pânico a percorreu. Se Marcela a transferisse para outro emprego, ela poderia ser designada para algo muito pior, como a superfície.

“Quando eu trabalhava como distribuidora de alimentos, eu levantava caixas pesadas constantemente”, as palavras saíram rapidamente da sua boca.

Marcela bufou, não convencida, e virou-se com indiferença.

"Posso não parecer, mas sou uma trabalhadora esforçada e mais do que capaz de me virar sozinha. Você não ouvirá nenhuma reclamação ou problema da minha parte", afirmou ela com voz firme, erguendo as mãos em sinal de exclamação.

Marcela inclinou a cabeça para o lado e a observou. Momentos se passaram e ela finalmente cedeu. "Tudo bem, vamos ver como você se sai. Vá ver o 189 ali." Marcela apontou para um prisioneiro colocando grandes pedaços de rocha dentro de um carrinho de mão.

"Ele será seu parceiro nos túneis todas as manhãs. Você seguirá o exemplo dele."

Khalani assentiu e começou a se afastar quando Marcela agarrou seu ombro com força. " *Não* me faça me arrepender. Se me decepcionar, vou te mandar para a superfície para cuidar do Gênesis."

A ameaça pairava no ar como uma bala disparando em sua direção em câmera lenta. Ela assentiu rapidamente e se desvencilhou de Marcela.

O prisioneiro 189 era alto, moreno, muito magro — uma característica marcante entre os prisioneiros — e, embora não pudesse ser muito mais velho que Khalani, tinha um rosto suave e juvenil, marcado por marcas de sujeira. Ele levou a mão à lombar e fez uma careta enquanto enxugava o suor da testa.

"Hum, com licença. Você é o Prisioneiro 189?", ela perguntou, esfregando as mãos enquanto se aproximava.

O Prisioneiro 189 virou-se para ela com olhos cansados e a testa franzida em confusão. "Você é nova?" Ele se abaixou para pegar outra pedra grande da pilha.

"Sim. Marcela disse que você é minha parceira nos túneis. Eu sou Khalani." Ela não ia se chamar 317. Recusava-se a dar-lhes mais poder. Era a forma mais diminuta de rebelião, mas, para ela, importava.

Ele olhou para a mão aberta dela e a encarou com um olhar inexpressivo. "É melhor você usar essas mãos e começar a ajudar com essas pedras. Pegue o carrinho de mão ali."

Khalani correu rapidamente até o carrinho de mão vazio. Ela se esforçou para mover as rodas desajeitadas em linha reta, mesmo sem peso. "Comece a empilhar essas pedras aqui", ele instruiu enquanto ela ziguezagueava até lá.

As pedras eram muito mais pesadas do que aparentavam, e seus braços doíam depois de vários minutos. A prisioneira percebeu que seus braços tremiam e começou a ajudá-la com a carga. "Obrigada", sussurrou.

"O primeiro dia é sempre o pior", resmungou ele em voz baixa. "Não importa

o quanto doa, continue. Eles vão inventar desculpas para te machucar, então não dê nenhuma." Colocou a última pedra no carrinho de mão e limpou as mãos.

Suas palmas estavam cobertas de bolhas estouradas, algumas escorrendo sangue, mas ele agiu como se não tivesse notado. Quando terminaram, levaram os dois carrinhos de mão até a unidade de descarte de metal do outro lado da caverna.

O trabalho era desafiador e árduo. Horas se passaram e ela massageava os braços repetidamente para aliviar as dores e cãibras, mas o aviso de Marcela ecoava em sua mente. Khalani mantinha a cabeça baixa e a boca fechada enquanto trabalhava, superando a dor aguda.

Seus olhos se encontraram com os do Prisioneiro 189, e ele lhe deu um aceno de respeito. "Eu meio que esperava que você já estivesse desmaiada, mas você está se segurando", disse ele com um leve tom de surpresa.

“Eu não desisto facilmente”, foi sua única resposta.

Seu olhar calculista passou por ela, cauteloso, onde Marcela estava do outro lado da caverna, gritando com os prisioneiros. "O que você fez?" Ele ergueu os olhos para ela.

Ela grunhiu de dor ao jogar uma pedra pesada no barril, um quarto do seu tamanho. "O quê?"

"Quer dizer, o que você fez para vir parar aqui? Você não parece o tipo de pessoa que mata, mas eu já me enganei em coisas piores."

"Eu não sou uma assassina", ela retrucou.

"Tive que perguntar." Ele deu de ombros sem remorso. "Braderhelm é o lar de muitos assassinos, e há poucos em quem se pode confiar. Se quiser sobreviver aqui, eu colocaria olhos na sua nuca."

"Conselho útil." Ela franziu os lábios. "E suponho que você esteja na minoria em quem posso confiar?"

"Não. Carregar a confiança de alguém é responsabilidade demais. Mas você não precisa temer nada de mim, se isso te tranquiliza", respondeu ele.

Khalani franziu a testa. "Há quanto tempo você está aqui?"

“Fui sentenciado aqui há 262 dias.”

“Você se lembra do dia exato?”

"A maioria das pessoas não." Ele esfregou a mão suja no rosto. "Mas eu prefiro me lembrar do meu último resquício de liberdade. Melhor do que do meu futuro se esvaindo num abismo sem sentido e sem fim. É uma pequena maneira de eu ter controle."

"Não temos controle algum." Ela jogou uma pedra pesada dentro do carrinho de mão. Com mais força do que o necessário. O silêncio que a acompanhou a fez lembrar por que as pessoas a deixavam sozinha. Ela estava muito arrasada.

Khalani fechou os olhos quando o desespero familiar retornou e quase a impediu de se mover. Ela perdeu tudo o que importava, como um cadáver vazio vagando sem propósito. Para que ela viveria?

Ela não conseguia mais encontrar a resposta e esse pensamento trivial a aterrorizava.

"Não estou dizendo que a dor vai diminuir", ele elevou a voz, como se sentisse a ruína dentro dela. "Mas você não percebe o quão forte é até precisar de toda a sua força."

Os lábios de Khalani se contraíram numa linha dura, os nós dos dedos empalidecendo enquanto ela agarrava o carrinho de mão com força. Imagens passaram por sua mente. Os olhos sem vida de seus pais a encarando sobre uma mesa fria. Douglas fechando a porta com um último olhar, suas palavras de esperança queimando até virarem uma pedra ardida.

Suas últimas forças se dissiparam como uma pomba extinta quando as barras de aço a atingiram com força, prendendo-a. Ela respirava por respirar. Continuou a forçar o corpo, pois a dor física servia como uma distração temporária para o vazio que rugia por dentro.

"Em que bloco de celas você está?" ele interrompeu o silêncio frio.

“Sete”, Khalani sussurrou, afastando as memórias inúteis.

"Não é completamente horrível. Existem bloqueios piores. Só tome cuidado com o Steele", murmurou ele.

“Aço?”

"Não pare de trabalhar." Ele olhou para a esquerda enquanto um guarda se aproximava. Khalani prontamente agarrou as pedras maiores, ofegante com o peso.

Quando o guarda se afastou, ele continuou com a voz fraca: “Takeshi Steele. Ele é o Capitão e comanda o seu quarteirão. Seu temperamento agressivo o precede. Ele até assassinou alguns dos seus próprios guardas. Meu melhor conselho seria manter a cabeça baixa e ficar fora do caminho dele.”

Então, o diabo tinha um nome. Sem dúvida, Takeshi Steele já a tinha em uma lista mental de detentos para matar. E se ela tentasse falar com ele? Uma tentativa de retificar a conversa anterior. Khalani balançou a cabeça assim que o pensamento idiota lhe veio à mente.

Um zumbido alto e agudo reverberou pelas paredes de pedra, assustando-a. Todos ao redor largaram suas picaretas e carrinhos de mão e começaram a sair do túnel.

"É o fim do sinal do turno da manhã." O Prisioneiro 189 caminhou em direção à saída e olhou por cima do ombro quando ela não o seguiu. "Vamos lá, criminosos não podem ficar para trás. A menos que você goste de ser chicoteado e de baratas serem servidas com suas refeições."

Foi quando Khalani soube que residia oficialmente no inferno .

5

Não tente me compreender,
eu não consigo nem atravessar minhas profundezas irregulares.

"Vá para o fim da fila!" Um homem com cabelos castanhos desgrenhados e alguns dentes faltando empurrou um garoto magricela para o chão.

O garoto, com um olho roxo e o cabelo bagunçado que não via um pente há anos, levantou-se cambaleando. O garoto não disse nem fez nada para se defender. Abaixou a cabeça e caminhou lentamente até o fim da fila da comida.

Khalani franziu a testa e olhou por cima do ombro para o garoto. Algo em sua linguagem corporal e expressão facial indicava que aquele tratamento era rotineiro para ele. Seus olhos encontraram os dela, e ela rapidamente inclinou a cabeça para a frente. Uma pontada de culpa percorreu seu coração, e ela não sabia por quê.

O refeitório ficava em uma espaçosa caverna artificial, com tetos altos e pilares de pedra por toda parte. Todos os prisioneiros estavam enfileirados para receber comida, arrastando os pés de cansaço. Uma garota na frente esfregava a lombar sem parar, gemendo de dor.

As costas de Khalani não se saíram muito melhor. Vários guardas estavam de guarda por toda a caverna, mas Takeshi Steele não estava em lugar nenhum. Ela estava grata por isso, temendo as potenciais repercussões da interação anterior.

Ela se aproximou lentamente da frente da fila e pegou uma bandeja verde. Uma mulher corpulenta, com o cabelo preso num coque bagunçado e crostas vermelhas de acne espalhadas pelo rosto, pegou a "comida" e despejou um bocado na bandeja. "Próxima!", gritou a mulher, sem olhar para ela.

Khalani fez uma pausa e se abaixou para cheirar o pedaço úmido de carne processada. Um odor de fezes queimadas emanava da carne, e a bile imediatamente subiu até o fundo de sua garganta. Ela prendeu a respiração, contendo a náusea. Um choque elétrico agudo percorreu suas costas de repente e Khalani gritou de dor, curvando-se.

"Continue andando, prisioneiro. Você está atrasando a fila!", gritou um guarda careca, segurando um taser, sem remorso ou preocupação nos olhos cruéis.

Os músculos das costas dela se contraíram como se estivessem enrolados em uma espiral. Ela cerrou os dentes e continuou a empurrar a bandeja para baixo, enquanto seus dedos tremiam visivelmente. Tudo o que precisava fazer era continuar se movendo. Uma funcionária lhe entregou o mesmo suplemento de vitamina D que todos os cidadãos da Apollo tomavam diariamente.

Tremendo, ela engoliu a pílula laranja e notou o guarda batendo o taser na palma da mão em doce expectativa. Ela se afastou rapidamente, deixando o cabelo castanho cair ao lado do rosto como uma cortina protetora.

Os fios grossos eram o único escudo que ela tinha.

"Você está bem?", perguntou a prisioneira 189, aproximando-se dela.

“Tudo bem”, ela murmurou.

"Vamos. Você pode sentar comigo."

"Está tudo bem. Prefiro ficar sozinha", admitiu ela, relutante em se aproximar de qualquer pessoa.

Ele abaixou a cabeça. "Os prisioneiros gostam de comer carne fresca, principalmente no primeiro dia. Você não quer comer sozinho."

Ela encontrou seu olhar sincero e finalmente assentiu, não querendo atrair mais problemas para sua vida.

A ampla caverna não tinha mesas. Todos os prisioneiros estavam sentados no chão sujo. Ela respirou fundo, tentando ignorar a dor que lhe percorria a espinha devido ao taser e à mudança extenuante. Eles manobraram entre as pessoas, e ele a conduziu até o canto mais distante da sala, pisoteando uma barata gigante que pairava no local.

Por que as criaturas mais feias tinham que ser as mais difíceis de extinguir? Nem mesmo o apocalipse nuclear resolveu.

“O almoço de hoje está melhor do que na maioria dos dias.” Ele sentou-se com um olhar ganancioso.

Khalani lançou-lhe um olhar incrédulo e encarou a carne questionável. Rapidamente, ela ficou vesga, fantasiando que a comida se transformaria em outra coisa, *qualquer* outra coisa.

"Se você olhar fixamente para a carne por tempo suficiente, consegue vê-la se mexer", disse uma garota por cima do ombro de Khalani. Ela se virou e viu a garota de cabelo azul da cela ao lado.

"Serene, não a assuste. Ela nunca mais vai comer."

Serene deu de ombros enquanto se sentava. "Tudo bem. Mais para mim", disse ela, pegando um bocado daquela comida horrível.

Serene tinha a pele ainda mais clara do que a média das pessoas em Apollo. Ela era pequena e tinha um rosto bonito, mas sua pele era marcada por uma cicatriz profunda que ia do topo do nariz até o maxilar esquerdo.

Serene olhou para cima, irritada. "O quê?"

"Obrigada por me ajudar mais cedo hoje. Não sabia para onde ir", explicou ela rapidamente.

Serene dispensou a ideia com um gesto. "Não se preocupe. O primeiro dia é o mais difícil. Aliás, eu sou a Serene. Você conheceu o sacana sabe-tudo, o Derek."

Serene gesticulou para o Prisioneiro 189, que acenou com um dedo, retornando para sua refeição.

Ela assentiu em cumprimento, o olhar relutantemente se voltando para a comida grotesca em seu prato. Sua boca se contorceu e ela, hesitante, agarrou a comida viscosa com as mãos nuas, já que não havia utensílios disponíveis.

Khalani tentou não respirar enquanto mordia, mas o sabor amargo invadiu sua boca e arrepios percorreram seus braços. Ela tossiu, levando a mão aos lábios, engolindo com força a comida que tinha gosto de vômito.

A barata morta poderia ter sido uma opção melhor.

Serene deu uma risadinha. "Você vai se acostumar com o gosto."

Ela não sabia se isso era possível. Khalani ainda tossia e cuspia na comida.

Parecia uma velha moribunda.

Derek deu um tapa nas costas dela para impedi-la de vomitar. "Eu sei que é horrível, mas tem uma quantidade razoável de proteína aqui. Tem dias que não dão comida, então você come quando pode."

Outro detento sentou-se com eles, colocando sua bandeja no chão com um movimento rápido. Ele era mais velho, talvez perto dos 30 anos, e seus lábios se apertaram enquanto ele passava a mão frustrado pelos cabelos castanho-acinzentados. Ele tinha uma constituição mais larga do que a da maioria dos prisioneiros, e as veias em seus braços se tornavam mais definidas enquanto ele cerrava os punhos, encarando o prato de comida como se fosse seu pior inimigo.

"O que aconteceu desta vez?", Serene reclamou, com linhas marcando sua testa.

Uma névoa agourenta passou pelos olhos do recém-chegado. Ele enfiou a mão no bolso e tirou um par de óculos quebrados, jogando os pedaços destroçados no chão com um olhar hostil.

"Droga, Adan. De novo?" Serene pegou o material quebrado. A estrutura estava amassada e os fios, retorcidos como um pretzel enrolado.

"Foi o Guarda Harken. Segunda vez este mês. Ele disse que eu estava trabalhando muito devagar no meu turno hoje, quando ele sabe muito bem que eu sou o mais rápido ali", rosnou Adan.

"Você pode consertar isso?" Derek murmurou, comendo sua comida como se fosse sua última refeição.

"Claro que posso. Mas é um esforço em vão. Vai continuar acontecendo. Dê poder a pessoas estúpidas, e elas vão abusar dele como bem entenderem." A expressão de Adan fervia enquanto ele arrancava os copos quebrados da mão de Serene e os enfiava de volta no bolso.

Todos ficaram em silêncio, pois a dura verdade ocupava a maior parte do espaço. Khalani pôs mais um pedaço de comida rançosa na boca para distrair a atenção do constrangimento. Desta vez, ela não quase morreu engasgada. Progresso.

Adan finalmente pareceu notar sua presença enquanto ela se movia. "Quem é você?", perguntou ele, lançando-lhe um olhar cético.

Ela abriu a boca, mas Serene se adiantou. "Esta é Khalani Kanes. Primeiro dia na prisão, então dê um tempo para ela. Ela já teve traumas demais por um dia. Khalani, este é meu irmão mais velho, Adan." Serene fez um gesto de descaso.

Khalani franziu a testa. "Como você sabe meu nome?"

"Eu roubei a nova escalação." Serene deu de ombros. "É praticamente impossível roubar do Takeshi Steele, mas um dos novos reservas dele ficou de guarda baixa por muito tempo."

"Cuidado, Serene." Derek franziu a testa. "Um dia, você será pega, e os guardas não hesitarão em te matar."

"É por isso que sou *sempre* cuidadosa", enfatizou ela para Derek e se virou para Khalani. "Então, o que você tomou?"

"Com licença?"

Os olhos verdes de Serene ardiam de curiosidade, e ela baixou a voz para um sussurro. "O que você roubou dos Arquivos? Tudo o que dizia no seu arquivo era

que você roubou um artefato dos Arquivos, mas não dizia o quê...", sua voz sumiu.

Ao ouvir a menção dos Arquivos, Derek e Adan congelaram como se uma barra de aço tivesse sido enfiada em suas espinhas. "Você roubou alguma coisa dos Arquivos?" Adan engoliu em seco enquanto a observava, consternado.

Khalani abriu a boca, mas hesitou. Ela já era prisioneira, mas a família de Douglas ainda seria prejudicada se a notícia de que Khalani havia compartilhado alguma informação com eles se espalhasse.

"Acho que não sou uma ladra muito boa, já que estou aqui embaixo, e bastou uma inspeção surpresa para eles..." Khalani fez uma pausa, com o pulso acelerado. "Não roubei nada importante. Era só um livro." Ela desviou o olhar, tentando minimizar o interesse pela história e não se aprofundar mais.

Derek se inclinou para a frente, com o olhar fixo nela. "O que o livro dizia? Falava sobre Apolo ou sobre algum plano com Gênesis?"

“N-não. Era poesia.”

Tudo o que recebeu foram olhares vazios. Khalani mordeu o lábio e tentou explicar. "Hum, são histórias sobre a vida, mas escritas com paixão e emoção. Poesia é... linda."

Todos franziram a testa como se ela estivesse falando uma língua diferente.

"Como eu disse, não vai te interessar. E nem importa mais. Já passou", sua voz endureceu.

Derek recostou-se, decepcionado, mas algo em seu olhar calculista chamou sua atenção. Ela não conseguia entender o que era aquela mudança.

"Um bando de caras mortos escreveu um livro sobre a merda da humanidade, e te jogaram aqui por ler isso?" Serene franziu a testa.

"Olhe ao redor, mana. Apolo sempre foi louco. Nós simplesmente nos tornamos insensíveis a isso", murmurou Adan em voz baixa, jogando um pedaço de comida amassada de volta na bandeja.

Insensível. Essa era a palavra perfeita para descrever. Ela sempre estivera ciente das ações implacáveis do Conselho, mas nunca se manifestou contra elas. Não tinha poder nem influência. Seu foco estava em sua própria sobrevivência. Ignorar o mal que acontecia com todos os outros se tornou mais fácil com o tempo. Como se seu cérebro tivesse sido treinado para ignorar coisas que não a afetavam diretamente.

Talvez isso tenha sido pior.

"Por que jogaram vocês aqui?" Ela gesticulou para Serene e Adan, tentando desviar a atenção de si.

“Antes de Braderhelm, Adan era um dos melhores engenheiros mecânicos da Divisão de Superfície da Apollo”, revelou Serene.

Suas sobrancelhas se ergueram, voltando-se para Adan. A Divisão de Superfície criou o material e manteve a cúpula Gênesis e os poucos trajes capazes de suportar a radiação mortal.

“Isso é… impressionante”, ela admitiu.

Adan bufou. "É. Que conquista." O sarcasmo transparecia em sua voz. "Eles me amaram até eu recusar a promoção deles para o Laboratório de Armas em Gênesis."

Khalani franziu a testa. Quem recusaria a chance de morar em Gênesis e ver

o sol? Ela teria aceitado o emprego num piscar de olhos.

O olhar incrédulo deve ter ficado evidente em seu olhar, pois Adan suspirou. "Já era difícil o suficiente saber que eu estava dedicando todo o meu tempo ao domo, a estrutura responsável pela morte de centenas."

"Você não teve escolha", Derek o lembrou.

"Sempre há uma escolha." O arrependimento transparecia em sua voz. "Sempre. Mas eu não seria responsável por mais mortes construindo armas para eles. Entreguei minha demissão e, no dia seguinte, fui sentenciado a Braderhelm por insubordinação. E minha irmãzinha não podia ficar em casa como eu implorei." Os lábios de Adan se apertaram em uma linha fina, mas não havia como negar o amor em seu olhar rebelde para Serene.

"Você é meu irmão", afirmou Serene com crua determinação. Como se fosse toda a explicação necessária.

Serene se virou para Khalani. "Nossos pais não estavam por perto quando éramos mais jovens, então eu sempre fui boa em roubar quando precisávamos de comida. Tentei invadir o escritório do Juiz Mestre e roubar dois passes de Gênesis. O plano era me esconder em Gênesis antes que transferissem Adan para Braderhelm, mas me pegaram e me jogaram aqui com ele."

“Era um plano estúpido”, interrompeu Adan.

“Pelo menos eu tinha um plano!”

“Por que você não pôde simplesmente me ouvir e ficar em casa?”

"Quando foi que você me viu escutando?" Serene zombou.

"Você faz parte da espécie feminina. Então, nunca."

Serene balançou a cabeça, virando-se para Khalani. "Você não faria o mesmo? Não iria até os confins do subsolo pela sua família?"

Ela hesitou diante da pergunta. Lá estava aquela palavra novamente. Família. Não importa quantos fracassos, brigas ou decepções, eles eram a base sólida que deveria ancorar você ao chão. Família poderia te deixar louco e, ao mesmo tempo, restaurar sua sanidade.

Khalani admirava o esforço que Serene fazia para proteger o irmão. Ela sempre se sentia mais confortável sozinha. Era mais seguro assim. Mas uma parte inegável dela ansiava por esse vínculo. Ela moveria montanhas de pedra para falar com os pais novamente, mesmo que por uma fração de segundo.

"Minha família se foi, mas se eles estivessem aqui... não há nada que eu não faria por eles." Khalani soltou um suspiro áspero e desviou o olhar, enterrando suas esperanças e ilusões no passado, onde pertenciam.

O silêncio se prolongou, e Serene assentiu em compreensão. Até Adan a observou com uma nova avaliação.

"Eu gosto de você, Khalani", Serene quebrou a tensão. "Sobrevivemos aqui nos mantendo unidos. Cuidaremos de você também."

Suas sobrancelhas se franziram diante das palavras inesperadas. Khalani pensou que a ideologia do "cada um por si" prevaleceria sobre a Prisão de Braderhelm. Mas Derek, Serene e Adan tinham algo em comum. Suas vidas estavam perdidas. Os finais entrelaçados de seus destinos sombrios os conectavam.

Não era uma conexão que ela desejava, mas estava lá, mesmo assim. Se eles tivessem sobrevivido até ali, talvez houvesse esperança para ela. As chances

eram infinitesimais, mas não eram obsoletas. Como um coração ainda batendo agarrado à beira da vida, ainda não pronto para encarar o fim.

6

Sou um desastre vivo e pulsante.
Tão dolorido, vasto e terrível quanto.

O tamanho de Braderhelm continuou a impressioná-la com sua vasta rede de túneis. Apollo era um feito notável de engenharia, misturando cavernas naturais com cavernas extensas para abrigar centenas de milhares de pessoas. "Impressionante" não fazia justiça à cidade. Mas quando ela entrou no fosso com Serene, ficou boquiaberta.

Ela não esperava que a caverna fosse tão grande.

Seus olhos se ergueram para o teto alto. Luzes brancas pendiam ao longo das paredes de pedra, iluminando o espaço com um brilho suave, uma grande dicotomia contra o exterior rústico de Braderhelm. Muitos prisioneiros conversavam e caminhavam pelo local.

Um peso ainda pairava sobre a atmosfera, mas os prisioneiros pareciam mais relaxados enquanto aproveitavam o vasto espaço. A atenção de Khalani se voltou para o que havia no centro da caverna.

Uma grande multidão cercava um monte circular. Era um poço de terra que se estendia por alguns metros no chão, como uma piscina rasa sem água. Aplausos ecoavam de vários prisioneiros enquanto olhavam para o poço, com os olhos brilhando de excitação e adrenalina.

Khalani se aproximou da multidão, curiosa, e uma série de grunhidos e socos ecoou em resposta. Através da multidão, seus olhos finalmente encontraram uma abertura para espiar o monte.

Duas prisioneiras brigavam, com sangue espalhado por toda parte. Uma das garotas pálidas tinha as mangas do uniforme arregaçadas até os ombros e o cabelo escuro preso em uma trança lateral. A outra prisioneira tinha cabelo ruivo cortado curto, e o brilho em seus olhos era mortal enquanto ela desferia um soco.

Khalani estremeceu quando a morena se esquivou do golpe e desferiu um soco cerrado no queixo da outra prisioneira, derrubando-a. Sangue escorria pelo rosto da garota, quase da mesma cor de seu cabelo. Khalani pensou que a luta havia acabado quando a morena se abaixou para o golpe de nocaute. Mas ela caiu quando a outra garota a acertou de lado em sua perna.

A ruiva aproveitou e subiu em cima dela, socando-a no rosto. Três socos. Quatro. Cinco. A morena no chão não se mexeu mais, e a ruiva ficou de braços erguidos em sinal de vitória.

Os prisioneiros assobiavam e batiam palmas, trocando passes frágeis com a inscrição "Ficha do Chuveiro", aparentemente a única coisa em que se podia apostar em Braderhelm. Até mesmo alguns guardas estavam do lado de fora do ringue, sorrindo diante do espetáculo cru.

A garota no chão sentou-se lentamente, estremecendo. Suor e sangue brilhavam em sua pele, e cabelos negros grudavam em sua testa. Ela rastejou até

a borda do poço, a luz iluminando seus lábios ensanguentados e olhos inchados. Sua perna cedeu ao tentar subir o monte, fazendo-a cair no fundo.

Khalani olhou ao redor, esperando que alguém ajudasse a pobre garota, mas ninguém se mexeu. Todos se concentraram em dois prisioneiros que caíram no fosso, preparando-se para lutar. Seus olhos se voltaram novamente para a garota derrotada. Khalani preferiu se misturar ao ambiente e manter-se discreta, mas não podia ficar ali fingindo ignorância.

Ela saiu do lado de Serene e mal a ouviu dizer: "Khalani, espere".

Khalani a ignorou, aproximando-se da borda do ringue. Assim que encontrou uma abertura na frente, avistou a garota destruída ainda tentando rastejar para longe.

“Aqui, deixe-me ajudá-la.” Khalani se abaixou e estendeu a mão.

Ela vagamente notou os aplausos cessando e os sussurros ganhando força. Sentiu vários olhares sobre si, mas os ignorou. A garota derrotada olhou para cima com profundo ódio pulsando em sua expressão, lágrimas de raiva se formando no único olho que não estava inchado.

"Eu não preciso da sua ajuda, porra."

Khalani recuou. A garota se apoiou nas mãos e se levantou lentamente, estremecendo de dor aparente. Mancou trêmula em uma perna e se levantou do monte. Respirou fundo e fez uma careta, incapaz de ficar totalmente ereta. A garota lançou outro olhar furioso para Khalani e desapareceu na multidão.

Khalani ficou paralisada no topo do monte, segurando a mão como uma idiota.

O que acabou de acontecer?

Seus olhos percorreram o local, e algumas prisioneiras lançaram a Khalani um olhar de compaixão... ou seria pena? A maioria das prisioneiras que presenciaram o ato constrangedor balançou a cabeça como se ela tivesse cometido uma gafe social. Uma prisioneira mais velha, 30 centímetros mais alta que Khalani, com a cabeça meio raspada e vários piercings no nariz e nas sobrancelhas, bateu palmas lentamente.

"Boa ideia, novata. Tente ajudar os perdedores a saírem do buraco e você acabará tomando o lugar deles. Duvido que você durasse 10 segundos." Ela deu um sorriso irônico quando o aviso soou.

"Ela pode vir comigo, e eu encherei o poço dela em menos de 10 segundos." Um sujeito corpulento, sem dentes, zombou, e todos ao redor dela riram.

Os punhos de Khalani se apertaram e suas bochechas coraram de vergonha. Ela rapidamente se dirigiu para o fundo do ringue, saindo de lá o mais rápido possível. Se ela pudesse ter algum superpoder naquele momento, seria a invisibilidade.

"Khalani!", a voz de Serene perfurou seus pensamentos. Ela finalmente conseguiu atravessar a multidão e avistou o cabelo azul característico de Serene seguindo-a.

"Desculpe. Precisava sair de lá", as palavras saíram rapidamente de sua boca quando Serene se aproximou.

"Eu devia ter te contado. Você não pode intervir em brigas na arena nem ajudar os perdedores. É tabu em Braderhelm", explicou Serene.

Khalani balançou a cabeça, xingando-se internamente. Ela deveria ter tido

mais noção. Em Braderhelm, a compaixão servia melhor como um tumor que precisava ser extirpado.

"Não leve tão a sério", implorou Serene ao notar sua expressão. "Só não interfira na próxima vez, ok?"

O silêncio pairou no ar, mas Khalani franziu os lábios e assentiu. A ideia não lhe caía bem, mas ela não podia se dar ao luxo de ter um alvo nas costas, não na prisão. Ter princípios era fácil, mas manter-se fiel a eles quando isso exigia sacrifício... isso era outra história.

"Vou andar um pouco por aí", disse ela. "Preciso de um pouco de espaço." A arena de luta parecia ser a principal fonte de entretenimento em Braderhelm. E Khalani perdeu a vontade de assistir àquele maldito esporte.

Sinais de preocupação surgiram no rosto de Serene, como se ela quisesse discutir, mas acabou desistindo e assentiu. Khalani ficou grata por não ter que se explicar. Ela estaria melhor sozinha.

Khalani caminhava pelo fosso, observando o ambiente ao redor, quando avistou Takeshi Steele no canto mais distante. Seus braços musculosos estavam cruzados contra o peito, encostado na parede. Seu comportamento era calmo, mas seu rosto demonstrava uma agressividade controlada. Aqueles olhos atentos percorriam a sala como uma víbora esperando para atacar.

De repente, o olhar dele pousou nela. Ela se sentiu presa numa armadilha enquanto os olhos sombreados dele a encaravam, estreitando-se, como se a desafiassem a se mover.

Apesar do medo e da aversão, Khalani tomou a decisão repentina de abordá-lo. Ela precisou de pouco convencimento de Derek para saber que estar na lista negra de Takeshi Steele era prejudicial à sua sobrevivência. Mediar o dano que ela havia causado antes era imperativo.

Ela se aventurou em sua direção, os dedos se mexendo enquanto a ansiedade a envolvia como um véu. Ele a examinou cuidadosamente, seu corpo se movendo imperceptivelmente contra a parede em resposta.

Aproximar-se dele foi uma decisão brilhante ou um erro de cálculo sério. A cada passo, Khalani lutava contra a vontade de se virar, mas continuava seu avanço inquieto. Khalani parou a alguns metros de distância, sem querer se aproximar mais. Takeshi permaneceu imóvel e sereno, a ameaça perigosa jamais desaparecendo de seus olhos enquanto a avaliava com uma carranca.

"Oi." Sua voz falhou. Ela pigarreou e esperou. E esperou.

Takeshi não respondeu, apenas continuou a encará-la, irritada. Uma tensão crua roçava cada centímetro do seu corpo enquanto o silêncio constrangedor se expandia.

“Eu queria me desculpar pelo que disse antes”, ela começou.

"É assim mesmo?"

Ela pigarreou, a voz ressonante dele um sinal de alerta. Como uma superfície calma com uma corrente fervente por baixo. "Sim. Tive uma semana difícil. Como você pode imaginar. Sei que você não se importa, mas foi por isso que fiz alguns comentários... ilógicos. Não foi minha intenção provocá-lo ou irritá-lo."

Ele inclinou a cabeça e a observou. Por um breve e fugaz momento de insanidade, ela pensou que ele aceitaria suas desculpas.

"Terminou?", perguntou ele num tom desapaixonado.

E com isso, seu otimismo ingênuo desapareceu como ar sendo sugado de seu corpo em um vácuo.

Ela franziu as sobrancelhas. "Hum, s-sim. Sim. Acho que terminei."

Os músculos de Takeshi ficaram rígidos em resposta enquanto ele desviava o olhar, dispensando-a.

"Certo." Ela tateou as mãos ao lado do corpo diante do silêncio renovado, desejando desaparecer e nunca mais ser encontrada. "Espero que isso resolva tudo. Vou deixar você com sua... guarda."

Khalani resistiu à vontade de bater a palma da mão na testa. Da próxima vez, ela deveria simplesmente pedir para Takeshi Steele atirar nela. Isso, sem dúvida, teria uma resposta melhor.

"Não perca seu tempo *esperando* por coisas aqui embaixo", sua voz intensa ecoou perto dela.

Ela se virou, surpresa. Takeshi estava encostado na parede como uma força indomável. Ele estava imóvel. Imóvel demais.

"O quê? Esperança é para os jovens?", ela perguntou cautelosamente.

"Não. Ter esperanças é para os tolos. Se o seu plano é angariar minha simpatia para ajudar a sua causa, você ficará profundamente decepcionada." Seus olhos negros a fitaram.

“Isso não foi... eu... eu estava tentando ser legal”, ela explicou.

"E você esperava que eu fosse legal em troca?"

"Sim. Não sei. Talvez?"

Takeshi balançou a cabeça. "Ser gentil é um esforço inútil que só vai atrair atenção indesejada. Algo em que você parece se destacar."

"O que você está falando?"

"Eu vejo tudo." Seu olhar penetrante percorreu o corpo dela, indiferente. "Arriscando o pescoço por um prisioneiro que você não conhece. Idiota."

“Eu não sabia que ajudar uns aos outros era tabu em Braderhelm.”

"Então você é ainda mais ingênuo do que parece. Ações como essa só vão apressar sua morte." Sua expressão implacável o encarou.

Sua pele esquentou, e ela o encarou com um olhar cruel. "Foi por isso que você matou alguns dos seus guardas, porque eles tentaram nos ajudar?" Era a única explicação razoável que ela conseguia pensar.

Isso chamou sua atenção. Ele se afastou da parede e caminhou até ela. Ele era como uma tempestade ameaçadora, congelando o ar segundos antes da destruição. Ela recuou, mas ele invadiu seu espaço como se o possuísse. Colocou a mão em seu ombro e a empurrou contra a parede. Com força. Takeshi colocou a palma da mão contra a pedra, a centímetros da cabeça dela, consumindo completamente sua visão.

"Lembre-se disso." Ele se aproximou. "Qualquer punição que eu der é uma punição merecida. Se você morrer pelas minhas mãos, é porque você mereceu... e eu não me importo em fazer doer", a voz de Takeshi baixou, acariciando-a como uma lâmina. Uma tentação selvagem se gravou em suas esferas negras, puxando-a para si.

"Você está com medo agora, Kanes?" Ele inclinou a cabeça.

“Sim”, ela admitiu.

Ele assentiu. "Ótimo. O medo é essencial para entender as consequências. E

não faltam medos aqui embaixo. Se eu não soubesse, diria que você está torcendo para morrer. É isso, Kanes?" Ele se inclinou para sussurrar em seu ouvido como se estivesse compartilhando um segredo. "Você quer morrer?"

Ela parou de respirar. Era como se não houvesse mais ninguém naquela caverna além deles dois, enquanto ele desafiava seus instintos mais básicos.

A ideia de acabar com tudo sozinha passou pela cabeça de Khalani — mesmo antes de Braderhelm —, mas algo sempre a impedia. Quando estava cercada de pessoas, o tormento era mais fácil. Mas quando estava sozinha, a verdade gritava em sua boca aberta e ecoava pelas cavernas ocas.

Estou perdido.

Estou esquecido.

Estou sozinho.

Era como se outra criatura habitasse seu corpo, com a mesma aparência e o mesmo som que ela. Mas não era ela. Ela estava se afogando em mares que não existiam e vivendo uma vida que não era mais sua. Ela estava passando o dia minuto a minuto, e havia alguns minutos em que queria que o tempo parasse completamente.

A verdade é que não é a dor que você vê que é perigosa. É a dor que você esconde que é a verdadeira ameaça.

"Não sei." A admissão desagradável veio à tona.

O olhar de Takeshi se aguçou em interesse, e o silêncio se acalmou. "Se matar seria o caminho mais fácil. Se você é tão fraco, faça isso e não desperdice mais oxigênio. Se não, lute pela vida que você tem e pare de sentir pena de si mesmo."

"Você não tem ideia do que estou sentindo." Seus olhos se fixaram nos dele.

"Seus sentimentos não significam nada aqui embaixo. Eles vão se banquetear com suas lágrimas e te devorar vivo quando os bares fecharem à noite. Você tem muito a aprender antes que Braderhelm te quebre."

"E quanto tempo Braderhelm levou para te quebrar?" A pergunta fervilhante escapou de sua língua antes que ela pudesse conter as palavras.

Os olhos de Takeshi escureceram e sua expressão mudou ameaçadoramente. Ela percebeu seu erro tarde demais quando ele disse:

“Você deve gostar de dor.”

Tão rápido que ela mal percebeu o movimento, ele sacou o taser do bolso de trás e enfiou o metal na lateral do corpo dela. O choque elétrico que se seguiu doeu pra caramba, e ela gritou enquanto sua pele latejava e tremia. Ele se afastou da parede e suas sobrancelhas se franziram.

Através do corpo trêmulo, ela pensou ter visto um toque de inquietação nos olhos dele, mas foi rapidamente substituído por um olhar distante.

“Acabou o tempo dos boxes, 317.”

Uma pontada aguda percorreu seu peito. O nome dela arrancado doeu mais do que o choque elétrico. Os olhos dele a perfuraram com aversão e, sem dizer mais nada, ele se afastou.

Ela segurou o próprio corpo com uma das mãos e enxugou uma lágrima perdida com a outra. Seu peito parecia estar se partindo. Uma emoção crua ameaçava cortá-la em um milhão de pedaços. Ela queria cair de joelhos e chorar, e também queria dar um soco no humano mais próximo, mesmo que não a

tivessem prejudicado.

Ela odiava a própria vida. Odiava Takeshi Steele. Odiava aquele lugar. Odiava Deus. Todos os inimigos estavam às portas. E o mais engraçado era que... ela sabia que o pior era ela mesma.

Khalani passou a maior parte da vida escondendo e encobrindo as camadas torturadas de sua mente, e bastou um dia para que o Capitão de Braderhelm a quebrasse em cheio e expusesse seu núcleo ferido. A dura verdade não precisava ser rugida no ar gélido; ela transbordava de seus ossos frágeis e olhos vermelhos e errantes a cada segundo.

Despojada de suas barreiras, Khalani Kanes não passava de uma garota confusa, fraca e patética que não pertencia a lugar nenhum.

Nem na prisão.

7

Alguém vence a corrida da vida
ou todos nós ganhamos troféus de participação?

Khalani enxugou com dificuldade uma gota de suor que escorria pelo rosto. Olhou para as mãos trêmulas e notou sangue por toda parte. Suas bolhas haviam estourado. A terra preta se misturava ao sangue vermelho. Era um choque disforme. A mistura feia escorria por suas palmas, e ela olhou para as cores, reconhecendo-se na mistura suja. Dor e raiva eram seus caleidoscópios.

Ela abaixou as mãos para limpar as manchas indecorosas em suas roupas, mas hesitou, percebendo que isso mancharia seu uniforme de sangue. E esse era um pensamento peculiar. Quem se importava com a aparência dela?

"Você está bem?" Derek perguntou, colocando o carrinho de mão vazio no chão.

Ela lhe mostrou as mãos em resposta, e ele sibilou: "Aqui." Arrancou um pedaço de tecido do braço e enrolou-o sobre as palmas das mãos dela.

Ela cerrou os dentes e fechou os olhos enquanto ele apertava o tecido, cobrindo sua fragilidade. A pressão sobre os ferimentos era excruciante, mas ela manteve a boca fechada, tendo lidado com coisas piores.

"Melhorar?"

"Sim."

“Vocês dois, continuem trabalhando!” Marcela gritou para eles.

Seus tríceps queimavam de agonia. Era como se seus braços implorassem para serem decepados, para que pudessem escapar em algum pesadelo doentio e distorcido. Se ela pudesse se cortar em pedaços e sair respirando, ela o faria. Pensamentos estranhos de automutilação invadiram sua mente enquanto ela entrava em modo overdrive, carregando seu carrinho de mão com pedras pesadas.

Khalani bloqueou a dor nos confins de sua mente, uma habilidade que ela havia dominado muito antes de ser condenada à prisão. Duas semanas haviam se passado desde seu primeiro dia em Braderhelm. Ela não falava com Takeshi Steele desde o último encontro. Evitá-lo como uma praga era uma tarefa difícil, já que ele a trancava em uma cela todas as noites, mas era uma habilidade em que ela se destacava.

O trabalho nos túneis nunca ficou mais fácil. Gritos e punições andavam de mãos dadas. Às vezes, aparentemente, por nada. Khalani aprendeu a ignorar as dores de fome no estômago e engolia água em qualquer oportunidade. Ela já devia ter perdido uns cinco quilos, como evidenciado pelas costelas salientes.

A pior parte eram as enxaquecas. Era como se alguém estivesse batendo nas paredes do seu cérebro com uma marreta, tentando reger uma sinfonia sem fim.

Derek, Serene e Adan a ajudavam a manter a sanidade. Ela não se sentia tão sozinha quando estava com eles. Afinal, a miséria adora companhia.

Mas nem mesmo eles conseguiam aliviar a tristeza sem fim que residia dentro dela. Passar pelos movimentos de sua nova realidade desolada era sua dose diária de tormento. Acordar, sofrer, comer, sofrer, dormir, repetir. Repetidamente. Como um carrossel.

Certa vez, construíram um carrossel em Apollo. Foi a primeira vez que ela viu um cavalo. Era um cavalo de mentira, claro, mas ela não se importou. Ela andou de carrossel centenas de vezes depois da escola. Foram 60 segundos de felicidade. Ela queria que aquele minuto de felicidade durasse para sempre.

O Conselho Apollo votou pela destruição do carrossel após um mês de operação. Alegaram que ele desviava a atenção do trabalho diário que precisava ser concluído pela cidade. Era uma desculpa conveniente. Eles não queriam ninguém muito feliz ou conversando uns com os outros.

Qual melhor maneira de fazer alguém depender de você do que isolá-lo?

"Não relaxe comigo agora", Derek instruiu, notando que seus movimentos estavam mais lentos enquanto ela se perdia em seus pensamentos.

"Você já sentiu falta?", ela perguntou, movendo as pedras no carrinho de mão para abrir mais espaço.

"Senhorita o quê?"

“Sua vida antes de tudo isso.”

“Sinto falta de dormir na minha cama e cagar no meu próprio banheiro”, disse Derek.

Apesar da dor, ela não conseguiu conter o sorriso que se formou. Era por isso que gostava de Derek. Não importava quão graves ou sombrias fossem as circunstâncias, ele tinha uma atitude despreocupada. Como se tudo e nada importassem.

Derek ficou em silêncio enquanto continuavam a trabalhar. Ela achou que ele não diria mais nada, mas ele olhou ao redor, certificando-se de que não havia guardas por perto.

"Eu não tinha nada a perder", sussurrou ele. "Nem família. Nem amigos. Minha vida era meu trabalho nos Laboratórios de Descanso e Resgate da Apollo."

Khalani olhou para ele, surpresa. Os Laboratórios de Pesquisa e Recursos supervisionavam toda a produção agrícola da Apollo. Eles eram responsáveis por estudar novos métodos de cultivo subterrâneo. Devido à importância crucial do laboratório para a sobrevivência da Apollo, apenas cientistas com autorização superior eram autorizados a entrar.

“Mas você é tão jovem”, ela exclamou.

"A idade não importa. Eles estão sedentos por novos talentos, e eu tirei nota máxima em todos os meus testes. Foi um dos dias mais felizes da minha vida quando me aceitaram. Não durou muito", sua voz e seu olhar se perderam.

A curiosidade a consumia. "Por que você foi sentenciado aqui, Derek?"

Derek diminuiu os movimentos e seus olhos se voltaram para o chão.

Ela não sabia dizer se era vergonha ou arrependimento, mas uma expressão assombrosa tomou conta de sua expressão, e todo o seu comportamento mudou. Como se o peso do mundo estivesse sobre seus ombros, e só ele soubesse que o peso estava começando a cair. Ele agarrou as laterais do carrinho de mão com força. Tão forte que as veias de suas mãos estavam saltando.

"Encontrei algo que eles não queriam que eu encontrasse." As palavras saíram num sussurro gutural, e suas sobrancelhas se franziram.

Khalani franziu a testa e inclinou a cabeça. "O que você quer dizer?"

Ele abriu a boca como se fosse dizer algo. Ela esperou, mas nada saiu. Ele suspirou e balançou a cabeça, saindo de um transe.

"Não importa. Nada disso importa." Ele pegou as pontas do carrinho de mão. "Você. Eu. Tudo ao nosso redor. Tudo um meio para um fim." Ele empurrou sua carga para longe.

Sua boca se abriu diante da saída abrupta dele. O peso das palavras dele tomou forma física, expandindo-se pelo ar ao redor. A Apollo tinha seus cientistas em alta conta. Eles não teriam condenado Derek a Braderhelm por algo trivial.

Sua mente se agitou diante das inúmeras possibilidades, como se tentasse localizar um único grão de poeira no ar enevoado. Ela poderia tentar perguntar a Derek novamente, mas algo na expressão dele a impediu.

Ela reconheceu aquele olhar. Refletia-se no seu próprio olhar e no de todos os outros prisioneiros. Era desesperador, mas carregado de algo único. Não desespero porque você não vê uma saída, mas desespero porque você já viu a saída, e a saída é pior.

****

"Vou designar você para trabalhar com Winifred hoje." George, um velho prisioneiro que dava a Khalani o trabalho da tarde, suspirou depois que seus olhos percorreram as bandagens dela, que sangravam. Ela mal percebeu.

“Encontre-a na biblioteca para ajudar com as Ordenanças.”

Ela nem sabia que Braderhelm tinha uma biblioteca. Quando os prisioneiros começaram a sair para seus turnos da tarde, um corpo rígido de repente esbarrou nela, derrubando-a no chão. Ela abriu a boca em uma exclamação silenciosa de agonia, apoiando todo o seu peso nas palmas das mãos ensanguentadas para amortecer a queda.

Ela olhou para cima e viu uma garota robusta e musculosa, com piercings no rosto e a cabeça meio raspada, parada ao seu lado. Khalani a reconheceu vagamente como a garota que a ameaçou no fosso em sua primeira noite em Braderhelm.

"Olhe por onde anda", ela cuspiu as palavras para Khalani e caminhou até ela.

A raiva a invadiu. Ela se levantou cambaleando, pronta para retaliar, mas a garota já havia desaparecido na esquina.

"Você está bem?" Serene apareceu ao seu lado, ajudando a limpar a sujeira de suas roupas.

"Estou bem", ela fervia. "Quem era?"

"Dana. Está aqui por assassinar uma mulher e o marido dela. Ela anda com uma turma bem ruim por aqui. Não sei o que você fez para chamar a atenção dela, mas eu ficaria bem longe. Você não quer ser jogada no fosso junto com ela", alertou Serene, notando a violência em seus olhos.

A malícia rugia dentro dela, quase tão forte quanto seu ódio por Takeshi Steele. Quase. Mas Dana tinha o dobro do seu tamanho. Até Khalani era inteligente o suficiente para saber que lutar contra ela seria uma batalha perdida.

A única coisa que ela podia fazer — a coisa mais inteligente — era manter a discrição. Algo em que ela aparentemente era péssima.

Khalani nunca havia sido designada para a biblioteca, mas a cada dia ela melhorava sua navegação por Braderhelm. Não é exatamente uma conquista feliz, mas ela aproveitará suas vitórias onde puder.

Khalani caminhou pelo labirinto de túneis e se aproximou da escada em espiral preta que George mencionou. Mordeu o lábio, consternada. A escada estava enferrujada e parecia que ruiria no segundo em que ela colocasse o peso sobre ela. A escada devia ter sido construída na época em que Braderhelm foi construído. Ela se inclinou e olhou para cima. A biblioteca deveria estar no topo.

Seus dedos batiam furiosamente no corrimão preto. Ela já estava alguns minutos atrasada. Seus olhos se desviaram para cima e ela soltou um suspiro profundo. Que se dane. Se ela fosse morrer em Braderhelm, ser derrotada por uma escada não seria uma má maneira de morrer. Talvez ela retorne como um fantasma e assombre outros que tentarem escalar suas profundezas.

Ela colocou um pé timidamente no primeiro degrau. A tábua rangeu alto, mas parecia estável. Khalani respirou aliviada e continuou a subir com firmeza. Cada vez mais alto, em espiral, pelos degraus íngremes. O som de metal enferrujado ecoou pelo corredor de pedra.

Depois de várias voltas, ela se aproximou do topo e se deparou com uma porta preta com um pequeno símbolo branco no canto. Ela a inspecionou mais de perto. Era um triângulo estranho com cinco pontas. Estranho.

Ela deveria bater?

As poucas bibliotecas em Apolo eram abertas ao público, mas ela raramente ia devido à pouca variedade. Todos os livros do Grande Colapso eram restritos. O Conselho só permitia que seus cidadãos lessem livros para a escola, treinamento para diversos empregos ou as Ordenanças de Apolo. Ela não esperava que esta biblioteca fosse diferente.

Ela bateu na porta em ruínas algumas vezes. Poeira caía em seus dedos enquanto ela raspava o aço. Um minuto inteiro se passou e ninguém atendeu.

"Alô? George me mandou aqui para trabalhar", gritou Khalani.

Silêncio.

Mais 30 segundos se passaram, e Khalani bateu a porta com mais força. "Oláá!"

A porta se abriu rapidamente e sua mão bateu no ar. Uma senhora idosa apareceu. Usava um grande monóculo prateado em um dos olhos e tinha cabelos curtos e escuros, tão crespos e grossos, como se ela tivesse acabado de se enroscar em uma tomada. Um pequeno colar de prata em volta do pescoço da mulher chamou sua atenção. Ela não usava trajes de prisioneira como Khalani. Usava um longo vestido roxo que roçava o chão, com um sol dourado cobrindo a frente.

A mulher rapidamente agarrou Khalani pelo braço com uma velocidade que ela não esperava e a puxou pela porta.

"Sem barulho, sem barulho! Você vai atrapalhar a concentração dela!", gritou a velha, batendo a porta e passando correndo por Khalani.

Khalani franziu a testa e olhou ao redor, confusa e silenciosa. Estava espremida entre duas imponentes pilhas de livros de madeira que tocavam o teto

baixo. O cheiro de couro velho pairava no ar, e a sala estava mergulhada em uma penumbra. A única luz que atravessava a biblioteca vinha de um candelabro colocado sobre uma pequena mesa circular no fundo das estantes.

A mulher de cabelos crespos correu para a mesa, mexendo em um estranho objeto de metal. Khalani passou a mão pela estante. Ordenança Apollo Volume 1. Ordenança Apollo Volume 2. Cada capa de couro tinha o mesmo título, semelhante ao que ela encontraria em qualquer biblioteca Apollo.

Sua atenção voltou-se para a velha senhora resmungando para si mesma enquanto mexia no estranho dispositivo.

“Hum, com licença, você é Winifred?”, perguntou Khalani.

"Shhh!" A velha acenou com a mão. "Venha ver, venha ver."

Assim que passou pelas duas longas estantes, a sala se abriu. À esquerda da escrivaninha circular, havia uma escrivaninha de madeira alinhada contra a parede de pedra, com papéis e livros amontoados em cima. Ela semicerrou os olhos. Aqueles não pareciam ser volumes da Ordenança Apollo. Ou qualquer livro sancionado, aliás.

Ela se adiantou para olhar mais de perto, mas algo mais lhe chamou a atenção. Era uma pintura de tamanho médio, cercada por uma moldura dourada e colocada no centro da parede. Representava um homem vestindo um longo casaco branco no deserto, caminhando em direção a um alto prédio de metal que subia em espiral em direção ao céu. O prédio tinha fios de cores vermelho e azul fluindo pelas laterais, entrelaçados como bobinas de DNA.

Khalani continuou a estudar a estranha imagem, estreitando os olhos quando a mulher lhe tocou no ombro. "Venha sentar. Você precisa ver." A excitação transparecia na voz da mulher.

Khalani esqueceu-se da estranha pintura enquanto a mulher a empurrava para uma cadeira preta que rangia. No centro da mesa circular, havia uma pequena caixa de madeira. A mulher de cabelos crespos virou a caixa e segurou algumas ferramentas de metal perto do fundo. Ela trabalhou meticulosamente, inclinando a cabeça tão perto que o monóculo quase arranhou a madeira.

"Certo." A mulher pousou as ferramentas. "Deve funcionar." Ela colocou a caixa de madeira na vertical e girou um botão na parte de trás.

Khalani ouviu um leve tique-taque e recostou-se cautelosamente. Seus músculos se contraíram quando a caixa se abriu, e uma menininha de porcelana, com um traje de balé rosa, emergiu. O som suave da música começou a se infiltrar no ar.

A mulher bateu palmas animadamente, seus cabelos balançando para cima e para baixo enquanto ela brilhava de felicidade. "Funcionou!"

A menina de porcelana virou-se lentamente, com os braços formando um círculo sobre a cabeça e as pernas dobradas para trás enquanto a suave melodia continuava tocando.

Os olhos de Khalani se arregalaram e ela se inclinou para a frente, completamente hipnotizada pela garota inanimada que girava sem parar. O hino assombroso envolveu o pequeno espaço como se o próprio ar quisesse ouvir mais e acolher sua libertação para o mundo.

Khalani ergueu o olhar para a mulher misteriosa de mãos entrelaçadas, o sorriso mais radiante no rosto. "O que é isso? De onde veio?"

A mulher ainda pulava para cima e para baixo, sorrindo de orelha a orelha. "É uma caixinha de música! Alguém no Genesis jogou na lixeira. Achou que era lixo. Mas a Winnie não. Ela sabia que isso era especial." Ela bateu no peito, orgulhosa.

A bailarina continuou a girar, e Khalani ficou boquiaberta. Embora a biblioteca fosse pequena e escura, um calor delicado preenchia o espaço, aliviando a inquietação em seu corpo como se a música a tivesse enfeitiçado. De certa forma, ela sentia inveja da pequena dançarina que vivia sobre uma base sólida. Imutável. Segura. Só precisando se virar quando as portas escuras de sua vida se abriam.

A caixa de música desceu lentamente, e a menina parou de se mexer. Um suspiro sonhador escapou da velha, e Khalani a encarou com espanto.

"Como você trouxe isso aqui?"

O sorriso da mulher desapareceu, e ela empalideceu como se percebesse que Khalani estava ali pela primeira vez. "Espere, quem é você? Por que veio aqui?"

"George me pediu para encontrá-lo na biblioteca para o meu turno da tarde. Meu nome é Khalani", explicou ela rapidamente.

A mulher começou a relaxar visivelmente, exalando profundamente.

“Você é Winifred, certo?” Khalani perguntou.

"Winifred é o nome de uma senhora idosa. Não, não. Pode me chamar de Winnie. Winnie Talbot." Winnie agarrou a caixa de música delicadamente e foi até a outra mesa. Guardou a caixa com cuidado em uma das gavetas, dando tapinhas na mesa para confortá-la. "Faz tempo que não mandam uma companheira de cela para ajudar Winnie."

Khalani franziu a testa, confusa. "Você é uma prisioneira?"

Winnie riu baixinho. "Meu Deus, querida, por que Winnie escolheria estar neste lugar? Não há cor nestas paredes nem vivacidade no ar. Winnie adora cores." Winnie olhou para ela como se este fosse o fato mais óbvio, e ela era claramente a idiota por não ter percebido esses detalhes.

“Mas sua roupa…” Khalani gesticulou para seu vestido roxo esvoaçante.

"Ah, você gostou?", Winnie girou. "A Winnie fez ela mesma", disse ela com orgulho e um brilho nos olhos.

“É umm…bonito.”

Winnie semicerrou os olhos, notando a roupa feia de Khalani. Ela tocou o monóculo como se quisesse examiná-la melhor.

Já fazia uma semana que Khalani não tomava banho, e o suor intenso do trabalho de parto revelava seu tom feio sobre o tecido opaco. A cor cinza de seu uniforme fedorento era a antítese da personificação de Winnie. Sua energia era incomum, mas vivaz. Estranha, mas fascinante. Charmosa, sem remorso e intrigante. Tudo ao mesmo tempo.

"Hmmm, isso não vai dar certo. Não vai dar certo mesmo." Winnie estalou os dedos. "A Winnie vai providenciar o seu, não se preocupe. Mas tenha paciência. Vai levar um tempo para fazer para você."

Sua testa franziu enquanto ela olhava ao redor do espaço desconcertante, como se procurasse respostas escritas nas capas dos livros. "Não entendo. Como você conseguiu aquela... caixa de música em Braderhelm? Como consegue usar essas roupas? Não está preocupada que os guardas descubram?"

"Uau, uau. Vá mais devagar antes que sua mente se mova tão rápido que ela volte atrás. Não é bom para o corpo."

Huh?

Winnie gesticulou para que Khalani se sentasse e suspirou dramaticamente ao se sentar à sua frente. "Winnie foi sentenciada a este lugar há muito tempo. Tanto tempo que pode ser difícil lembrar de qualquer coisa antes. Mas Winnie se recusa a esquecer. Winnie mantém as Ordenanças Apollo e garante que sejam distribuídas aos guardas e prisioneiros a cada poucos meses, para que não se esqueçam de quem as controla. Você sabe das Ordenanças, certo?"

Claro que sim. Todos os cidadãos também. As Ordenanças de Apolo são o conjunto de leis vinculativas para a cidade, revogadas desde que os humanos chegaram ao subsolo durante o Grande Colapso. A submissão total era obrigatória.

As Ordenanças explicavam a história de Apolo, das outras cidades subterrâneas e dos eventos que levaram ao Grande Colapso. Detalhavam a ganância e o poder que tomaram conta da sociedade e a razão pela qual era necessário obedecer ao Conselho em tudo; para evitar a extinção da humanidade.

Ela assentiu. "Sim. O primeiro Conselho Apolo escreveu as Ordenanças para nos salvar da rebelião e da radiação celestial."

"É isso que eles estão ensinando?" Winnie se curvou, engasgando de rir. "Esses idiotas, achando que podem reescrever a história para que ela se ajuste ao que lhes convém."

"O que você quer dizer?"

As Ordenações Apollo não passam de pura propaganda criada para manter você na linha. Alguns professores, nos primeiros anos, protestaram contra as Ordenações. Trabalharam incansavelmente para convencer as pessoas de que o Conselho Apollo acabaria com toda a democracia e levaria a um regime totalitário. Todos foram executados, é claro. Suas previsões lentamente se concretizaram, e nem nos lembramos de seus nomes.

Todos os cidadãos se alinharam porque perderam a vontade de lutar. Tudo o que conseguiam lembrar era a visão de bombas nucleares caindo sobre suas amadas cidades, dançando em suas telas enquanto seus entes queridos morriam e a esperança se esvaía. A imagem do sol se dissipou de suas mentes. O som da grama assobiando ao vento desapareceu. A sensação da água do oceano desapareceu. Animais e plantas morreram junto com suas almas. Os cidadãos de Apolo escaparam do terror ardente lá em cima e pensaram que encontrariam consolo lá embaixo. Isso só os aproximou do inferno. Quão longe os poderosos caíram! — Winnie disse com a voz sombria.

“Como você sabe de tudo isso?”

"Winnie trabalhava no Arquivo, e os professores escreveram alguns livros sobre isso", disse ela com indiferença, ainda imersa em pensamentos. Os olhos de Khalani se ergueram rapidamente, e ela se sentou na beirada da cadeira, com as mãos entrelaçadas.

"Os Arquivos? Você conhecia um homem que trabalhava lá? O nome dele era Douglas."

"Douglas?" Winnie bateu os dedos no queixo, olhando para o chão como se ele contivesse uma montagem de memórias. "Douglas, hmm. Não posso dizer

que me lembro, mas os funcionários do Arquivo geralmente não conversam entre si. Muitos segredos são guardados em nossos cérebros. Charles era meu único amigo."

Khalani recostou-se, decepcionada. Queria simplesmente compartilhar uma lembrança dele com alguém que se lembrasse do seu rosto. A tristeza perfurou seu coração mais uma vez.

Foi por causa do trabalho de Winnie nos Arquivos que os guardas a selecionaram para ser a próxima guardiã da biblioteca de Braderhelm. Os guardas nunca vêm e obrigam Winnie a ficar aqui o dia todo, preferindo que ela fique com os livros. Chame-a de 'Cookie Winnie'. Chame-a de louca. Os lábios de Winnie se franziram.

"Mas a Winnie não se importa. Como eles não prestam atenção nela, ela pode contrabandear itens para os carregamentos. Mas eles não mandam nenhum prisioneiro para cá há muito tempo. Você é a primeira. Tem sido... solitário." Winnie olhou para as próprias mãos, que arqueavam as costas.

Khalani curvou os lábios diante da expressão dela. Talvez não fosse exagero dizer que Winnie não estava lá de cabeça, ou pelo menos... não estava completamente normal. Mas ela não tinha medo da velha. Era difícil explicar, mas uma gentileza em sua energia contagiante a atraía.

"Bem, eles me enviaram para ajudar hoje. Talvez, se você pedir, eu possa ficar com você com mais frequência", Khalani ofereceu com uma voz esperançosa.

A atenção de Winnie se voltou para Khalani, e ela assentiu enfaticamente.

“Winnie gostaria disso.”

Os lábios de Khalani se curvaram. Trabalhar ali definitivamente superava qualquer outra tarefa que lhe fora confiada. E havia algo diferente na biblioteca, como se uma sombra de vida pairasse no espaço, intocada pelas paredes abandonadas de Braderhelm.

Aqui dentro...Khalani sentia que conseguia respirar.

"Com o que você precisa de ajuda?" Ela olhou ao redor da sala desarrumada e se encolheu quando uma barata colossal rastejou para debaixo do canto de uma estante.

Os olhos de Winnie brilharam e cintilaram com as palavras de Khalani. "Isso é ótimo! Alguém para me fazer companhia enquanto termino meu trabalho. Talvez ela possa ajudar... não, não. Que sonho bobo, Winnie. Sem confiança. Mas ainda assim, companhia! Maravilhoso, maravilhoso", refletiu Winnie, andando de um lado para o outro.

Era estranho que Winnie continuasse se referindo a si mesma na terceira pessoa, mas isso provavelmente era algo com que Khalani tinha que se acostumar.

Winnie continuou resmungando para si mesma sem parar.

"Hã, Winnie?"

Winnie parou e se concentrou nela. "Sim, querida?"

"Pode me ajudar com alguma coisa?", Khalani a lembrou.

"Ah, sim, sim!" Winnie ergueu as mãos enfaticamente e desapareceu atrás de uma das pilhas. Reapareceu alguns segundos depois, empurrando um carrinho com uma dúzia de livros intitulados "Ordenança Apollo Volume 1".

"Precisamos entregar estes livros aos alojamentos dos guardas a cada poucos meses. Você pode ajudar a Winnie entregando-os. Use estas folhas para anotar o número de cada quarto que você completar." Winnie entregou a ela algumas folhas de papel em branco e um lápis.

Ela recuou, apreensiva, não querendo chegar perto de onde os guardas dormiam.

Winnie deu um tapinha no ombro dela para confortá-la.

Não se preocupe, querida. Eles preferem matar prisioneiros a céu aberto. Não se aventure a sair do seu caminho e tome cuidado para não entrar nos quartos deles. Há coisas piores que a morte que podem acontecer .

8

Os demônios não descansam mais no caos do sono.
Consigo ouvir seus passos monstruosos pairando nas profundezas.

Os aposentos da guarda ficavam no nível mais baixo de Braderhelm. As paredes de granito negro e as tochas acesas que não emitiam calor lhe causaram arrepios na espinha.

Khalani empurrou o carrinho de livros pelo corredor escuro. Suas palmas suadas agarraram a alça de metal com força. A inquietação sinistra, interrompida pelo rangido das rodas contra o chão de pedra, fez sua respiração ofegante acelerar.

Ela estava brutalmente ciente do perigo iminente. Os pelos de seus braços se arrepiaram e seus olhos se voltaram ansiosamente para cada canto, fresta e porta de aço por onde passava.

Um grito distante ecoou pelo corredor, vindo de uma das salas fechadas. Seus olhos se arregalaram enquanto ela virava a cabeça bruscamente. Não havia nenhum prisioneiro visível, mas o rugido estridente cortava o ar turvo como um hino mortal. Sangue escorria de seu rosto e arrepios percorreram seu corpo inteiro. Os gritos cessaram repentinamente, e o único som que restou foi o de seu coração batendo freneticamente no ar parado.

Ela precisava sair daquele lugar. *Agora* .

Ela não perdeu tempo em depositar os livros aos pés de cada porta. Não havia grades nem celas. Parecia que cada guarda tinha um quarto de verdade. Mas ela não estava disposta a bater e pedir um tour completo. A adrenalina corria por sua corrente sanguínea, tão intensa que a dor não era mais sentida em suas mãos enquanto seu corpo se movia em velocidade recorde.

Cada porta tinha um número gravado, e ela rapidamente rabiscou os números dos quartos enquanto guardava os papéis e o lápis no bolso. Quando Khalani se curvou diante de uma das portas de aço, ela se abriu de repente.

Botas pretas entraram em sua visão.

Seus músculos congelaram, seus olhos se ergueram lentamente. Subindo por um peito largo em um colete preto, passando por ombros largos, até um rosto que a encarava com um sorriso sinistro. A cabeça calva do homem estava tão brilhante que a pele parecia encerada. A expressão sinistra em seu olhar fez seu coração parar de bater.

"Você está aqui para me ajudar, prisioneira?" O sorriso do guarda se aprofundou enquanto seus olhos azuis e frios examinavam seu corpo curvado.

Khalani rapidamente se endireitou, com o medo gelado percorrendo sua pele. Ela estendeu o livro, com as mãos visivelmente trêmulas. "Sua revisão anual da Portaria Apollo, senhor." Ela inclinou a cabeça para a frente, usando o cabelo para esconder parcialmente o rosto.

O guarda se aproximou, e sua energia fria arrepiou seus sentidos. Khalani se

moveu sutilmente para trás, pronta para sair correndo dali. Ele sorriu ironicamente para o movimento dela e se aproximou. Seu olhar penetrante não demonstrava gentileza ou indiferença generalizada, mas sim um interesse cruel. Algo muito pior.

“Os presos não deveriam andar sozinhos por estes corredores.”

Ela mordeu o lábio inferior e tentou manter a calma, mas seu coração batia forte contra o peito. "Recebi instruções para entregar as Ordenanças em cada sala."

Ele se encostou na parede e balançou a cabeça. "Bem, você parece estar se movendo bem devagar. Isso vai exigir um pouco de punição. Para sua sorte, estou com vontade de perdoar. Entre aqui e você pode me ajudar a esquecer que isso aconteceu."

Respirações curtas saíam do seu peito. As palavras de Winnie ecoavam em seus ouvidos como um alarme.

"Desculpe. Preciso ir terminar meu trabalho." Ela engoliu em seco quando as palavras saíram num suspiro rápido. Ela se virou, mas seu ombro foi rapidamente agarrado com força.

O guarda apertou com mais força, fazendo-a franzir o rosto e lacrimejar. Seu aperto era tão impenetrável que as pontas dos dedos logo marcariam seus ossos. Khalani prendeu a respiração, e cada músculo de seu corpo ficou rígido enquanto uma onda de terror percorria suas veias.

“Por favor, deixe-me ir”, ela implorou.

O guarda ignorou o pedido dela, puxando lentamente um canivete prateado com a outra mão. Os olhos verdes dela quase saltaram das órbitas.

Ele passou a lâmina casualmente pelo antebraço dela, e ela tentou se afastar, mas assim que se moveu, ele enfiou a faca em sua pele, deixando um fino fio de sangue escorrendo pelo braço. Sua adrenalina disparou enquanto um líquido vermelho se acumulava em seu braço.

Ele ia matá-la. Ela seria assassinada naquele calabouço decrépito.

Ela olhou freneticamente ao redor em busca de ajuda. Não havia mais ninguém no corredor. Ela estava sozinha. O que aconteceria se ela gritasse? Alguém viria em seu socorro? Mas ela já sabia a resposta para aqueles pensamentos desesperados.

Em Braderhelm, o estupro pode ser uma prática padrão.

Apesar de seus esforços, o guarda a puxou para mais perto e colocou a outra mão em volta do pescoço dela, a lâmina beijando sua pele enquanto ela engolia em seco. Khalani estremeceu ao toque e tentou se virar, mas ele apertou seu queixo com força e a forçou a olhar de volta para ele.

"Você não parece tão mal. Deve ser nova por aqui. Se não me causar problemas, não serei tão rude com você. Prometo", ele sussurrou a última parte no ouvido dela.

Uma forte pressão formigava sua pele, comprimindo o ar ao seu redor. Ela não conseguia respirar. Seus músculos estavam paralisados enquanto o guarda a forçava a se aproximar. Ela não se mexia. Por que não se mexia?

A gosma úmida da língua dele percorreu o lóbulo da orelha dela. Ela fechou os olhos, a mente começando a se desligar. A respiração pesada dele afundou em seu pescoço, e a protuberância dura em suas calças pressionou sua barriga.

“Ajoelhe-se e aceite”, ele ordenou.

Os olhos de Khalani se abriram de repente, e a mordida dura de suas unhas raspou as palmas das mãos. Sem pensar, ela se inclinou sobre o peso dele e empurrou o joelho com força entre as pernas dele. O guarda soltou um gemido pesado e soltou o braço dela. Suas costas se curvaram e ele apertou a barriga.

"Sua vadiazinha", ele xingou, ainda curvado.

Khalani não perdeu tempo em escapar. Ela desceu da carroça e subiu as escadas correndo a toda velocidade. Suas pernas se moviam cada vez mais rápido, como se um fogo feroz a assolasse.

Todos os presos ainda estavam terminando o turno da tarde, e ninguém a viu correndo para salvar a própria vida. Ela não parou de correr até chegar ao seu bloco de celas. Colocou as mãos nos joelhos e tossiu de exaustão, enquanto o suor escorria por todo o corpo.

Ela esfregou as mãos nos cabelos, percebendo que seus membros tremiam. Seus olhos percorreram os dois lados do corredor, procurando freneticamente por sinais do guarda, mas ele não estava em lugar nenhum.

Seu coração se recusou a desacelerar o ritmo violento. Enquanto todo o dilema se repetia em sua mente, Khalani finalmente percebeu a gravidade de suas ações.

"O que eu fiz? O que eu fiz?", ela se perguntou.

Ela acabou de agredir um guarda.

Khalani enterrou o rosto nas mãos e afundou-se contra a parede. Sua mente conjurou cenários impensáveis. Sofrimento que ela sem dúvida enfrentaria por suas ações. Talvez não importasse que ele a tivesse atacado primeiro. Ela era uma prisioneira humilde. Os guardas poderiam infligir qualquer punição desejada, sem consequências.

Ela já estava morta.

O sinal — sinalizando o fim do turno da tarde — tocou, assustando Khalani. Ela levou a mão ao coração e tentou se concentrar na inspiração, mas teve dificuldade para respirar. Estava começando a ter um ataque de pânico.

O sangue, ainda escorrendo de seu braço, chamou sua atenção, distraindo-a momentaneamente. Ela limpou lentamente o sangue em seu uniforme, e um corte considerável se formou em uma linha cruel em seu antebraço. Quantas marcas ela receberia em Braderhelm?

Quanto tempo ela teria de vida?

Uma coisa Khalani sabia: não podia se esconder do lado de fora da cela. Não tinha escolha a não ser ir até o fosso e esperava que, se o guarda estivesse lá, o número de pessoas ao redor o impedisse de matá-la ali mesmo.

Ela esfregou os dedos, os olhos percorrendo meticulosamente cada espaço aberto nas cavernas enquanto caminhava em direção ao poço. Seus músculos estavam tensos como um arame, esperando que o guarda emergisse das sombras a qualquer momento e envolvesse seu pescoço com as mãos.

Enquanto ela descia rapidamente para o fosso, o eco suave e distante de aplausos emergiu do monte de luta. Tudo reverberava como um zumbido surdo em seus ouvidos.

Sua visão estava turva e turva. O som dos prisioneiros conversando se misturava a uma mistura tumultuada de ruído branco. Pensamentos colidiam em

seu cérebro a mil por hora. Era difícil se concentrar. Pensar. Sentir. Seu pânico se manifestava e aumentava enquanto ela observava o fosso.

Onde ele estava?

“Khalani.”

Ele estava esperando para atacar quando ela menos esperava?

“Khalani.”

Ela encontraria seu fim rapidamente ou a morte viria lentamente e seria dolorosa? Se sua morte fosse garantida, talvez a única maneira de recuperar o controle fosse fazendo isso ela mesma...

“Khalani!”

Ela estremeceu quando a voz de Serene ecoou em sua mente furiosa.

"O que houve?" Serene franziu a testa. "Você não me ouviu?"

"Desculpe." Ela passou a mão pelos cabelos e tentou respirar fundo. "Desculpe. Me perdi em pensamentos."

“O que aconteceu com seu braço?”

Ela rapidamente puxou o braço para trás, tentando esconder o corte feio. Não estava preparada para falar sobre o ocorrido. Khalani não teve irmãos enquanto crescia. Lidar com os problemas sozinha era a forma como ela havia sobrevivido até então. Ela não sabia como agir de outra forma.

"Aconteceu no meu turno hoje." Ela acenou com a mão, dispensando o assunto.

Serene estreitou os olhos. "Aquilo aconteceu na biblioteca? O ferimento parece recente. Um guarda fez isso?"

Droga. Serene notou demais. "Não é grande coisa." Ela desviou o olhar com indiferença, querendo desaparecer mais uma vez. Para sempre invisível.

“Khalani”, Serene repetiu em voz baixa.

Ela se virou e viu a preocupação estampada em seu rosto. Khalani sentiu uma presença estranha em seu peito, como um peso físico tão pertinente e real quanto comida engolida em sua garganta.

"Estou preocupada com você. Sei que você gosta do seu espaço, e não nos conhecemos há muito tempo... mas você pode conversar comigo. Você não precisa passar por tudo sozinha", insistiu Serene.

Ela prendeu a respiração. Ninguém se importava com seu bem-estar ou se aproximava o suficiente para se preocupar, desde a morte de Douglas. Ela afastava as pessoas porque a dor de perder alguém que você ama era agonizante demais para suportar. Afeição era semelhante à fraqueza.

"Desculpe, Serene. Mas é melhor assim. Quem se aproxima de mim sempre se machuca. É o que eu faço. Eu machuco pessoas. E desta vez... prefiro que seja eu." Khalani balançou a cabeça, lutando contra as lágrimas. Era demais. Ela queria gritar e nunca mais ser ouvida. Tudo ao mesmo tempo.

Serene se aproximou, e Khalani quase se retraiu ao ver o calor em sua expressão. "Pessoas cruéis não se lembram da dor que infligem", insistiu Serene. "E essa não é você. Eu vi isso nos seus olhos no primeiro dia em que falou da sua família. Somos mais parecidas do que você pensa, e se eu não tivesse meu irmão... seria pior que a morte. É por isso que estou aqui. Eu disse que cuidaria de você."

" *Eu sei* por que você continua se afastando", enfatizou Serene. "Eu entendo.

Mas você não precisa se preocupar com a gente te deixando. Nós também estamos aqui para o resto da vida. Lembra? No fundo, você sabe que ficar sozinha não é o que você quer. Então, fale comigo."

As palavras de Serene a impactaram como uma faca lascada cortando-a ao meio, deixando-a exposta. Khalani queria correr, mas outra parte, uma parte mais forte, ansiava por alguém que a abraçasse e lhe dissesse que tudo ficaria bem. Mesmo que fosse mentira.

Ela se remexeu, a incerteza a dominando, mas Serene nunca saiu do seu lado.

"Tem certeza de que quer ouvir essa merda?" Khalani olhou para cima timidamente, sua resistência vacilando.

"Sim. Eu sei." Sem hesitar. Seus olhos azuis cristalinos estavam cheios de compaixão, como se Serene *entendesse* as provações e os sofrimentos da solidão.

Khalani soltou o ar profundamente, como se estivesse prestes a cair da beira de um penhasco. Decidiu contar a Serene tudo o que acontecera nos aposentos da guarda. Quando Khalani terminou, Serene estava boquiaberta de choque e indignação.

“Você deveria ter matado aquele guarda quando teve a chance.”

“Shh, fale baixo.”

"Você o viu aqui?" Serene lançou um olhar indignado ao redor da sala.

Khalani deu outra olhada lenta no fosso e balançou a cabeça lentamente. "Não. Mas ele *vai* me encontrar. Eu não posso escapar."

Serene colocou a mão no ombro dela. "Não pense que isso é uma sentença de morte. Ele não é o seu guarda de bloco, e eu não acho que ele tentaria algo em público, como no fosso. Eles estão reprimindo guardas que matam prisioneiros porque não somos suficientes. Só precisamos garantir que ele não pegue você sozinha", afirmou.

"Como?" O ceticismo era evidente em seu tom.

"Tenho certeza de que se você contar para a Winifred o que aconteceu, ela não vai te obrigar a ir para os aposentos da guarda de novo. Enquanto isso, fique conosco a caminho das suas atribuições. Só o Capitão tem acesso a todas as celas, e embora Steele tenha uma pedra enorme enfiada no rabo, não acho que ele permitiria que um prisioneiro fosse assassinado no seu quarteirão."

Maravilhoso. Colocar a vida nas mãos de Takeshi Steele. Ela estava praticamente morta.

O medo e a paranoia estavam evidentes em seu rosto, e Serene lhe deu um abraço reconfortante. "Você vai superar isso. Todos nós vamos."

“Você sempre foi tão positiva?”, perguntou Khalani.

Não. Mas por que se preocupar com algo que ainda não aconteceu? Isso é se submeter a isso duas vezes.

Khalani não sabia como argumentar contra essa lógica. Assentiu, grata por Serene tê-la acalmado. Não houve sorrisos nem abraços. Apenas uma compreensão que se infiltrou no ambiente. Uma aceitação de que, independentemente do que acontecesse, fosse uma morte curta ou uma vida longa e dolorosa, não precisaria ser vivenciada sozinha.

Aquele pequeno e singular pensamento foi suficiente para manter seu corpo em movimento. Serene a guiou em direção ao monte de luta, insistindo que seria

uma distração necessária.

E pela primeira vez, Khalani concordou.

Mais pessoas do que o normal estavam ao redor do monte, observando atentamente a luta. Seus olhos se arregalaram ao ver quem estava no monte. Não eram prisioneiros. Eram dois guardas de Braderhelm.

"Eles deixam os guardas lutarem entre si?" Khalani perguntou a Serene.

Ela não reconheceu nenhum dos guardas, mas eles não se contiveram e socaram o rosto um do outro. A multidão vibrou quando os dois homens começaram a lutar no chão, cada um tentando ganhar vantagem. Um tentava aplicar uma chave de braço, enquanto o outro tentava envolver o pescoço do guarda com as pernas.

"Os guardas não podem descontar toda a sua agressividade nos prisioneiros. Eles ainda precisam de algum tipo de trabalho escravo. Esta é uma maneira de canalizar isso", explicou Serene.

Sangue jorrou quando um punho atingiu o nariz. O estalo podia ser ouvido dali. Prisioneiros aplaudiram e berraram, e os ruídos se estreitaram ao redor dela conforme a visão mudava. Ela imaginou sangue escorrendo de seu corpo enquanto uma lâmina cortava sua garganta, sua vida terminando em um caso violento.

Esse seria o seu destino se o guarda a encontrasse. Haveria algum corpo deixado para trás? Sua respiração ficou mais ofegante enquanto a multidão se aglomerava ao seu redor, lutando para ver de perto a brutalidade.

A claustrofobia se misturava ao medo, uma combinação mortal. Suas palmas estavam suadas e parecia que ela estava sendo tocada por toda parte. Rastejando sob sua pele. Ela começou a ter um ataque de pânico novamente, e a bile subiu pela sua garganta.

Ela se virou para Serene: "Estou me sentindo um pouco enjoada."

"Você quer que eu vá junto?"

"Não, não." Khalani acenou com a mão. "Vou ficar bem. Só preciso de um pouco de ar. Não vou sair do poço. Prometo."

Serene a avaliou com uma carranca, mas finalmente disse: "Ok".

Khalani não perdeu mais um segundo e caminhou em meio à multidão, afastando-se do púlpito. A atenção de todos estava voltada para o centro.

“Prenda-o, Guarda Walker!”

"O Mason é tão fraco. Ele não duraria um segundo na superfície."

A cacofonia de vozes a envolvia enquanto ela abria caminho entre os prisioneiros. Khalani correu por uma abertura e, do nada, uma perna surgiu à sua frente. Antes que pudesse reagir rápido o suficiente, tropeçou nela e foi catapultada para o chão. A dor percorreu seu braço ao cair sobre o cotovelo.

“Acostume-se a ficar no chão”, a voz arrogante de Dana soou acima dela.

De novo não.

Khalani levantou-se rapidamente para encarar a oponente, ignorando a dor aguda enquanto apoiava o peso na palma da mão. Dana estava com as mãos na cintura e exibia um sorriso feio.

"Qual é o seu problema?" Khalani rosnou, prestes a explodir.

Dana zombou. " *Você* é o meu problema. Acha que transar com os guardas vai te dar favor? Não vai."

“Do que diabos você está falando?”

Dana deu um passo à frente, a boca se contorcendo cruelmente. "Eu vi você tentando fazer amizade com o Capitão Steele no fosso no seu primeiro dia. Você está redondamente enganada se acha que ele vai ajudar a sua situação se aproximando dele."

Amigável não era um termo que ela usaria para descrever suas interações com o mal-humorado Capitão. A ideia de ver um guarda, especialmente Takeshi Steele, de alguma forma positiva a fazia querer vomitar.

"Então você deve ter visto ele me dando um choque. Chegar perto do Capitão Steele é a *última* coisa que me passa pela cabeça. Não faço ideia de por que você gostaria de ter um guarda, mas não tenho nenhuma competição com você. Então, pode recuar." Ela ergueu as mãos, uma última chance de encontrar razão e paz.

"Como ele?" Dana lançou um sorriso irônico. "Você é ainda mais burro do que parece. Não tem ideia das tramas e dos jogos que acontecem aqui embaixo. Se atrapalhar de novo, eu te mato."

Seu sangue fervia. Havia um limite para as vezes em que sua vida poderia ser ameaçada em um dia antes que ela surtasse.

“Eu lhe diria o que realmente sinto sobre seus chamados jogos, mas eu não nasci com dedos médios suficientes para me expressar”, rosnou Khalani, cortando todas as pretensões de civilidade.

Dana abriu a boca, mas logo a fechou. Ela se aproximou de Khalani enquanto seus olhos se transformavam em punhais. "Eu dormiria com os dois olhos abertos se fosse você, 317." Dana passou abruptamente por ela, esbarrando em seu ombro.

Os olhos de Khalani se transformaram em um brilho serpentino enquanto Dana desaparecia na multidão. Quanto mais ela se esforçava para se manter discreta, mais inimigos ela fazia. Tudo estava dando terrivelmente errado. Ela passou a mão pelo topo do cabelo.

Espaço. Espaço infinito. Era disso que ela precisava.

Ela se afastou da multidão, procurando um lugar onde pudesse ficar sozinha por um momento. Ela não queria sair do fosso, mas precisava encontrar um consolo temporário para sua própria sanidade.

Khalani virou a cabeça para garantir que ainda conseguia ver os prisioneiros ao redor do monte de batalha. Sozinhos, mas não sozinhos. Teria que ser o suficiente por enquanto.

De repente, Khalani esbarrou em um corpo duro enquanto virava a cabeça. "Desculpe", murmurou, virando-se para trás.

"Para onde você acha que está indo?"

A voz familiar era tão grave que tinha uma vibração própria. Khalani sentiu um aperto no peito. Ela ergueu os olhos e viu Takeshi Steele em seu caminho. Seus braços grossos estavam cruzados sobre o peito como uma parede impenetrável.

"Eu... hum", ela hesitou. "Eu só estava tomando um ar fresco."

"Ar fresco. Subterrâneo", repetiu ele.

Seus lábios formaram uma linha sombria. "Sim. Prisioneiros podem fazer isso?"

"Os prisioneiros devem permanecer no fosso até o intervalo terminar."

Takeshi ergueu o queixo, desconfiado. "Aventurar-se em direção à saída não é seguir essas ordens. Tenho certeza de que você encontrará entretenimento adequado no monte de luta." Ele assentiu, gesticulando para que ela voltasse por onde viera.

Tudo em Takeshi Steele a irritava. Sua voz. Seu rosto. Até mesmo seu cabelo a incomodava. Interagir com ele era uma tortura.

"As brigas me deixaram doente. Posso vomitar em particular ou isso também exige plateia?"

"Vá em frente." Takeshi gesticulou para o chão, chamando-a de blefe.

Merda. Nada estava funcionando.

"Será que não posso simplesmente ter um pouco de espaço? É pedir demais?" Ela estava quase implorando.

Ele franziu as sobrancelhas diante da expressão dela, mas permaneceu em seu caminho. "Você costuma fazer perguntas para as quais já sabe a resposta?"

"Não sei. Você acha difícil aumentar a miséria neste lugar, ou isso é algo natural?"

O peito de Khalani se ergueu em respirações agitadas. Ela esperava — quase acolheu — uma ferroada do taser, mas Takeshi apenas ergueu uma sobrancelha, recusando a fuga dolorosa que ela desejava.

"Você terminou?"

"Por favor." Ela fez um último esforço. "Não vou causar problemas."

Ele deu uma risadinha sem graça que a fez querer cortá-lo em pedaços. "Você tem problemas estampados em você, Kanes."

“Bem, talvez você esteja errado.”

“Eu nunca estou errado.”

Khalani odiava homens. Principalmente os musculosos. Não se podia confiar neles.

Ela ergueu as mãos, exacerbada, desistindo de que Takeshi ainda guardasse alguma compaixão em seu pequeno coração do tamanho de uma ervilha. "Tudo bem."

O corpo de Takeshi congelou. "O que é isso no seu braço?"

"Não se preocupe com isso", ela murmurou, virando-se apressadamente.

Khalani não se moveu nem um centímetro antes de atacar.

Ele avançou rapidamente e agarrou o pulso dela. O coração dela acelerou com o movimento repentino, e ela tentou se soltar, mas não havia resistência ao aperto firme de Takeshi Steele. As profundezas escuras dos olhos dele pulsavam com selvageria. O Capitão se concentrou no antebraço dela, o longo corte à mostra.

"Seu feito? Onde você conseguiu uma faca?", Takeshi disparou, encarando-a com um olhar acusador. Sua boca se abriu em choque, e ela tentou se afastar, mas ele não a deixou se mexer.

"Em lugar nenhum. Eu não tentei me matar", ela bufou, indignada. "Um dos seus guardas fez isso."

"Quem?" sua voz ficou mais grave, gelando o ar já frio.

"Nem importa", ela se irritou. "Me solta." Khalani não queria que ele descobrisse, não queria lhe dar a satisfação de acreditar piamente que ela era, de fato, fraca demais para Braderhelm.

Uma veia pulsava em seu pescoço, e sua mandíbula se contraiu diante das palavras dela. Takeshi se aproximou, parecendo pronto para estrangulá-la. Sua expressão assassina endureceu, mas outra voz fria e implacável rasgou o espaço.

“Bem, isso não é uma surpresa agradável?”

9

Ensine-me seus medos para que eu possa me tornar um horror para mim mesmo.

Os pés de Khalani permaneceram congelados, presos no chão. A cor desapareceu de seu rosto. Ela conhecia aquela voz. O barítono repulsivo pertencia ao guarda que a agrediu nos andares inferiores. Uma pressão profunda apertou seus pulmões e se enraizou em sua pélvis.

Os músculos de Takeshi se tensionaram ao lado dela, e ele soltou seu braço abruptamente. Um medo entorpecente tomou conta do ar ao seu redor. Ela se virou lentamente.

Um sorriso sádico a saudou. O guarda careca estava parado a poucos metros de distância, como um predador perigoso, com a atenção fixada nela.

Seus olhos se arregalaram, sua pele se arrepiou e os pelos dos braços se arrepiaram em posição de sentido. Precisou de todas as suas forças para não sair correndo. Os olhos dele prometiam punição. Uma punição que ele apreciaria. Até o jeito como ele encarava Khalani a fazia se sentir violada.

Deveria fugir? Deveria revidar ou simplesmente aceitar seu destino? Presa. Ela estava presa. Presa entre dois guardas de Braderhelm. Ela não podia lutar contra Takeshi Steele e o guarda ao mesmo tempo. Um brilho perigoso brilhou em seus olhos, e a dura realidade de sua situação se revelou. Não havia escapatória.

Suas mãos se fecharam em punhos ao lado do corpo. A morte não seria recebida de braços abertos. Se aquele fosse o seu fim, ela cairia lutando.

"O que você precisa, Barron?" A voz profunda de Takeshi Steele cortou a tensão.

A atenção de Barron se voltou para ele. Ele esboçou um sorriso frio. "Capitão Steele. É sempre um prazer. Na verdade, você *pode* me ajudar. Este é o novo prisioneiro do seu bloco de celas, certo?" Ele gesticulou para Khalani, sem desviar o olhar de Takeshi.

“Sim”, disse Takeshi impassivelmente.

"Você se importaria se eu conversasse a sós com ela?" O sorriso de Barron se alargou.

O medo lancinante intensificou-se por todo o seu corpo, eclipsando todo o resto. Era isso. Takeshi Steele a entregaria a ele, e ela, sem dúvida, sofreria um destino pior que a morte. Ela olhou imperceptivelmente para a saída. Se corresse agora, poderia potencialmente ganhar uma vantagem.

"Qualquer coisa que você precise dizer ao meu prisioneiro, pode dizer aqui mesmo." As palavras não abriram espaço para discussão.

Sua cabeça se virou para Takeshi, surpresa, enquanto seus músculos se contraíam. Será que tentariam matá-la em público para enviar uma mensagem? Takeshi não a encarou. Cruzou os braços sobre o peito, concentrando-se apenas

no guarda.

Barron pousou a mão em um bastão preso à cintura casualmente, mas não havia nada de casual no tom de sua voz quando disse:

"Quero que saiba que *sua* prisioneira me agrediu nos níveis inferiores. Vou mandá-la vir comigo sozinha para que a punição seja aplicada. Isso envolve ela e eu, Capitão Steele. Ninguém mais."

Khalani respirava rapidamente enquanto Barron voltava sua atenção para ela, gesticulando para que ela se aproximasse. Ela não se moveu. A única maneira de lidar com aquele homem era esperneando e gritando.

"Como seu Capitão, *é* da minha conta", as palavras saíram em um aviso baixo. Takeshi permaneceu imóvel. Era assustador, como a calma excessiva antes da carnificina iminente.

O sorriso insensível de Barron desapareceu e seus olhos se estreitaram. "Quando não dei a ela o que ela pediu, ela atacou como um animal. Ela é uma criminosa repugnante que precisa ser disciplinada." Ele apontou para ela em tom acusador, o ódio vil transparecendo em sua expressão.

Sua boca se abriu enquanto a cor desaparecia de seu rosto. " *Sua mentirosa* ", sibilou Khalani, dando um passo à frente, mas Takeshi a puxou bruscamente.

Barron estalou a língua. "O que eu disse a vocês, animais? Ela é uma vadiazinha como as outras, que precisa aprender uma coisinha ou duas sobre respeito. Essa garota poderia ter me causado um dano permanente."

Ela deveria ter causado mais dano a ele! Deveria tê-lo matado quando teve a chance. Sem dúvida, Khalani não fora sua primeira vítima. Ela não conseguia ver o rosto de Takeshi, mas suas mãos estavam cerradas em punhos ao lado do corpo.

"O que eu acho mais assustador, Guarda Barron", afirmou Takeshi, sempre estoico e calmo, "é que você baixou a guarda e um prisioneiro conseguiu subjugá-lo. Acho que o Diretor ficaria mais inclinado a ouvir falar de um guarda fraco demais para se defender de garotinhas. Isso significaria que você não está apto a lidar com o seu trabalho."

O rosto de Barron ficou vermelho, e ele abriu a boca para dizer algo, mas Takeshi o interrompeu.

"É isso que vai acontecer. Vocês vão voltar às suas funções e ficar longe da Prisioneira 317. Não podemos correr o risco de ela os dominar novamente, podemos? Como ela é minha prisioneira, darei qualquer punição necessária por suas ações. Se fizerem essas coisas, o Diretor não descobrirá", ordenou Takeshi, com seu olhar intenso e imperturbável.

Khalani vagamente percebeu que estava boquiaberta. Não conseguia acreditar no que ouvia. Takeshi Steele a estava defendendo.

"Essa vadia *me* atacou." Os olhos de Barron brilharam de vingança enquanto ele dava um passo ameaçador em sua direção. "Por isso, ela deveria estar morta. Essa prisioneira vem comigo."

"Deixe-me ser claro." Os músculos de Takeshi Steele pareceram se contrair quando ele deu um passo à frente, ficando cara a cara com ele. "Como seu Capitão, eu tenho a palavra final sobre isso. Seria bom lembrar disso, Barron. Você vai se retirar. Desobedeça-me, e eu mesmo aplicarei sua punição na arena de luta. E acredite, você não quer que isso aconteça."

Até Khalani estremeceu diante da ameaça oculta em sua ameaça.

A cada palavra que passava, Barron parecia encolher onde estava, como um balão vazio. Takeshi Steele permanecia imóvel. Inabalável. Uma força colossal.

A consciência dos outros prisioneiros e guardas cessou. O ar estava tão silencioso que ela conseguia ouvir o sangue pulsando em seu peito e as veias pulsando em seu pescoço. O nó em sua garganta se recusava a se dissipar enquanto ela aguardava seu destino.

"Desculpas... Capitão", Barron disse bruscamente, sua confiança presunçosa se esvaindo. Seu rosto assumiu um tom preocupante de vermelho, mas depois de fulminar Khalani com outro olhar mortal, ele se virou abruptamente.

Nem Khalani nem Takeshi se moveram por alguns instantes enquanto Barron se afastava em silêncio. Quando ele desapareceu, Khalani soltou o suspiro profundo que não percebera estar segurando. Sua adrenalina ainda estava a todo vapor, seu coração batendo tão forte que ela tinha certeza de que ele conseguia ouvir as batidas.

Ela olhou para Takeshi, que abriu os punhos e esticou os dedos ao lado do corpo. A última coisa que ela esperava era que ele interviesse.

Por que ele fez isso?

Ela não conseguiu decifrar o rosto de Takeshi quando ele se virou em sua direção. Sua expressão distante e agourenta permanecia firme no lugar.

"É essa a parte em que você me mata?" ela perguntou.

Às vezes era mais fácil dizer "dane-se" em vez de "obrigado".

Os lábios de Takeshi se apertaram numa linha dura enquanto ele a olhava de soslaio. "Ainda não." Ele passou por ela sem dizer uma palavra.

Khalani franziu a testa. Não sabia o que pensar de Takeshi Steele. Ele era seu maior adversário, mas não deixou Barron matá-la na hora. Seria um jogo? Uma maneira de brincar com suas emoções, de desequilibrá-la e atacar quando ela menos esperasse?

"Você vem?"

Seu rosto se contorceu e seus olhos se voltaram para trás, por cima do ombro.

Takeshi permaneceu imóvel enquanto a estudava, com uma expressão indecifrável.

Sua testa se enrugou em confusão. "Vem para onde?"

"Para a sua cela. Vou permitir desta vez." Ele cruzou os braços. "Você já causou problemas demais por um dia."

Ela franziu a testa e abriu a boca para discutir sobre a escolha de palavras dele, mas pensou melhor. Queria desesperadamente ficar sozinha atrás das grades, mas o perigo a espreitava.

“E se aquele guarda tentar me encontrar?”

"Ele não vai." Seu tom era tão seguro e sinistro que ela acreditou nele.

Ela esfregou as palmas das mãos, os músculos tensos de ansiedade. Escapou de um predador mortal e estava nas garras de outro. Takeshi não podia ser subestimado. De muitas maneiras, ele a assustava mais do que Barron.

Não havia adversário físico para Takeshi, e ele sabia disso. Mas era mais do que isso. Seus olhos ônix eram equilibrados e calculistas, como se ele pudesse ver através de cada muro que ela erguia e cada mentira que ela contava, só de olhar para ela.

"Decida agora ou fique aqui", ele disse, depois que ela não se moveu. Ela engoliu em seco e deu um passo à frente, seu corpo tomando a decisão por ela.

Sua cabeça abaixou levemente, mas ele não disse nada. Ela rapidamente o alcançou, esforçando-se ao máximo para acompanhar suas pernas longas. Todos os outros estavam no fosso, então eram apenas os dois enquanto seus passos ecoavam pelo túnel escuro em direção ao Bloco de Celas 7.

O silêncio entre eles aumentou.

Khalani olhava fixamente para a frente, mas Takeshi mantinha toda a sua atenção. Ela estava profundamente consciente da presença imponente dele ao seu lado. Ele poderia esmagá-la como um inseto — um fim sem cerimônia para uma vida sem cerimônia. Mas algo em sua energia constante e implacável fez com que suas unhas parassem de cravar-se incessantemente nas palmas das mãos. Ela não sentiu necessidade de olhar por cima do ombro, temendo que alguém a atacasse.

Porque ninguém em Braderhelm era mais perigoso do que o homem ao lado dela.

“Foi ele quem cortou seu braço”, concluiu Takeshi, olhando para frente.

"Sim." Não adiantava esconder o óbvio. Ela olhou de soslaio para ele. "Você sabia que ele estava mentindo, certo? Fui instruída a entregar as Ordenanças. Não comecei a atacá-lo aleatoriamente."

"Eu não duvidaria de você, Kanes. Mas eu sempre sei quando um dos meus está mentindo. Já tive problemas com ele no passado e conheço suas tendências. Acho que você estava se defendendo", o tom macabro na voz dele era enervante, e ela mordeu o lábio enquanto continuavam andando.

"Então, não vou ser punido?"

“Eu nunca disse isso.”

Ela lhe lançou um olhar penetrante. "O quê?"

"Você causou mais problemas do que eu esperava, então ainda estou decidindo." Ele olhou para cima, pensativo. "Talvez algum trabalho duro para ganhar músculos ou serviço de esgoto, já que você tem um talento especial para se meter em encrenca."

"Você está tentando ser engraçado?" ela retrucou.

Ele parou bem na frente dela, assustando-a. "Cuidado, Kanes. Você se colocou numa situação perigosamente estúpida hoje, e eu fui forçado a intervir. Ou você exerce o controle ou morre lentamente enquanto eu assisto. Entendeu?"

O sangue subiu-lhe ao peito. "O que eu deveria fazer quando ele agarrou minha garganta e me cortou? Eu deveria entrar no quarto dele e deixá-lo me estuprar? Eu deveria ser punida por não morrer?", ela gritou.

"Eu *deveria* puni-lo por acolher o perigo como se fosse um amigo perdido há muito tempo." Um fogo indomável ardia sob seus olhos. "Não volte para os aposentos dos guardas e não cause mais problemas. Você é capaz disso?"

"Sim", ela rosnou. Ele não precisou repetir.

"Ótimo. Agora, eu poderia tranquilizá-la e dizer que não vou machucá-la pelo que aquele guarda patético te forçou a fazer." Seu maxilar se contraiu — um de seus sinais perigosos — e Takeshi se inclinou para sussurrar em seu ouvido: "Mas você prefere estar perto da morte, não é?"

Ele passou por ela, deixando-a sozinha, boquiaberta, furiosa. Se Khalani

tivesse raios laser no lugar dos olhos, pedaços de Takeshi Steele já teriam se espalhado pelas paredes.

Eles caminharam de volta para a cela dela em silêncio, e ele sacou uma almofada elétrica para abrir as grades. Sua máscara rígida estava de volta no lugar quando ele começou a tocar na tela. Era tão difícil decifrá-lo. Ele a salvou de ser assassinada, mas Takeshi certamente não era um aliado.

Ele era um enigma. E perigoso, aliás.

As grades se abriram com um zumbido. Takeshi apontou com a cabeça em direção à cela dela. "Entra, Kanes."

Ela entrou e se virou para ele: "Por que você me ajudou?"

Ele franziu a testa. "O quê?"

"Com o guarda. Por que você não deixou ele me levar? É o seu trabalho, não é?"

Seu rosto ficou frio.

"Como Capitão, meu trabalho é manter todos na linha. Até os guardas têm limites. Aquele *guarda* ultrapassou esses limites com seu ataque e tentativa de potencialmente matar um prisioneiro do meu bloco."

"Faz sentido, eu acho." Ela tateou as mãos. "Você só estava me ajudando porque ele desrespeitou sua autoridade."

Alguns momentos de silêncio. Khalani ergueu os olhos, e o olhar de Takeshi a cortou como o fio de uma faca. "Posso ser o Capitão de Braderhelm, Kanes, mas não sou um monstro."

Com isso, ele apertou um botão na tela, e as grades começaram a se fechar com um zumbido baixo. Seus olhares não se desviaram enquanto o metal se fechava lentamente. A barreira firme representava as metades opostas do mundo deles. Ela era a prisioneira em uma casa de grades, e ele tinha a chave.

Takeshi soltou um suspiro áspero e se afastou, desaparecendo de seu campo de visão. Khalani se perguntou naquele momento se Takeshi também se sentia um prisioneiro. Às vezes, você pode ter todo o poder e ainda estar preso. Ela desejou não ter usado todo o espaço no verso da foto dos pais para escrever sobre isso. Então, de repente, lembrou-se.

Khalani enfiou a mão no bolso e tirou o lápis e as folhas de papel que Winnie lhe dera para contar as celas dos guardas. Dobrou cuidadosamente as anotações e as guardou de volta no bolso. Winnie precisaria delas. Ela caiu de joelhos e colocou a folha em branco no chão firme.

Ela agarrou o lápis, e as palavras começaram a fluir como um jato d'água. Derramando e em cascata. Até que um mar inteiro de sua mente foi despejado no papel.

Eu não sou um objeto ou definição singular
Existem infinitas variações da minha alma
As grandes manifestações do mundo em que vivemos
Corações humanos escritos em uma lista mental
Ninguém me verá da mesma forma
O amor vem na mesma intensidade que o ódio
Julgamento de estranhos, inconstante como aviões de papel
Incapazes de conhecer sua história, sofremos o mesmo destino
Espelhos transparentes não mostrarão seus desejos

As camadas externas não refletem o núcleo interno
Os sonhos inevitavelmente desmoronam à medida que ascendem mais alto
As consequências se transformam em cobiça por mais
Esta reflexão recorrente sussurra para ser livre
Eu posso ver minha imagem escurecida na tonalidade
E então eu percebi, não era eu
O que eu estava olhando era você

10

Minhas verdades não falam, elas sangram.

Número 65: A incapacidade de controlar o quanto algo dói.

Khalani tinha uma lista de coisas sobre as quais não tinha controle. O que comia, o que vestia, a que horas acordava e onde dormia eram coisas óbvias. Pelos crescendo em lugares estranhos, como o queixo. Essa era horrível.

Mas a lista estava ficando mais crua agora, como a incapacidade de controlar o nascimento. Ou como a cada manhã que Khalani acordava, ela estava 24 horas mais perto da morte. Verdades inescapáveis que se tornam mais pesadas a cada dia que passa.

Na noite passada, outra representação arrepiante do Guarda Barron agarrando-a com força por trás e cortando sua garganta se repetiu em um loop. A faca cortou e o sangue dela espirrou nas paredes de pedra. Repetidamente.

Takeshi Steele estava no pesadelo. Ele permaneceu em silêncio ao fundo enquanto a vida dela terminava em um massacre sangrento. Ela o olhou em busca de ajuda, mas ele permaneceu impassivelmente imóvel, com uma resignação sombria no rosto.

Sua mente falava a verdade. Confiar em Takeshi Steele equivaleria à sua morte. Ele era o Capitão por um motivo. Agora, mais do que nunca, ela precisava manter a calma, ou seus piores medos se concretizariam. Medos.

Faça com que esse seja o **número 66.**

“Prisioneiro 317, você está designado para a biblioteca hoje”, disse George.

Os olhos de Khalani se arregalaram de agradável surpresa. Uma semana inteira havia se passado desde que ela fora designada para a biblioteca. Ela estava preocupada que Winnie não a chamasse novamente por causa do ocorrido.

"Outra coisa." George estudou o painel elétrico. "Temos um pequeno grupo designado para a limpeza da Apollo em uma semana. Estes são os prisioneiros que foram ordenados a se juntar a nós."

Os números de Khalani e Serene foram chamados.

"Desta vez, roubei comida decente", murmurou Serene para si mesma e se virou para Khalani. "Isso compensa em parte o fato de ter sido designada para cuidar do lixo novamente."

"Vamos conseguir deixar Braderhelm?" Khalani elevou a voz em esperança.

"Só por meio dia para limpar a cidade. Sob supervisão armada, é claro. É uma forma de fazer as pessoas acreditarem que o Conselho se concentra na reabilitação, não na tortura. E para lembrar a todos para onde vão se saírem da linha. Estão prontos?", perguntou Serene.

Deixar Braderhelm era o detalhe específico em que sua mente se concentrava. Algumas semanas na prisão equivaliam a uma vida inteira. Andar pelas ruas de Apolo não a libertaria, mas ela faria qualquer coisa para deixar aqueles muros, mesmo que por apenas algumas horas.

"Divirta-se tirando o pó dos livros enquanto eu limpo a merda." Serene a

cumprimentou depois que chegaram à escada em caracol, cumprindo sua promessa de acompanhar Khalani até seu turno da tarde todos os dias.

“Poderia ser pior”, ela gritou.

Serene mostrou o dedo do meio e foi embora.

Khalani bateu na porta da biblioteca, mexendo impacientemente na lateral do uniforme. Ninguém atendeu. Ela bateu com mais força, e minutos se passaram sem Winifred à vista. Seus olhos percorreram rapidamente o ambiente e ela tentou a maçaneta da porta.

Para sua surpresa, ela abriu.

O som da música foi a primeira coisa que ela registrou. Uma melodia estranha irradiou pelo ar, algo completamente desconhecido para ela. Ela franziu a testa, caminhando entre as estantes e encontrou Winnie sentada à escrivaninha, adornada com seu vestido roxo.

Winnie se abaixou, concentrada, apertando botões em uma máquina estranha. O metal era verde e do tamanho de uma pequena TV. O aparelho era velho e enferrujado, com uma única folha de papel dentro do aparelho. Ao lado do objeto peculiar, havia outro aparelho estranho. Era uma caixa marrom de tamanho considerável com um disco preto opaco em cima. Um alto-falante dourado de tamanho considerável estava conectado ao disco, e Khalani percebeu que o som vinha daquela máquina.

Não eram as promessas gravadas que cada cidadão de Apollo tinha que recitar quando criança, nem qualquer música ordenada tocada em eventos da cidade. Uma garota cantava apaixonadamente. O barulho reverberava pelas paredes em um zumbido de tirar o fôlego, de energia vibrante. A melodia começou lenta e se intensificou em uma demonstração de paixão e fervor crus.

“Minha cabeça está dizendo tolo, esqueça-o
Meu coração está dizendo não desista
Segure-se até o fim, é isso que pretendo fazer
Sou irremediavelmente devotado a você
Mas agora não tem como esconder
Desde que você empurrou meu amor de lado
Estou fora de mim, irremediavelmente devotado a você
Desesperadamente devotado a você
"Desesperadamente devotada a você."

Ela ficou imóvel, como se a voz da mulher a enfeitiçasse, deixando-a em um transe atordoado. Khalani nunca ouvira nada tão belo, comovente e absolutamente cativante. Seus olhos se voltaram para Winnie, que cantarolava junto com a música, de costas para Khalani, que ainda digitava na máquina verde.

A música terminou e Khalani soltou um suspiro. Ela não queria que a música acabasse. Queria que ela se estendesse sem limites. Para sempre gravada no espaço ao seu redor.

“O que foi isso?” Khalani perguntou em tom melancólico.

Winnie se virou, surpresa, e sorriu: "Ah, Khalani! Que bom que você está aqui! Desculpe, desculpe! A Winnie sabe que está barulhento." Winnie se inclinou e ajustou um botão no aparelho de som. "O que você disse, querida?"

"Que máquina é essa? Nunca ouvi nada parecido." As palavras saíram

precipitadamente de Khalani, sua excitação era palpável. Ela morava em Apollo há tempo suficiente para *saber* que aquilo era contrabando.

Winnie riu e se virou completamente na cadeira. "Você gostou, não é?" Seu sorriso se aprofundou.

A boca de Khalani se curvou. "Adorei, Winnie. Sinceramente, nem tenho palavras. Mas como..."

"Winnie ganhou a máquina do Charles. Ele trabalha nos Arquivos e tem uma loja secreta de artefatos do velho mundo." Um olhar sonhador surgiu nos olhos de Winnie, e ela balançou a cabeça como se quisesse dissipar seus pensamentos.

"Depois que Winnie foi sentenciada aqui, ela conseguiu que a moeda fosse levada para dentro, junto com esta joia." Winnie esfregou a máquina de prata com adoração.

Khalani caminhou até a caixa misteriosa. "Eles usaram isso antes do Grande Colapso?"

Sim. Depois de anos mexendo nele, Charles conseguiu fazê-lo funcionar. Antes do Grande Colapso, chamavam-no de toca-discos. Quando a vida florescia na superfície, as pessoas gravavam música nesses discos circulares, que reproduziam a música. Uma coisa notável. Agora mesmo, está tocando um álbum do filme Grease. Quando fui jogada aqui, 15 anos atrás, Charles ainda estava tentando consertar a velha televisão, então nunca consegui ver o filme. Mas é um dos favoritos da Winnie. Winnie balançava de um lado para o outro de felicidade, sua energia contagiante.

"Você está aqui há 15 anos, Winnie?" Os olhos de Khalani se arregalaram.

O olhar de Winnie se voltou para cima e ela começou a contar com os dedos. "Hmm, vamos ver. 1, 2, 3... É! 15 anos. Nossa, já faz tanto tempo?" Winnie continuou a encarar o teto como se um padrão intrincado residisse nas rachaduras, um padrão que só ela conseguia ver.

Será que Khalani conseguiria sobreviver 15 anos em Braderhelm? Uma parte dela não queria durar tanto tempo.

“Winnie, por que você foi sentenciada aqui?”

Winnie acenou com a mão, dispensando-a, e voltou a digitar na máquina. "Ah, a Winnie foi jogada aqui por ter imaginação demais. Veja bem, meu tataravô." Ela franziu os lábios, contando os dedos a cada tataravô.

"Não tenho certeza se isso está correto. Mas pouco antes do Grande Colapso, meu avô era um grande cientista. Timothy Talbot era o nome dele. Sim, era isso mesmo. Ele era brilhante. Trabalhou em algo tão grandioso que você nem poderia sonhar. Algo... inacreditável", Winnie parou de falar, olhando para a pintura, que chamou a atenção de Khalani da última vez. Aquela com o homem indo em direção à estrutura estranha e imponente.

Suas sobrancelhas se franziram. Havia algo estranho na voz de Winnie enquanto ela continuava a história. Quase uma sensação de desconforto, um contraste gritante com seu humor habitual.

“Em que ele trabalhou?”, perguntou Khalani.

Winnie saiu do seu estupor. "Ah, nada. Nada, querida. Nem sei por que Winnie diria isso. Uma história de eras passadas. Winnie levaria alguns dos livros dos Arquivos para casa. Histórias incríveis. Winnie tem a sensação de que

você gostaria delas." Winnie sorriu.

Khalani sentou-se à frente enquanto Winnie falava, com os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos entrelaçadas, completamente extasiada. "O que eles disseram?"

Winnie brilhou nos olhos e se inclinou para a frente. "Tudo o que você não sabia que precisava ouvir."

A declaração ressoou com a forma como o livro de poesias arrebatou sua mente naquela noite fatídica. A complexidade e a estrutura de cada história, tão potentes quanto o sangue que corria em suas veias, incendiaram sua mente, e ela saboreou a queimação.

Ler era como inspirar profundamente depois de prender a respiração por uma vida inteira. Ou se apaixonar. Khalani nunca havia se apaixonado, mas imaginava que era assim que se sentia. Uma emoção que dava asas à alma.

"Mas", continuou Winnie, "alguém no Arquivo viu Winnie pegando os livros e a dedurou. Foi assim que Winnie veio parar aqui. Mas o estrago já estava feito. Essa é a beleza do conhecimento. Se for lembrado, o significado não pode ser completamente apagado."

Khalani franziu a testa quando Winnie se virou para a máquina. Ela se lembrava de tudo. O crepitar do fogo. O desespero absoluto quase paralisou seu corpo enquanto o livro se desintegrava diante de seus olhos.

"No que você está trabalhando?" Khalani pigarreou, afastando o tormento sem fim até que se tornasse uma sensação entorpecente.

"Esta é uma máquina de escrever antiga." Winnie esfregou o metal verde desbotado com adoração. "Aquela que era usada para fazer livros antigamente."

Ela piscou surpresa, inclinando-se para a frente para inspecionar o estranho aparato. "Escrever o quê?"

Winnie franziu os lábios e estreitou os olhos para Khalani, como se sua alma estivesse nua. "Você consegue guardar um segredo?"

Ela se inclinou para a frente. "Claro."

Winnie esfregou as palmas das mãos, ansiosa. "Esta, querida, será uma história completa da Apollo. Nossa jornada precisa ser registrada e preservada, especialmente as partes ruins, para que não repitamos nossos erros. Quando finalmente retornarmos à superfície, este será o nosso guia", concluiu, orgulhosa.

Khalani passou a mão pelos cabelos. "Ah, você quer dizer se todos nós formos para Gênesis algum dia?"

Um conto de fadas para ela. Era hora de seguir o conselho de Takeshi e nem sonhar nem se perder na esperança. Não fazia sentido sofrer ainda mais por algo que nunca aconteceria.

Winnie acenou com a mão, dispensando-a. "Não, não, boba. Não aquela cúpula maldita que chamam de Gênesis. Estou falando da superfície. Terra, com o ar natural e livre."

Winnie era mesmo louca. Khalani preferia estar em Braderhelm a ter seus órgãos fritos na superfície.

"Winnie, me desculpe, mas disseram que a superfície não será habitável novamente pelos próximos cem, se não mil anos. Não tem mais nada lá em cima." Ela se virou e se jogou na cadeira. "O mais perto que chegaremos é Gênesis."

Winnie balançou a cabeça enfaticamente. "Você está errada! Não pode acreditar em tudo o que dizem. O sistema quer nos rebaixar. Não quer que a gente viva."

Khalani revirou os olhos para o teto, tentando descobrir como restaurar a lógica da conversa.

"Nós sobrevivemos ficando aqui embaixo, Winnie. Os trabalhadores que construíram Gênesis morreram de envenenamento por radiação. Todos eles. A destruição na superfície vai perdurar por muito tempo além da nossa geração. Nós sobrevivemos ficando aqui e esperando", ela repetiu as palavras gravadas em sua cabeça e na cabeça de todos os cidadãos da Apollo desde pequenos.

Algumas pessoas acreditaram que a superfície era habitável novamente anos atrás, mas os trabalhadores do Genesis provaram que todos estavam errados.

Winnie não gritou nem protestou. Sua expressão mudou para uma expressão de tristeza e compaixão. Por que Winnie estava olhando para ela daquele jeito?

Como se *Khalani* fosse aquela que estava perdida?

"Sinto muito que tenham te afetado. Te feito esquecer que sobreviver não é viver", sussurrou Winnie.

Khalani franziu a testa, abriu a boca para refutar, mas não encontrou palavras. As palavras de Winnie penetraram mais fundo em sua pele. Mais fundo...

E mais profundo .

Até que consumiram tudo.

Ela estava viva. O ar que respirava todos os dias atestava esse fato. Mas as palavras não saíam de sua boca. Porque ela sabia que eram mentiras. Mesmo antes de ser sentenciada a Braderhelm, os melhores momentos da vida de Khalani eram quando ela dormia.

A dura verdade arrepiou-a. Seus pais sabiam mais. A ensinaram melhor. Eles morreram porque lutaram pela qualidade de vida de outras pessoas; por algo maior do que eles próprios. E o que ela estava fazendo, além de definhar, esperando a morte...

Ela olhou para Winnie, que a observava intensamente com seu monóculo roxo. Para uma mulher tão pequena, Winnie ainda tentava fazer a diferença para as gerações futuras, mesmo em Braderhelm. Ao ajudar Winnie, por mais absurda que fosse a ideia, sua vida também poderia ter sentido.

Khalani assentiu, preparando-se para uma nova tarefa, uma nova missão. "Eu te ajudo com o seu livro, Winnie."

"Sério?", perguntou Winnie.

Ela assentiu.

"Ah, isso é maravilhoso!" Winnie a envolveu num abraço apertado. "Desde o momento em que Winnie te viu, ela percebeu que você era mais do que um rostinho bonito."

Seus lábios se curvaram. "O que posso fazer para ajudar?"

Winnie coçou o queixo, olhando para baixo, pensativa. "Hmmm. Bem, preciso ler as próximas páginas do Charles. Já agendaram uma limpeza na cidade para você?"

Khalani franziu a testa. "Sim. Vou na semana que vem."

O vestido roxo de Winnie girou enquanto ela corria para pegar os papéis em sua mesa. "Estes são das reuniões do Conselho Apollo. Eles se reúnem

mensalmente, e as anotações estão armazenadas nos Arquivos. Essas informações são vitais para a precisão do meu livro. Você pode me entregar o próximo relatório."

Sua testa franziu. "Como?

"Charles." Os olhos de Winnie se iluminaram. "Ele é meu amigo, dono da antiga oficina de artefatos e trabalha no Arquivo. Vou mandar uma mensagem para ele. Durante a limpeza da rua, ele vai te encontrar."

"Como você vai mandar uma mensagem para ele, e como ele vai saber como me encontrar? Os guardas não vão notar?" As palavras saíram mais rápido, enquanto sua ansiedade dobrava.

Winnie ajustou o monóculo e deu um sorriso torto. "Winnie tem seus métodos. Mensagens viajam mais longe do que as pessoas conseguem. Não se preocupe. Ele vai te encontrar quando os guardas estiverem distraídos. Winnie sabe que você consegue."

Ela assentiu lentamente, não tão confiante quanto Winnie, mas se era assim que ela precisava contribuir, que assim fosse. Se aquela velha peculiar consegue se rebelar dentro da prisão, ela também consegue. Khalani já era considerada uma criminosa.

Quão difícil pode ser quebrar a lei mais uma vez ?

11

Você se esconde dos demônios enquanto dorme.
Eu sorrio para eles em saudação.

Khalani fechou os olhos, um leve sorriso se desenhando em seu rosto enquanto o ar frio roçava sua pele como uma pena. Mechas soltas de cabelo chicoteavam suas bochechas em uma demonstração de liberdade.

Se apertasse os olhos com força suficiente, conseguia imaginar o vento a levando para longe de Braderhelm para sempre. Destino desconhecido. Ela só queria encontrar um lugar onde viver não precisasse ser tão difícil.

Isso existia antes do Grande Colapso?

O transporte percorreu os túneis escuros da Apollo. A única luz emitida pelas linhas magnéticas sobre as quais os veículos navegavam era o brilho suave e verde, uma visão bem-vinda. Khalani, Serene e vários prisioneiros, incluindo Dana, lotavam três transportes a caminho do Centro da Cidade de Apollo.

Uma onda de energia percorreu seu corpo quando o túnel se abriu, revelando a cidade de Apolo.

Deve ter levado anos de construção para esculpir a enorme caverna espacial. O teto de pedra tinha mais de 30 metros de altura, sustentado por 20 pilares enormes. Redes elétricas envolviam os pilares, iluminando toda a cidade.

Residências e comércios foram construídos intrincadamente nas paredes de pedra que cercavam a caverna, chegando até o teto, com elevadores magnéticos para acesso. As belas casas foram construídas a partir do 25º andar. Khalani morava no 2º andar.

Costumava viver, ela se corrigiu.

Apenas um elevador levava ao Genesis, fortemente protegido e sob vigilância constante. Qualquer um que se aventurasse perto do elevador do Genesis sem autorização era baleado.

Os transportes diminuíram a velocidade à medida que se dirigiam ao Centro da Cidade. Cidadãos de Apollo circulavam em longas túnicas empoeiradas, a caminho do trabalho ou de trocas de mercadorias. Passaram pelo Centro de Distribuição de Alimentos, o antigo local de trabalho de Khalani. O prédio era minúsculo, em forma de caixa, com bordas afiadas e cinzentas, e mais parecia um necrotério. Uma fila de pessoas esperava do lado de fora, com roupas esfarrapadas.

Ninguém conversou. Ninguém sorriu. Nem todos diferentes dos prisioneiros de Braderhelm.

Eles pararam em frente às Câmaras do Conselho, à sede do Governador e ao Conselho de Apolo. Era de longe o edifício mais bonito de Apolo. Centenas de degraus brancos levavam à entrada. A estrutura imponente irradiava riqueza, com torres pontiagudas que se estendiam em direção ao teto da caverna.

O edifício era feito de mármore puro e decorado com vitrais, como uma

igreja gloriosa. Um farol brilhante de esperança para a cidade. Foi naqueles degraus de mármore que seus pais e tantos outros perderam a vida.

“Andem logo!” gritou um guarda, esperando que ela saísse do transporte.

Ela desviou o olhar dos degraus da cidade e saltou para a rua de paralelepípedos. Um dos guardas enfiou uma vassoura em seu peito. Uma mão pressionou o ombro de Khalani quando ela cambaleou para trás, firmando-a. Ela olhou para a esquerda, e Serene assentiu, lembrando-a de que não estava sozinha.

Khalani respirou fundo, tentando se acalmar enquanto a tensão a consumia. Não tinha certeza de como Charles, o amigo de Winnie, conseguiria se comunicar com ela, com seis guardas ao redor e em frente à Câmara do Conselho, nada menos.

Essa missão estava morta na chegada?

"Vocês serão divididos em dois grupos. O primeiro grupo limpará o primeiro nível da rua no Quartel de Trabalho, e o outro grupo limpará o Distrito Comercial até completarmos o círculo. É melhor eu não ver um grão de terra nas ruas, ou vocês serão espancados nas ruas. Mãos à obra", ordenou o guarda líder, batendo o cassetete para enfatizar a ameaça.

Três guardas acompanhavam o grupo, portando casualmente armas presas ao corpo enquanto caminhavam pela rua. Os prédios do Quartel de Trabalho eram monótonos, enferrujados e sujos, uma completa inversão de 180 graus em relação ao Salão do Conselho. As pessoas caminhavam para seus respectivos postos de trabalho, mantendo-se afastadas e lançando olhares cautelosos.

Algumas horas se passaram. Ela continuou a lançar olhares sutis ao redor enquanto varria a terra do paralelepípedo para a lixeira surrada. Charles ainda não havia se aproximado dela, e eles estavam perdendo tempo.

“Atenção!” gritou um guarda.

Khalani congelou, mas os guardas não a encaravam. Estavam encarando um homem que ela nunca conhecera na vida real. Ele só aparecia em seus sonhos quando ela imaginava enfiar uma faca em seu esterno.

O Governador de Apolo.

Alexander Huxley, o Governador de Apolo, era um homem imponente, com quase 60 anos, cabelos curtos, acinzentados, salpicados de fios grisalhos. O que chamava a atenção em Alexander Huxley era sua aparência impecável. Ela não estava exagerando. Seu rosto era esculpido com perfeição e simetria.

Ele tinha um maxilar forte, a pele mais pura e uma fileira de dentes retos e brancos, rivalizando com o melhor dentista do Gênesis. O Governador vestia uma túnica branca e imaculada com o símbolo de Apolo — um sol brilhante — bordado em ouro na frente. A túnica, combinada com suas feições incríveis, dava-lhe a aparência de um anjo vingador, ali para salvar seus eleitores.

Khalani só o via como um anjo da morte.

Alexander Huxley governava com punho de ferro e era o líder de mais alta patente em Apollo. Ao contrário do Juiz Mestre, o Governador de Apollo manteria seu cargo até a morte. Foi ele quem ordenou a criação de Gênesis, aumentando ainda mais a divisão entre os ricos e as pessoas comuns de Apollo, e sentenciou os prisioneiros de Braderhelm à morte.

Mais importante, o governador Huxley foi o homem que ordenou aos guardas

que atirassem nos manifestantes de Genesis, assassinando seus pais.

Seis Conselheiros ladeavam o Governador de cada lado, vestindo túnicas cor de sangue. Apropriado. Os Conselheiros de Apolo eram a espada, e o Governador era a mão que enfiava a adaga nas suas costas.

"Governador Huxley!", gaguejou o guarda-chefe e curvou-se profundamente. "A que devemos esta honra incrível?"

Alexander Huxley estendeu as mãos como se estivesse prestes a fazer um sermão. "Boa noite, senhor. Eu estava apenas dando uma palestra para meus conselheiros enquanto passeávamos pela inacreditável cidade de Apolo. A vida na superfície em Gênesis pode ser bem chata, não acha?", sua voz era suave como tinta, como se estivesse falando sobre o tempo.

Os guardas assentiram enfaticamente. "Sim, claro, senhor. Muito chato."

O Governador Huxley riu baixinho e inclinou a cabeça para o lado. "Como você saberia se nunca esteve em Gênesis?"

O guarda-chefe empalideceu. "N-não, senhor. Sinto muito, senhor. Eu jamais discordaria da sua opinião, senhor. O senhor tem um gosto impecável e está certamente correto em todas as suas avaliações."

O guarda engoliu em seco visivelmente, seu pomo-de-adão balançando para cima e para baixo, enquanto o silêncio que se seguiu pareceu durar uma eternidade. Alexander Huxley finalmente caiu na gargalhada. Os três guardas e os conselheiros se juntaram a ele.

A interação perturbadora era como assistir a uma peça de teatro de marionetes da vida real, e o Governador controlava todos os cordões.

"Temos sorte de ter você, filho." O Governador Huxley deu um tapinha no ombro do guarda aterrorizado. "Tenho certeza de que você ficaria feliz em estar na linha de frente em caso de qualquer insurgência, pronto para expurgar Apollo de todos que a quisessem destruir."

O guarda se endireitou, aliviado, e estufou o peito. "Com certeza, senhor, pode contar comigo."

"Ótimo, ótimo." O Governador deu alguns passos à frente, dispensando o guarda casualmente. "Presumo que sejam prisioneiros de Braderhelm, participando da limpeza da cidade, certo?"

Khalani mantinha os olhos fixos na vassoura, varrendo vigorosamente, mas toda a sua atenção e foco estavam voltados para o Governador. A voz do guarda ecoou em seu ouvido: "Com certeza, senhor. Estamos de olho neles."

O governador Huxley se aproximou lentamente dos prisioneiros, alguns metros à esquerda de Khalani. "Participar das limpezas da cidade é uma maneira fantástica de supervisionar os esforços de reabilitação. Mantém-nos na linha. Vejam, vereadores, nem todos os prisioneiros de Braderhelm estão completamente perdidos para a sociedade." Sua voz sedosa a fez estremecer.

Ele se aproximou de Khalani, que segurava sua vassoura como se fosse uma tábua de salvação e mantinha os olhos fixos no chão.

“Para alguns, a reabilitação é impossível, Governador Huxley”, disse corajosamente um vereador.

“Como o Death-Zoner.”

Alguns vereadores murmuravam entre si enquanto a tensão preenchia o ar.

Khalani franziu a testa, aguçando os ouvidos ao ouvir as palavras

sussurradas. Os habitantes da Zona da Morte eram celebridades. Eles tinham a tarefa mais crítica em Apollo, viajando a pé até a cidade comercial subterrânea mais próxima, Hermes.

Apenas alguns poucos escolhidos foram selecionados, os mais fortes mental e fisicamente. Eles trocaram as colheitas de Apolo por remédios e outros recursos inestimáveis. A jornada levou semanas para chegar a Hermes a pé, sem mencionar o peso dos pesados trajes de radiação e mochilas para carregar suprimentos.

A posição era a mais necessária para Apolo, mas também a mais perigosa. Disseram-lhes que Apolo tinha material suficiente para fabricar apenas alguns trajes capazes de suportar os altos níveis de radiação. Muitos habitantes da Zona da Morte pereceram na estrada traiçoeira, caminhando pela superfície da Terra. E viviam como reis no Gênesis depois de retornarem de Hermes a cada seis meses.

Ela ouviu histórias sobre Hermes de um Death-Zoner convidado para sua formatura como convidado especial.

"O Hermes tem de tudo. Tem lojas e bares. Até um cassino!", disse ele depois de beber demais na recepção.

Ela não tinha ideia do que era um "cassino".

"Eles acertaram em cheio, eu te digo. Manter o povo deles feliz e contente enquanto apodrecem no subsolo. Fervura lenta." O Zoneador da Morte riu e tomou um grande gole de sua bebida.

Os olhos dela não desviaram da vassoura, mas a ameaça subjacente na voz de Alexander Huxley ficou evidente quando ele disse: "Eu poderia fazer você se juntar aos prisioneiros, Wyatt, e então você pode me dizer se a reabilitação funciona."

Nenhuma outra palavra saiu da boca do vereador.

"Além disso", o tom angelical retornou, e ele se posicionou bem na frente de Khalani, "alguns até podem ser bem aproveitados. Não são todas aquelas criaturas vilãs sobre as quais você alerta seus filhos, não é mesmo, garota?"

Ele falava diretamente com ela. Ela sentia o peso do olhar dele percorrendo sua pele, mas tinha medo de olhar nos olhos do assassino de seus pais.

"Responda ao seu Governador, prisioneira!" O estalo de um cassetete foi ouvido pelos guardas, e sua cabeça se ergueu de repente, assustada, com o coração disparado.

O Governador estendeu a mão para o guarda. "Não precisa. Você pode ajudar a tranquilizar o Vereador Wyatt afirmando que não é perigoso, certo?" Seus olhos azuis glaciais encontraram os dela, e ela não conseguia desviar o olhar. Eram frios e distantes, como se não houvesse mais vida neles. Provavelmente porque ele havia tirado tantas vidas.

"S-sim. Sim, senhor. Sou uma cidadã leal de Apolo." Ela abaixou a cabeça, rangendo os dentes o tempo todo.

Uma parte dela queria pegar a ponta de madeira da vassoura que ainda segurava e esmagá-la na cabeça dele. Ela só teria uma chance de acertá-lo antes que os guardas interviessem e a matassem. Quase valeria a pena.

Distribuir um pouquinho de vingança lhe daria gratificação instantânea, mas ela era esperta o suficiente para saber que não seria suficiente. Sua morte não valeria um pequeno tapa na cabeça. Não. Ele precisaria sofrer o mesmo destino

que os pais dela.

Alexander Huxley sorriu para ela, seu olhar caloroso e convidativo, e ela ficou novamente impressionada com sua beleza perfeita. "Boa resposta. Você certamente não parece um prisioneiro comum de Braderhelm. Qual é o seu nome? Seu nome verdadeiro."

“É Khalani Kanes…senhor”, ela acrescentou, firmando a voz.

"E o que você fez para justificar sua prisão?" Ele inclinou a cabeça para o lado, o sorriso suave ainda presente.

Ela hesitou, sentindo uma armadilha sob seus pés. E se ela contasse ao Governador e ele decidisse que sua punição não era severa o suficiente e a sentenciasse à superfície? Ou se fosse um jogo, e ele já soubesse no que ela se metia. O Governador talvez estivesse testando Khalani para revelar a verdade.

Ela teria que arriscar.

"Governador Huxley, qualquer crime contra Apolo merece uma sentença em Braderhelm. Seria tolice pensar que alguém tão inteligente quanto você deixaria algo passar despercebido em sua cidade." Khalani fez uma pausa, ponderando as próximas palavras.

Ele ergueu uma sobrancelha. "Continue."

Ela lhe deu um sorriso educado, hora de exagerar.

“Remoer meu passado é inútil e um desperdício do seu precioso tempo. Sou grata por ter esta oportunidade de trabalhar nas ruas de Apollo e servir à sua vontade como Governadora. Meu foco está em construir uma Apollo maior, em solidariedade, força e espírito. Mesmo que esses esforços não sejam reconhecidos lá em cima”, enunciou Khalani, deixando a última parte escapar enquanto abaixava a cabeça em submissão.

Suas mãos apertaram a vassoura. Ela queria gritar. Tão alto que até mesmo aqueles em Gênesis pudessem ouvir. Ela se odiava. Odiava ter que fazer aquele monstro acreditar que ela só vivia para servi-lo. Seus pensamentos turbulentos ecoavam alto, gritando que ele jamais teria sua lealdade? Ele sabia que tudo o que ela queria era sua morte horrível?

"Nossa, nossa." O sorriso do Governador Huxley se alargou. "Você é definitivamente mais honesta do que a média dos presos. Teria sido uma conselheira melhor do que alguns que estão servindo atualmente, não é mesmo, Wyatt?", perguntou ele sem desviar o olhar dela.

“Sim, Grande Governador Huxley”, respondeu Wyatt sem hesitar.

Khalani não conseguia se livrar da pressão torturante no estômago. O controle que Alexander Huxley exercia sobre todos, até mesmo sobre os vereadores que ele insultava, era alucinante e assustador.

"Bem, é melhor irmos. Há muito o que discutir para melhorar as ruas de Apollo." Alexander Huxley de repente agarrou a mão dela que não segurava a vassoura, levando-a à boca e beijando-a.

Ela ficou tão surpresa que abriu a boca em choque.

"Foi um prazer conhecê-la, Khalani Kanes. É benéfico conhecer melhor meus eleitores, mesmo os desafortunados como você. Tenho certeza de que nos encontraremos novamente." Ele sorriu para a mão dela, finalmente a soltando, e se virou para ir embora, seguido de perto pelos vereadores.

Seu queixo tremia. O tempo parecia passar mais devagar. Os sons das pessoas

conversando animadamente nas ruas se transformaram em um zumbido baixo. Khalani tinha certeza de que, se prendesse a respiração, conseguiria ouvir a máquina da vida pulsando lentamente em seu peito.

Ela parou.

Prendeu a respiração.

Ba bump...ba bump...ba bump...

Seu coração batia forte. Como corações podem continuar batendo apesar de tantas rachaduras, fissuras e rupturas? Quem diz que o tempo cura todas as feridas não teve muitas feridas. O tempo mascara todas as feridas. O tempo era um curativo em uma perna quebrada.

Conhecer Alexander Huxley, ouvir sua voz suave e sedosa, traiçoeira. Deixar seus lábios tocarem sua mão, aqueles mesmos lábios que ordenaram que seus guardas assassinassem pessoas inocentes, incluindo seus pais. Ela balançou a cabeça para o teto, piscando para conter as lágrimas.

Quanto era esperado que eles dessem quando tudo o que Apolo fez foi tirar?

“Volte ao trabalho!” um dos guardas gritou para ela.

O olhar de Khalani voltava-se constantemente para o topo da sua mão, onde Alexander Huxley a beijara. Ela queria esfregar a pele até ficar em carne viva e limpar a mancha repugnante dele da sua existência.

Ela estava mais determinada a ajudar Winnie, mas ninguém havia se aproximado dela ainda, e os guardas começaram a direcionar os prisioneiros para os transportes. A mensagem não devia ter sido enviada. Khalani mantinha a cabeça baixa, ainda imersa em seus pensamentos sombrios, quando um grito alto ecoou pela caverna.

Ela ficou boquiaberta quando um incêndio se alastrou rapidamente em um dos prédios de armazenamento de alimentos. As pessoas se aglomeraram e gritaram em choque. Os guardas do grupo correram em direção à confusão e gritaram pelos bombeiros.

“Isso os manterá ocupados por alguns minutos.”

Ela deu um pulo. Um homem de meia-idade, de pele escura, aproximou-se sorrateiramente dela. Mechas grisalhas percorriam seu cabelo preto, e ele encarava o fogo com um leve sorriso.

"Você fez isso?" ela sussurrou em choque.

"Eu teria vindo antes, mas a chegada do Governador deixou os guardas mais atentos do que o normal. Tive que improvisar. Meu nome é Charles."

Uma enorme onda de alívio a percorreu. "Não pensei que você viria."

“Eu sempre ajudarei Winnie.” Ele enfiou a mão no bolso do casaco e entregou a ela algumas folhas de papel.

Ela olhou ao redor, cautelosa. Ninguém estava olhando para eles ou prestando atenção. A atenção de todos estava voltada para o fogo. Ela rapidamente pegou as folhas de papel e as dobrou, guardando-as no bolso.

“Obrigada”, ela disse.

Charles assentiu e lançou-lhe um olhar solene. "Boa sorte em Braderhelm. Diga a Winnie que mandei um oi."

Com isso, ele se afastou rapidamente, deixando para trás o caos ardente. As pessoas suspiraram de alívio quando os bombeiros chegaram e apagaram as últimas chamas. Ela colocou a mão no bolso, certificando-se de que os itens

preciosos estavam firmemente no lugar. Os guardas caminharam de volta para os prisioneiros, enxugando o suor da testa.

"Vamos!", gritou o guarda-chefe, furioso, acenando com as mãos em direção aos transportes. Os prisioneiros de ambos os grupos se moveram rapidamente. Ao entrar em um dos veículos, ela notou que Dana a observava com desconfiança. Khalani ignorou a sensação de desânimo enquanto retornavam à Prisão de Braderhelm. Mas, ao retornar para sua cela, Dana se pôs à sua frente, com os braços cruzados sobre o peito.

Ela suspirou. "O que você quer, Dana?"

"Não pude deixar de notar você conversando com alguém enquanto os guardas estavam concentrados no fogo. O que ele te deu?", perguntou Dana.

Seu coração batia forte de pânico, mas Khalani teve que disfarçar. "Não tem nada a ver com você." Ela a contornou.

"Eu sei que eram papéis", disse Dana. "Ele lhe deu informações sobre rotas de fuga ou a troca da guarda?"

"Não." Ela franziu as sobrancelhas ao se virar. "Não há como escapar de Braderhelm. Como é que eu sei disso e você não?"

“Para você não, não há.”

Khalani franziu a testa e parou no meio do caminho, mas Dana já tinha ido embora.

12

Um animal habita dentro de você, afiando suas garras contra o mundo.

“Isso não pode ser real.”

"Qual parte?", perguntou Winnie.

“Tudo isso”, exclamou Khalani.

Winnie parou de digitar e se remexeu na cadeira. "Por quê? Porque vai além das suas imaginações mais loucas?" Seus olhos brilharam de alegria. "Você só está começando a entender, querida. Nada é tão belo, cruel e implacável quanto a Terra."

Khalani franziu a testa, folheando o livro que Winnie lhe dera enquanto digitava anotações. O título era *Maravilhas Naturais do Mundo* — outro objeto que Winnie conseguiu roubar dos Arquivos.

"Isto. Bem aqui." Khalani virou o livro para que Winnie pudesse ver. Seus dedos agarraram com força as páginas longas e brilhantes. "Estas luzes no céu. É mágica?"

Winnie se inclinou para a frente e tocou o monóculo para olhar mais de perto. Ela olhou para Khalani com um sorriso peculiar. "É a aurora boreal. Costumavam chamar de Luzes do Norte. Não é mágica, é ciência. Mas a ciência é tão louca que às vezes a magia faz mais sentido."

Khalani ficou boquiaberta enquanto observava os diferentes tons. Ela acariciou delicadamente as páginas com os dedos, delineando as cores verde e azul como se quisesse estender as luzes ofuscantes para além dos limites da página. Tentando pintar uma magia distante e trazê-la à existência.

"Nunca imaginei que algo tão lindo existisse", sussurrou Khalani. Ela continuou a encarar a imagem, mas a cada segundo, a amargura e o desprezo se instalavam em seu estômago. "Mas quanto mais aprendo sobre a Terra, Winnie, menos quero saber. Tínhamos tudo naquela época, e agora... tudo se foi." Seu sorriso desapareceu ao saber que os humanos nunca mais contemplariam aquela perfeição.

"Não fique triste", Winnie notou o olhar desolado de Khalani. "Você ainda vive na Terra, não é? Foi levada para o espaço?"

"Bem, não. Mas—"

“Então não desista do seu planeta se ele não desistiu de você.”

Winnie fez um leve sinal para que ela continuasse lendo e se virou, continuando a digitar suas anotações.

A cada dia, Winnie lhe ensinava mais e mais sobre a Terra, um conhecimento que ela jamais sonhara em adquirir. Um mês havia se passado desde a limpeza das ruas da cidade. Durante esse tempo, ela se manteve colada a Serene, Derek e Adan, evitando qualquer encontro com Barron a todo custo. A tarefa era quase fácil demais, graças à intervenção e à ameaça constante de Takeshi Steele.

Khalani e Takeshi não se falavam desde aquele dia. A única vez que interagiam era um olhar ocasional dele quando ela saía da cela pela manhã e voltava à noite. Só isso. Nenhuma brincadeira ou cumprimentos simples eram trocados. Ela era uma pária social para ele.

Era melhor assim.

Ela permaneceu vigilante, sem nunca relaxar em Braderhelm. A única coisa que esperava diariamente era conversar com Winnie enquanto ouviam música. A essa altura, ela já tinha todas as músicas do álbum Grease decoradas.

Khalani virou o livro para uma imagem do Oceano Pacífico. A poça d'água era como um monstro azul-escuro que ameaçava engoli-la através da página. "As pessoas eram loucas por sequer pisarem no oceano. Grande demais e cheio de criaturas que poderiam te comer? Não, obrigada." Ela estremeceu.

Winnie riu baixinho. "Só porque algo é maior do que você não significa que seja assustador. Você precisa respeitar a natureza e o poder dela. Se Winnie pudesse viajar no tempo, esse seria o primeiro lugar que ela visitaria, e depois iria ao cinema."

"E assistir Grease?" Um sorriso iluminou o rosto de Khalani, uma raridade antes de conhecer Winnie. Ela sorria mais na prisão do que fora dela.

A vida tinha um senso de humor perverso.

Os olhos de Winnie brilhavam de entusiasmo. "Minha querida, eles exibiam muitos filmes, não só Grease. Centenas e centenas sobre amor, guerra, perda, ganância, felicidade... Winnie assistia *a tudo* ."

Khalani balançou a cabeça, incrédula. "Por que Apolo impediu tudo isso? Por que nos proíbem de ouvir ou ver obras de arte do Grande Colapso? Por que trancam todos os artefatos nos Arquivos?"

Khalani se lembrava dos olhos furiosos do Mestre Juiz, mas nunca entendeu por que a poesia era contrabando. Nada do que ela lia era perigoso. A pergunta queimava em sua mente, mas ela tinha medo de pronunciá-la em voz alta e descobrir a verdade.

A verdade pode ter sido mais difícil de aceitar.

Winnie deu um suspiro profundo e se virou para ela. "Você contou para a Winnie que o Douglas te deu a poesia, certo?"

Ela assentiu.

"Por que você não entregou o livro imediatamente quando soube que era do Arquivo? É a lei, não é?"

Khalani passou a mão pelos cabelos. "Não sei. Talvez eu devesse ter lido. Mas quando li o livro, pareceu errado desistir; eu sabia que as páginas desapareceriam e não queria isso."

"Por quê? O que isso te fez sentir?", insistiu Winnie.

Ela baixou a cabeça. "Algumas pessoas podem pensar que eram apenas palavras num papel... mas para mim era mais do que isso. Cada página era uma expressão de toda a esperança e desespero da minha vida, como se os pensamentos do autor fossem uma extensão de mim. Isso provavelmente soa idiota."

Winnie balançou a cabeça enfaticamente. "Não, não, querida. Continue! Se você tiver um pensamento, faça um favor à sua mente e diga-o, para que ela não precise guardá-lo para sempre."

Khalani fez uma pausa, tentando encontrar as palavras certas. “Não sei. Foi estranho. Pela primeira vez... me senti viva. Não temporariamente, também. Aquela merda ficou comigo. Como se o livro estivesse me inspirando a criar uma obra-prima. Mesmo na prisão.”

Winnie bateu palmas num grande "Aha!". "Exatamente! A última coisa que os Conselheiros da Apollo querem é que seus cidadãos se tornem inspirados e criativos. Eles querem que seu povo permaneça satisfeito. Obediente. A arte tem a capacidade de encorajar e galvanizar as pessoas a desejarem mais. Eles não podem ter isso."

Sua testa se enrugou. "Por que querer mais seria algo ruim? Se unirmos mais mentes, poderemos descobrir como construir um Gênesis maior para todos, não apenas os ricos. Quando todos nós migrarmos lentamente para a superfície novamente, sob uma cúpula maior, muitos problemas serão resolvidos."

A expressão de Winnie se contorceu, e seus olhos demonstravam uma dor ainda maior. "E se ele não quiser que nossos problemas sejam resolvidos? Você continua presumindo que ele quer que a gente sobreviva."

O reconhecimento transpareceu em seu rosto. "O Governador? Eu sei melhor do que ninguém que ele é maligno e só pensa em seus próprios interesses. Mas esses interesses ainda são a segurança de Apollo. Eles precisam pelo menos dos nossos cientistas, engenheiros e fazendeiros, ou nenhum de nós conseguiria sobreviver. Certo?", implorou ela, esperando ansiosamente que Winnie concordasse.

“Certo?” repetiu Khalani.

Winnie olhou para as próprias mãos, brincando com elas enquanto sua boca se curvava para baixo. O silêncio ecoou pela sala. Winnie abriu a boca para falar, mas o alarme soou no ar, sinalizando o fim do turno da tarde.

"É melhor você ir, Khalani." A expressão de Winnie ficou abatida.

"O que você ia dizer, Winnie?"

"Nada. Nada que valha a pena mencionar." Winnie fez um gesto de desdém, mas um lampejo de tristeza surgiu em seus olhos. "Winnie não quer que você se atrase. Vá, querida."

Khalani permaneceu ali, sem querer encerrar a conversa, mas relutantemente se dirigiu à porta. Virou-se para desejar um bom dia a Winnie, mas algo a impediu. Lágrimas escorriam pelo rosto de Winnie, e seus ombros se curvaram enquanto ela olhava para a pintura do homem de túnica branca.

Ela hesitou, quase mudando de direção para consolar Winnie e descobrir o que estava errado, mas pensou melhor. Quando Khalani estava triste, queria ficar sozinha. Ela saiu lentamente, dando espaço a Winnie. Durante todo o caminho até o fosso, seu rosto se contorceu em pensamentos enquanto tentava descobrir quem era o homem de túnica branca na pintura.

Quando Khalani entrou na arena, o clamor imediato de gritos e aplausos irrompeu da área de luta. Muito mais do que o habitual. Aliás, todos na arena pareciam estar aglomerados no centro, em plena atenção.

Os olhares de Khalani e Serene se encontraram, e eles avançaram em direção à multidão. Encontraram Derek e Adan do lado de fora, esticando o pescoço para espiar o montículo de luta.

“Adan, o que está acontecendo?” perguntou Serene.

Adan se virou para eles, com uma excitação selvagem nos olhos. "É o Zoneador da Morte. Um guarda o desafiou para lutar no fosso."

Havia apenas um membro da Zona da Morte escondido em Braderhelm, e ele já era infame. Ele foi condenado à prisão logo após a limpeza das ruas. A coincidência não escapou a Khalani. Ele devia ser o mesmo membro da Zona da Morte sobre quem os membros do conselho sussurravam cautelosamente em torno do Governador Huxley.

Serene conseguiu descobrir seu nome, Brock, mas nada mais. Ninguém sabe o crime que ele cometeu.

Ela ouviu várias teorias nas últimas semanas: tentar fugir para Hermes, matar outro Death-Zoner, conspirar para roubar todos os trajes de radiação e tentar bombardear Apollo eram algumas de suas favoritas.

Alguns prisioneiros corajosos se aproximaram de Brock e perguntaram por que ele havia sido condenado a Braderhelm e sobre sua experiência na superfície. Ele nunca respondeu e, depois de quebrar o nariz de um prisioneiro por ficar muito tempo, a maioria das pessoas o ignorava.

“Ah, preciso ver isso.” Serene agarrou a mão de Khalani e a puxou pela multidão.

Existem poucas situações em que ser baixo é uma vantagem distinta, mas passar por uma multidão enorme é definitivamente uma delas.

“Desculpe, desculpe”, ela continuava dizendo enquanto esbarravam nos prisioneiros.

Serene foi menos educada. "Mexam-se, pessoal."

Eles finalmente se espremeram para a frente. Os aplausos eram tão altos que quase abafaram seus pensamentos. Diante de Khalani, os braços musculosos de Brock estavam cruzados sobre o peito, uma expressão fria estampada no rosto, com cabelos loiros cortados rente ao couro cabeludo. Ele não era o que Khalani chamaria de bonito, mas se portava de uma maneira que fazia você temê-lo e respeitá-lo ao mesmo tempo.

Não havia um pingo de gordura nele. Era puro músculo e tinha bem mais de 1,80 m, o que seria extremamente intimidador se não fosse pelo oponente.

O guarda que ele enfrentava era um monstro. O peito do guarda estava nu e seus ombros pareciam montanhas. Ele não conseguia nem abaixar os braços completamente ao lado do corpo. Eles eram colossais. Apesar da altura imensa de Brock, o guarda era vários centímetros mais alto e mais corpulento.

"O Death-Zoner está entrando no fosso para lutar *com ele* ? O cara deve querer morrer", murmurou Serene.

Khalani avistou Takeshi Steele parado na extremidade oposta do círculo, ladeado por vários guardas. Seus olhos tempestuosos de repente se voltaram para os dela, como se ele pudesse sentir seu olhar. Seu pulso acelerou, mas ela se recusou a ser a primeira a recuar. Era a última vez que se encaravam em semanas.

O olhar aquecido de Takeshi se estreitou com irritação, e ele quebrou o contato, voltando sua concentração para os dois homens à sua frente.

Algumas coisas nunca mudam.

O Death-Zoner e o guarda gigantesco se prepararam para se enfrentar, e o fosso se iluminou mais do que a celebração do tricentenário de Apollo.

“Vamos, Brock!!” gritavam os prisioneiros.

"Rasgue-o em pedaços, Brock!"

"Mate-o!!!"

Os gritos se transformaram em um rugido constante, e Khalani tapou os ouvidos com as mãos para abafar um pouco o barulho. O guarda gesticulou para que a multidão os silenciasse, e eles estranhamente obedeceram, com toda a atenção voltada para os dois homens.

"Você vai morrer, Death-Zoner. E eu estou mais do que feliz em ser seu carrasco." O guarda apontou para Brock, seu barítono grave rivalizando com a profundidade de Braderhelm.

Os olhos do Death-Zoner escureceram.

"Já estive às portas da morte muitas vezes. Eu chamo isso de lar." Com isso, Brock agachou-se e inclinou o corpo para o lado, erguendo os punhos contra o rosto.

O guarda gigante sorriu ironicamente em resposta e avançou. Não se preocupou em virar o corpo para o lado como Brock e parecer menor. Encarou-o de frente e desferiu um golpe enorme em seu rosto. Brock desviou do punho sem esforço e recuou, com as mãos coladas à frente do rosto.

Não havia mais espaço para silêncio no fosso. A multidão foi à loucura, e todos ficaram fascinados com a cena à sua frente. Até o coração de Khalani batia acelerado.

Brock se moveu sobre os pés e cambaleou alguns passos para a frente, ainda inclinado para o lado. Com um grunhido enfurecido, o guarda disparou novamente, e Brock se abaixou para a esquerda, contra-atacando rapidamente com a mão direita, acertando o guarda no rosto. O guarda nem se mexeu e golpeou com o outro punho novamente.

Brock se inclinou para trás rapidamente e caminhou pelo círculo, encarando o oponente de um ângulo diferente. Brock estava de costas para Khalani, e ela só conseguia se concentrar no fogo e na fúria nos olhos do guarda. O guarda gritou e investiu contra Brock com todo o corpo. Brock mergulhou e rolou para a esquerda.

Impaciente, o guarda se enfureceu e investiu contra ele novamente. Brock girou o corpo e pulou, com a perna girando, o pé batendo no pescoço do guarda. O guarda recuou, atordoado, tentando sacudir a cabeça com o impacto, mas suas pernas começaram a tremer.

O rugido da multidão atingiu o ápice quando o guarda tentou desferir um soco, mas estava visivelmente instável devido ao chute de cair o queixo. Brock facilmente desvencilhou a mão e o acertou em cheio no queixo.

O guarda abaixou as mãos, cambaleou para trás e Brock partiu para matar.

Ele se moveu rapidamente para trás do guarda e o chutou na parte de trás das pernas. O guarda caiu de joelhos, e não havia nenhuma emoção no rosto do homem da Zona da Morte quando ele se inclinou para frente, envolveu a cabeça do guarda com os braços e estalou seu pescoço. Os olhos do guarda ficaram sem vida enquanto ele desabava no chão.

Morto.

O Zumbi da Morte expirou pesadamente enquanto olhava para o corpo, com os olhos brilhando de malícia. Todos pareciam respirar com apreensão junto com

ele. Sem dizer mais nada, Brock saiu da arena de luta.

Com seu movimento, uma explosão de aplausos reverberou pelo salão como um estrondo sônico.

Khalani ficou paralisada, olhando para o corpo do guarda morto. Ela nunca tinha visto alguém ser assassinado diante de seus olhos. Khalani *sentiu* o estalo do osso como se o dano fosse seu. Foi horrível e fascinante, e a multidão se deleitou. Até Serene, ao seu lado, batia palmas lentamente para Brock, em choque e admiração.

Takeshi acenou para os dois guardas ao seu lado, e eles se abaixaram até o guarda morto. Khalani estremeceu ao ver o ângulo anormal do pescoço dele enquanto os guardas arrastavam seu corpo sem vida para fora do monte. Ela sentiu o olhar de Takeshi sobre ela, mas não conseguia encará-lo, concentrada demais na cena violenta.

“Algum outro lutador?” gritou um prisioneiro.

As pessoas aplaudiram, e a energia fervilhava de excitação e adrenalina. Khalani duvidava que alguém quisesse entrar na arena depois daquele assassinato, e ela não tinha estômago para suportar outra apresentação sangrenta.

Ela finalmente desviou o olhar e se virou para Serene. "Vamos, vamos sair daqui."

O rosto de Serene ainda brilhava de alegria. "Droga, nada vai superar isso. É, vamos lá."

Khalani começou a se virar, mas um grito ecoou em resposta. Palavras que a fizeram cair como um bloco de cimento em seu estômago e a prenderam ao chão.

“Desafio o Prisioneiro 317 para uma luta!”

Todo o seu corpo ficou tenso enquanto ela se virava lentamente. Dana estava parada no meio do fosso. Seus braços musculosos estavam cruzados sobre o peito e um sorriso maroto se estampou em seu rosto. O peso do olhar de cada prisioneiro e guarda a atingia. O silêncio era palpável.

Khalani engoliu em seco, com a garganta subitamente seca. "O que é isso, Dana?"

Dana deu de ombros. "Você se recusa a responder às minhas perguntas, e é isso que acontece. Em Braderhelm, você paga com sangue."

Várias pessoas assobiaram e aplaudiram, incitando a briga entre duas prisioneiras. Depois de assistir à demonstração brutal de Brock, o último lugar em que ela queria estar era no monte em frente a Dana. Khalani nunca havia lutado, e Dana era trinta centímetros mais alta que ela. Ela até apostaria contra si mesma.

Ela olhou para Takeshi, e sua expressão era dura como pedra. Ela o notou balançar a cabeça imperceptivelmente, como se lhe dissesse para não se envolver.

"Eu não aceito", afirmou ela com firmeza. Várias pessoas vaiaram e a xingaram com palavras escolhidas. Khalani ignorou a tagarelice insensível e se manteve firme.

A boca de Dana se contorceu em um sorriso cruel, e ela tirou uma pequena foto do bolso que cravou uma adaga no coração de Khalani. Era a foto dos seus pais. A única foto que ela tinha deles. Cada músculo do seu corpo se contraiu.

Como ela conseguiu isso?

Dana virou o verso da imagem para seus escritos. Ela riu. Parece que alguém andou chorando até dormir à noite. Escrevendo no seu diário como um bebê. Isso é triste, até para você. É melhor que seus pais morram, para não verem o que a filha patética deles se tornou quando cresceu.

Dana segurou a foto na frente dela e rasgou o item mais precioso que possuía em vários pedaços.

O rugido surdo da risada invadiu seus sentidos enquanto a imagem destroçada de seus pais flutuava até o chão. Ela não conseguia se mexer. Mal conseguia respirar. Seus ouvidos latejavam e todo o sangue subiu à cabeça enquanto seu corpo se mantinha em choque silencioso. Sua visão se estreitou e escureceu.

Os pedaços espalhados pelo chão, como peças de um quebra-cabeça que jamais poderiam ser remontadas, gritavam no abismo oco de sua mente. A emoção começou lentamente a se transformar em algo mais profundo e caótico. Mais mortal.

Seus punhos estavam tão cerrados que os nós dos dedos pareciam saltar da pele. Ela se lembrava vagamente de Serene puxando seu braço. Mas sua atenção não estava lá. Ela tinha visão limitada. Dana era o único objeto de sua atenção e, naquele momento, ela a queria morta.

Sem dizer uma palavra, Khalani desceu até o monte de luta.

Khalani olhou para os pedaços quebrados no chão. A última coisa com que ela se importava no mundo estava destruída, e a raiva era apenas mais uma entidade ao seu lado. Não havia pensamento. Nenhuma lógica. Nenhuma estratégia. Apenas uma necessidade inata de sofrer.

Ela se posicionou no centro e ergueu os punhos. As risadas da multidão se transformaram em aplausos violentos, mas ela bloqueou o som. Seu único objetivo era infligir o máximo de dor. Cada centímetro de seu corpo se contorcia em agonia, como se cada momento doloroso de sua vida se repetisse como um chicote rompendo a pele.

Dana a circulou lentamente. Khalani se moveu na direção oposta, com os olhos fixos em seu alvo, desejando que seu sangue cobrisse o chão ao lado dos pedaços dilacerados de seu coração.

“Vamos, Dana!!”

“Vamos, Khalani!”

Ela se aproximou arrastando os pés — não tão graciosamente quanto Brock — e tentou dar o primeiro soco no rosto de Dana. Não sabia como socar direito, apenas fechou o punho com força e balançou para cima, gritando. Khalani balançou com tanta força, colocando todo o corpo no golpe, que errou, e seu soco só colidiu com partículas de ar.

Dana se moveu para a direita e retaliou com um violento gancho de direita. Seus punhos atingiram a cabeça de Khalani, atingindo-a no ouvido. Ela imediatamente perdeu o foco e cambaleou para trás. A dor não foi registrada. Ela tinha muita adrenalina fluindo por ela.

Ela recuperou o equilíbrio e avançou, desferindo um golpe certeiro. Dana se esquivou sem esforço. Dana desferiu um contra-ataque que fez Khalani girar para fora do círculo.

Sangue escorria pelo seu nariz e manchas cinzentas entravam em sua visão.

Ela tentou recuperar o fôlego, mas os prisioneiros atrás dela se inclinaram e empurraram Khalani de volta para o centro. Ela cambaleou para a frente e não viu o punho atingindo seu nariz, derrubando-a no chão.

A multidão rugiu.

"Acabe com ela!"

"Acabe com isso!"

“Levante-se, Khalani!!”

Ela ainda podia lutar. Não podia deixar Dana escapar impune.

Não desista.

Não desista.

Khalani cuspiu sangue enquanto permanecia de pé com as pernas trêmulas.

A multidão gritava em um volume ensurdecedor, e ela vagamente reconheceu Takeshi parado do lado de fora com uma expressão assustadora. Ela pensou tê-lo visto apontando para o chão como se estivesse lhe dizendo para ficar abaixada. Mas não tinha certeza se ele fez isso porque a sala estava começando a girar. Por que três Danas estavam de repente parados diante dela?

Ela balançou a cabeça, tentando clarear a visão. Dana estendeu a mão à sua frente, gesticulando como se dissesse: "Venha até mim".

Ela ergueu os punhos e empurrou para a frente, deixando os espectadores enlouquecidos. Dana deu um sorriso feio quando Khalani abaixou a cabeça e avançou. Desta vez, ela tentou empurrar Dana para o chão com o corpo. Parecia um plano razoável em sua cabeça, mas Dana usou o peso do corpo de Khalani contra si, jogando-a no chão sujo.

Ela estava de quatro, e gotas frias de sangue escorriam pelo seu rosto. As gotas vermelhas caíam no chão — a fraqueza abandonando seu corpo — em câmera lenta. As gotas grossas caíam em cascata ao seu redor, como a foto de seus pais.

Quando rachou e rasgou, era ela quem estava realmente se despedaçando.

Um pé atingiu seu rosto e ela não conseguiu mais ver nada.

13

Quando você enfrentar a morte, dê minhas condolências ao desgraçado frio.

Bip...bip...bip.

Como um sussurro distante, o ruído incessante ficou vagamente mais alto. Khalani sentiu como se alguém tivesse perfurado seu crânio. Seu peito se apertou com força considerável, como se alguém a estivesse empurrando ativamente para a cama.

Era ali que ela estava deitada, numa cama.

Seus sentidos retornaram lentamente. Ela levantou a mão e encontrou resistência. Khalani abriu os olhos, e uma luz branca incandescente pairou sobre sua cama, quase a cegando.

Se aquilo fosse o paraíso, ela rezou para que Deus tivesse analgésicos disponíveis.

Ela estremeceu, tentando se sentar, mas seu corpo caiu de volta na cama, derrotada, enquanto a exaustão a dominava. Fios finos envolviam suas mãos e uma agulha de tamanho considerável estava inserida em sua veia, com fita adesiva. Ela emitiu um som de dor, e alguém próximo a silenciou calmamente.

"Você está bem."

A voz soava terrivelmente familiar, mas, naquele momento, ela não conseguia se lembrar de quem era. Mal se lembrava do próprio nome. O som de passos ecoava cada vez mais longe, até que Khalani percebeu que estava sozinha.

As lembranças retornavam gradualmente a cada segundo. O estalo de um pescoço quando Brock matou o guarda, Dana rasgando a foto dos pais e o chute forte de uma bota na cabeça.

Uma porta se fechou ali perto, e Khalani ficou tensa ao ouvir mais passos ecoando ao fundo. Dois rostos apareceram na esquina. Seus olhos se arregalaram em choque ao ver que um deles pertencia a Takeshi Steele. Rugas de expressão marcavam seu rosto, e traços de preocupação estavam ocultos em sua expressão sombria.

O outro homem era um pouco mais velho, com cabelos brancos e olhos gentis. Usava uma túnica branca e, ao contrário da maioria dos habitantes de Braderhelm, lançou-lhe um sorriso caloroso. "Olá, Khalani. Sou o Dr. Francis. Como está se sentindo?"

"Onde estou?" ela resmungou.

Suas sobrancelhas se franziram. Várias camas como a dela estavam enfileiradas. Ela parecia ser a única paciente. As camas eram de um branco brilhante, e uma mistura de placas de aço e instrumentos jaziam espalhados pelo quarto, contrastando com as paredes escuras da caverna.

“Você está na ala médica. Geralmente, eu só trato guardas, mas ocasionalmente examino os presos em busca de sinais de doenças infecciosas.

Você foi trazido a mim esta manhã devido aos seus ferimentos. E você tem sorte por isso”, disse o Dr. Francis.

Sua testa se enrugou em confusão, e ela tentou se sentar novamente, mas uma dor lancinante a atingiu como se estivesse sendo estripada. Ela gemeu e caiu de costas no travesseiro.

“Você gostaria que eu levantasse a cama para você enxergar melhor?”, perguntou o Dr. Francis.

“Sim, por favor.”

Ele apertou um botão, e a cama ronronou audivelmente enquanto ela se movia para cima, meio sentada, meio deitada. Khalani tentou mexer o pescoço para enxergar melhor e se encolheu visivelmente.

"Eu tentaria não me mexer muito. Você levou uma surra." A Dra. Francis estudou um monitor que exibia seus sinais vitais e digitou anotações em uma tela portátil.

Você tem várias lacerações no rosto e sofreu uma concussão, mas não há sangramento no cérebro. Com a concussão, você pode sentir mais vômitos, tontura e uma forte dor de cabeça nos próximos dias. Mas com repouso adequado e tempo para que os cortes e hematomas cicatrizem, você ficará bem.

Khalani demorou um pouco para processar as palavras. "Há quanto tempo estou inconsciente?"

“Um dia”, respondeu Takeshi antes que o médico pudesse responder.

Khalani cambaleou para trás, em estado de choque, e aquele leve movimento lhe causou uma enxaqueca infernal. Sua cabeça latejava como se alguém estivesse brincando de bater na toupeira com uma marreta.

"Você pode dar algum outro analgésico a ela?", perguntou Takeshi ao médico.

"Ela já atingiu o limite máximo que podemos dar a um prisioneiro de Braderhelm." Dr. Francis hesitou ao ver o brilho de indignação nos olhos de Takeshi.

"Certo." Dr. Francis engoliu em seco, nervoso. "Tome isso."

Ele entregou a Takeshi um frasco de comprimidos brancos. "Tem uns dez comprimidos extras no frasco. Ela pode tomar de um a dois comprimidos depois de comer. Não conte a ninguém que eu te dei isso", disse o Dr. Francis a Takeshi, que assentiu solenemente.

"Entendido, doutor. Obrigado pela ajuda com K... o prisioneiro."

Ele estava prestes a dizer o nome dela? Ela olhou fixamente para Takeshi, mas ele a ignorou. Agora ele escolhe ignorá-la.

"Claro, Capitã." O médico se virou para ela. "Infelizmente, só posso mantê-la aqui por mais algumas horas antes que surjam questionamentos sobre um prisioneiro estar aqui há muito tempo." Ele suspirou, lançando-lhe um olhar de desculpas.

"Já disse ao Capitão Steele que você precisa descansar. Isso significa sem turnos e repouso absoluto. O Capitão Steele ou outro prisioneiro trará suas refeições. Em dois dias, quero que você volte aqui, e darei o sinal verde final para que retome suas tarefas normais", concluiu o Dr. Francis.

Ela não estava particularmente animada por ficar presa na cela o dia todo, mas poderia ser pior. Ela poderia estar morta.

“Obrigada, doutor.” Ela tentou sorrir, mas desistiu quando os músculos da

bochecha doeram com o movimento.

O Dr. Francis assentiu gentilmente e saiu da sala, deixando-a com Takeshi Steele. Sozinhos.

Eles não se falavam há semanas, e a energia estranha no quarto era evidente. Era difícil ler suas emoções, pois a máscara dura estava sempre presente. Khalani queria se encolher na cama e desaparecer.

"Seja honesta comigo", ela suspirou. "Como estou feia?"

“Você quer a verdade?”

"Não, eu quero que você minta. Sim, a verdade."

Takeshi sentou-se numa cadeira preta em frente à cama, esticando as pernas compridas à sua frente. "Você parecia melhor. Muito melhor. Você está com uma cara horrível", acrescentou.

Poupar sentimentos não fazia parte da personalidade deslumbrante dele, mas ela achou a honestidade dele hilária naquele momento. Uma risada dolorida escapou dela; era a primeira vez que Khalani não detestava sua presença irritante.

A expressão severa dele não mudou, e o riso dela foi sumindo aos poucos. "O que aconteceu depois que eu fui nocauteado?"

"Permiti que dois dos prisioneiros com quem você conversa frequentemente a carregassem de volta para sua cela. Esta manhã, você não acordou para o seu turno da manhã. Quando verifiquei dentro da sua cela, notei que você vomitou várias vezes e estava entre a consciência e a inconsciência." A mudança de olhar firme no olhar dele fez o pulso dela acelerar. "Eu tomei a decisão de carregá-la até aqui."

Sua boca se abriu em surpresa. Takeshi a carregou? Ela não se lembrava de ter acontecido. De todas as pessoas, ela esperava que ele a deixasse.

“Por quê?” ela sussurrou.

Ele abriu a boca e hesitou. O silêncio se intensificou como uma corrente violenta ameaçando separá-los. Seus olhos se desviaram rapidamente, e a voz fria de Takeshi o interrompeu. "Seria inconveniente para um novo prisioneiro morrer no meu quarteirão. É mais papelada."

Ela piscou diante das palavras cruéis dele e fechou a boca de repente. Era só isso que ela era. Uma inconveniência. Mas não podia esperar mais dele. Ele já tinha feito mais do que o necessário ao trazê-la para cá. Ela deveria ser grata.

Mas por que suas palavras doeram tanto?

Ela pigarreou. "Bem, hum, obrigada mesmo assim. Não quero te incomodar mais, então você não precisa ficar. Não que precise da minha permissão."

Os lábios dele se contraíram numa linha áspera, e ela ficou surpresa com a agressividade que emanava dele. Como se ele a estivesse dissecando mentalmente em pedaços.

"O que diabos você estava pensando?" Ele não levantou a voz. Falava muito devagar e com calma, e, de alguma forma, isso era pior.

"O que?"

“Por que você concordou em lutar no fosso?”

Khalani engoliu em seco ao lembrar-se de Dana arrancando seu coração. "Eu não tive escolha."

Takeshi se inclinou para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos. "Errado.

Ela te provocou, e você caiu."

Khalani respirou fundo, com a emoção à flor da pele. "Se você soubesse o que eu senti quando ela rasgou aquela foto. O quanto isso significou para mim", sua voz falhou.

Ela fez o possível para se manter firme, mas há um limite para as maneiras pelas quais um ser humano pode se curvar antes de se quebrar. Takeshi não disse nada. Ele a observou atentamente enquanto ela estava prestes a se despedaçar novamente.

“Se alguém o humilhasse e destruísse o único objeto que lhe restava da sua família, o que você faria?”, ela perguntou a ele.

“Eu os destruiria.”

“Então você deveria saber o porquê.”

Ela queria que Takeshi concordasse com ela, por mais estúpida que fosse essa ideia. Ela queria que alguém, qualquer um, a *ouvisse* .

"Nós não somos iguais." Ele a prendeu sob seu olhar implacável. "Quando entro em brigas, Kanes, eu as acabo. Você achou que venceria?"

Khalani hesitou. Ela não estava concentrada em vencer. Tudo o que queria era machucar Dana da mesma forma que ela havia sido machucada. Mesmo que isso a matasse.

Ele viu a resposta nos olhos dela.

"É exatamente isso que eu quero dizer." Ele se recostou. "Você é descuidado com a sua vida. Se não deixasse as emoções atrapalharem seu julgamento, não estaria deitado aqui."

Ela encarou as capas brancas e opacas, desejando desaparecer em suas profundezas. Não conseguia mais olhar para ele, porque ele estava certo. Takeshi via demais. Expunha suas falhas mais profundas como se sua mente fosse um roteiro.

Ela era descuidada com a própria vida porque, para ela, isso não importava de qualquer maneira. Tudo já estava perdido. Ela quase resolveu resolver a situação e acabar com tudo em Braderhelm. Muitas vezes.

Mas havia algo que sempre a impedia.

Uma voz baixa, mas persistente. E quanto mais ela falava com Winnie, mais alta ela se tornava. Como se os ecos dos muitos que morreram antes dela gritassem sua discordância de forma bombástica. Dizendo-lhe para acordar.

Acordar.

"Kanes?" Takeshi perguntou suavemente, interrompendo seus pensamentos.

"Sim?"

Os olhos magnéticos dele capturaram os dela, e ela se perdeu em um mar de escuridão. Ela sentiu sua raiva sombria, mas sentiu um pouco dela se dissipar lentamente. "Para que conste, mesmo que eu ache o que você fez estúpido, você demonstrou coragem lá embaixo."

O elogio a assustou e ela se endireitou.

"Realmente?"

"É", ele suspirou. "Não necessariamente fraco. Apenas irracional, ilógico e mal-humorado."

Ela revirou os olhos. "E você só me irrita quando está respirando, sério."

O canto do lábio dele se ergueu, e ela fingiu choque. "Eu não sabia que o

Capitão de Braderhelm era capaz de sorrir."

“Olhar para seu rosto nesse estado melhorou meu senso de humor.”

A expressão sombria de Takeshi retornou, mas, por um instante, a hostilidade no ar se dissipou, como se uma estranha paz residisse no desdém mútuo que sentiam um pelo outro. Após alguns segundos de silêncio confortável, sua calma se dissipou. A testa de Takeshi se enrugou enquanto ele a encarava.

O que ele estava pensando?

"Preciso ir." A expressão de Takeshi endureceu ao se levantar. Sua energia se tornou distante, como se ele estivesse a mil quilômetros de distância em vez de a poucos metros.

Khalani o observava enquanto ele ajustava as armas em volta da cintura. Era como se o Capitão Steele e Takeshi Steele fossem duas pessoas diferentes, um pronto para infligir dor e o outro um mistério silencioso. Mas ambos eram assassinos treinados, capazes de dominar qualquer oponente. Seus olhos brilharam, uma ideia se formando.

"Posso te perguntar uma coisa?"

Takeshi ficou imediatamente desconfiado. "O quê?"

"Todo mundo me viu perder aquela luta. Algumas pessoas — certamente Dana — vão achar que sou um alvo fácil agora, certo?"

Ele fez uma pausa. "Possivelmente."

“Quero estar preparado para enfrentar qualquer coisa e não me encontrar aqui novamente.”

Ela havia sido arremessada, lançada pelo ar e forçada à submissão tantas vezes que o tormento era a única consistência em sua vida. Ela se agarrou à dor e a apertou contra o peito até que se tornasse parte de sua identidade. Khalani estava tão perturbada que desconfiava das pessoas que não a machucavam. Mas uma mudança estava ocorrendo. A raiva profunda estava se transformando, implorando para que ela recuperasse o controle e começasse a lutar em vez de aceitar o destino cruel da vida.

O maxilar de Takeshi se contraiu enquanto ele a encarava friamente. Provavelmente porque ele entendia aonde ela queria chegar com aquilo. Ela não queria pedir ajuda — nunca imaginou que estaria naquela situação —, mas Khalani respirou fundo e mergulhou em território desconhecido.

"Você pode me ensinar a lutar? Pelo menos a me defender?"

“Não”, respondeu Takeshi, indo embora.

Ela tentou se sentar, mas fez uma careta quando seu corpo se recusou. "Espere. Por favor..."

Ele parou de andar, com as mãos fechadas ao lado do corpo.

"Eu seria um bom aluno. Você pode ao menos me dar uma chance?"

Takeshi soltou um suspiro profundo e se virou para ela. "Vou deixar a pergunta inapropriada de lado por causa da sua concussão. Você está claramente confusa sobre a nossa dinâmica. Não estou aqui para te salvar. Se você tentasse algo estúpido contra mim, eu seria forçado a te matar."

“Eu não faria nada estúpido.”

Ele não pareceu convencido e olhou para a porta como se fosse ele quem iria fugir.

“Se alguém perguntar, você garantirá que seu prisioneiro permaneça na linha

e não precise desperdiçar mais recursos da prisão ou seu tempo indo novamente à ala médica.”

Ela estava muito orgulhosa de si mesma por ter tirado esse raciocínio do nada.

Ele abriu a boca para, sem dúvida, rebatê-la novamente, mas ela o interrompeu, precisando atacar enquanto a situação estava quente. "E se o Guarda Barron tentar retaliar contra mim, preciso de treinamento para me defender."

"Ele já foi avisado." Takeshi cerrou os dentes, a virulência em sua declaração se intensificando. "Posso garantir que isso não vai acontecer."

Khalani discordou. "Mas se ele não me ouvir, ele vai me matar."

“Não é meu trabalho me importar.”

Sua boca se fechou bruscamente. As palavras dele causavam dor como se estivessem impregnadas de veneno. Estúpido. O que ela precisava aprender era a arte de colocar a boca sobre a cabeça e engolir.

"Tudo bem. Eu entendo. Desculpe por ter perguntado." Khalani tentou disfarçar a mágoa enquanto se afundava na cama. Ela aceitou seu destino e esperou que ele fosse embora. Mas ele não foi.

Takeshi não piscou nem recuou. Ele a encarou fixamente, como se ela estivesse sob um microscópio, sem nenhum sinal de seus pensamentos. Se a mente dela era um livro aberto, a de Takeshi estava encerrada em um cofre trancado no fundo do oceano. Cercada por tubarões.

" *Tudo bem* ", rosnou Takeshi, endireitando o peito. "Este é o seu funeral, Kanes. Assim que receber a autorização do médico, começaremos." Ele franziu a testa, claramente insatisfeito com a situação.

Ela se endireitou, arregalando os olhos de surpresa, mas não perderia a oportunidade. "Certo. Estarei pronta."

"E o que acontece se você tentar alguma coisa estúpida no treinamento?" Uma torrente de violência pairava em sua expressão rígida.

"Você vai me matar. Eu entendo", repetiu Khalani, tentando minimizar sua expectativa.

"Para o seu bem, é melhor que sim."

"Capitão Steele?" ela perguntou antes que ele pudesse sair.

"O quê?" Takeshi retrucou, interrompendo seus passos.

"Obrigado."

"Não." Ele girou a cabeça, a corrente negra em seus olhos se aprofundando. "Não Diga que está agradecido até eu terminar com você. Só então você vai falar sério."

14

A coragem está em se expor ao universo.

Khalani olhava fixamente para o teto de sua cela. Rachaduras se apresentavam em rígidas deformações. Quando ela apertava os olhos, as rachaduras se moviam como uma ondulação cromática de água. Verdes. Azuis. Até vermelhos. Uma série de imagens arrancadas de sua mente e refletidas no teto. Um sorriso brincava em seus lábios.

Ah. Lá está.

A aurora boreal brilhava na superfície rochosa, em cascata e efervescente, como uma onda pacífica do oceano que cobria sua alma de serenidade. Exatamente como o livro que Winnie lhe dera, mas, desta vez, era uma criação sua.

O som de passos se dissipou e a imagem se dissipou. Khalani sentou-se ansiosamente em sua cela, esperando a passagem de um guarda. Cabelos azuis característicos apareceram, e ela não conseguiu conter o sorriso de dor no rosto.

“Ei, estranho.” Serene segurava um pequeno prato de comida com um sorriso.

"Eu não sabia que você viria", Khalani resmungou, ficando de pé com as pernas bambas.

Um dia inteiro se passou desde que ela saiu da ala médica. Takeshi a deixou na cela sem dizer nada e não veio vê-la desde que concordou em treiná-la. Ela não sabia se isso era bom ou ruim. Conhecendo-o, provavelmente era ruim.

Os olhos de Serene se arregalaram enquanto ela observava mais de perto o rosto machucado de Khalani. "Nossa. Que bom que você não consegue se ver."

Ela bufou e foi até o bar. "Tão ruim assim, né?"

“Como um experimento que deu errado.”

Khalani acenou com a cabeça para o prato. "O que é isso?"

"Ah." Serene o enfiou entre as grades. "Bom apetite."

Khalani olhou o conteúdo com cautela. Ela tinha quase certeza de que uma minhoca se movia na neve derretida. "Que delícia." Ela ergueu as sobrancelhas.

"Não te deixei completamente de mãos vazias. Consegui roubar um." Serene pegou uma fatia pequena de pão.

Sua boca imediatamente encheu-se de água ao ver aquilo.

"Você está brincando comigo!" Khalani agarrou o pão e quase se esqueceu de engolir, de tão rápido que mastigava. "Obrigada", murmurou ela com a boca cheia. Não se importava que o pão estivesse velho e frio. Naquele momento, era a melhor coisa que já havia comido.

Serene assentiu para as cicatrizes no rosto. "Como você está?"

“Dói, mas vou ficar bem.”

"Eu sei, mas... você está bem depois do que a Dana fez com a sua foto?" Serene hesitou. "Nunca te vi tão brava."

Khalani congelou. A imagem angustiante de seus pais se despedaçando se

repetia em sua mente. Repetidamente. Ela queria socar alguma coisa. As grades da cela. A parede. Qualquer coisa com forma física. Ela queria que seus punhos fossem produtivos. E precisava de Dana como receptora dessa produtividade.

Um nó se formou em sua garganta. "Como Dana entrou na minha cela?"

"Conversei com o Derek. Achamos que aconteceu no dia em que ela foi designada para limpar os banheiros." Os lábios de Serene se contraíram. "Deram a ela um passe temporário para cada cela do bloco."

Dana devia estar procurando os papéis que Charles lhe dera, mas já os havia entregado a Winnie. Olhou para a cama, pensando nos poemas que guardava escondidos embaixo. Será que nada dela estava seguro?

Serene leu a direção dos seus pensamentos. "Não vai acontecer de novo."

“O que te dá tanta certeza?”

"Ouvi Takeshi conversando com Dana depois que Adan e Derek te carregaram de volta para sua cela. Não foi nada bonito", disse Serene.

Khalani franziu a testa. "O que você quer dizer?"

"Ele disse a ela que se ela tentasse fazer algo parecido de novo, roubando da cela de outro prisioneiro, ele mandaria o Diretor transferi-la para o serviço de superfície. Você devia ter visto o rosto dela, Khalani, mais branco que um fantasma." Serene sorriu.

Ele realmente disse isso a ela? Khalani mexeu os dedos, perdida em pensamentos. Fazia sentido. Takeshi precisava garantir que roubos não fossem permitidos em Braderhelm. Essa era a única explicação lógica.

"Não entendo por que ela está tão brava comigo. Ela achou que eu estava atrapalhando ela com o Capitão Steele, seja lá o que isso signifique." Seus músculos ficaram tensos.

Serene arqueou as sobrancelhas em sinal de compreensão. "Nossa. Faz muito mais sentido agora."

"O que faz?"

Serene sussurrou através das grades: "Dana está tentando se aproximar do Capitão Steele para que ele possa ajudá-la a escapar. Alguns dos outros prisioneiros tentaram, e suas punições foram brutais. Ela deve pensar que você tem o mesmo plano."

"Ela realmente acha que isso vai funcionar?" Khalani lançou-lhe um olhar incrédulo.

"Claro que não", zombou Serene. "Mas os prisioneiros aqui fazem qualquer coisa, e eu quero dizer *qualquer coisa*, se acharem que isso os ajudará a escapar."

Fuga. Nenhum prisioneiro jamais escapara da Prisão de Braderhelm. O significado dançava nos confins de sua mente como um pássaro fugidio, há muito extinto. O alarme tocou e Serene desviou o olhar, decepcionada. "Preciso ir. Tente não morrer antes de te ver de novo."

"Obrigada, Serene. Eu seria má pessoa se dissesse que estou triste e feliz por você estar em Braderhelm?" A honestidade de Khalani a desconcertava.

Os olhos de Serene se iluminaram. "Se for, isso também faz de mim uma má pessoa."

Khalani não gostava de afeto físico. Ela odiava dar abraços como se fosse alérgica a eles, mas desejava que as grades desaparecessem. Em outro mundo,

ela abraçaria Serene por todas as vezes que ela ficou quando Khalani ficou cercada por si mesma por muito tempo. Em outro mundo, elas seriam livres.

Mas o único lugar onde a liberdade residia eram os sonhos. E a morte.

***

Khalani praticamente subiu correndo os degraus da biblioteca depois de receber a autorização do médico para retornar aos seus turnos. Seus nós dos dedos rasparam a porta, e ela entrou ao som suave da música. Uma voz masculina, carregada de melancolia, cantava sobre o aparelho:

"Ontem

Todos os meus problemas pareciam tão distantes

Agora parece que eles vieram para ficar

Ah, eu acredito no ontem."

Apesar de suas reservas, Khalani sentiu a boca se contorcer. Ela sentia mais falta disso do que imaginava. Seus olhos se fecharam e ela inspirou o aroma dos livros e o calor suave da biblioteca.

Winnie estava sentada à mesa enferrujada, de costas para Khalani. Ela estava curvada sobre um diário preto decrépito, com os cantos frágeis do livro rachados e dobrados.

Quantos anos tinha aquela coisa?

Khalani olhou de soslaio para a nova seleção de livros na mesa de Winnie. Os títulos mal estavam visíveis: O Grande Gatsby, E o Vento Levou, Orgulho e Preconceito.

Ela franziu a testa. Nomes estranhos.

“Ei, Winnie”, ela disse.

Winnie engasgou e jogou o diário para cima, surpresa. O objeto preto caiu no chão, em um monte, e Khalani estendeu a mão.

“Aqui, deixe-me pegar isso para você.”

"Não!", gritou Winnie, agarrando o diário às pressas. O rosto de Winnie empalideceu enquanto ela apertava o livro contra o peito. Ela se virou para o toca-discos e abaixou o volume. "Meu Deus, Khalani. Você quase matou a pobre Winnie de susto."

Khalani ergueu as palmas das mãos, cautelosa. "Eu não queria te assustar, Winnie. Finalmente fui designada de volta para cá. George te contou por que eu não pude vir?"

A rigidez nos músculos de Winnie diminuía a cada inspiração. Ela guardou o velho diário numa gaveta. "Sim, minha querida. George contou para a velha Winnie. Que coisa horrível que aconteceu. Você está bem? A Winnie pode te fazer um chá", Winnie ofereceu com preocupação nos olhos.

"Estou bem, Winnie. Prometo."

Os ombros de Winnie cederam de alívio. "Graças a Deus. Winnie estava tão preocupada com você. Ela está feliz que você voltou. O livro está indo muito bem. Winnie esperava testar seus ouvidos com algumas páginas, para ver se as palavras fluem." Winnie lhe deu um sorriso caloroso.

Khalani olhou para a gaveta onde Winnie guardou o diário às pressas. O fervor da reação de Winnie a pegou de surpresa. Ela nunca a vira se mover tão rápido antes.

"Winnie, se não se importa que eu pergunte, no que você estava trabalhando

quando eu cheguei?", ela perguntou despreocupadamente enquanto Winnie pegava a máquina de escrever.

Winnie fez uma pausa, e Khalani notou a leve tensão em seus ombros. "Não se preocupe, querida, estou apenas anotando meus antigos pensamentos. Sem dúvida, isso a entediaria." Winnie deu um tapa no ar e se virou rapidamente para sua máquina de escrever.

Ela estava mentindo.

Khalani sabia disso. Ela percebeu pelo leve tremor em sua mão e pelo tom mais grave de sua voz. Por que mentiria sobre um diário?

Talvez fosse apenas um diário ou algo assim, ela pensou, tentando explicar o estranho encontro.

Khalani virou-se para os livros sobre a escrivaninha. Seu dedo percorreu a capa de um dos romances grossos. "E o Vento Levou", repetiu.

Winnie se virou para Khalani com um sorriso gentil, sem nenhum traço de desconforto. "Um dos favoritos da Winnie. Você deveria ler."

“É um manual de instruções sobre como lidar com o vento na superfície?”

Winnie se abaixou e começou a rir enquanto Khalani permanecia ali, sem jeito. Que pergunta idiota?

"Desculpe, minha querida, desculpe. É tão engraçado como a gente pensa que os livros são só manuais de instruções ou aulas de história." Winnie enxugou uma lágrima perdida, ainda rindo. "A história é sobre amor e conflito, ambientada em uma época muito anterior ao Grande Colapso. Um clássico da época."

Suas sobrancelhas se franziram enquanto Winnie, animada, entregava o texto pesado a Khalani. "Mas qual o propósito se não ensina nada?"

"Querida, o propósito é a vida." Winnie ergueu as mãos, enfatizando. "Estes livros não têm a intenção de treinar ou dar uma aula de história. Eles têm a intenção de despertar a mente e a alma. Para mergulhar você nas maravilhas e dificuldades do amor, a força mais poderosa do universo", concluiu Winnie com um sorriso.

“Essa não é a força mais poderosa.”

Winnie inclinou a cabeça para o lado, ouvindo Khalani. "O que você disse, querida?"

Khalani passou os dedos sobre as letras douradas da capa. Um peso profundo retumbou em seu peito, formando um nó na garganta. Bastou pensar neles. Desapareceram, como o vento.

A força mais poderosa não era o amor.

"É a morte. Isso é mais poderoso."

A morte chega para todos e não poupa ninguém. A morte era mais certa que a vida. Sua morte certa se lançou em sua direção a toda velocidade, mais rápido que uma bala voando pelo ar. Seus pensamentos se voltaram para Takeshi novamente. O que a levou a pedir ajuda a ele se o final inevitável fosse o mesmo? Ela não conseguia impedir o que estava por vir. Por que deveria lutar?

Qual é o sentido?

Winnie juntou as mãos, olhando para os nós dos dedos brancos como se contivessem respostas não escritas. O silêncio se estendeu. Ela foi a primeira a quebrá-lo.

"Sabe", disse Winnie, "Winnie tinha uma filha." Khalani levantou a cabeça de repente. Winnie nunca tinha mencionado uma filha antes.

"O nome dela era Sarah", a voz suave de Winnie ecoou pela sala, e tudo cessou. Como se tudo o que existisse no mundo fosse a história de Winnie.

Winnie não planejou isso. Ela fugia à noite em segredo com um nobre. Por causa de sua riqueza e influência, ele não podia ser visto com alguém tão pobre quanto ela. Mas Winnie não se importava. Ela estava apaixonada. Quando Winnie soube que estava grávida, ficou transbordando de felicidade. Mas ele a deixou sem sequer uma carta de despedida quando descobriu.

Winnie chorava todas as noites. Sozinha. Assustada. Queria se livrar do bebê. Deixá-lo para outra pessoa cuidar, porque era o motivo da partida dele. Mas então, Sarah nasceu. Os pés dela eram tão pequenos. Os lábios de Winnie se curvaram e seus olhos lacrimejaram.

Winnie contou cada dedo da mão e do pé, e estava apaixonada por cada um deles. Sarah era a coisa mais linda que ela já tinha visto. O amor foi instantâneo. Como se o corpo de Winnie tivesse sido *feito* para amá-la. A emoção foi tão intensa, tão avassaladora, como se a devoção fosse engolir Winnie por inteiro. Aqueles poucos anos que Winnie passou com Sarah foram os mais felizes da sua vida.

“O que aconteceu com ela?” Khalani perguntou ansiosamente.

"Ela ficou doente." A angústia cobria as linhas dos seus olhos. "Winnie a levou ao médico. Ele disse que a infecção estava se espalhando para os pulmões de Sarah. Winnie não tinha dinheiro suficiente para remédios, e a mandaram para casa. Sarah morreu em seus braços naquela noite", a voz de Winnie falhou.

Lágrimas se formaram nos olhos de Khalani diante da pura tristeza e injustiça de tudo aquilo. Winnie era alguém feita para a cor. Para a luz e a felicidade. Ela desejava poder conter sua dor, jogá-la contra a parede e destruir a mágoa. Mas nada pode apagar isso.

“Sinto muito, Winnie”, ela sussurrou.

“Você quer saber por que Winnie ainda sorri e continua andando?”

Khalani assentiu, seu peito subindo e descendo com respirações superficiais.

"Porque os mortos não querem que você morra com eles", declarou Winnie. "O amor transcende espaço e tempo. Não tem limites nem fronteiras. Querida menina, o amor é mais forte que a morte, porque se você ama alguém, essa pessoa nunca pode morrer de verdade. Sarah continua viva. Em mim. E seus pais continuam vivos em você também."

As mãos de Khalani tremiam e sua cabeça se curvou. Ela tentou conter suas emoções com todas as suas forças, mas o fardo era insuportável. Suas falhas, tormentos e arrependimentos cobriam seu corpo frágil como uma laje de pedra infinita e assustadora. Era demais.

Um soluço escapou de sua boca. Outro. E outro. Até que os sons de seus gritos eclipsaram a sala, e ela quase caiu no chão.

E então, braços fortes a envolveram, segurando-a. "Está tudo bem. Está tudo bem, querida", Winnie sussurrava sem parar, esfregando os cabelos. Khalani soluçava no ombro de Winnie. Ela a agarrou com força, segurando-a com força.

Se ela pudesse clamar aos céus e dizer uma coisa aos seus pais, seria que sentia muito. Sentia muito por não ter dito a eles para ficarem em casa naquele

dia. Por não ter demonstrado o quanto os amava. Por odiá-los quando a deixaram sozinha. Por ter desistido, ano após ano. Sentia muito por querer morrer.

Khalani estivera sozinha por tanto tempo. Sua juventude fora roubada, e cada grama de dor e sofrimento se acumulava a seus pés, e ninguém estivera lá para aliviar o fardo. Ninguém para ouvir seus gritos. Ou para lhe dizer que não era culpa dela. Antes de Braderhelm, Khalani era uma máquina que andava, falava e respirava. Acordada para marchar sem direção. Sem propósito ou convicção.

Ela pensou que sua vida havia acabado quando foi condenada à prisão. Mas algo a impediu de desistir. Ela não entendia antes. A dor e o infortúnio eram piores. A agonia permanecia. Mas o sofrimento não era o que importava.

Ela havia mudado.

A transformação começou no momento em que ela abriu o livro de Douglas. A poesia a apresentou a um mundo repleto de arte e êxtase. A beleza de abraçar a queda e desafiar a adversidade. Criar esperança e empunhar luz quando cercada pela aflição. A poesia lhe mostrou coisas pelas quais valia a pena lutar e sobreviver.

Seu coração, tão partido e ao mesmo tempo tão cheio, ameaçava transbordar diariamente com os pedaços que faltavam. Cada centímetro do seu corpo doía e ansiava pelo toque dos pais, pela voz deles. Como se a qualquer momento, ela explodisse em um espetáculo cru de sentimentos. Ela não acreditava que nada pudesse descrever a profundidade daquelas emoções.

Pois como as palavras podem encapsular o universo?

É a única expressão que reside na escuridão, mas que abriga a luz que a atravessa. É a única força que pode fazer você se despedaçar e se recompor ao mesmo tempo. O sentimento puro fará você se enfurecer com o mundo em um momento e se erguer em seus picos mais altos com admiração e admiração no momento seguinte.

Amar é continuar. Foi por isso que ela pediu a Takeshi que a treinasse para lutar.

Sua existência imparcial se extinguiu e irrompeu em algo muito mais poderoso. Khalani agarrou Winnie com mais força enquanto a força de suas emoções explodia de seu peito como um maremoto. E Winnie nunca a soltou.

Quando Khalani retornou à sua cela naquela noite, as palavras fluíam de seu corpo como se estivessem incrustadas em sua pele. Ela desejava gritá-las para o universo e se expandir junto com ele, pela eternidade.

Monstro em mim

Havia feridas em mim
Crostas abertas, marcas de sangramento, linhas decrépitas
Possuindo transparência com o peso das montanhas
A pressão desce pela minha espinha
Como gotas de cera enquanto a vela sangra
Você sabia que o monstro era eu?
Vozes choram e tremem como a terra
Atropelando esperanças enquanto honramos dúvidas
Tornei-me fluente em todas as formas de medo
Todos os meus defeitos estão marcados e memorizados
Todos os meus bens estão apagados e apagados

Você sabia que o monstro era eu?
Você nunca será
Bom o suficiente
Amado o suficiente
Forte o suficiente
Frases distorcidas e mentiras maliciosas
Vire-se rapidamente para verdades perversas
Eu golpeio as palavras de destruição
Eu faço isso para ser o primeiro
Eu faço isso para ser pior
Você sabia que o monstro era eu?
O poder de mim renunciou ao trono
A derrota me fez cair de joelhos
Fechando meu olhar para o golpe final
Até que ouvi um grito distante
Lutas ferozes continuaram e algo me manteve vivo
A morte bateu e eu olhei diretamente em seu rosto
Ele hesitou e se dispersou de medo ao ver
Você sabia que o monstro era eu?
Eu sobrevivi a todos os meus piores dias
Sobreviveu a cada noite fria e solitária
Meus olhos se abrem para todos aqueles que estão fechados
A voz dentro da minha voz se agita
Gritando verdades que estavam à espreita
Essas feridas sangrentas encerram uma história
De alguém mais forte que o aço
E mais assustador que a morte
Eu aperto a espada da vida e grito
Você vai se lembrar que o monstro sempre fui eu.

15

Dê cada passo à frente em desafio.

Khalani permaneceu calmamente em frente à sua cela. As pontas dos dedos roçando no uniforme sujo eram a única demonstração de sua emoção. Ela esperara por este dia com grande ansiedade a semana toda. Seu treinamento com Takeshi Steele finalmente começaria.

Ela estava pronta. Seus músculos se contraíram com uma tensão inquieta enquanto seus olhos examinavam o quarteirão.

Desde a conversa com Winnie, ela abria os olhos todas as manhãs com energia renovada. Um novo propósito. Apolo a deixou para queimar e a cuspiu em chamas. Esmagada e derrotada. Mas respirando.

Esse foi um erro tremendo porque as substâncias mais fortes são forjadas no fogo.

Ela estava preparada para enfrentar todos os inimigos, barreiras e demônios que se interpusessem em seu caminho. *Viver* seria o ato máximo de sua rebelião. E o primeiro obstáculo era Takeshi Steele.

Ela conhecia Takeshi há apenas alguns meses, mas já parecia que eles tinham uma história. E o lado ruim superava o lado bom. Ele era insuportável, e ela era o espinho constante em seu pé. Que diabos, ele provavelmente poliu sua coleção pessoal de facas em antecipação a esse dia.

Mesmo assim, ela não se moveu. Nada a faria recuar agora. Ela esperou.

E esperou.

Por que estava demorando tanto? Ela olhou para os dois lados do corredor, mas ele não estava em lugar nenhum. Será que ele tinha esquecido? Ela zombou da ideia assim que ela surgiu.

Este era Takeshi Steele. Ele não se esqueceu de nada.

“Kanes.”

A voz grave lhe causou arrepios na espinha. Ela se virou lentamente e respirou fundo.

O próprio ar parecia se curvar ao redor de Takeshi Steele enquanto ele caminhava em sua direção. Não, caminhar não era a palavra certa. Takeshi marchava com determinação, como se o poder veloz da morte e a tenacidade do homem fossem evidentes apenas em seus passos. Cada passo à frente era carregado de uma confiança silenciosa, como se ele pudesse enfrentar um exército inteiro e sair vitorioso.

Os olhos escuros dele capturaram os dela, e um nó se formou na garganta dela.

"Por um segundo, pensei que você tivesse mudado de ideia." Uma corrente elétrica percorreu seu corpo enquanto o corpo enorme dele se aproximava.

A expressão de Takeshi se suavizou, transformando-se em uma máscara indecifrável enquanto ele diminuía o ritmo até parar. Pensativo e estoico, ele parecia esculpido em uma estátua de mármore. O único indício de qualquer

emoção era o brilho em seus olhos. Eles se estreitaram e a encararam em desafio, desafiando-a a correr.

"Você já deveria saber, Kanes. Eu nunca recuo." Sua voz grave acariciou o corpo dela enquanto ele se elevava sobre ela. Khalani não o deixaria assustá-la. Ela não iria a lugar nenhum. Ela ergueu o queixo e a encarou desafiadoramente.

Sua vez, capitão.

"Vamos acabar logo com isso", ele disparou, virando-se e avançando pelo corredor. Ela o seguiu rapidamente, e seus olhos percorreram os corredores em busca de testemunhas, mas não havia vivalma à vista. Todos estavam no fosso.

Takeshi cruzou os braços e caminhou até o canto mais distante do elevador. Ela se encostou na parede oposta, o silêncio palpável enquanto o elevador descia em espiral. Ela puxou a barra da roupa suja e tentou ignorá-lo, mas com Takeshi Steele, essa tarefa era impossível.

“Então”, ela pigarreou, “notei que você esteve ausente nos últimos dias.”

Ele olhou fixamente para frente, sem reconhecê-la.

“Você não disse uma palavra desde a ala médica.”

Silêncio.

"Certo, boa conversa." O olhar de Khalani se voltou para o teto. O elevador era pequeno demais. Aliás, Braderhelm não era grande o suficiente para os dois.

"Por que você tem um interesse repentino em saber o meu paradeiro?", perguntou Takeshi.

Ela cerrou os dentes. "Não. Eu estava trancada na minha cela e fiquei surpresa por não ter te visto. Só isso."

"Sério. Se eu não soubesse, diria que você sentiu minha falta."

"Prefiro perder a limpeza", respondeu ela apressadamente. "Fiquei preocupada que você pudesse desistir do nosso acordo. Nada mais."

"Tão ansiosa para que eu te machuque, hein?" Ele a olhou de soslaio, e o estômago dela se revirou.

"O quê... não. Não foi isso que eu..."

“Vamos, Kanes.”

A porta do elevador se abriu para o andar mais baixo de Braderhelm. Uma mudança sutil passou pela expressão dele, mas ele cruzou rapidamente a entrada antes que ela pudesse decifrá-la.

Khalani respirou fundo e olhou ao redor, no corredor escuro. A luz fraca de várias tochas pouco fez para aliviar a inquietação em seu peito. Os pelos dos seus braços se arrepiaram e ela sentiu uma vontade repentina de fazer xixi.

"Para onde estamos indo?"

“Você logo descobrirá”, ele respondeu enigmaticamente.

Uma porta escura de metal se estendia no final do corredor. Os bíceps de Takeshi flexionaram com o peso quando ele a abriu, e os olhos de Khalani se arregalaram em choque. Ela cruzou a soleira e parou em uma igreja.

O teto arqueado era decorado com murais de anjos ao longo das paredes, com espadas flamejantes nas mãos, voando através de nuvens fofas. Na frente da sala, uma grande cruz de madeira estava grampeada na parede. Não havia bancos presentes nem pessoas ajoelhadas em adoração.

Em contraste com as pinturas celestiais, um quadrado de luta de areia ficava no centro da sala, semelhante ao layout do ringue. No canto mais distante, havia

uma infinidade de pesos e aparelhos de ginástica.

Suas sobrancelhas se franziram enquanto ela erguia a cabeça para o teto, extasiada com os belos murais. Takeshi permaneceu em silêncio, observando sua reação enquanto ela olhava ao redor com a boca aberta.

“Que lugar é esse?” ela perguntou sem fôlego.

"Esta sala foi construída quando Braderhelm foi construído pela primeira vez. Originalmente, era para ser um local de culto para qualquer um que quisesse orar a Deus para ajudar a curar a Terra novamente", suas palavras ecoaram pelas paredes e a atingiram profundamente.

“Após a conclusão da construção”, continuou ele, “Frederick Braderhelm tornou-se o Diretor e disse que a oração era para os fracos. Ele decidiu que este espaço serviria melhor como área de treinamento para os guardas.”

Ela franziu a testa. "Por que ele deixou a cruz?"

Takeshi olhou para a cruz, os lábios contraídos em uma linha dura. "Frederick Braderhelm tinha um gosto por manipulações cruéis. Ele queria que os guardas vissem e soubessem que, por causa de seus atos aqui, os portões do céu estariam para sempre fechados para eles", sua voz se perdeu.

Ela se virou para ele, sentindo um leve aperto no peito. "Você acredita nisso?"

Ele respirou fundo e se virou para ela. Ela quase recuou diante do olhar severo dele. "Não sinta pena de mim, Kanes. Cada decisão que tomei foi consciente. Se Deus existe, o dia do meu julgamento chegará, e estarei pronta."

As palavras cortavam o ar com uma confiança e determinação afiadas. Em suas vestes totalmente pretas, parado no meio da igreja, Takeshi Steele parecia um anjo caído, pronto para enfrentar qualquer obstáculo, até mesmo o próprio inferno.

E, caramba, o visual não lhe caía incrivelmente bem.

Antes que ela pudesse abrir a boca e dizer mais alguma coisa, ele caminhou até os armários cinzas encostados na parede. Ela estudou o quarto e mal notou o borrão de roupas voando em sua direção. Ela as viu com surpresa e o encarou com um olhar interrogativo.

“Seu uniforme de prisioneira não é adequado para treinamento. Estas são roupas de ginástica de uma de nossas guardas. Ela foi liberada recentemente, então agora você é a nova dona delas. Percebi que seus tênis estão grandes demais para você. Experimente estes.”

Ele pegou um tênis preto no armário e o jogou no chão. "Obrigado", disse Khalani, examinando as roupas.

Regata preta e shorts pretos. Pareciam pequenos o suficiente para caber. O tecido até cheirava bem. Um sorriso surgiu em seus lábios. Ela finalmente poderia usar algo limpo. A oferta era simples, mas ela agarrou a roupa com força como se ele lhe entregasse o maior presente do mundo.

Algo em sua expressão fez Takeshi franzir a testa.

"O que?"

"Nada. Nunca te vi sorrir assim."

O espaço entre eles parecia se estender por quilômetros. No entanto, seu olhar de obsidiana fechou a distância como se um único olhar permitisse que Takeshi se enterrasse sob a pele dela. Ele era violento por natureza, mas um leve toque de calor pairava em sua expressão.

Não. Ela estava claramente imaginando coisas, porque descrever Takeshi como carinhoso e terno era como descrever o ceifador como doce. Ele era mais propenso a se aconchegar em um cobertor de lâminas e dar um taser a um bebê como seu primeiro brinquedo.

As sobrancelhas dela se franziram quando a expressão dele se fechou rapidamente, e ele caminhou em direção à saída. "Vou esperar lá fora enquanto você se troca. Bata quando terminar", disse ele sem olhar para trás.

A porta se fechou com um estrondo retumbante que ricocheteou em cada anjo que voava pelo teto. Ela deu de ombros para o mau humor de Takeshi — o que mais havia de novo? — e vestiu a roupa de ginástica.

Khalani havia perdido bastante peso, e a dona anterior era claramente mais dotada de peito do que ela, mas a regata preta servia perfeitamente. O shorts era justo nas coxas e no bumbum, mas ela se movimentava confortavelmente. Embora apertados, os sapatos serviam muito melhor do que os anteriores.

Ela deu um pequeno giro e levou as mãos ao peito. Era o seu momento de se sentir normal. Não importava o quão breve ou fugaz fosse, importava. Ela inclinou a cabeça para trás e absorveu a sensação por mais alguns segundos.

O único caminho que restava era seguir em frente. Khalani assentiu com determinação e caminhou em direção à porta.

Takeshi abriu a porta instantaneamente após uma batida. Ele piscou ao ver a aparência dela. A expressão de Takeshi se transformou rapidamente enquanto ele a examinava, seus lábios formando uma linha sombria enquanto suas sobrancelhas se uniam.

Ela parecia tão mal assim?

"Há algo errado?" Khalani ficou ali, sem jeito.

O músculo em seu maxilar estalou, e ele fechou a porta sem dizer nada.

"Vamos acabar logo com isso", interrompeu Takeshi, passando por ela.

Claro que ele não ia responder. Homens como ele provavelmente saem do útero remoendo.

Ela franziu a testa e o seguiu até o centro. Barras pretas circundavam a área arenosa. Khalani passou a perna por cima da barra de borracha, com menos graça que Takeshi. Ela o encarou no centro do ringue, arrepios percorrendo seu corpo ao ver o cercado. Foi ainda mais enervante quando ela ergueu o olhar para a imagem impressionante do exército celestial travando uma guerra acima dela.

Tanta beleza e violência; o hino da humanidade.

“E se alguém entrar?” ela perguntou a ele.

Takeshi balançou a cabeça. "Nenhum guarda entra aqui a esta hora. Eles estão no fosso ou fazendo ronda. Não há câmeras aqui, então estamos sozinhos."

O pulso de Khalani acelerou, e ela enxugou as palmas das mãos suadas na lateral do corpo. De novo.

"Precisamos estabelecer regras básicas primeiro." Ele estalou os nós dos dedos e se endireitou. "Primeiro, você quer aprender comigo, então precisa entender que, nesta arena, eu sou o mestre." Sua voz rouca reverberou pelo corpo dela, e seus músculos se tensionaram com as palavras dele.

Isso significa que eu digo uma coisa, você faz. Sem discussões. Sem reclamações. Sem desistir. Você precisa confiar que eu conheço seus limites e, quando eu digo para você fazer algo, é para o seu próprio bem. Entendeu?

Ela respirou fundo, aceitando os riscos que corria. "Sim."

"Segundo", continuou ele, "você não deve contar a ninguém sobre essas lições. Isso inclui seus três amigos. Entendido?"

Isso foi uma rendição.

Takeshi esperou até que ela assentisse antes de continuar. "Finalmente", deu um passo em sua direção, "se eu tiver a mínima ideia de você tentando usar qualquer arma ou habilidade fora desta arena contra mim, o que acontece?"

Sua ansiedade atingiu o auge, mas ela respondeu firmemente: "Você vai me matar".

Takeshi ficou tenso e assentiu. "Este é o seu único e verdadeiro lembrete."

Ele permaneceu ali, resoluto. Khalani nem tentou testar se ele estava blefando. Desde o pouco tempo que o conhecia, percebeu uma coisa: se Takeshi Steele fazia uma ameaça, era para valer.

"Entendo." Ela endireitou a coluna. Khalani estava mais preparada do que nunca.

"Ótimo. Agora, me ataque." Takeshi parou bem no centro do ringue. Seus braços estavam caídos ao lado do corpo, e sua postura se alargou enquanto ele a encarava, firme.

"Atacar você?" Ela ouviu direito?

Ele ergueu uma sobrancelha. "Isso mesmo. Agora é sua chance de atacar o Capitão de Braderhelm, Kanes. Ou vocês só falam?"

Os olhos dela brilharam com as palavras dele. Talvez fosse a vingança que a movia. Ou o desejo de vingança por cada golpe de dor que recebera em Braderhelm. Ela girou o pescoço, os músculos se preparando com energia.

Aqui vamos nós.

Com os punhos erguidos na altura do peito, ela se aproximou lentamente de Takeshi. Ele não fez nenhum movimento. Nem um músculo. Seus olhos acompanhavam cada movimento dela intensamente.

Mesmo que Khalani fosse quem se aproximasse, ela se sentia como a presa. Uma energia irradiava dele, uma excitação silenciosa que fazia seu sangue bombear mais rápido. Ela estava a um braço de distância agora.

Ela realmente ia fazer isso?

Khalani olhou para os olhos dele, ainda indecisa. Takeshi apenas abaixou a cabeça. Essa foi toda a confirmação de que ela precisava.

Ela avançou e desferiu um soco em direção ao rosto dele.

Tão rápido que ela mal percebeu o movimento, Takeshi se inclinou para o lado e agarrou seu pulso. No milésimo de segundo seguinte, ele balançou o pé em direção à parte de trás do tornozelo dela, usando o peso dela contra ela.

Antes que Khalani percebesse o que estava acontecendo, ela caiu de costas, com o ar saindo rapidamente de seus pulmões.

Isso ia deixar um hematoma.

Takeshi ficou em pé diante dela calmamente, com as mãos na cintura. "Sabe como eu consegui fazer isso com tanta facilidade?"

Seu rosto corou. "Porque você é mais forte que eu?"

"Não. Você vai aprender que não tem nada a ver com força. De pé", ele instruiu, dando um passo para trás.

Khalani cerrou os dentes e se esforçou para se levantar. Ela não entendia

como aquele corpo enorme conseguia se mover com tanta fluidez enquanto ela cambaleava e tropeçava como uma bêbada. Fechou os olhos para tentar se concentrar.

A próxima coisa que ela percebeu foi que seus pés estavam sendo arrancados de debaixo dela, e ela caiu de bruços. Uma dor aguda percorreu seu nariz, e ela se levantou rapidamente.

"Que diabos foi isso?!", gritou Khalani. Ela tocou o nariz e fez uma careta.

Takeshi a encarou sem remorso. "Você nunca tira os olhos do seu oponente, Kanes. De novo."

Com os punhos cerrados ao lado do corpo, ela tentou respirar lenta e firmemente, mas a raiva continuava a crescer. Takeshi endireitou o corpo para encará-la. Khalani avançou, mais rápido desta vez, na esperança de pegá-lo desprevenido. Ela se abaixou para tentar um golpe no estômago dele, tomando cuidado com as pernas. Takeshi afastou a palma da mão dela sem esforço e a agarrou pelos cabelos com a outra mão, virando o corpo dela para que suas costas ficassem rentes ao peito dele.

Ela ofegou de dor quando ele a agarrou pelo cotovelo e torceu seu braço para trás, numa posição extremamente desconfortável. A nuca dela caiu contra o peito dele enquanto ele puxava seus cabelos para trás, quase a ponto de causar dor. Ela tentou puxar a mão dele, mas ele agarrou seu outro pulso, impedindo qualquer movimento. Khalani moveu a perna, preparando-se para pisar em seu pé ou tentar chutá-lo na virilha.

"Mova seus pés mais um centímetro e eu deslocarei seu ombro", ele sussurrou em seu ouvido.

Os músculos de Khalani tremeram e ela congelou. Um calor a percorreu, intensamente consciente do corpo poderoso dele dominando o dela. Ela sentiu a respiração de Takeshi em seu ouvido. O subir e descer do peito dele, firme contra sua respiração acelerada. Os dedos dele em seu cotovelo, mantendo-a imóvel.

O leve puxão em seu cabelo na mão dele.

"Você trapaceou", ela bufou.

“Brigar nunca é justo.”

Khalani soprou uma mecha de cabelo do rosto. Queria gritar. Começava a achar que Takeshi concordava com aqueles treinos só para envergonhá-la. Uma forma de se vingar de todas as vezes que ela o havia magoado.

"Me solta", ela disse bruscamente.

"Você está pedindo gentilmente?"

“Desculpe, esqueci minhas boas maneiras na minha cela.”

Ele levantou o cotovelo dela um centímetro, e ela se inclinou para a frente, sentindo dor. "Tá bom, tá bom! Me desculpe. Por favor, me solte."

Takeshi soltou os dois braços abruptamente e abriu a boca em desconforto enquanto ela cuidadosamente agarrava o cotovelo.

Ela o encarou com um olhar acusador. "Você poderia ter me machucado de verdade."

"Eu poderia." Ele o encarou sem se desculpar. "Mas não o fiz. E com o jeito

que você deixou a guarda aberta, eu também poderia ter te acertado na cara, como seus oponentes fariam, sem dúvida. Escolhi uma opção menos dolorosa."

"Como isso está me treinando?" Suas narinas se dilataram. "Você só está me dando uma surra."

Num piscar de olhos, ele se aproximou dela. "Você disse que queria aprender, Kanes. Lembra quando eu disse que era o mestre aqui?"

Ele esperou por uma resposta, e ela resmungou: "Sim".

"Aqui está a sua primeira lição. Não deixe que suas emoções ditem suas ações."

Khalani levantou a cabeça, irritada. "Não sou emotiva."

Ele lançou-lhe um *daqueles* olhares. "Responda, e eu te farei rastejar para fora daqui."

Ela queria gritar e dizer que ele estava errado. Mas, droga, isso só provaria o que ele tinha a dizer. Ela respirou fundo depois que ele esperou em silêncio.

"Desculpe. Estou ouvindo." Ela cerrou os dentes.

"Quando você fica bravo, reage com movimentos erráticos. Eu poderia ter te parado com as duas mãos amarradas nas costas." Takeshi até conseguiu soar entediado.

Ela soltou um suspiro áspero e passou a mão pelo cabelo bagunçado. "Então, o que eu faço?"

"Conheça suas fraquezas." Takeshi andava lentamente em círculos ao redor dela, um verdadeiro predador.

Ela se virou no mesmo lugar, sem tirar os olhos dele nem uma vez.

"Seu orgulho não tem lugar na arena." Sua voz ecoou por toda a câmara, e ela sentiu as vibrações profundas em seus ossos.

"Eu te derrotei decisivamente com um propósito. Para mostrar que você não está nem perto de vencer uma luta. Metade da batalha está aqui." Takeshi apontou para a própria cabeça. Então, deu um passo à frente e colocou um dedo sobre o peito dela. "Aqui não."

Os olhos dele a penetraram, e ela estava perfeitamente ciente da posição do dedo dele sobre seu coração. Seu peito mal se movia. Takeshi fez uma pausa, sentindo seu pulso irregular.

"O controle total da sua cabeça é necessário para neutralizar suas fraquezas óbvias. Você provavelmente será menor que seu oponente, então deve confiar na velocidade em vez da força. Embora...", a mão dele se moveu, e ela se arrepiou quando os dedos dele deslizaram por sua clavícula e a palma calejada pousou em seu braço.

Ele apertou os bíceps dela, ou a falta deles, lançando-lhe um olhar de desaprovação. "Isso precisa ser trabalhado."

As sobrancelhas de Khalani se franziram. Ela tinha músculos, só que escondidos a olho nu.

E ele ainda a tocava. Eles trocaram olhares, e ele a soltou abruptamente, virando-se para sair da jaula. "Agora que você sabe que não está pronta para lutar, podemos seguir em frente." Ele pulou a barreira.

Ela se lembrou de como respirar oxigênio novamente e franziu a testa. "Passar para o quê?"

“Se você tem uma fraqueza que pode controlar, ataque-a implacavelmente até

que ela se torne uma força.”

Takeshi saiu do círculo e pegou pesos do suporte do outro lado da sala. Khalani ajeitou alguns fios de cabelo rebeldes atrás das orelhas, mais fora do seu alcance do que imaginava. Takeshi se virou quando ela não se mexeu.

“Esses pesos não vão se levantar sozinhos, Kanes.”

Durante a hora seguinte, ela levantou halteres acima da cabeça e se exercitou em várias máquinas, suando mais do que jamais havia suado nos túneis. Takeshi era implacável. A cada aumento de repetições e peso, ela gritava de dor, querendo desistir. Mas Takeshi estava sempre ali ao lado dela.

Ele não era do tipo que gritava. Não. Era pior. Ele a irritava.

“Você poderia simplesmente facilitar isso para mim e desistir”, ele sussurrou.

Ela olhou feio para ele, mas o bastardo sabia o que estava fazendo porque ela insistia mais cada vez que os insultos dele a atingiam, vivendo sem pagar aluguel.

Khalani estava completando as últimas 50 flexões. Seus braços tremiam e balançavam enquanto seu peito se curvava em direção ao chão. Seus cabelos de bebê grudavam na testa, o suor cobrindo seu corpo.

Takeshi se agachou, observando cada movimento dela. O esforço para se levantar aumentou dez vezes.

Ela olhou desesperadamente para o chão, desejando que a tortura acabasse. Ela se abaixou, mas seus braços cederam. Khalani gemeu e tentou se levantar, mas seus braços formigavam e pareciam feitos de macarrão. Mover-se era impossível.

"Você não terminou", Takeshi repreendeu em voz baixa.

"Não, acho que vou ficar aqui um pouco", disse ela para o chão. Khalani não tinha energia para levantar a cabeça. Era quase cômico.

"Levanta, Kanes. Você tem mais dois."

“Não posso”, ela gemeu.

Houve uma pausa e um farfalhar quando Takeshi se levantou. "Que pena. Você quase me provou o contrário."

As palavras a pegaram de surpresa, e ela encontrou forças para virar a cabeça. "O que isso quer dizer?"

"Eu sabia que você não aguentaria uma sessão inteira comigo. Eu consigo identificar desistentes a quilômetros de distância. Você não é diferente."

Ela. Odiava. Takeshi. Steele.

Khalani rosnou e reuniu cada gota de força que lhe restava para fazer mais duas flexões. Uma... vamos, Khalani... duas. Ela suspirou aliviada e até conseguiu ficar de pé com os dois pés.

A expressão dele era indecifrável enquanto ela mancava em sua direção. "Prepare-se para a decepção, porque vou provar que você está errado a cada passo", ofegou ela.

"Ótimo." Seus olhos brilharam com fogo derretido. "Eu nem tentei fazer você implorar ainda."

As palavras dele causaram efeitos estranhos em seu corpo. O peito de Khalani se apertou enquanto sua energia dominadora invadia a dela.

"É melhor você começar a rezar agora, ou vai ter que esperar muito tempo para que isso aconteça." Ela ergueu o queixo, ignorando qualquer instinto de

fuga que lhe dissesse para não irritá-lo. Porque dane-se ele. É por isso.

“Você reza com frequência, Kanes?”

Ela se retraiu diante da pergunta bizarra. "Não."

Um sorriso leve, mas perigoso, surgiu em seu rosto. "Continue me pressionando, e você vai precisar. Se eu quiser alguma coisa", ele abaixou a cabeça, a poucos centímetros de distância, "só Deus vai me impedir."

Khalani soltou um suspiro profundo enquanto se virava para a saída. Estava ficando cada vez mais difícil respirar perto de Takeshi, como se o próprio ar dela fosse dele. Ela ergueu o olhar para o teto, mas nenhum dos anjos a encarou de volta.

Como se estivessem lhe dizendo: *boa sorte com isso.*

16

Deixe as lascas e rachaduras na minha escultura.
Capture meus fracassos em toda a sua beleza disforme.

As semanas seguintes foram uma rotina torturante que fez Khalani questionar sua sanidade. Várias vezes. Takeshi se recusou a continuar treinando-a em mecânica de luta até que seus músculos crescessem além do tamanho infinitesimal.

Essas foram exatamente suas palavras.

Então, ele a fez trabalhar. Trabalhou com ela até o ponto em que andar era sinônimo de dor, e respirar não era mais um ato silencioso, mas um suspiro de alívio.

Os músculos dela doíam em lugares que ela nem sabia que tinha músculos.

Takeshi nunca ficava satisfeito até ela cair no chão como um trapo molhado. Só então ele demonstrava misericórdia e dizia que ela tinha terminado por hoje. Ele não demonstrava, mas, no fundo, Khalani sabia que ele gostava de atormentá-la. O desgraçado. E ela também devia estar louca, porque voltava sempre.

Hoje era um daqueles dias em que seus braços caíam se alguém os puxasse com muita força. Ela não conseguiu levantar uma pedra média no carrinho de mão e soltou um gemido de dor, massageando o tríceps.

Vamos lá, braços ondulados. Trabalhem comigo aqui.

"Nada expressa mais a solidão e a solteirice do que ter que se massagear." Derek pegou a pedra dela.

Ela revirou os olhos e enxugou o suor da testa. "Estamos na prisão, Derek. Como se você não fizesse o mesmo?"

"Ah. Sim, sim." Derek deu de ombros com um sorriso irônico. "Em particular."

O rosto de Khalani se contorceu. "Que nojo." Ela pegou pedras mais leves e continuou trabalhando. Se parasse de se mexer, os guardas perceberiam. Ela não precisava de mais dor. Takeshi Steele era o funcionário mais destacado naquele departamento.

Derek inclinou a cabeça. "O Capitão Steele ainda o colocou de serviço no túnel?"

Khalani explicou sua ausência a Serene, Derek e Adan, contando-lhes que Takeshi a descobriu tentando roubar analgésicos da enfermaria. Sua punição foi trabalho extra no túnel e chicotadas diárias durante o intervalo dos boxes. Era a única história que parecia crível.

Ela assentiu, mas uma voz fraca soou atrás dela. "Prisioneiro 317?"

Khalani se virou e um novo guarda a encarou. Era bem jovem, com rosto de bebê, cabeça calva e olhos tão claros que quase pareciam amarelos.

"Sim?" Ela franziu as sobrancelhas.

O jovem guarda se endireitou ainda mais. "Preciso que você venha comigo."

Seus músculos congelaram. Alguém descobriu sobre suas sessões de treinamento com Takeshi? Ela estava sendo enviada para a superfície? Nenhum guarda jamais a havia tirado do seu turno matinal antes.

Ela sabia o que esperar do comum. As mesmas batalhas e obstáculos viviam no comum. O comum era algo sobrevivível. O terror existia no desconhecido.

Ela acenou para o guarda, sentindo a necessidade de engolir em seco, sabendo que não tinha escolha a não ser segui-lo. Ele a conduziu para longe do túnel, e Khalani olhou para Derek, que a encarava com os olhos arregalados.

“Para onde estou indo?” ela perguntou.

A jovem guarda não respondeu, e o silêncio sufocava o ar ao seu redor. Ela não teve tempo de dissecar mentalmente seus pensamentos enquanto seguia a guarda pelos corredores frios e mal iluminados. Seu estômago revirou depois que subiram alguns andares no elevador, e ela foi conduzida a uma porta de metal obscura. A guarda deu três batidas fortes.

“Entre!”, gritou um homem do outro lado com a voz rouca.

O guarda deu um passo para o lado. "O Diretor vai recebê-lo agora."

Seus olhos quase saltaram das órbitas. Ela nunca tinha visto o Diretor, o líder da Prisão de Braderhelm. O suor escorria por seu corpo enquanto ela olhava cautelosamente para o jovem guarda, mas ele se recusava a fazer contato visual. Apertou a arma contra o peito e ficou parado, rígido, do lado de fora da porta.

“Vá em frente”, ele ordenou.

Respire. Apenas respire.

Ela fechou os olhos e abriu a porta. O rangido alto anunciou sua presença, e ela entrou em uma sala arcaica, quatro vezes maior que sua cela fria. Faíscas de uma lareira se acenderam quando um homem corpulento, de terno surrado, sentou-se ao lado do fogo.

O Diretor tinha um bigode preto estilo guidão e cabelo bem cuidado, penteado para trás com gel. Ele olhou para cima, do painel elétrico, quando ela entrou. "Ah, 317. Entre, por favor."

Khalani deu um passo hesitante para frente e pulou quando o guarda bateu a porta atrás dela, deixando ela e o Diretor sozinhos.

Khalani olhou ao redor cautelosamente, tentando avaliar as armas que poderia usar. Não havia nenhuma. Nem mesmo uma caneta. Os únicos móveis na sala eram uma escrivaninha de mármore preto, um tapete dourado estendido no centro do chão e duas cadeiras desgastadas pelo tempo ao lado da lareira.

— Somos só você e eu, 317. Por favor, sente-se. — O Diretor gesticulou para a cadeira vermelha idêntica à sua frente.

Khalani brincava com os dedos enquanto se aproximava. O Diretor pousou o bloco de notas, observando-a atentamente. Seus cotovelos estavam apoiados no braço da cadeira e suas mãos estavam entrelaçadas diante do rosto enquanto ela se sentava.

Ela cutucou o tecido do uniforme enquanto ele a observava, querendo sair correndo. Esperou que ele falasse, preparando-se para as más notícias. Era assim que Khalani se preparava mentalmente para as coisas, esperando o pior resultado. A vida não lhe ensinou nada menos do que isso.

“Como Braderhelm tratou você até agora?” perguntou o Diretor após um

momento de silêncio.

Ela franziu as sobrancelhas diante da pergunta. A gentileza calma dele fez seu pulso acelerar, como se estivesse sendo atraída para uma armadilha cuidadosamente preparada. "Hum, muito bom, senhor." Khalani engoliu em seco.

Ele riu baixinho por trás das mãos e sussurrou: "Recomendo não mentir".

O suor escorria por sua testa, e ela se remexeu, desconfortável. Não gostou do brilho penetrante dos olhos dele, como se ele a estivesse prendendo sutilmente em uma gaiola, em busca de respostas para perguntas não formuladas. Montanhas de segredos se escondiam sob seus olhos. E ela não tinha acesso a nenhum deles.

"Poderia ter mais cor." Seu coração batia acelerado como se ela estivesse pisando em um campo de agulhas grossas e afiadas.

O Diretor inclinou a cabeça, uma das mãos sobre o rosto, escondendo parcialmente a expressão. "Você acha que Apolo é um lugar pitoresco?"

"É tudo o que eu sempre conheci." Ela torceu os dedos.

“Sua família nunca foi rica o suficiente para receber um passe de um dia para Genesis.”

Khalani balançou a cabeça, cerrando os dentes ao ouvir a menção da família. Aonde ele queria chegar com isso?

"Interessante." O Diretor recostou-se, com a atenção fixada nela. "O Governador Huxley entrou em contato comigo há pouco tempo. Ele vai oferecer um jantar amanhã à noite em sua mansão em Gênesis, com a presença dos membros do conselho e suas famílias. O Governador prefere usar prisioneiros como servos. Acho que é porque ele gosta de irritar os outros membros do conselho."

Sua expressão permaneceu neutra, indiferente aos planos do Governador de beber chá e saborear luxos com seus asseclas em Gênesis enquanto todos os outros sofriam.

A Diretora observou a reação dela, esperando que ela respondesse. "Isso é... ótimo." Seus lábios se contraíram em um sorriso falso.

"Fico feliz que você pense assim." Ele inclinou a cabeça. "Porque o Governador pediu que você fosse um dos criados neste jantar."

Apenas o som do crepitar do fogo preenchia o espaço. Ela não se mexeu. Era como se as palavras dele entrassem e saíssem do seu ouvido, mas nunca fossem registradas. Khalani balançou a cabeça. "Desculpe, deve haver um engano. Talvez você tenha pegado o prisioneiro errado."

O Diretor sorriu lentamente por trás das mãos. "Eu provavelmente pensaria o mesmo se estivesse no seu lugar. Mas posso garantir que isso é bem real, e você estará em Gênesis amanhã. Alguns outros estarão presentes, mas você é o único prisioneiro que o Governador já selecionou pessoalmente. Agora, por que isso?"

Ele se endireitou na cadeira, estreitando os olhos. A boca de Khalani se abriu, e ela sentiu uma tontura repentina ao ver o rosto de Alexander Huxley entrar em seu campo de visão.

Ela cravou um prego na perna, com força suficiente para sangrar. A dor física lentamente atravessou seus sentidos, mas ela continuou pressionando a pele. Seus olhos se voltaram para o fogo, mas nenhuma resposta ou sinal de clareza se

escondia nas chamas vermelhas.

"Não sei." Não havia como o Governador se lembrar do nome dela depois daquele breve encontro.

Não podia ser verdade. Tinha que ser mentira.

O silêncio pareceu se estender por uma eternidade. Após aparentemente se sentir satisfeita com a verdade por trás de suas palavras, a Diretora suspirou profundamente e rapidamente se levantou, caminhando até um armário de mogno escuro.

Khalani relaxou a mão e notou uma marca vermelho-escura em sua coxa, encarando-a. Ela permaneceu em silêncio. Distante. Preparando-se para o momento em que o tapete seria arrancado de seus pés. Ela não se permitiria acreditar que seus olhos contemplariam os portões de Gênesis.

Ela se assustou ao ouvir o som das botas pretas do Diretor vindo em sua direção. Ele carregava dois copos nas mãos, cheios de um líquido escuro. Estendeu um copo para ela e acenou para que o pegasse. Recostou-se na cadeira enquanto ela o cheirava, cautelosa.

O Diretor bufou. "Eu juro que não envenenei. Tome um gole comigo." Ele estendeu o copo para ela em comemoração. Ele não tirou os olhos dela enquanto virava a bebida.

Ela fechou os olhos e tomou um pequeno gole. O líquido amargo tinha gosto de álcool isopropílico embebido em água sanitária. Ela tossiu e cuspiu, o rosto franzindo devido à queimadura indesejada.

O Diretor ficou sentado ali, rindo. Idiota.

"Sabe, esse é um dos melhores conhaques de Apollo? Era considerado uma bebida de altíssima qualidade antes do Grande Colapso."

“Algumas coisas deveriam ter morrido com o Colapso.”

Ele deu um sorriso irônico e pousou a bebida. "Talvez. Mas eu não a convidei aqui só para falar sobre os planos para o jantar de amanhã, 317." A voz sedosa da Guardiã provocou arrepios em seu corpo, e as paredes pareceram se fechar ao seu redor.

"Use suas palavras com sabedoria se o Governador lhe perguntar sobre sua estadia em Braderhelm. Há vários anos, um antigo Diretor foi promovido a Conselheiro, e minhas ambições políticas me levam na mesma direção. Uma ou duas palavras gentis com ele tornarão sua estadia aqui mais confortável. Se não, posso tornar a vida aqui muito mais dolorosa", sua voz endureceu, e a malícia em seu olhar penetrante se intensificou.

A cada palavra proferida, sua respiração se acelerava e seus ombros se curvavam para a frente, como se ela estivesse prestes a ceder. O favor que ele pedia não era favor algum. O Diretor falava com confiança e veracidade, o que significava apenas uma coisa: ele estava dizendo a verdade.

Khalani assentiu, incapaz de falar. Seus músculos liberaram toda a tensão, como se ela estivesse murchando e desaparecendo nos limites da cadeira vermelha.

"Sábia decisão, 317. Sei que você não vai me decepcionar. Parta para Gênesis amanhã." Ele gesticulou em direção à porta, dispensando-a.

Por um segundo, ela não se moveu. Sua pele formigava como se tivesse adormecido, e um peso considerável se instalou em seu peito. Ela sonhava com

Gênesis desde pequena. Sonhava em ver o sol... O reconhecimento surgiu dentro dela enquanto as palavras dele lentamente começavam a ser registradas.

Amanhã, a esta hora, ela pisará na superfície da Terra.

Khalani assumiu o controle de seus membros e abruptamente agarrou o copo, virando o álcool, e nem mesmo a queimação aguda a acordou.

17

Entre no meu abismo para que eu possa aprender a me manter à tona.

Depois que Khalani saiu do escritório do Diretor, ela não falou mais nada. Era uma massa móvel de pele e ossos, presa num torpor sem peso, como um fantasma — uma viajante sem fim condenada a uma eternidade de negação.

Ela repetiu a conversa com o Guardião inúmeras vezes, sem conseguir compreender a ideia bizarra de visitar Gênesis. A exigência era ilógica. Inacreditável. Fantasias bizarras não deveriam escapar dos limites da imaginação. Mas a conclusão permaneceu a mesma, não importa quantas vezes ela reinterpretasse a troca tensa, procurando o erro evidente no discurso do Diretor.

Ela veria o sol pela primeira vez.

Khalani não pensava em mais nada enquanto permanecia sentada ereta na biblioteca, roendo as unhas, olhando para a mesma frase no livro de Winnie.

Winnie continuou olhando para ela com preocupação durante todo o turno, perguntando várias vezes se ela estava bem.

“Estou bem”, foi a única resposta que ela conseguiu dar.

Ela não estava. O Governador ofuscou a expectativa de chegar à cidade elusiva e abobadada. Quais eram os motivos de Alexander Huxley? Por que ele a destacaria?

Talvez ele realmente soubesse das mentiras que ela contou ao Juiz Mestre quando foi sentenciada, e a executaria em um fórum mais público para servir de exemplo. Ele já tinha feito muito pior. Os rostos radiantes de seus pais — sempre presentes em sua mente — escureceram e se transformaram em telas em branco, enquanto o sangue escorria pelo canto da boca, lembrando-a da traição do Governador.

Seu medo mudou. A convicção se fixou em sua mente como uma placa de cimento. Se o Governador fosse matá-la, ela faria tudo ao seu alcance para levar o desgraçado para o inferno com ela.

Ela contornou o quarteirão e encontrou Takeshi esperando do lado de fora de sua cela.

E ele parecia *irritado* .

"Você está atrasada", ele disse com a voz irada, sem nem se dar ao trabalho de olhar para ela.

“Desculpe, perdi meu relógio.”

Irritar Takeshi antes do treino não foi a decisão mais inteligente que ela já tomou, mas praticar autocontrole era a última coisa que ela tinha em mente.

O olhar dele escureceu e a percorreu. "Talvez eu devesse te pendurar no fosso pelo resto da semana, para você se lembrar de não me fazer perder tempo."

"Talvez eu aceite sua oferta", ela murmurou.

O rosto esculpido de Takeshi demonstrava mais agressividade do que o normal, marcado por linhas profundas na testa. Algo na expressão dela o fez balançar a cabeça. Sua língua se lançou para fora e ele lambeu os lábios. Lentamente. Como se estivesse ganhando paciência a cada estocada longa.

"Não me tente hoje", ele sibilou, passando por cima do ombro dela.

Seu sangue fervia, mas já não era tanto de medo. Sua mente era um turbilhão de emoções, e Khalani não conseguia explicar o que sentia, mesmo com uma arma carregada apontada para sua testa.

Eles não conversaram no elevador. Takeshi flexionou o maxilar, e todos os músculos do seu corpo estavam tensos. Ela estalou o pescoço dos dois lados. Em seguida, estalou cada dedo e os pulsos. A pressão entre eles era tão forte que seria preciso algo muito maior do que uma faca para cortá-la.

Ela sabia que não devia perguntar o que o estava incomodando. Takeshi nunca se abria sobre suas emoções, muito menos falava sobre sua vida pessoal. Quanto menos soubessem um do outro, melhor.

Khalani rapidamente pegou suas roupas de treino e se trocou quando entraram na sala de treinamento. Takeshi virou o rosto respeitosamente, com as mãos na cintura.

Ela fechou o armário e foi até o banco para calçar luvas que protegiam as palmas das mãos dos pesos pesados. Takeshi as jogou para ela depois de notar suas bolhas sangrentas algumas sessões antes, um gesto gentil que a surpreendeu.

"Você está pronta?" Takeshi perguntou de costas para ela.

"É." Ela desdobrou o velcro das luvas. "Só um segundo."

“Você não vai precisar de luvas hoje.”

Khalani levantou a cabeça, confusa, enquanto Takeshi se movia em direção à gaiola no centro. Ele abriu o zíper do colete preto e o jogou para o lado. Por baixo do colete, Takeshi usava uma regata preta.

Cada músculo firme em seus ombros e estrias em seus braços expostos eram visíveis. Ele não tinha um físico nojento. Era forte, formidável e ágil.

Tenaz.

E ela estava olhando fixamente.

"Ah. Eu, hum." Khalani pigarreou e desviou o olhar, jogando as luvas de lado. "Vou começar com flexões aí?"

"Não. Entre aqui, Kanes", ordenou Takeshi, gesticulando para que ela entrasse no ringue.

Suas sobrancelhas se abaixaram, mas ela passou as pernas por cima das grades, juntando-se a ele no círculo. Takeshi girou o pescoço e lentamente esticou os braços atrás das costas. O olhar de Khalani se fixou no decote em V que se estendia por dentro da calça enquanto a camisa subia. Uma cicatriz saliente se estendia do ombro direito de Takeshi até a clavícula, destacando as saliências de seus músculos, afinadas por anos de disciplina.

Ela continuou olhando e desviou o olhar rapidamente quando cruzou com o dele. "O que vamos fazer então?"

"Vou te ensinar técnicas básicas de autodefesa e combate." Takeshi endireitou os ombros.

Seus olhos se estreitaram em descrença. "Por quê? Você disse que eu era

fraca demais para fazer qualquer coisa boa. 'As baratas nem têm medo de mim' foram suas palavras exatas, se bem me lembro."

Ela matou algumas baratas na noite em que ele disse isso. Mas os primos deles sempre voltavam como se quisessem zombar dela.

Takeshi se virou e segurou a barra preta com uma das mãos. Agarrou o próprio pé por trás, esticando os quadríceps. Khalani não deixou de notar a firmeza com que ele segurava a barra, e os nós dos dedos ficaram opacos e brancos.

“Fui informado hoje que o governador Huxley pediu que você fosse um de seus criados no jantar de amanhã.”

O ar imediatamente ficou mais denso. Ela foi até o bar e prendeu o cabelo num rabo de cavalo, tentando se ocupar com qualquer outra coisa que não fosse esse assunto.

"Não que eu tenha escolha. Mas, pelo menos, eu consigo ver o Genesis."

Takeshi se virou. "Você precisa ter cuidado, Kanes."

"De quê?" Ela franziu a testa.

"Gênesis é uma miragem. É mais belo do que seus sonhos poderiam evocar, mas quando você se aproxima, verá que é tão corrupto quanto Apolo. Mantenha a cabeça baixa, não fale e não confie em ninguém, especialmente no Governador." As linhas acentuadas em sua testa se aprofundaram.

Khalani quase esperava que alguém arrombasse a porta por causa de seus comentários. Calúnia contra o Governador era punível com a morte. Era assim que o governo de Apolo se tornava opressivo e controlador.

"Não entendi. Você é o Capitão de Braderhelm. Não está do lado do Governador?", ela o pressionou.

“Estou do lado de Apolo. Sirvo esta cidade e seu povo com lealdade. Não me cabe expressar minhas opiniões sobre as decisões do Governador ou do Conselho. Mas você e eu sabemos que qualquer movimento contra o Governador, mesmo que percebido, significa sua morte. Uma pessoa inteligente sabe quando escolher suas batalhas. Não faça nenhuma besteira aí em cima”, implorou Takeshi, olhando para dentro de sua alma.

O peso das palavras dele a dominou. Seus sentidos se aguçaram a ponto de ela quase sentir as moléculas de ar ao redor se expandirem e acariciarem cada superfície de sua pele.

Takeshi falou como se estivesse ciente dos motivos dela e dos potenciais planos de hostilidade contra o Governador. Ele viu demais.

"Não sei do que você está falando." Ela se virou.

Takeshi cruzou o círculo num piscar de olhos. Ele agarrou os braços dela e a virou para encará-lo. Ele se inclinou, e ela não tinha para onde olhar a não ser para o seu olhar feroz.

— *Não* minta para mim. Eu sei o que aconteceu com seus pais. Eu sei o que eles fizeram com você na noite em que morreram — sibilou ele.

As palavras dele ecoavam pelas paredes, e a respiração dela congelou como se uma brisa fria soprasse pelo quarto. Ela se sentiu como um inseto virado de costas, esperando para ser pisoteado. Vulnerável. Indefesa.

Como ele sabia disso?

"Isso é realmente necessário, senhor?", perguntou o agente funerário ao

guarda que arrastou Khalani, de 8 anos, para o quarto sinistro.

Luzes brancas brilhantes pendiam do teto. O quarto estava gelado. Não era apenas a temperatura. Era a energia. Como se toda a vida tivesse sido sugada do espaço. A atenção de Khalani estava fixada nos corpos sobre a mesa de prata.

Os corpos estavam envoltos em sacos plásticos cinzas, mas seus rostos estavam expostos.

"Sugiro que não interfira, doutor, a menos que queira se juntar a eles?", perguntou o guarda corpulento, com uma mão áspera envolvendo sua nuca.

Os olhos do agente funerário caíram sobre ela e estavam cheios de culpa, mas ele recuou e deixou o guarda puxá-la para mais perto dos corpos.

Khalani começou a tremer. Lágrimas escorriam pelo seu rosto. Através da visão turva, ela conseguia ver os rostos deles. Seus lábios tremiam e seus soluços se intensificavam enquanto seu peito subia e descia em respirações de pânico. Khalani colocou a cabeça entre as mãos, a um passo de lamentar-se.

“Abra os olhos”, disse o guarda.

Ela balançou a cabeça e chorou ainda mais. Ranho escorria do seu nariz.

“Olhe para eles.”

“E-eu, nãão posso”, ela soluçou.

Dedos rígidos empurraram seu rosto e levantaram seu queixo. "Olhem para eles!", exigiu o guarda.

Seus olhos se abriram e seus joelhos quase cederam. Seu cérebro mal conseguia compreender o que ela estava vendo. Eram sua mãe e seu pai.

Seus rostos não tinham calor nem sopro de vida. Estavam pálidos. Tão pálidos que a pele era quase translúcida. Os olhos do pai estavam fechados, mas os da mãe estavam semiabertos, sem enxergar nada ao longe, com os lábios ligeiramente entreabertos.

Não. Não. Não.

Sua boca estava aberta, mas seus pais não se levantaram da mesa para abraçá-la e dizer que era apenas um pesadelo. Ficaram ali, rígidos e silenciosos. Mortos.

Seus lamentos encheram a sala, e ela ouviu o agente funerário sair como se não pudesse mais suportar aquela visão.

"Estude-os bem." O guarda envolveu a nuca dela com a mão. "Seus pais foram traidores. E estas são as consequências de trair Apolo. Eles tiveram o que mereciam. Se você seguir os passos deles, é isso que vai acontecer com você. Você entendeu?", gritou o guarda, sacudindo-a.

O corpo inteiro de Khalani tremeu, e ela balançou a cabeça. Ficou histérica e tentou se lançar para frente para poder abraçá-los e deitar-se ao lado de seus corpos.

Para que ela também pudesse morrer.

Mas o guarda a pegou e a puxou para longe.

"Nãããooooo!!" ela gritou, chutando o ar, tentando alcançar seus pais sem vida. Ele ignorou seus gritos e a carregou para cada vez mais longe.

“Mamãe!!!” ela lamentou.

Khalani piscou rapidamente para afastar a lembrança, tentando evitar que as lágrimas se formassem. Ela balançou a cabeça para ele. "Não... simplesmente

não. Não é mais um problema para mim, Takeshi." A mentira escapou de sua boca, pronta para ser esquecida. Ela tentou se afastar, mas ele não permitiu.

"Pare com isso, Kanes", ele retrucou. "Pare *de mentir* ."

Ela ergueu o olhar para o céu, rezando para que um dos anjos pintados no teto descesse e a levasse embora. O momento foi tão absurdo que ela começou a rir e ergueu as mãos ao lado do corpo.

"Que diferença faz? Você mesmo disse. Não há espaço para fraqueza em Braderhelm." Ela o encarou com um olhar cruel. "Por que eu deveria me abrir para você? Você me odeia. É esse o seu jeito de baixar a minha guarda, só para me chutar para o chão? Você está tentando me expor como tão fraca quanto pensa que sou?!" No final, ela estava gritando, e suas palavras ecoavam pelos murais.

Quanto mais sua preciosa guarda se afrouxava com Takeshi, mais ela se esforçava para se agarrar a qualquer proteção contra ele. Ele era esperto demais. Conhecia-a bem demais.

Perto de Takeshi Steele, Khalani se sentia completamente exposta.

O pulso dela acelerou quando ele se aproximou. Seus olhos enigmáticos escureceram, e apenas alguns centímetros os separavam. "Eu quero muitas coisas, Kanes. Mas você se achar fraco não é uma delas. Eu te pressiono tanto porque sei que você consegue lidar com isso."

“E o que você quer?” ela ousou perguntar.

Ele hesitou, olhando para ela com incerteza. Khalani prendeu a respiração, esperando que ele a cortasse profundamente. Ela queria ouvir a resposta. Tão intensamente que quase não queria que ele falasse. Ela estava revelando demais. Abrindo sua alma para um mundo maior de dor.

Mas o tempo não podia voltar atrás. O presente era tudo o que restava.

Sem pensar, ela se aproximou dele, cedendo ao magnetismo de Takeshi. Ele fez uma pausa e respirou fundo, encontrando seu olhar vulnerável. Ela não sabia o que ele reconhecia por trás de sua expressão, mas no segundo seguinte, ele se afastou abruptamente.

O momento desapareceu no vácuo. Como se nunca tivesse existido.

"Quero que continuemos seu treinamento. Você está fraco demais para derrotar qualquer um." Seu tom endureceu como aço, e Takeshi marchou em direção ao outro lado da arena fechada.

Khalani ficou em choque, em silêncio. Ela não entendia o que estava acontecendo. Sem saber por que, naquele momento, uma onda de decepção a percorreu. Ele era o Capitão de Braderhelm. Seu inimigo jurado.

E seu coração disparava como se tivesse acabado de correr uma maratona. Ela queria que as emoções confusas parassem. Queria se sentir normal.

Takeshi engoliu em seco e pigarreou, até ele parecia nervoso, pois não conseguiu fazer contato visual com ela.

Bom.

A culpa era toda dele. Ele não devia ter dito aquelas coisas. Ele não devia ter sido legal. Ela não se importava que eles se odiassem.

"Você está pronta para lutar?" Ele se virou para ela, fechando os punhos ao lado do corpo.

Ah, sim. Ela nunca esteve tão disposta a bater num homem.

A raiva a perseguia como uma capa de fogo. Ela não confiava em si mesma para falar, então ergueu os punhos e assentiu.

Cuidado com uma mulher rejeitada. Ela era mais perigosa que qualquer bomba nuclear.

18

A chuva nunca agraciou minha pele, nem os raios arrepiaram meus cabelos. Em você, tempestades ameaçadoras estendem seu êxtase.

"Certo." Takeshi se endireitou para encará-la. "Vamos devagar..."

"Ahhh!" Ela avançou e começou a desferir socos em direção ao peito e à cabeça. Em qualquer lugar que pudesse alcançar.

Os olhos de Takeshi se arregalaram diante do ataque, mas ele bloqueou facilmente cada soco com a mão.

Ela desferiu um último soco, e ele agarrou seu pulso, golpeando-a com um golpe de karatê na lateral do pescoço. As terminações nervosas do pescoço dela entraram em espasmo, e ela cambaleou para trás, com uma dor formigante percorrendo seu ombro e braço.

Ela agarrou o pescoço e resmungou: "O que você fez?"

"Cheguei num ponto crítico." Ele se virou para ela. "Agora, você já parou de me atacar como uma psicopata?"

"Depende", ela respondeu secamente. "Causei algum dano?"

Ele estreitou os olhos.

“Você não vai me causar nenhum dano, Kanes.”

"Então ainda não terminei." Ela chutou a perna e chegou a tocar a canela dele. Khalani não perdeu mais um segundo, chutando a outra perna na direção da barriga dele.

Takeshi a agarrou pelo calcanhar, e ela começou a quicar desajeitadamente, para cima e para baixo. Um olhar maligno tomou conta de seus olhos e, no instante seguinte, ele acertou a outra perna dela, e ela caiu de costas. Com força.

Ele ficou parado diante dela com uma expressão indecifrável nos olhos. "Você sempre foi tão teimosa?"

Ela respirou fundo no chão. "Talvez. Você sempre foi tão babaca assim?"

O canto da boca dele se ergueu imperceptivelmente, e Takeshi se apoiou na ponta dos pés. "Quando eu quiser. Você tem algum problema com isso, Kanes?"

"E se eu fizesse?"

"Você cresce quando se sente desconfortável. O fato de você não gostar disso significa que estou te treinando bem."

Ela se apoiou nos cotovelos e cerrou os dentes. "Apenas admita que você sente satisfação pessoal em me jogar no chão."

Seus olhos brilharam, e ele se inclinou para a frente, em desafio. "Eu gostaria mais se você não facilitasse tanto."

Ela zombou e se levantou, não gostando da proximidade dele. Takeshi Steele não iria mais perturbá-la. Khalani girou o pescoço e ergueu os punhos.

“Vamos de novo.”

Takeshi avançou abruptamente. "Do jeito que você segura o punho, vai se machucar mais do que a mim. Nunca segure o polegar na parte interna do punho.

Você vai quebrar um osso. Em vez disso, segure-o na parte externa... é, é isso, mas coloque entre os dedos curvados." Ele tocou a mão dela, movendo o polegar para a posição correta.

Khalani tentou não se concentrar na textura áspera dos dedos dele enquanto ele agarrava os seus. Ela não percebeu que estava prendendo a respiração até que ele a soltou, satisfeito. Seu pulso se acelerou com indignação e um estímulo selvagem, mas, apesar das sombras que ecoavam em seu peito, ela ouviu com atenção e seguiu suas instruções atentamente.

Takeshi desafiava Khalani de maneiras que a faziam doer de agonia e respirar alegremente de alegria. Cada tarefa que ele realizava, mesmo algo tão simples como ensiná-la a segurar um punho, Takeshi a executava com total foco, intensidade e concentração. Cada treinamento enfatizava por que ele era o Capitão de Braderhelm. Para ele, nenhuma tarefa era pequena demais para exigir o máximo esforço.

"O mais importante para você memorizar são os pontos vulneráveis do corpo. Serão os olhos, o nariz, a garganta, os joelhos e a virilha", a voz grave de Takeshi ecoou pela sala. "Hoje, vamos nos concentrar nas partes mais fáceis."

Ele gesticulou para que ela estendesse a mão, e o que ele disse em seguida a fez empalidecer. "Quer que eu enfie os dedos nos olhos de alguém? Não. Acho que eu vomitaria primeiro."

"Se for uma situação de vida ou morte, Kanes, você fará o que for preciso. Para sobreviver", afirmou ele sem remorso.

Ela se encolheu o tempo todo, mas Takeshi tinha razão. Ele se recusou a seguir em frente até ter certeza absoluta de que Khalani sabia como eviscerar o órgão óptico de alguém.

"Ótimo." Seus olhos brilhavam perigosamente. "Vire-se."

“Você me disse que eu não deveria tirar os olhos do inimigo.”

"Agora é a exceção. Vire." Ele fez um movimento lento com o dedo.

Ela hesitou e teve que lutar contra todos os instintos que guerreavam dentro dela enquanto relutantemente lhe dava as costas.

A respiração de Khalani acelerou enquanto ela esperava. Seus olhos estavam fixos nas barras, mas seu foco estava voltado para fora, usando todos os sentidos para captar os movimentos de Takeshi. Vários momentos se passaram, e ela estava prestes a perguntar o que ele estava fazendo quando atacou.

Nenhum passo, respiração ofegante ou ruído indicava a presença de Takeshi. Ele era um assassino silencioso. Num piscar de olhos, braços musculosos a envolveram por trás.

O corpo dele era sólido como uma rocha, e ela grunhiu alto e se esforçou, tentando se soltar dele. Seus pés se arrastaram enquanto ela tentava empurrá-lo para trás, mas Takeshi era uma força inabalável.

Ele respirava pesadamente em seu ouvido enquanto ela empregava toda a sua energia, sem conseguir afrouxar seu domínio. O suor escorria por sua testa enquanto ela continuava a lutar. Ela poderia muito bem se empurrar contra uma parede, com todo o sucesso que estava tendo.

“Calma, Kanes”, sussurrou Takeshi.

Khalani estremeceu com a vibração da voz dele fazendo cócegas em seu ouvido, mas continuou tentando se livrar do aperto tenaz.

De nada adiantou. Depois de vários minutos, seus músculos estavam tão exaustos que Takeshi quase a segurou. Ela parou de lutar e eles ficaram imóveis, ambos respirando com dificuldade. O topo de sua cabeça mal alcançava o ombro de Takeshi, e ele a cercou completamente naquela posição.

O suor escorria pelos antebraços dele, que a envolviam. Seu aroma sedutor e mofado penetrou em seu nariz, e Khalani cerrou os dentes. Por que ela estava prestando atenção em detalhes como aqueles?

"Se alguém te agarrar por trás assim, primeiro você precisa se acalmar. Vai ser desafiador, mas você precisa conservar sua energia. Depois, junte as mãos e use o cotovelo para bater no estômago do agressor com a maior força possível. Seu cotovelo é uma das partes mais fortes do seu corpo. Eu prometo que eles vão te soltar", ele baixou a voz, ainda envolvendo-a.

“É aqui que eu te dou uma cotovelada no estômago?”

"A menos que você queira ficar preso o resto da semana." Ele fez uma pausa. "Do tipo que você não vai gostar."

Arrepios percorreram sua nuca enquanto as vibrações profundas da voz dele ecoavam em sua pele. "Não, obrigada", resmungou ela.

"O que eu pensei", Takeshi parecia divertido. "Agora que resolvemos isso, vamos praticar o movimento."

Ele a ensinou a técnica e, quando ela se sentiu mais confiante, ele lentamente afrouxou o aperto e a virou para encará-lo. Ela ergueu o queixo em desafio, e ele retribuiu o olhar acalorado. Eram as únicas duas pessoas na sala, mas era como se fossem os únicos ocupantes de todo o Braderhelm. Ela quase conseguia sentir os tentáculos de energia escaldante fluindo por seu corpo.

"Última parte", ele pronunciou lentamente. "Se o seu inimigo vier direto pela frente e o dominar..."

Ele levou a mão grande ao pescoço dela, a alguns centímetros de distância. O olhar dela vacilou, inquieto, enquanto ela engolia em seco.

"Kanes." Takeshi voltou a atenção para ele. "Quando nos preparamos, vamos até o fim. Guarde o seu medo."

Ela conseguia fazer isso. Ela precisava.

Khalani expirou e assentiu, dando-lhe sinal verde. Takeshi não perdeu mais um segundo e suas mãos diminuíram a distância, envolvendo o pescoço dela.

Ela ainda conseguia respirar, mas seus olhos se arregalaram enquanto ele a segurava com firmeza e implacabilidade. Ele franziu a testa diante do pânico nos olhos dela, e um leve sinal de consternação passou por seu rosto. Ela suspeitou que ele fosse soltá-la, mas uma firme determinação se consolidou em sua expressão. Ele começou a conduzi-la de volta para a lateral das grades, com as mãos ainda em volta de seu pescoço.

Ela não pôde fazer nada além de andar para trás, seguindo a direção dele. Suas costas bateram na borda da gaiola, e ele se inclinou sobre ela, com os olhos brilhando intensamente.

"Diga-me o que você está sentindo agora", ele exigiu, estudando o rosto dela.

Ela respirou fundo. Só havia uma palavra que resumia perfeitamente aquela posição: "Impotente".

Takeshi apertou o maxilar. "Sim. Você se sente fora de controle, fraco. *Mas esse não é você* . Você precisa retomar esse controle e provar que não pode ser

jogado de um lado para o outro e descartado. Você, Kanes, é forte."

O rosto dela se contorceu diante da sinceridade, profundidade e seriedade das palavras dele. Ao longo das sessões, ele a humilhava, punia e a arrastava para o chão. Frágil. Indefesa. Incapaz. Ela achava que a missão dele era provar que ela era fraca demais. Mas percebeu que a verdade era muito mais significativa e complexa do que isso.

Ele estava provando a *ela* que ela era forte o suficiente.

Provando que não importava quantas vezes Khalani caísse no chão ou falhasse repetidamente. Ela nunca desistia de si mesma, apesar desses fracassos. E isso importava mais do que qualquer opinião consciente no mundo.

"Se você for colocado nessa posição, você acerta o joelho na virilha do oponente. Mesmo que seja uma garota, ainda vai doer pra caramba, permitindo que você leve a melhor. Entendeu?" Takeshi não desviou o olhar.

"Sim", disse Khalani, lutando contra a onda de emoções como se estivesse escalando uma montanha íngreme e cheia de arestas. No auge, o poder e a coragem para quebrar todas as correntes, físicas e imperceptíveis, que prendiam seu corpo.

Takeshi assentiu e soltou o pescoço dela. Os dedos dele deslizando pelo pescoço dela fizeram seu pulso acelerar. Eles se encararam em silêncio. Ela queria dizer tudo e nada ao mesmo tempo. Takeshi era distante e implacável, mas cada vez que a olhava, seus corpos congelavam em suspensão, esperando que o outro atacasse suas paredes ou revelasse os tecidos de sua alma.

Os punhos de Takeshi se apertaram ao lado do corpo, e ele abriu a boca para dizer algo, mas o alarme soou, ecoando pelas paredes. O tempo deles havia acabado. Eles continuaram parados, sem saber o que fazer em seguida.

Ele foi o primeiro a quebrar o feitiço. "Deveríamos ir, Kanes."

Ela franziu a testa e assentiu lentamente. Khalani percebeu que ainda não estava pronta para retornar à cela. Queria ficar e treinar. Ou talvez quisesse uma desculpa para conversar mais com Takeshi. E estava confusa e desgrenhada demais para entender o estranho sentimento.

Eles não falaram durante todo o caminho até a cela dela. Quando ele começou a fechar as grades — sem fazer contato visual com ela —, ela as envolveu com as mãos e sussurrou:

"Takeshi?"

Ele deu um suspiro pesado e ergueu a cabeça para encará-la. Seus olhos escuros a penetravam de forma diferente. Estavam mais contidos, como se escondessem algo poderoso. Letal.

“O que foi, Kanes?”

"Obrigada", ela sussurrou. "Por me treinar e acreditar que eu conseguiria. Você não queria ajudar, mas apareceu mesmo assim. Eu só queria... Desculpe, eu..." Suas mãos apertaram as barras enquanto ela perdia as palavras certas.

A verdade não dita a engoliu profundamente, sem querer se soltar da língua dela. As sobrancelhas de Takeshi se franziram e ele balançou a cabeça, olhando para o chão. Alguns momentos se passaram e ele finalmente ergueu o queixo.

"Kanes, é melhor você não morrer amanhã. Só vou permitir isso quando você me vencer numa luta." A intensidade na expressão dele a deixou sem fôlego.

"Duvido que isso aconteça tão cedo", brincou ela. "Talvez nunca."

"Exatamente."

O silêncio que os acompanhava falava por eles. Parecia que não havia grades os separando. O próprio ar estava parado, e nem as baratas se mexiam. Como se tudo e todos estivessem presos em estase.

Os olhos escuros de Takeshi se fixaram em torno da mão dela nas barras, e seu maxilar se apertou enquanto ele se afastava. Ela baixou a cabeça como se um peso de tijolos descesse sobre seu pescoço. Takeshi continuou a se enfiar sob sua pele, descascando camadas, revelando Khalani como ela realmente era.

Ela não era aquela mesma garotinha que implorou para morrer com seus pais.

Khalani estaria na superfície da Terra amanhã, como seus ancestrais antes do Grande Colapso. Ela enfrentaria o Governador, o homem que assassinou aqueles que ela mais amava. Aquele que a roubou de tudo o que importava. Apolo a ensinou bem.

A justiça não é verdadeira a menos que esteja coberta de sangue.

19

Há uma revolta em você.
Nós rugimos com a nossa primeira respiração.

A entrada para o Genesis era um elevador enorme e reluzente. As portas eram transparentes, com uma insígnia dourada com um G escrito no vidro, sinalizando seu único destino. Serene apertou a mão dela enquanto se aproximavam da área proibida.

Quando Serene soube que Khalani havia sido requisitada como serva em Gênesis, roubou rapidamente um bloco de notas de um guarda desavisado e trocou seu número com outra prisioneira. Khalani se opôs, mas um olhar cortante de Serene lhe disse que não havia negociação. Ela admitiu ter tido sorte com sua presença quando foram forçadas a trocar de roupa, colocando um vestido preto justo e saltos altos combinando.

Eles estavam indo para um jantar ou para um bordel?

Eles foram acompanhados por outro prisioneiro, um homem e uma mulher. A garota tinha pele clara, um rosto bonito em formato de coração e cabelos negros e esvoaçantes que ainda brilhavam. Khalani reconheceu o rapaz de cabelos ruivos como o prisioneiro sendo empurrado na fila da comida em seu primeiro dia em Braderhelm.

Pelo menos o guarda lhe deu calças para vestir. Ela poderia muito bem estar seminua.

Os transportes pararam rapidamente diante do elevador. Ela engoliu em seco ao ver a quantidade de guardas em posição de sentido. Os homens de rosto impassível usavam uniformes dourados, e o líder se aproximou do grupo.

“Esses são os prisioneiros?” ele perguntou.

“Sim, senhor”, respondeu o guarda de Braderhelm.

O guarda do Gênesis inclinou a cabeça. "Confira."

Um dos homens invadiu abruptamente seu espaço pessoal e começou a tatear seu corpo em busca de armas. Ela manteve o olhar fixo à frente e ficou rígida enquanto mãos ásperas a apalpavam por todo o seu corpo, incluindo o peito e a virilha.

Serene fez um som de desaprovação, mas foi rapidamente silenciado.

“Tudo limpo”, disse o guarda, retomando sua posição.

"Sigam-me." O guarda do Genesis virou-se e caminhou em direção ao elevador. Colocou a mão em um painel de tela, e uma lâmpada verde piscou quando as portas se abriram. Khalani e Serene trocaram um olhar arregalado de apreensão, mas cruzaram lentamente a soleira.

O guarda do Gênesis ergueu a mão em saudação enquanto as portas se fechavam. "Lealdade a Apolo."

Os dois guardas de Braderhelm fizeram a saudação e gritaram as palavras de volta, mas Khalani e os outros prisioneiros permaneceram em silêncio absoluto.

O elevador deu um solavanco e começou a subir. Ela transferiu o peso do corpo de um lado para o outro e esfregou as palmas das mãos nas pernas. O elevador subiu mais alto.

E mais alto.

Eles viraram a cabeça para olhar através do vidro. Todo o Apolo jazia lá embaixo. As Câmaras do Conselho, imaculadas e brancas, ficaram menores, e as pessoas que andavam pelas ruas pareciam pontos negros. Sua ansiedade aumentou quando, de repente, foram cercadas por rochas, terra e solo. Terra.

Eles estavam quase na superfície.

O corpo de Khalani se jogou para o lado quando pararam bruscamente. A porta dos fundos se abriu com um zumbido elétrico. Os prisioneiros se viraram em uníssono, e Khalani testemunhou algo que só observara em sonhos.

Luz solar.

A luz era avassaladora. Ofuscante. Raios dourados filtravam-se pelos dedos de Khalani enquanto ela protegia o rosto. Ela olhou por cima do ombro e avistou Serene e os outros prisioneiros também cobrindo os olhos.

Mesmo através de seus dedos sujos, o sol era cativante e a compelia a seguir em frente. Suas narinas se dilataram. O próprio ar tinha um gosto diferente, limpo. O fedor persistente do subterrâneo apertado se dissipou. Ela não sabia que o ar podia ter um gosto... *puro* .

Seus joelhos tremeram ao sair do elevador, e seus calcanhares afundaram na grama. Era esse o nome? Sim. Grama verde ao redor. Ela só tinha visto fotos antes.

Parecia ser aparado regularmente com perfeição, com as lâminas a uma altura constante de 2,5 cm. Era o verde mais puro que ela já vira, e ela sentiu uma vontade quase inegável de tirar os sapatos e sentir as lâminas macias acariciarem seus pés.

Khalani deu um pulo quando o elevador fechou as portas e deslizou lentamente para baixo, retornando a Apollo. Uma cobertura metálica se fechou sobre o buraco. Seus olhos se ajustaram lentamente ao sol escaldante, e ela finalmente encontrou coragem para tirar a mão trêmula e olhar para cima.

Em vez de estar cercada por um deserto desolado, ela estava em um campo aberto. Um bando de borboletas coloridas voava ao seu redor, e ela se virou lentamente na bela campina. Sua boca formou um "O" ao ver, ao longe, uma enorme selva que os cercava, em vez de um domo.

Árvores verdejantes e luxuriantes erguiam-se altas, elevando-se mais alto do que ela imaginava ser possível. Ela estreitou os olhos, incrédula, quando uma criatura marrom passou por entre as árvores.

Aquilo é um macaco?

“Como isso é real?” ela sussurrou.

"Não é", disse o prisioneiro de cabelos escuros, deslizando ao lado dela.

Khalani virou a cabeça bruscamente para ela. "Como assim? Onde fica a cúpula?"

"Você está olhando para ela." A garota apontou para a selva. "É como as janelas virtuais da Apollo. A cúpula é translúcida e representa qualquer ilusão que mantenha os cidadãos de Gênesis satisfeitos. A temperatura também é regulada. A única parte da cúpula que não é uma ilusão é o sol e os

desmoronamentos."

Khalani inclinou a cabeça ainda mais para cima. O sol estava alto no céu, banhando-os com um brilho intenso. As folhas virtuais das árvores balançavam como se o vento de verdade soprasse pelas videiras.

“Eles fazem com que pareça tão real”, disse ela com admiração.

Uma deslumbrante cachoeira de pedra se estendia do domo, desaguando em um rio longo e sinuoso. A água era do mais puro tom de azul, e uma nuvem de névoa belíssima flutuava no ar. Uma belíssima ponte de pedra branca se estendia bem em frente a eles, construída sobre o rio. O rio se estendia à frente e circundava uma cidade brilhante como um fosso.

A cidade de Gênesis.

A cidade era distante, e apenas prédios altos e brancos eram visíveis àquela distância, mas mesmo dali, era linda. Uma torrente de emoções ameaçava tomar conta de Khalani, e lágrimas brotaram em seus olhos.

Se ao menos os pais dela tivessem vivido para ver isso.

“Pare de enrolar!” gritou o guarda com barba cor de cobre.

Os guardas caminharam em direção à ponte de pedra, e os quatro rapidamente os seguiram. Caminharam pela campina gramada e ensolarada até chegarem à travessia do rio. A cachoeira rugia ao lado deles, e uma miríade de cores surgiu através da névoa. Ela já tinha ouvido falar disso antes.

Arco-íris. Sim, era isso mesmo. Um arco-íris.

Ela parou momentaneamente, hipnotizada pela visão, quando Serene agarrou seu braço. "Vamos, Khalani. Temos que continuar."

Khalani mal desviou o olhar. Era como ser transportada para um conto de fadas da vida real, cheio de cores, depois de viver em um mundo em preto e branco.

Como é que você volta?

Ao cruzarem a elegante ponte, uma estrada sinuosa de paralelepípedos levava à cidade. Os edifícios em Gênesis eram cor de marfim, alguns tão altos quanto a cúpula, com pilares elaborados sustentando suas estruturas.

Ao se aproximarem dos muitos prédios, ela notou estátuas de animais — gárgulas — incrustadas no topo dos pilares. Da aula de história animal, ela se lembrava vagamente dos nomes de algumas das criaturas. Leões. Elefantes. Cavalos. A cidade inteira era uma obra de arte hipnotizante, projetada para atrair a atenção.

Seu pescoço doía quando ela esticou a cabeça diante daquelas vistas maravilhosas.

Cidadãos de Gênesis circulavam enquanto eram escoltados pela cidade. A mulher usava uma mistura de vestidos metálicos, prateados e brancos, e os homens usavam smokings prateados, dourados ou pretos. Cada pessoa se vestia como se estivesse prestes a entrar em um baile.

Tudo neles era diferente. Até o jeito de *andar.*

Em Apollo, todos mantinham a cabeça baixa, apressando-se para chegar ao destino e terminar o trabalho. Raramente havia sorrisos ou cumprimentos trocados entre estranhos. A felicidade estava tão ausente quanto o sol.

Mas aqui, todos sorriam e deslizavam preguiçosamente pelas ruas como se

tivessem todo o tempo do mundo na ponta dos dedos.

Khalani olhou para algumas das lojas alinhadas ao longo da rua. As vitrines estavam repletas de vestidos, smokings, diamantes, móveis, bolos elaborados e até bicicletas de ouro. Todos mantinham distância do grupo. Como se pudessem sentir o subterrâneo em suas roupas. Khalani cruzou olhares com duas mulheres mais velhas que seguravam guarda-chuvas dourados enquanto passavam. Seus rostos se contorceram de desgosto, e elas se viraram abruptamente na direção oposta, incapazes de permanecer próximas a eles por mais um segundo.

Khalani franziu a testa e quase pensou em tirar o guarda-chuva das mãos deles e bater na cabeça deles. Que tipo de idiota bloqueia o sol, afinal?

"Inacreditável, não é?", sussurrou o prisioneiro moreno ao lado do ombro dela. "Eles vivem como reis aqui em cima enquanto nós lutamos por restos no subsolo."

Ela se virou, surpresa. Algo dentro de Khalani se apertou quando as palavras do prisioneiro a fizeram pensar em Takeshi.

"Alguém me disse uma vez que Gênesis era lindo por fora, mas de perto, era tão vazio e corrupto quanto Apolo. Eu não sabia se acreditava na época, mas estou começando a acreditar agora", sua voz suavizou.

A garota baixou os olhos. "Quem te disse isso é esperto. Qual é o seu nome?"

"Khalani. Essa é a Serene", sussurrou ela, acenando para Serene, que fez um gesto obsceno para dois velhos que a encaravam com um olhar malicioso.

A garota deu um meio sorriso. "Eu sou Fiora. Esse é Jack." Ela apontou para o garoto baixinho, que ergueu a cabeça em cumprimento. "Jack teve a língua cortada logo depois de ser sentenciado a Braderhelm. Ele não consegue falar", explicou Fiora.

Khalani estremeceu por dentro. Passou a língua pelo céu da boca, como se quisesse ter certeza de que ela ainda estava lá.

As ruas começaram a ficar mais claras, e altos postes de luz metálicos iluminaram-se ao redor. Khalani ergueu o olhar, maravilhada, enquanto o sol se punha e o céu se tornava multicolorido, do azul mais brilhante a um tom rosado, com um toque de lilás. Ela quase tropeçou nos calcanhares enquanto continuava a olhar para a cúpula.

Se Khalani estivesse sozinha, deitava-se no meio da rua, encostada no paralelepípedo. Observava os baldes de cores no céu noturno e simplesmente respirava.

Os guardas os guiaram para longe dos prédios imponentes, e eles começaram a percorrer um longo e sinuoso caminho de cascalho. Khalani esfregou os dedos nos braços enquanto seus olhos se fixavam em uma enorme casa branca sustentada por pilares gigantescos, e seu queixo caiu. A casa era grande demais para uma única pessoa morar. Ou vinte.

"Aquela é a Casa do Governador", sussurrou Fiora, respondendo à pergunta silenciosa. "É uma réplica da antiga casa de um líder antes do Grande Colapso. Chamaram-na de Casa Branca porque não conseguiram inventar algo mais inteligente."

“Como você sabe de tudo isso?”, perguntou Khalani.

"Eu era professora antes de ser presa em Braderhelm. As crianças sempre faziam perguntas sobre isso, então aprendi o máximo possível. Esta é a minha

terceira vez servindo em Genesis." Fiora deu de ombros.

Khalani tinha mais perguntas se formando em sua mente, mas sua boca se fechou enquanto se aproximavam da entrada. Vários seguranças se enfileiravam ao longo do caminho, rifles de assalto em punho. Seus corpos permaneciam imóveis como estátuas enquanto seus olhos seguiam os prisioneiros.

Eles subiram os degraus da mansão até uma porta dourada exorbitante. Um dos guardas deu três batidas firmes na porta e esperou.

"Siga as ordens ou você estará morto." O aviso final veio antes que um mordomo abrisse a porta.

O mordomo era um homem baixo que parecia não estar muito longe da idade de eutanásia obrigatória. Tinha uma cabeça calva e brilhante e vestia um terno impecável. "Boa noite. O Governador Huxley os aguarda. Entrem." O mordomo abriu mais a porta para eles.

A primeira coisa que Khalani notou foi um grande lustre pendurado sobre o saguão. Os cristais brilhavam à luz e realçavam o puro luxo do ambiente. O piso era de mármore branco com uma insígnia dourada com um G gravado no centro. Dois guardas estavam no topo da escada dupla ao fundo, observando-os com olhares perigosos.

"Bem-vindos à Casa do Governador." O mordomo estendeu as mãos em sinal de apresentação enquanto se virava para eles. "Guardas, por favor, subam estas escadas e falem com o Capitão Strauss. Ele é o chefe da segurança aqui. Vocês quatro, por favor, sigam-me até a cozinha."

O mordomo se virou, marchando rapidamente pelo centro do saguão, e os prisioneiros o seguiram às pressas. Uma pintura de uma mulher de vestido preto estava pendurada no centro da parede, com um sorriso estranho destacando seu rosto. Khalani sentiu uma vontade peculiar de parar e inspecioná-la, mas o mordomo voou para a direita, e ela não teve escolha a não ser segui-lo.

O mordomo abriu uma porta de vaivém que quase acertou Khalani no rosto ao recuar. Eles entraram em uma cozinha espaçosa, repleta de equipamentos culinários de última geração e criados correndo freneticamente. Sua boca salivava instantaneamente com o doce aroma da comida.

“Acelerem o passo, pessoal!”, gritou o mordomo para a equipe da cozinha.

A equipe acelerou a todo vapor, tirando comida de vários fornos rapidamente e correndo em direção a uma dúzia de geladeiras metálicas. Era um caos controlado.

O mordomo se virou, observando os quatro atentamente. “Vocês, prisioneiros, estão aqui para ajudar a servir esta noite. Lembrem-se destas regras porque suas vidas dependem delas. Não falem com nenhum dos convidados, a menos que lhes faça uma pergunta direta. Vocês devem ficar invisíveis, ali para ajudar a entregar bebidas ou comida e desaparecer no fundo. Se tiverem alguma dúvida, venham me perguntar, entendido?”

Eles assentiram sem dizer nada, e ele bateu palmas. "Ótimo. Vocês três, vão ajudar Bridget com qualquer comida extra que precise ser preparada." Ele apontou para Serene, Fiora e Jack uma mulher corpulenta de avental branco, tirando uma torta grossa do forno.

O mordomo virou-se para Khalani. "Você, leve aquela bandeja de bebidas para a sala de estar. É a sala à esquerda da pintura. O Governador e os

convidados estão lá até o jantar ficar pronto. Ofereçam champanhe aos convidados. Quando terminarem, voltem direto para cá. Sem conversas." Com isso, o mordomo virou-se com um floreio e gritou mais ordens.

Khalani respirou fundo e pegou uma bandeja de prata com várias taças de champanhe cheias até a borda. Suas mãos tremiam, mas ela abriu cuidadosamente a porta de vaivém com as costas e conseguiu caminhar com firmeza até a sala de estar.

Homens e mulheres impecavelmente vestidos com ternos e becas estavam por ali, conversando e rindo uns com os outros. Um grande sofá branco estava no centro da sala, com uma miríade de almofadas douradas dispostas sobre ele. Toda a parte de trás da sala era uma varanda com vista para um belo jardim.

Ela imediatamente avistou o governador Huxley.

Seu terno branco e imaculado era uma declaração por si só. Ele era trinta centímetros mais alto que todos e se portava como se fosse dono do ambiente e de todos ali. Ele deu um sorriso de tirar o fôlego enquanto conversava com duas mulheres no canto, vestidas com vestidos de gala em tons pastéis que combinavam suas cinturas em proporções inacreditáveis.

Respirar também era para os pobres?

Uma fila de pessoas se formou indiscretamente atrás das mulheres magras que riam alto e de forma irritante, esperando uma oportunidade de falar com Alexander Huxley.

Khalani abaixou o prato, tentando esconder a cabeça, e entrou no salão. Ela se aproximou das pessoas com a bandeja de bebidas, evitando o canto onde o Governador estava. Ninguém fez contato visual com ela enquanto pegavam taças de champanhe e continuavam a conversa.

Era quase fácil demais ser invisível.

Khalani não se importava. Ela queria sair dali o mais rápido possível. A suntuosidade da festa, a mansão e os convidados opulentos a incomodavam. Ela não conseguia nem dizer o que era, mas seus cabelos se arrepiaram como se seu corpo soubesse que ela estava em um covil de monstros famintos.

Ela reconheceu um dos vereadores da limpeza de rua. Wyatt, esse era o nome dele. Aquele que discutiu com o Governador Huxley sobre o Homem da Zona da Morte. Ele também pareceu reconhecê-la porque lhe lançou um olhar gélido enquanto pegava a última taça de champanhe do prato dela.

"Vá andando", ele sibilou.

Khalani abaixou a cabeça, feliz por atender. Ela colocou a travessa entre as axilas ao sair da sala. Ao chegar ao saguão, Khalani respirou fundo, sentindo como se tivesse atravessado um campo minado.

Ela se viu parada diante da mulher sedutora na pintura. A mulher, com um sorriso afetado, olhou para Khalani como se conhecesse todos os seus segredos mais profundos. Ela se aproximou, examinando o estranho cenário atrás da mulher de cabelos escuros.

"Você gostou da pintura?", a voz de Alexander Huxley ecoou por cima do ombro esquerdo dela. Seu corpo congelou, e um arrepio cortante a percorreu como uma bala perdida. Ela nem o ouviu se aproximar.

"Governador Huxley", Khalani suspirou trêmula enquanto seus olhos azuis penetravam os dela. "Eu não queria... Eu estava voltando para a cozinha."

O cabelo cinza do Governador estava penteado para trás com gel, e seu rosto perfeito se curvava em um sorriso lento, destacando sua pele clara e alabastro e seu queixo forte enquanto ele caminhava em sua direção.

Ela lutava contra a vontade de fugir a cada passo furtivo que ele dava. A velha Khalani teria abaixado a cabeça em submissão e aguardado seu castigo. Mas ela não ia desistir. Khalani engoliu em seco e ergueu o queixo. Seus pés travaram no lugar, e ela encontrou o olhar dele, reprimindo cada emoção que gritava para ela fugir.

"Eu disse que nos encontraríamos novamente." Alexander Huxley estava a apenas trinta centímetros de distância.

Ela franziu as sobrancelhas diante do sorriso dele, e agarrou a bandeja vazia com força, preparando-se para usá-la como arma. Esta poderia ser uma de suas únicas chances de machucá-lo. Imaginar o rosto dele sangrando sob seus punhos encheu seu corpo de doce antecipação.

Ela olhou para a esquerda e notou um guarda armado na entrada principal, longe demais para ser ouvido, mas perto o suficiente para atirar nela ao primeiro sinal de agressão. Apesar de tudo, o aviso de Takeshi ecoava em sua mente.

"Uma pessoa inteligente sabe quando escolher suas batalhas."

Ela cerrou os dentes, e era como se Takeshi, a ruína de sua existência, estivesse ali, lembrando-a de ser esperta. Ela queria xingar porque , *porra*, sabia que ele estava certo. Se Khalani atacasse o Governador ali, ela seria baleada em um segundo. E ela dificilmente conseguiria matá-lo com um prato de servir. Precisava manter a calma.

"E que honra este encontro!", Khalani forçou um sorriso enquanto tramava uma morte horrível em sua mente. "Mas eu realmente deveria voltar."

"Ainda não." Alexander Huxley deu um sorriso irônico. Inclinou a cabeça como se estivesse estudando algo divertido.

Devo confessar que nossa última conversa me intrigou. Estou ficando entediado com as mesmas conversas cansativas com membros do conselho e convidados incessantes. São bajulações intermináveis e discussões monótonas. Sufocantes para alguém como eu.

"Mas havia algo diferente em seus olhos", continuou ele. "Uma necessidade de sobreviver. Uma inteligência que ultrapassava a emoção que os habitava. De fato, à medida que envelheço, percebo que meu corpo anseia por estímulos de qualquer tipo", a voz do Governador se tornou monótona, e sua expressão se tornou desolada, como se ele estivesse sozinho. Um psicopata solitário.

O fato de ela não conseguir parar de olhar para o rosto angelical dele a deixava doente.

"Foi por isso que você me pediu para ser sua serva? Para te estimular?" Ela preferia ser cortada em fatias minúsculas e servida com a carne de porco.

Ele piscou, o olhar distante desaparecendo de seus olhos. "Garanto-lhe que minhas intenções são completamente honrosas. Você não tem nada a temer de mim. Mas você nunca respondeu à minha pergunta sobre a pintura." Ele gesticulou para a imagem da mulher.

Khalani teve dificuldade para se concentrar, já que o Governador estava ao seu lado, ombro a ombro. Por que ele se importava com o que ela pensava?

“É, hum… é uma bela pintura, Gov—”

"Não." Ele balançou a cabeça. "Pode deixar as formalidades de lado por enquanto. Me faça o favor. Este é um lugar para a honestidade."

Ela sinceramente queria vê-lo morto. Mas esse não era o nome do jogo que eles estavam jogando.

Ela se voltou totalmente para a pintura, mas o manteve em sua visão periférica. "À primeira vista, você pensa que é um retrato antigo de uma mulher que não parece tão cativante. Mas se você observar seu rosto, parece que ela tem uma história inteira para contar, só nos olhos e no sorriso. Ela está em um lugar estranho, mas se comporta de uma maneira que não demonstra medo, como se carregasse segredos que jamais conheceremos."

"Hmm, muito bom." Ele assentiu. "Você também se encontra em uma situação estranha?"

"Sim", ela sussurrou. E deixou a verdade escapar. "Gênesis é mais estranho e assustador que Apolo."

Ele ergueu as sobrancelhas. "E por quê?"

Ela hesitou e olhou para a pintura. A mulher a encarou diretamente nos olhos, desafiando-a a falar.

"Eles já se esqueceram de onde vieram e estão perfeitamente satisfeitos em ficar sentados comendo bombons enquanto seus vizinhos lutam sob seus pés. A ignorância é sua espada e escudo." Sua testa se enrugou com a emoção crescente. "Eu não sou nada parecida com a mulher nesta pintura. Nada do que vejo aqui é divertido."

Khalani temia revelar demais e que, a qualquer momento, chamaria os guardas para prendê-la por traição, mas Alexander Huxley lançou-lhe um olhar avaliador.

"Você ficaria chocado em saber que esta costumava ser a pintura mais famosa do mundo? Chamavam-na de Mona Lisa", as palavras pingavam de sua língua como seda.

Ela sentiu o gosto do nome na boca. Mona Lisa. "Achei que Apolo guardava a famosa obra de arte nos Arquivos. Para ninguém ver." Khalani franziu a testa.

“E você sabe por que mantemos assim?”

"Porque inspira as pessoas?", ela perguntou hesitante, lembrando-se das lições de Winnie.

Ele sorriu e balançou a cabeça para si mesmo. "Eu tinha razão. Você seria um membro do conselho melhor do que aqueles simplórios. De muitas maneiras, o foco na arte e em fantasias tolas na cultura humana levou ao Grande Colapso. Eles não estavam focados nos problemas reais."

As pessoas estavam mais inclinadas a ficar em casa e viver em frente a uma tela do que a se preocupar com as mudanças climáticas, o declínio dos recursos e a extinção em massa de diferentes formas de vida animal e vegetal. Os sinais de alerta estavam todos lá. Mas elas sabiam que não estariam vivas quando a destruição que semearam acontecesse. Esperaram que alguém resolvesse seus problemas, mas isso nunca aconteceu. E aqui estamos nós. Alexander estendeu as mãos.

O Governador voltou-se para a pintura, parecendo lançar um olhar furioso para a mulher travessa. "Infelizmente, essa praga da ignorância nunca foi curada, como você corretamente supôs. Guardo esta pintura aqui como uma ode àquela

geração perdida e um lembrete dos meus deveres."

Ela o estudou mais profundamente enquanto sua voz se tornava mais intensa, e aqueles olhos se perdiam em um mundo diferente.

O jeito como ele falava... parecia que ele concordava com ela, mas eles estavam dizendo algo completamente diferente. A ira dela era direcionada a um grupo específico, mas o desdém dele era por *todos* . Uma sensação estranha e formigante a percorreu. Ela abriu a boca para perguntar mais sobre seus "deveres", mas a porta da cozinha se abriu.

"Por que demorou tanto com aqueles dri-Governador Huxley! D-perdoe-me, senhor. Esta criada sabia que deveria voltar direto para cá. Assumo total responsabilidade", gaguejou o mordomo e curvou-se até o chão.

O Governador riu baixinho. "Não precisa disso, Arthur. Eu só estava conversando rapidamente com a nossa prisioneira aqui. Pode ir, Srta. Kanes", sussurrou ele a última parte em seu ouvido.

Não diga mais nada.

Khalani saiu correndo, rastejando ao sentir o olhar de Alexander Huxley percorrendo seu corpo em retirada, com um sorriso malicioso no rosto.

20

Os gritos mais altos estão escondidos nos sorrisos.

O jantar foi servido ao ar livre, no jardim. Luzes em cascata flutuavam sobre um salgueiro e flores se espalhavam pelo solo. As cores das pétalas eram tão efervescentes e vibrantes que era difícil acreditar que fossem reais.

Os convidados sentaram-se a uma mesa imponente, e vários criados estavam a 3 metros de distância, de mãos dadas. Um deles acenou para ela quando se aproximou, imitando a posição deles, e Khalani respirou aliviada. Pelo menos ela fez algo certo.

As esposas dos Conselheiros sentados à mesa eram jovens, não muito mais velhas que Khalani, usando maquiagem extravagante e vestidos ridículos e cheios de babados que marcavam a cintura e acentuavam o decote. A maioria dos Conselheiros era de meia-idade e sentava-se orgulhosamente em seus assentos, com smokings brilhantes. O Governador estava sentado à cabeceira. O líder inegável cujo carisma e confiança ofuscavam todos os homens de Gênesis.

Alexander Huxley exclamou para seu grupo: "Obrigado por esta noite, senhoras e senhores. Vamos festejar."

Somente quando Alexander Huxley colocou um pedaço de carne na boca, os convidados imediatamente começaram a devorar a comida e a beber vinho. Os pratos estavam abarrotados de peru, porco e presunto. O cheiro lhe chegou ao nariz, e ela lambeu os lábios. Ficar ali, observando-os se banquetear enquanto seu estômago roncava de dor, foi uma tortura.

Khalani não conseguia parar de olhar para o peru gordo e assado na mesa principal. Ela nunca tinha comido carne de verdade. Pouquíssimas pessoas já comeram. Carne artificial de rato era vista como uma iguaria em Apolo.

Será que o peru clonado sabia que seu propósito era morrer e ser devorado no banquete daquela noite? Ou será que ele ignorava completamente sua iminente morte? Talvez isso seja um pouco machista. Poderia ter sido uma perua.

"Devo confessar que estou muito animada para o Baile do 10º Aniversário", a voz de uma mulher com uma pena branca absurdamente grande no cabelo interrompeu seus pensamentos. Cachos loiros caíam em cascata ao redor de seu rosto jovem, marcados pelo excesso de blush rosa e batom que manchavam seus dentes da frente enquanto ela olhava ansiosamente para o Governador.

“Tenho certeza de que haverá muitas paisagens lindas para contemplar, Pruscilla.” Alexander Huxley tomou um gole suave de vinho.

Pruscilla riu, completamente encantada pela boa aparência dele, apesar do marido estar sentado ao lado dela à mesa.

Khalani queria vomitar no vaso de rosas vermelhas atrás dela.

"Os preparativos para o baile estão indo muito bem. Podemos até estar prontos antes do previsto."

Alexander Huxley inclinou a cabeça. "E temos a força de trabalho conforme o planejado, Borris?"

O vereador Borris hesitou, a bravata confiante se esvaindo, mas lançou um sorriso respeitoso ao governador. "Com certeza, senhor. Exatamente como o senhor ordenou."

Eles continuaram comendo, e o vereador Wyatt virou sua bebida, batendo o copo na mesa. Sua esposa se encolheu ao seu lado.

Os olhos de Alexander Huxley brilharam. "Algo errado, Wyatt?"

"Não, Governador", Wyatt respondeu, cortando sua carne com raiva.

Um silêncio desconfortável se instalou, e o Governador recostou-se casualmente na cadeira. Khalani e alguns outros engoliram em seco diante de sua pose relaxada demais.

"Senhorita Kanes." Ele se virou de repente para ela. "Por favor, pegue o vinho aqui e encha a taça do Wyatt de novo? Ele parece estar vazio", comentou Alexander com uma voz estranhamente calma.

Os olhos de Khalani se arregalaram quando todos se viraram para encará-la. Ela pulou ansiosamente para a mesa coberta por toalhas brancas, onde estavam cinco garrafas de vinho abertas. O peso de cada olhar recaiu sobre ela enquanto se aproximava da mesa de jantar e lentamente começava a servir vinho na taça de Wyatt.

Khalani olhou para o Governador, que escondeu a expressão atrás da mão. Um grito a fez recuar, e Khalani percebeu que havia derramado vinho tinto no terno de Wyatt.

"Sinto muito. Perdoe-me, senhor", disse ela, completamente mortificada. Tentou pegar um guardanapo e secar o vinho. Mas isso só espalhou a mancha pela camisa branca dele, piorando a situação.

Wyatt bateu as mãos na mesa e se levantou.

Governador Huxley, com todo o respeito, não acho sensato ter mais prisioneiros de Braderhelm trabalhando como criados no baile. Ou em qualquer lugar de Gênesis, aliás. Eles deveriam ser eliminados. Olha só a bagunça que esse aí está fazendo. Wyatt gesticulou na direção dela, encarando-a com absoluto desgosto.

Todos à mesa interromperam seus movimentos. Alguns seguravam os garfos no ar, como se temessem que o menor movimento pudesse provocar uma explosão. Ela prendeu a respiração, esperando o castigo chegar. Mas ninguém a olhava.

Todos estavam olhando para o Governador.

Os olhos de Alexander Huxley brilharam de antipatia, mas ele se recostou e sorriu placidamente, exibindo seus dentes brancos e perfeitos. Não era nada amigável. Era como observar um animal brincando com sua presa antes de partir para a matança.

"Senhorita Kanes", sua voz suave ecoou pela mesa. "Minha xícara também precisa ser recarregada."

Khalani enrijeceu-se, ereta como uma vara. Concentrou-se em inspirar e expirar enquanto caminhava até a cabeceira da mesa. Apesar do tempo mais frio, uma gota de suor surgiu em sua testa. O Governador estendeu o copo, e Khalani segurou a garrafa com as duas mãos enquanto servia, certa de que seu coração explodiria a qualquer momento.

Se ela derramasse alguma coisa, ela poderia simplesmente deitar no chão e

seria fácil enterrá-la.

"Ah." Alexander tomou um gole de vinho. "Obrigado pela sua avaliação, Wyatt. Tenho pensado mais em coisas descartáveis. Alguns dos prisioneiros de Braderhelm podem ser úteis." Ele gesticulou para Khalani com um aceno de copo, e ela teve vontade de desaparecer no tecido do seu vestido de seda.

"A maioria, no entanto, é dispensável." O Governador inclinou-se para a frente, pousando o copo gradualmente. "Pretendemos resolver isso à luz dos eventos recentes, como você sabe. Mas, na realidade, tudo isso é um meio para um fim. Sabe o que mais é descartável? *Conselheiros indisciplinados* ", sibilou ele, a hostilidade escorrendo de sua boca como veneno.

Assim que as palavras saíram, dois dos guardas pessoais do Governador se aproximaram da cadeira de Wyatt. "Venha conosco, senhor", disseram secamente, com as mãos apoiadas nas armas.

Wyatt abriu a boca em descrença, e ele se virou para o Governador furioso. "N-Não. Não. Você não pode fazer isso. Eu sou um Conselheiro de Apolo!"

Alexander Huxley tomou outro gole preguiçoso de vinho, como se estivesse sentado em uma praia distante, e acenou com a mão em sinal de dispensa. Os guardas puxaram Wyatt do assento e o arrastaram para fora da mesa. Os gritos ocos de Wyatt ecoaram pelo jardim, gritando e esperneando enquanto era carregado.

Os convidados permaneceram imóveis, imóveis.

Alexander Huxley foi o único que se moveu, pegando outro pedaço de carne para o prato. No instante seguinte, um tiro ecoou pelo jardim. E todos sabiam o que significava.

Khalani ficou boquiaberta, chocada. Ela olhou para a esposa de Wyatt, ainda sentada, segurando o rosto entre as mãos, com lágrimas abafadas escorrendo pelo rosto. Cabeças baixas, ninguém ousava falar. O silêncio era palpável. Físico. Como um fantasma de mãos envolvendo a garganta de todos, roubando-lhes o fôlego.

O Governador pigarreou, e Khalani virou a cabeça bruscamente para o homem que matou seu Conselheiro sem hesitar. "Obrigada pela bebida, Srta. Kanes. Muito saborosa", brincou Alexander, com um aceno de cabeça em sinal de descaso.

Ela não conseguiu assentir. Seu coração batia forte no peito, e ela rapidamente se afastou para ocupar seu lugar ao lado dos outros criados. Khalani só percebeu o aperto mortal que ela tinha na garrafa de vinho quando a colocou de volta na mesa lateral.

"Peço desculpas pelo incômodo, senhoras e senhores, mas não vamos estragar as festividades. Comam", ordenou o Governador.

Garfos erguidos, comida sendo levada às bocas, mas ninguém falou. As mulheres pareceram se encolher nas cadeiras, e os olhos dos outros Conselheiros mal se desviavam da toalha de mesa, com as cabeças baixas. Ela não sabia dizer se era por vergonha, medo ou submissão. Talvez fosse uma combinação dos três, já que todos fingiam que nada tinha acontecido.

Qualquer esperança que ela ainda tivesse de que os Conselheiros caíssem em si e ajudassem o povo de Apollo foi rapidamente frustrada. Eles nem ousaram se levantar quando um dos seus foi assassinado.

Khalani e os outros criados logo foram encaminhados de volta à cozinha. Deliciosas bandejas de biscoitos, doces e bolos foram preparadas. Sua garganta se fechou, sentindo-se cada vez mais enjoada.

"Vocês dois." O mordomo gesticulou apressadamente para Khalani e Serene. "Levem os sacos de lixo para cá, por aquela porta. Tem uma lixeira grande do lado de fora da casa onde vocês vão depositá-los. Voltem logo."

Eles obedeceram rapidamente, com o pulso dela acelerado.

"Dá para acreditar?", perguntou Serene, respirando fundo. "O Governador é louco."

“Fale baixo”, ela advertiu.

Seus antebraços doíam com o barulho dos sacos plásticos batendo em sua perna. Rapidamente, encontraram a grande lixeira do lado de fora. Seu rosto se contraiu enquanto um cheiro pútrido emanava da lixeira.

O rosto de Serene também se contorceu. "Que diabos é isso?"

Khalani levantou a tampa da lixeira e espiou lá dentro. A visão a fez recuar rapidamente, e o recipiente se fechou com um baque alto.

"O que é... meu Deus", sussurrou Serene, com uma expressão horrorizada ao abrir a lixeira.

Era o corpo do vereador Wyatt. Jogado lá dentro, junto com o lixo, como uma carcaça descartada. Havia sangue acumulado ao redor da boca e suas pernas estavam dobradas em uma posição que não deveriam estar.

Ela não conseguia tirar a imagem dos olhos dele da cabeça. Eles ainda estavam abertos. O choque congelado se instalou ali, capturando infinitamente seu último momento aterrorizante.

"Por que eles fariam isso?" Khalani ficou boquiaberta. Como alguém poderia fazer isso com outro ser humano?

"Porque eles são animais", Serene rangeu os dentes.

O som de passos e risadas ásperas a paralisou, e Serene rapidamente agarrou seu braço e os sacos de lixo, puxando-a para trás de uma fileira de arbustos. Elas se agacharam no momento em que dois homens surgiram na esquina e pararam diante delas.

"Viu? Não tem ninguém aqui, Bruce. Você está ouvindo merda de novo."

Khalani prendeu a respiração enquanto espiava por entre os arbustos. Dois guardas estavam parados a poucos metros de distância, ambos com a constituição física de linebackers e carregando rifles de assalto contra o peito.

"Eu podia jurar que ouvi alguém. Talvez tenham visto o corpo", disse o guarda de cabelo raspado, lançando um olhar cauteloso ao redor.

O outro guarda de olhos azul-claros deu de ombros, mas apertou a arma com mais força. "Podemos torturar alguns servos. Talvez um deles tenha visto alguma coisa."

"Não." O guarda suspirou, exasperado, enquanto Khalani e Serene trocavam olhares arregalados. "Esforço demais. Provavelmente por causa da festa. Além disso, não estou a fim de mais delatores esta noite."

"Wyatt deveria ter saído como um homem. Rápido demais e sangrando pra caramba. Pelo menos tive tempo de brincar com aquele cientista semana passada. Qual era o nome dele? Victor?"

"Vincent, idiota. E *mesmo assim você* não conseguiu domá-lo. Continuou

falando sobre a perda da colheita mesmo depois de cortar os dedos dele. Talvez você esteja perdendo o jeito, Dom." O guarda riu baixinho.

"Cala a boca." Dom franziu a testa. "Se eu colocasse as mãos naquele Zionista da Morte que prenderam, ele teria me implorado para acabar com a vida dele."

“Mhmm, claro.”

Bruce olhou para os dois lados e baixou a voz: "Você viu o equipamento que recuperaram?"

Khalani e Serene se aproximaram, esforçando-se para ouvir.

— não funcionaria. O Governador insistiu que colocássemos no escritório dele. Não sei por quê. É lixo arcaico.

"Tanto faz. Vamos voltar." Seus passos rangiam contra o cascalho enquanto desapareciam de vista.

Serene e Khalani esperaram um minuto inteiro antes de saírem do esconderijo. A adrenalina corria por seu corpo, mais densa que o sangue.

“Você ele—”

"Shh", Serene a interrompeu. "Eles podem voltar. Precisamos ir."

Khalani tremeu. Sem dúvida, se os guardas os vissem, seriam jogados mortos na lixeira junto com o vereador Wyatt. Eles invadiram a casa, correndo de volta para a cozinha.

"Onde vocês dois estavam? Os convidados estão quase terminando a sobremesa." O rosto do mordomo estava vermelho de vergonha enquanto ele avançava na direção deles.

Ela abriu a boca, mas Serene se adiantou. "Nos perdemos. Estamos voltando agora para ajudar. Só preciso usar o banheiro primeiro, senhor."

“Use o dos empregados no final do corredor.”

"Alguém está lá dentro há um tempo. E acho que não aguento mais. Não quero causar confusão na casa do Governador, senhor." O rosto de Serene se contorceu como se ela fosse vomitar.

"Agh, *tudo bem* . Fale com o guarda no saguão. Diga a ele que eu te enviei, e ele te encaminhará para o de cima. Não vá para nenhum outro lugar", instruiu o mordomo.

O mordomo a conduziu rapidamente para fora para encher as bebidas. Ela sentia o olhar de Alexander Huxley, mas Khalani deliberadamente não fez contato visual, rezando para que ele não se dirigisse a ela pelo resto da noite.

Ela se posicionou ao lado dos outros criados, longe do Governador. Seu rosto se dissolveu em um suspiro de alívio quando Serene retornou ao jardim e ficou ao seu lado. A linguagem corporal de Serene era calma e serena, mas seu rosto demonstrava algo diferente, uma determinação silenciosa e uma excitação que a confundiam.

“Você está bem?” Khalani sussurrou.

"Mais tarde. Aqui não." Serene olhou fixamente para a frente.

O som de copos tilintando desviou sua atenção quando o Governador se levantou. "Um último brinde pela noite."

Os convidados levantaram seus copos, até a esposa de Wyatt, mas seus olhos ainda estavam manchados pela maquiagem borrada.

"Gostaria de agradecer a todos por se juntarem a mim nesta noite

maravilhosa. Peço desculpas por parte da comoção que houve." Ele fez uma pausa, olhando para cada um dos vereadores.

Excitação. Era assim que os assassinos em série chamavam hoje em dia?

Mas sinto-me profundamente honrado com o seu apoio contínuo ao crescimento da Genesis e, na verdade, ao crescimento de toda a Apollo. Quando nossos ancestrais nos olharem de cima, sei que ficarão orgulhosos de tudo o que conquistamos pelo planeta. Estou animado para seguir em frente e continuar nosso importante trabalho e celebrar a ascensão da Genesis no Baile de Aniversário. Lealdade à Apollo!

“Lealdade a Apolo!”, gritaram os convidados na noite, e todos viraram seus copos.

Khalani lançou um olhar furioso para cada um deles, o ódio preenchendo seus limites. Se havia algo que Khalani aprendeu naquela noite, era que, não importa o quão morais e moralistas as pessoas se considerassem, a maioria daria as costas ao mal, contanto que não fossem vítimas dessas ações.

Ela entendeu então que a prisão a mudou para sempre.

Porque naquele momento, Khalani desejou ter envenenado o vinho e matado todos eles.

21

Testemunhei as guerras mais ferozes e sangrentas no campo de batalha da minha mente.

Khalani beliscou a comida. As misturas marrons se espalharam pelo prato. Eram como os conteúdos desastrosos de sua mente atormentada. Bagunçados e desorganizados.

Os olhos penetrantes do Governador a seguiam de perto, como se ela fosse um quebra-cabeça se desvendando diante dele. O eco estrondoso de um tiro ecoava pela bela extensão, sinalizando as consequências brutais para aqueles que ousassem sair da linha. O corpo de Wyatt se esparramava como uma boneca de pano quebrada, fitando o vazio. As memórias a assolavam, e ela não conseguia apagá-las.

Os horrores abrigados lá dentro geralmente ocupam mais espaço.

"Você está bem, Khalani? Parecendo um pouco verde." A voz de Adan perfurou seus pensamentos calamitosos.

Adan e Derek ficaram tensos, olhando-a com preocupação.

“Sim, estou bem”, disse Khalani baixinho, ainda sem tocar na comida.

A bile subia por sua garganta e, ao primeiro gole, ela poderia vomitar. A voz decrépita de Alexander Huxley deslizou por sua pele novamente. Como se ele estivesse pairando sobre seu ombro, respirando em seu ouvido.

'Essa praga da ignorância nunca foi curada... lembrando-me dos meus deveres.'

"Ei." Derek colocou a mão calejada na palma dela, interrompendo sua concentração. "Quer falar sobre isso? Sobre o que aconteceu lá em cima?" Ele apontou para o teto.

Khalani abriu a boca e fechou-a, incapaz de encontrar as palavras certas. Como descrever um lugar que manifestava suas fantasias mais deslumbrantes e fascinantes, mas continha terrores muito além da imaginação? Gênesis era o inferno, disfarçado de paraíso sob uma cúpula de segurança. *Mentiras* . Tudo isso.

Ninguém estava a salvo do Governador. Nem mesmo o Conselho.

“Nós o encontramos.” Khalani abaixou a cabeça.

"Quem?"

"Wyatt. O governador mandou assassinar o próprio vereador. E nós o encontramos no lixo, jogado como uma carcaça. E ninguém disse uma palavra contra isso", sibilou ela.

“Droga”, murmurou Adan.

"Nós nos escondemos enquanto os guardas brincavam sobre massacrar pessoas inocentes. Os guardas até se gabavam de torturar e matar um cientista que falou sobre a quebra de safra. Obviamente delirantes, mas eles matam qualquer um. São todos monstros."

Ela cerrou os punhos ao se lembrar, querendo descontar sua raiva no guarda mais próximo. O próximo treino com Takeshi não seria nada bonito.

"O que você acabou de dizer?"

Ela se virou para Derek, que a encarou com os olhos arregalados, seu corpo incrivelmente imóvel.

“Eu disse que eles mataram o vereador e o jogaram no lixo.”

"Não, não. Isso não." Derek agarrou o braço dela com firmeza. "A parte sobre o cientista. Você disse que torturaram um cientista que falou sobre a quebra de safra. Disseram quem?"

"Não sei. Não, espera... Eu me lembro dos guardas mencionando o nome Vincent. Por quê?"

O rosto de Derek empalideceu, e suas sobrancelhas se franziram, como se ele estivesse tentando resolver a equação matemática mais complicada do mundo, apenas para descobrir que ela nunca deveria ter sido resolvida.

“Não pode ser”, ele sussurrou.

"O que foi?", ela perguntou, perturbada pelo terror estampado no rosto dele.

"E aí, pessoal! Desculpem, a fila estava demorando uma eternidade." Serene pousou o prato graciosamente enquanto seus olhos vagavam pela sala, em alerta máximo.

"Derek." Khalani não tirava os olhos dele. "O que houve?"

"Eu o matei", Derek proferiu. Lágrimas se acumularam nos cantos dos seus olhos e suas mãos tremiam visivelmente.

"Matou quem?" Serene interrompeu.

Derek passou as duas mãos pelo couro cabeludo como se estivesse tentando arrancar os cacos da própria mente. "Você se lembra quando eu te contei por que fui sentenciado aqui?"

“Você trabalhou nos Laboratórios de Pesquisa e Recursos. Você me disse que encontrou algo... algo que eles não queriam que você encontrasse.” Seus lábios se franziram, lembrando-se.

A boca de Derek se contorceu, e sua determinação se desfez diante dos olhos dela. "Eu nunca quis contar a nenhum de vocês."

"Contar o quê?" Adan franziu a testa.

"Tudo começou há vários meses, quando eu ainda trabalhava nos laboratórios", começou Derek. "Vários agricultores me relataram algo estranho. Cinco por cento de suas plantações morreram após a fertilização. Eu deveria ter conseguido localizar a causa rapidamente. Verifiquei as planilhas das bombas de ar, o conteúdo do solo, as lâmpadas verdes... nada. Os dados estavam normais. Descartei tudo, presumindo que as plantações se estabilizariam no plantio seguinte. Mas, no mês seguinte, 8% das plantações fracassaram. No mês seguinte... 10% de quebra de safra. O problema estava piorando e não sabíamos por quê.

"Informei rapidamente meus superiores, que leram os gráficos eles mesmos. Disseram-me para não me preocupar com isso, presumindo que aqueles bancos de sementes não estavam cultivados corretamente, e se recusaram a acreditar que fosse um problema sistemático. O que eu inferi como 'impossível' foram as palavras exatas deles", Derek cerrou os dentes.

Mas eu não conseguia deixar passar. Senti que algo estava errado. Nos meses

seguintes, comecei a coletar amostras de água e solo eu mesmo. E o que descobri foi... assustador. Havia outra substância presente nas bombas de irrigação. Nunca vi nada parecido em minhas pesquisas, mas só posso descrever como um vírus devorando as plantas de dentro para fora. A cada mês, o vírus se espalhava pelas bombas de irrigação e, se a disseminação continuasse nesse ritmo, todas as nossas plantações estariam mortas em um ano.

Khalani balançou a cabeça brevemente. Impossível.

A perda de colheitas era impensável em Apollo. Nos 300 anos em que viveram no subsolo, Apollo nunca teve escassez de alimentos.

Serene quebrou o silêncio. "Você mostrou aos seus superiores o que encontrou? Este... vírus?"

"Claro que sim", disse Derek, desanimado. "Presumi que eles consertariam as bombas imediatamente e limpariam o que quer que fosse *aquilo* . Mas não o fizeram. Acharam que eu era louco e ficaram com medo de que, se a notícia de um possível mau funcionamento nas plantações se espalhasse, isso causaria pânico."

Depois daquela reunião, tive a sensação de que logo me libertariam. Antes de ser jogado em Braderhelm, dei todos os meus dados a outro colega, na esperança de que ele continuasse meu trabalho. O nome dele era Vincent. Derek fechou os olhos como se pudesse desaparecer, como Khalani sempre desejara.

“O que você está dizendo, Derek?”

Derek encarou Khalani com um olhar brutal. "O que você ouviu os guardas dizerem... não é coincidência. Vincent foi assassinado por tentar espalhar a verdade sobre a iminente quebra da colheita. Você sabe o que isso significa tanto quanto eu. Apolo nunca consertou as colheitas. É só uma questão de tempo até que todos nós morramos de fome. E os prisioneiros certamente serão os primeiros a morrer."

Suas palavras sugaram o ar da sala. Um silêncio esmagador persistiu por todo o círculo, como se um fantasma lhes roubasse o fôlego.

"Quanto tempo todos têm?" A voz de Serene falhou.

“Alguns meses, na melhor das hipóteses.”

"Isso não pode ser verdade, Derek. Você deve estar enganado", negou Adan, com o rosto pálido.

Derek apenas balançou a cabeça, incapaz de falar.

Khalani cravou a unha do seu dedo pontudo no polegar como uma lâmina afiada, concentrando-se na dor cortante porque as paredes estavam começando a se fechar, ameaçando sufocar e destruir cada fragmento de sua existência.

Alguns meses.

Poucos meses antes de todos morrerem.

Ela queria, não *precisava* , negar. Racionalizar o problema não era real. Mas uma lembrança lhe percorreu a mente, e ela respirou fundo.

"Temos planos para resolver isso à luz dos eventos recentes, como você sabe. Mas, na realidade, tudo isso é um meio para atingir um fim."

No fundo, a horrível verdade gritava através de seus pulmões e corrente sanguínea, pesando-a com uma certeza terrível.

"Ele sabia", ela sussurrou. "O Governador sabia disso."

"De jeito nenhum." Adan balançou a cabeça veementemente. "Eu também

odeio o cara, mas ele não deixaria isso acontecer de jeito nenhum."

O rosto de Serene parecia mais pálido do que o normal. "O Governador mencionou que havia pessoas descartáveis ontem à noite. Eles podem estar mantendo tudo isso em segredo para conter o pânico. Mas se o que você diz for verdade, Derek, o Conselho deve ter um plano, ou então eles também morreriam."

"Não é óbvio?", perguntou Derek com um tom mordaz. "Eles terão suprimentos suficientes para os que estão em Gênesis. Mas para todos os outros no subsolo... não teremos tanta sorte. Os guardas vão selar a entrada de Gênesis e trazer o restante da comida. Não podemos impedir."

Khalani balançou a cabeça silenciosamente.

Ela olhou para alguns prisioneiros que caminhavam casualmente, conversando enquanto comiam. Sem saber o que aconteceria com eles. Com suas famílias.

Os guardas sabiam?

Seus músculos congelaram e uma frieza repentina atingiu seu núcleo.

Takeshi sabia disso?

Adan bateu os punhos no chão de pedra, as veias do pescoço saltando. "Tem que haver algo que possamos fazer! Temos que avisar as pessoas."

“Fale baixo”, Derek ordenou.

"E se a gente pedir ajuda?", perguntou Serene com um olhar calculista.

"Quem nos ajudaria, Serene?" Os olhos verdes de Derek brilharam de fúria. "É impossível escapar de Braderhelm, e prisioneiros não são vistos como humanos. O Conselho preferiria nos ver mortos."

Os olhos penetrantes de Serene estavam fixos em determinação. "Não estou falando de Gênesis." Todos viraram a cabeça para ela, sem saber se tinham ouvido direito.

Linhas se formaram na testa de Khalani. "Como assim?"

Serene olhou ao redor apreensivamente, certificando-se de que nenhum guarda ou prisioneiro estava prestando atenção, e enfiou a mão no bolso largo da calça do macacão, revelando uma pequena bolsa preta.

"O que foi?" Adan franziu a testa.

Ela o colocou no chão. "Abra."

Adan enfiou a mão dentro da bolsa e tirou um amontoado de fios e metal quebrados, do tamanho de um dispositivo portátil. O objeto preto estava amassado, como se alguém tivesse desmontado os pedaços agressivamente.

"É um... walkie?" Os olhos de Adan se estreitaram enquanto ele inspecionava o item, escondendo o material emaranhado com seu corpo.

"Não é um walkie-talkie qualquer. Este pertencia a um membro da Zona da Morte. E você vê aquela pequena insígnia azul com um H? É da outra cidade subterrânea, Hermes", sussurrou Serene, com o rosto brilhando.

"Onde diabos você conseguiu isso?" Adan ficou boquiaberto.

"Roubei da mansão do Governador ontem à noite. Os guardas mencionaram o equipamento que recuperaram de um membro da Zona da Morte, e eu entrei no escritório dele. Enfiei no sutiã enorme que nos forçaram a usar, e ninguém percebeu."

Os olhos de Khalani se arregalaram quando as peças do quebra-cabeça se

encaixaram de uma só vez. Foi por isso que Serene desapareceu no jantar.

"Se conseguirmos consertar isso de alguma forma, talvez consigamos entrar em contato com Hermes daqui. Talvez *eles* possam enviar ajuda. Temos que tentar", exclamou Serene.

"Mas o Conselho já não teria feito isso? Pediu ajuda a eles?" As sobrancelhas de Adan se franziram enquanto ele continuava a observar o objeto, chocado.

"Com os poucos trajes de radiação que Apollo tem, uma evacuação generalizada é impossível. Hermes não conseguiria enviar comida suficiente para salvar a todos. E Apollo jamais contaria a outra cidade sobre um genocídio em massa", Derek disparou em tom sombrio.

O silêncio se expandiu diante da dura realidade.

"Você era um dos melhores engenheiros deles. Pode consertar isso?" Serene se virou para o irmão, com os olhos brilhando de esperança.

Adan girou cuidadosamente o walkie-talkie em suas mãos.

Não sei. Vou precisar de suprimentos, como uma chave inglesa e uma chave de fenda. E uma bateria. Alguns guardas têm walkies, que não são tão avançados quanto este, mas a bateria deles deve ser compatível. Se eu conseguir esses itens, *talvez* consiga consertar em algumas semanas. Mas não posso garantir que funcione.

"Me dê alguns dias. Eu te arrumo esses suprimentos", disse Serene, com determinação estampada nos olhos. O sino cortou o ar tenso, fazendo todos pularem. Adan enfiou o walkie-talkie quebrado no macacão antes que qualquer passante percebesse.

"Vamos guardar isso para nós por enquanto. Não podemos confiar em ninguém além um do outro", implorou Adan, e todos concordaram, exceto Derek.

Os prisioneiros se dispersaram para suas tarefas da tarde, e ela tentou alcançar Derek, mas ele saiu correndo dali como se não quisesse mais falar. A verdade brilhava em seus olhos.

Ele já havia perdido a fé em qualquer coisa ou pessoa que os salvaria.

Khalani esfregava as mãos e balançava o pescoço para a frente e para trás enquanto caminhava sozinha pelos túneis. Seus músculos se moviam. Seu coração batia. Mas ela não estava presente. Como se estivesse presa em um trem sem condutor.

Quando Khalani pisou pela primeira vez entre os muros de pedra de Braderhelm, resignou-se a uma morte lenta, fria e solitária. *Aceitando* o destino cruel que lhe fora imposto, acenava para que o fim se aproximasse.

Mas agora. Tudo mudou. Ela tinha... amigos.

Pessoas com quem ela se importava. Pessoas que se importavam com ela. Elas devolveram algo que ela pensava estar perdido para sempre em sua vida, uma esperança que persistia mesmo quando suas piores imaginações ameaçavam destruí-la. Provando que ela era mais do que as coisas ruins que aconteceram ou os erros que cometeu.

A vida era como poesia nesse sentido. Nunca foi feita para ser compartilhada sozinha.

Ela concordou em não dar essa informação a ninguém, mas enquanto caminhava para sua cela para esperar por Takeshi, uma parte insana de sua

mente ansiava por confrontá-lo. Para descobrir se ele sabia a verdade sobre as plantações. Seu dever como Capitão seria matar todos eles, apenas por roubo e insubordinação.

Mas e se ele pudesse ajudar?

Ela se arrastava nervosamente de um lado para o outro, esperando por Takeshi em frente à cela. Cada segundo que passava parecia uma hora, enquanto a guerra se travava em sua mente. O som pesado de botas rústicas ecoava na esquina.

Já estava na hora.

Khalani deu um passo à frente, prestes a zombar dele por ser lento, quando percebeu quem havia virado a esquina. Não era Takeshi Steele.

Era o Guarda Barron.

O corpo de Khalani congelou abruptamente, tenso como uma corda de piano, enquanto um medo gelado percorria sua espinha. Seu sorriso maligno característico estava à mostra, seu corpo volumoso ocupando quase toda a passarela.

“Bem, bem, veja o que temos aqui.”

De repente, os pelos dos seus braços se arrepiaram, e ela recuou lentamente, sem tirar os olhos esbugalhados dele. Seu coração batia forte como um tambor no peito.

Barron inclinou a cabeça para o lado. "Vai a algum lugar?" Seus olhos brilharam com intenção maliciosa enquanto ele caminhava em sua direção.

Sem hesitar, Khalani se virou e correu na direção oposta. Ela agitou os braços o mais rápido que pôde, virando na esquina.

O forte som de botas correndo atrás dela acendeu cada célula de medo em seu corpo. Seu corpo tremia, os olhos percorrendo os corredores escuros em busca de alguém. Qualquer um. Mas não havia ninguém à vista para salvá-la. Todos estavam no fosso, e Takeshi não estava em lugar nenhum.

Seus pulmões ardiam enquanto seus pés levantavam terra. Seus passos ásperos ficaram mais altos enquanto um som profundo e grunhido ecoava pelas paredes como uma maldição persistente.

O verdadeiro pânico se instalou.

Ela se virou apressadamente para o corredor seguinte, em direção ao fosso, rezando com todas as forças do seu ser para chegar a tempo. Barras de metal passaram voando por sua visão enquanto ela avançava em disparada. A escada que levava ao fosso estava à vista. Ela conseguiria.

De repente, um braço forte agarrou seu ombro, jogando-a contra a parede. Sua bochecha foi empurrada contra as pedras, raspando e cortando as bordas ásperas. Khalani gritou, tentando lançar o punho, e imediatamente, os braços de Barron a envolveram por trás. Ele a apertou com todo o peso de seu corpo enorme, privando-a de seus movimentos.

Khalani recuou, tentando tirá-lo de cima dela, mas ele não se moveu. Respirações quentes e inebriantes saíam de seu ouvido.

"É isso aí, vocês brigam. Eu gosto quando eles brigam."

Ela gritou a plenos pulmões por socorro, e Barron cobriu sua boca com a mão suja, cortando seus gritos. Ele empurrou o rosto dela com mais força contra a parede, dominando-a completamente. Lágrimas escorriam livremente pelo rosto

dela e afundavam em sua palma suja.

“Já faz algum tempo que venho imaginando esse momento.”

Barron passou os dentes pelo pescoço dela, e Khalani virou a cabeça, lutando para afastar a boca dele. Ele bateu a testa dela contra a parede de pedra, e Khalani viu estrelas.

"Quando eu terminar de aproveitar meu tempo com você, ninguém encontrará seu corpo. Nem mesmo o Capitão. Será como se você nunca tivesse existido."

Ele tirou a mão da boca dela e tentou desabotoar o macacão. Ela usou todo o seu peso para se soltar, mas ele a segurou firme, conseguindo desabotoar o primeiro botão.

"Pare. Por favor, pare!", lamentou Khalani.

Mas ele ignorou seus apelos, puxando bruscamente para baixo a parte de cima do uniforme dela.

Seus músculos queimavam enquanto ela lutava em vão. Uma torrente de lágrimas escorreu por seu rosto enquanto sua energia e força de vontade começavam a esmorecer. Ainda se recuperando do ferimento na cabeça, Khalani fechou os olhos com força, completamente impotente enquanto o guarda se recusava a soltá-la.

Khalani não conseguia lidar com isso. Não conseguia viver consigo mesma enquanto aquele homem tentava violá-la da pior maneira possível.

Ela começou a ter uma experiência extracorpórea, observando seu corpo de cima, sendo empurrado contra a parede, desligando-se, enquanto Barron tentava despi-la.

Isso estava realmente acontecendo?

Todo o seu treinamento... todo o esforço que ela fez para se tornar mais forte e aprender a se defender. Foi em vão?

"Diga-me o que você está sentindo agora", exigiu Takeshi.

'Impotente.'

— Sim. Você se sente fora de controle, fraco. Mas esse não é você. Você precisa retomar esse controle e provar que não pode ser jogado de um lado para o outro e descartado. Você, Kanes, é forte.

Os olhos de Khalani se abriram de repente quando Barron agarrou bruscamente seu seio nu.

Não.

Khalani apoiou um pé na parede de pedra e empurrou com toda a força o peito de Barron. O aperto intenso dele se afrouxou e ela juntou as mãos. Com toda a força que lhe restava, ela enfiou o cotovelo fundo no estômago dele, gritando de fúria.

Barron prendeu a respiração, lutando para expirar enquanto a soltava e cambaleava para trás.

Khalani correu imediatamente em direção à escada, mas ele a agarrou pelo braço, jogando-a contra a parede. Barron envolveu-a com as duas mãos no pescoço. E começou a apertar.

“ *Vou adorar matar você* ”, ele rosnou.

A visão de Khalani escureceu quando ele esmagou sua traqueia. Sua mente entrou em pânico quando ela não conseguiu respirar um único pingo de oxigênio.

Num último esforço, ela estendeu os polegares e cravou-os fundo nos globos oculares dele, cravando as unhas e espremendo-as através das pupilas negras. Um grito ensurdecedor escapou de Barron quando ele soltou a garganta dela, levando as mãos ao rosto, com sangue jorrando das órbitas oculares.

Khalani caiu no chão, tossindo e arfando excessivamente. Tentando desesperadamente respirar.

"Meus olhos! Sua puta de merda!", ele uivou.

Poças de vermelho escorriam por suas bochechas, e ele apertou os olhos através dos orifícios danificados, tentando avistá-la caída no chão. Trêmulo, pegou a arma e apontou na direção dela.

Ela se preparou para o golpe, mas no momento seguinte, Barron saiu voando quando Takeshi Steele o derrubou no chão.

Takeshi rugiu em pura e genuína fúria enquanto derrubava a pistola da mão e virava Barron como se fosse um boneco de pano. Barron desferiu um soco, mas Takeshi simplesmente o bloqueou e o acertou na garganta, fazendo Barron se contorcer.

Takeshi continuou a socá-lo na cabeça, repetidamente. Sua expressão se transformou em uma fúria acalorada enquanto ele batia os nós dos dedos no rosto quebrado e irreconhecível de Barron. Sangue se espalhou por toda parte, mas Takeshi não cedeu.

Ela nunca tinha visto Takeshi daquele jeito, tão tomado pela fúria.

Quando ficou claro que o corpo de Barron não se movia mais, Takeshi continuou agachado sobre ele como um animal faminto. Respirou fundo, cerrando os punhos como se quisesse continuar o ataque devastador.

Khalani o observava em silêncio, deitada no chão enquanto sua visão se alternava. Takeshi Steele virou a cabeça bruscamente para ela enquanto ela soltava um pequeno gemido de dor.

Ele correu para o lado dela e se ajoelhou sobre seu corpo. "Kanes! Você consegue me ouvir? Você está bem?"

A expressão feroz de Takeshi escureceu enquanto ele ajeitava a blusa dela para cobrir o seio nu. Sua mão grande segurou sua bochecha, e seus olhos sombreados a perfuravam com tanta preocupação e mágoa, como se ele fosse o agredido.

Khalani assentiu e tentou se sentar, mas a vertigem quase a fez desmaiar, e ela se inclinou para a esquerda, vomitando o almoço. Takeshi se posicionou atrás dela, segurando seu corpo enquanto afastava o cabelo do rosto e massageava suas costas sem parar.

"Está tudo bem, está tudo bem. Agora eu te peguei", ele a consolou.

Quando ela começou a ter ânsias de vômito, Takeshi moveu os braços sob o corpo dela e se levantou sem esforço, como se ela não pesasse mais que uma pena. Khalani balançou a cabeça debilmente, não querendo ser um fardo, e tentou se soltar dos braços dele, murmurando que conseguia andar.

Takeshi não aceitou nada disso.

"Fique quieto, Kanes. Nada neste mundo me faria te derrubar agora", declarou ele com a voz gutural.

As palavras dele soaram em seu ouvido como um metrônomo para sua mente, que a estava colocando em sono profundo. Era tudo o que ela queria: dormir. Ela

sentiu os braços dele a apertarem com mais força, tranquilizando-a, seu toque gentil e protetor, o oposto do de Barron.

Suas pálpebras começaram a se fechar lentamente, e a última coisa da qual ela se lembrava eram os olhos negros de Takeshi olhando para ela com preocupação, ternura e uma profundidade de paixão raivosa que rivalizava com todas as histórias que já foram escritas e músicas que já foram cantadas.

22

Você pegou todas as minhas coisas e as transformou em coisas.

A primeira coisa que Khalani percebeu foi um pano úmido passando suavemente em sua testa. Sua cabeça repousava sobre um travesseiro firme, perfeitamente posicionado para apoiar seu pescoço, e um aroma familiar exalava de suas narinas.

Ela moveu a cabeça e abriu os olhos.

Takeshi estava sentado bem ao lado dela, observando-a com preocupação enquanto passava o pano em sua cabeça. "Desculpe, não queria te acordar. Você estava ficando com calor", explicou rapidamente, afastando a mão.

Khalani olhou ao redor, confusa. Ela estava em um quarto escuro, mobiliado apenas com uma pequena cômoda preta, uma escrivaninha esparsa e a cama formidável em que estava deitada. Um abajur de cabeceira iluminava o rosto de Takeshi com uma luz suave. Ele ainda usava seu uniforme preto e seu cabelo estava desgrenhado.

"Onde estou?" ela resmungou.

"Eu te trouxe para o meu quarto. A enfermaria tem um médico diferente de plantão hoje à noite, e ele faria perguntas demais. A melhor opção era te trazer aqui." Takeshi pigarreou, remexendo-se desconfortavelmente.

Khalani gemeu ao se sentar. Takeshi recuou, sem desviar o olhar preocupado dela. "Acho que você sofreu uma concussão e seu pescoço ficará roxo pelos próximos dias. Você só precisa descansar", acrescentou, como se estivesse se tranquilizando.

Após um esforço considerável, ela se endireitou e encostou a cabeça na parede de pedra. Khalani assentiu gentilmente, ignorando a marca de dor em sua testa, genuinamente grata pela presença de Takeshi. Se ele não tivesse aparecido naquela hora...

Ela cerrou os dentes, desejando banhar-se em água escaldante e se cortar em pedaços. Qualquer coisa para livrar seu corpo e mente das mãos calejadas de Barron roçando sua pele, como se as partes delicadas dela pertencessem a outra pessoa.

Takeshi inclinou a cabeça, percebendo a tensão renovada nos músculos dela.

"E Barron?" ela perguntou entre dentes.

O corpo de Takeshi ficou rígido, e ele imediatamente cerrou os punhos, desviando o olhar, mas não antes que ela notasse a turbulência desequilibrada em sua expressão.

"Depois que te trouxe aqui, notifiquei alguns guardas. Contei a eles que Barron me atacou e eu revidei. Quando fomos buscar o corpo de Barron e responsabilizá-lo perante o Diretor, ele já estava morto." Takeshi apertou os lábios em uma linha fina, sem nenhum traço de arrependimento em seu tom sinistro.

Ela não sabia como responder. Takeshi repetidamente arriscou o pescoço por

ela, quando tudo o que ela fez foi deixar um rastro de destruição. Talvez tudo fosse culpa dela.

Talvez ela merecesse o que aconteceu.

"Desculpe." Khalani olhou para as próprias mãos. Por que ela estava tão descabelada?

“Olhe para mim.”

Khalani balançou a cabeça.

“Olhe para mim, Kanes.”

Sua boca se torceu, mas ela olhou para cima.

Os olhos de obsidiana de Takeshi a perfuraram. " *Você* não se desculpa por nada. Sou eu quem pede desculpas. Eu deveria ter estado lá, mas estava atrasado com os exercícios. A culpa é minha. Você... assim. O que aquele merda imprestável fez. O que ele tentou fazer. Eu o mataria de novo se pudesse", ele se interrompeu, desviando o olhar, quase tremendo de raiva indignada.

Ela se inclinou para a frente, ousando colocar a mão em seu ombro. Ele se recusou a olhá-la como se a culpa que lhe percorria o corpo não o permitisse.

Isso não é verdade, Takeshi. Você me salvou. *Você* fez isso. E não só no final. Quando eu estava prestes a desistir lá atrás, sua voz do treinamento foi o que me deu forças para revidar. Sou mais grato do que você jamais poderia imaginar.

Khalani falava sério com todo o seu ser. Todas aquelas vezes, ela o odiou por ser tão duro com ela... ela era tão tola.

A testa de Takeshi se enrugou com as palavras dela, e seu olhar se voltou para ela. Ele abriu a boca para falar, mas a fechou abruptamente, assentindo. Como se palavras não fossem necessárias.

E pela primeira vez, ela entendeu o silêncio.

Takeshi olhou incisivamente para a mão que Khalani ainda segurava em seu ombro. "Desculpe." Ela se afastou abruptamente, com o sangue escorrendo pelas bochechas.

"Com medo de que eu ainda vá te matar, Kanes?" Seus olhos escuros brilharam. "Eu poderia ter feito isso tão facilmente com você em meus braços."

O jeito magnético como a voz de Takeshi acariciava sua pele a fazia estremecer. Khalani quase achou que aquela parte era um sonho, com os braços dele envolvendo os dela. Porque ser abraçada por Takeshi era melhor do que jamais deveria ser. Esses detalhes deveriam ter sido insignificantes, uma reflexão tardia, mas sua mente continuava voltando àquele momento, como se fosse uma peça central.

"Você ainda deve estar pensando nisso. Espero que meu corpo não esteja pesado demais para você", acrescentou.

"Hmm. Talvez eu devesse te levar ao médico", refletiu Takeshi. "O dia em que você for pesado demais para mim será o dia em que meus braços cairão."

O pulso de Khalani acelerou, e ela esqueceu o conceito de respirar por uma fração de segundo. "Por quanto tempo eu apaguei?", perguntou, desesperada para mudar de assunto antes que as palavras sem sentido jorrassem.

Takeshi jogou o pano úmido sobre a mesa. "Só algumas horas. O apagão aconteceu há pouco tempo."

Ela assentiu, e um silêncio desconfortável se instalou. Esta certamente seria a parte em que Takeshi a acompanharia de volta à cela. E, por mais insana que

fosse a ideia, Khalani percebeu que não estava pronta para ir embora.

Ela poderia explicar a irracionalidade ficando abalada com seu encontro com Barron, mas no fundo, nas partes dela que não deveriam ser expostas, ela sabia que era mais do que isso.

A presença de Takeshi a confortava. Não era apenas pela energia calorosa que ele carregava consigo. Era a maneira como ele ouvia, como se a voz dela realmente importasse. Era como ele comandava o ambiente ao seu redor e a convidava a ocupar espaço também. Era a maneira como ele a olhava com preocupação, como se quisesse que ela ficasse mais do que apenas bem.

Talvez ela tenha parado de odiá-lo há muito tempo e nunca tenha percebido de verdade até agora.

Takeshi bateu o dedo nas pernas enquanto a observava. "Então, você tem algumas opções."

"OK."

"Posso te levar de volta para sua cela, e você pode dormir lá esta noite. Prometo que ninguém mais vai te incomodar", afirmou ele, em tom de pressentimento.

“E a segunda opção?” Ela prendeu a respiração.

O silêncio reinou por alguns instantes.

"A segunda opção é ficar aqui... só para descansar a noite. Eu te daria a cama, e eu posso dormir no chão", explicou ele com uma expressão cautelosa.

Ela torceu os dedos. As palavras de Takeshi eram como linhas físicas de energia, formigando os lados de seus braços, incendiando-a de dentro para fora. Khalani sabia a resposta que *queria* dizer. A resposta estava na ponta da língua, esperando para ser libertada. Mas as palavras a engoliram com força.

Se ambos não fossem mais eles mesmos e a ansiedade fosse outra coisa sem sentido, a verdade sairia de sua boca como o primeiro sopro de ar após o afogamento.

Mas eles eram um contraste vivo, marcados e presos como inimigos. E, no entanto, naquele momento, parecia que todas as correntes que os prendiam recuavam para o fundo. Como se estivessem em uma bolha, separados da prisão, deslocados de Apolo. Por aquela noite, ele estava lhe dando uma escolha, a liberdade de decidir o que queria, algo há muito roubado dela.

Ela olhou para os olhos de aço dele, na esperança de encontrar uma solução oculta, mas ele tinha a cara de pôquer perfeita. A única indicação de seus pensamentos internos era a respiração que ele parecia prender junto com ela.

Ela deveria voltar para sua cela.

Era a coisa lógica a fazer. Eles já tinham cruzado fronteiras demais para contar.

Mas, apesar da sua aparência rude, Takeshi a procurou com compaixão quando ela mais precisava. Perto dele, ela não se sentia como a Número 317. Ela era um ser humano novamente, em todos os sentidos, bons e sinistros.

Quando ela estava perto de Takeshi Steele, era quando ela se sentia mais *viva*.

Khalani se preparou. A lógica poderia dar uma longa caminhada por uma ponte curta. "Ficarei com você esta noite."

"Tem certeza?" A voz de Takeshi ficou algumas oitavas mais baixa.

Ela não confiava em si mesma com as palavras, então apenas assentiu.

"Tudo bem. Como eu disse, a cama é sua, e eu fico no andar." Ele franziu a testa. "Vou só trocar de uniforme, ok?"

Ele esperou até que ela assentisse e começou a desamarrar as botas. Ela observava cada movimento dele como um falcão. Descalço, ele caminhou até a cômoda, tirando um moletom cinza e uma camiseta.

Por alguma razão estranha, surpreendeu-a que ele tivesse roupas diferentes. E ela percebeu o quão estúpido isso era. Ele não nasceu usando uniforme. Takeshi levou a mão à nuca para tirar a vestimenta justa.

Os olhos de Khalani quase saltaram das órbitas. Ela já o vira sem camisa nos treinos, mas não tão de perto, onde todos os tendões estavam visíveis.

Os músculos das costas dele se contraíram enquanto ele vestia uma camiseta preta mais leve. Ele se virou, e ela rapidamente voltou sua atenção para a outra parede, como se fosse a coisa mais fascinante que já tivesse visto na vida. O tilintar de um cinto sendo tirado ecoou em seus ouvidos.

Não olhe. Não olhe.

Não. Faça. Isso.

Ela apertou os dedos, tentando se concentrar em alguma coisa, *qualquer* outra coisa.

A comida nojenta que ela comeria no almoço amanhã. É. Esse era um assunto seguro. A refeição com certeza também cheiraria mal. Mas sabe o que não cheira mal? Os lençóis brancos do Takeshi. Nos quais ela estava sentada. Nos quais ele dorme todas as noites.

AGH.

Após vários segundos agonizantemente longos, o suave rangido de passos retornou. Khalani espiou lentamente através das pálpebras, certificando-se de que era seguro.

A calça de moletom pendia até os quadris, e a camisa preta era larga demais, mas Takeshi a preenchia completamente. Seus cabelos negros e macios caíam sobre a testa de uma forma áspera que o fazia parecer mais jovem, mas seus olhos cor de carvão... eles brilhavam intensamente.

Não era justo. Ninguém deveria ser tão atraente sem se esforçar.

O maxilar de Takeshi se apertou, e ele hesitou ao vê-la sentada em sua cama. Uma tensão estranha pairava no ar, como se ambos estivessem cientes de cada centímetro quadrado que os separava.

Ele rapidamente estendeu a mão e pegou o menor travesseiro branco da cama, jogando-o no chão.

"Fique com as cobertas. Pode ficar frio aqui dentro à noite."

Ela mordeu o lábio e esperou, como se afundar nos cobertores dele fosse algo ilegal. Mas, por fim, arrastou o corpo em direção à cabeceira da cama e puxou os cobertores quentes sobre si. Os lençóis macios acariciaram sua pele, e um suspiro de satisfação escapou de sua boca.

Depois de meses dormindo em uma laje de pedra dura, aninhar-se em sua cama era como deitar-se em uma nuvem fofa. Os olhos de Takeshi se estreitaram enquanto ele a encarava e assentiu, abaixando o corpo até o chão e desaparecendo do campo de visão dela. Ficaram em silêncio.

Seu corpo estava exausto, mas sua mente estava bem desperta, enviando

sinais como se estivesse correndo uma maratona.

Takeshi dormia no chão frio e duro em vez de na cama. Por causa dela. Suas vidas pareciam ter mudado naquela noite, e ela não conseguia aproveitar ou se sentir bem com as novas posições. A cada segundo que passava, a culpa e outra emoção intensa subiam por sua garganta, impedindo-a de fechar os olhos.

Depois de quase um minuto, ela não aguentou mais. Khalani se inclinou sobre a cama. Takeshi estava deitado de costas, com as palmas das mãos cruzadas sobre o peito, e seus olhos se encontraram com os dela.

"Você não precisa dormir no chão. Pode dormir na sua cama", disse ela.

Takeshi balançou a cabeça.

“Estou bem, Kanes.”

“Não, sério.”

Ela franziu a testa, mas ele não se mexeu.

Multar.

Agarrando o travesseiro, Khalani se levantou. Passando por cima de Takeshi, ela colocou o travesseiro ao lado do dele.

Takeshi sentou-se abruptamente, as sobrancelhas franzidas. "O que você está fazendo?"

"Você salvou a minha vida. Não vou dormir na cama enquanto você estiver no chão. Se você estiver aqui embaixo, eu também estarei."

Takeshi fechou os olhos com força, exasperado, e no instante seguinte, levantou-se e agarrou o travesseiro. Surpreendeu Khalani ao agarrar o dela também. Colocou os dois travesseiros de volta na cama e a interrompeu antes que ela pudesse falar.

"Nem tente oferecer dormir no chão. Só vai me irritar." Ele puxou as cobertas e gesticulou para que ela se deitasse.

Seu coração batia forte dentro do peito enquanto ela voltava para debaixo das cobertas. Takeshi ajeitou os cobertores e deitou-se por cima, mantendo espaço entre eles. Mesmo na cama, o tamanho do corpo dele era completamente maior que o dela. Eles encararam o teto, o silêncio como um ser físico pairando sobre eles.

Khalani estava hiperconsciente do corpo dele ao lado do dela. O peso do seu corpo contra as cobertas, o som da sua respiração suave, o calor do corpo emanando dos seus braços, a poucos centímetros de distância.

Sim, ela não conseguiu dormir esta noite.

Khalani olhou para sua janela virtual na parede. Uma lua cheia brilhava na moldura, a imagem tão nítida que era possível traçar cada cratera escura.

"Você acha que a lua realmente se parece com isso na superfície?" ela sussurrou, tentando quebrar a tensão.

Takeshi virou a cabeça para olhar fixamente para a janela. Parou por alguns instantes. "Acho que, superficialmente, tudo parece mais bonito."

Os cantos da boca dela se curvaram para cima.

"Eu também acho. Por mais que eu odeie Gênesis e tudo o que ele representa, era o lugar mais lindo que eu já tinha visto." Ela o sentiu mover um braço atrás da cabeça enquanto continuavam a encará-lo, perdidos em pensamentos.

“Genesis costumava ser meu lar”, sua voz baixou.

Khalani virou a cabeça para ele, em choque. "Você morava em Gênesis?

Como foi parar na guarda de Braderhelm?"

Takeshi balançou a cabeça com um meio sorriso que não se refletiu em seus olhos. "Minha história não é feliz, Kanes."

Ela se virou de lado para encará-lo de frente. "A história pessoal de alguém é realmente feliz? Estamos todos ferrados. Alguns são melhores em esconder isso do que outros."

Ele seguiu o movimento dela com uma carranca profunda, testando a sinceridade de suas palavras.

"Eu nunca conheci meu pai", começou ele. "Ele foi embora quando eu nasci, e minha mãe me criou sozinha, mal ganhando o suficiente para se sustentar. Mas ela sempre se certificou de que eu estivesse alimentado e feliz, completamente alheia ao quão pouco tínhamos, porque seu amor preenchia as lacunas."

Mas ela queria me dar mais, uma educação melhor, e começou a namorar um rico empresário em Apolo. O nome dele era Hector. Eu gostei dele... no começo. Eles se casaram logo quando o domo foi concluído, e ele tinha dinheiro suficiente para todos nós vivermos em Gênesis. Foi aí que nossos problemas começaram.

Khalani permaneceu em transe enquanto suas palavras flutuavam no ar como um feitiço mágico, convidando-a a apenas ouvir e ficar quieta. Como se qualquer movimento pudesse quebrar o domínio da história sobre ela. Sobre ele.

Nos primeiros dois anos em Genesis, minha mãe parecia feliz, mas, aos poucos, seu riso foi sumindo. De vez em quando, eu notava hematomas em seus braços. Em suas bochechas. Eu sempre perguntava sobre eles, mas ela sempre dizia que tropeçava ou era muito desastrada. Minha felicidade importava mais do que a dela, e ela nunca queria que eu soubesse a verdade. Eu tinha quinze anos e cheguei cedo da escola um dia. Entrei pela porta e o ouvi gritando com ela. Ele me chamou de bastardo desobediente, uma decepção constante e um filho lamentável. Eles não sabiam que eu estava parado na porta. Minha mãe deu um tapa nele, e ele a socou.

"Eu estava paralisada. Minha mãe estava deitada no chão duro, e Hector não se importou. Ele simplesmente saiu pela porta. Eu segurei minha mãe no chão, e nós duas choramos nos braços uma da outra. Eu não conseguia falar. Eu estava horrorizada e assustada. Mas, principalmente, eu estava com raiva. Raiva por não saber o que estava acontecendo. Raiva por Hector ter machucado minha mãe. E eu estava furiosa comigo mesma por não ter feito nada para impedir." Os músculos dos braços dele se contraíram. "Abandonei a escola no dia seguinte e me alistei na Academia para me tornar guarda. Minha mãe se opôs, mas eu não dei ouvidos. Eu precisava ser capaz de protegê-la se ele tentasse machucá-la novamente. Alguns anos se passaram, e não havia mais hematomas na minha mãe, pelo menos nenhum que eu pudesse ver.

“Eu me formei como a primeira da minha turma na Academia e fui selecionada como uma das guardas pessoais do Governador. Depois das minhas qualificações finais, voltei para casa mais cedo para compartilhar a boa notícia. Só que desta vez, quando entrei pela porta, Hector estava com minha mãe encostada na parede com um estrangulamento. Eu não pensei. Apenas ataquei. Usei todo o meu treinamento para tirá-lo de cima dela. Eu o socava repetidamente. A cada golpe, eu o visualizava machucando minha mãe, que

jamais faria mal a uma mosca, e isso só me enfurecia ainda mais. Mas era tarde demais. Os ferimentos dela eram muito graves, e ela já tinha ido embora quando eu o matei."

Um brilho suave surgiu em seus olhos enquanto ele continuava: "Ninguém se importava com o assassinato dela. Aos olhos de todos, ela era propriedade do marido, para ele fazer o que bem entendesse. Eu fui o punido pelo assassinato de Hector. Como eu era o melhor guarda de pré-prisão que já tinham visto na Academia, o Juiz Mestre poupou minha vida e decidiu que eu seria melhor aproveitado na Prisão de Braderhelm."

Khalani ficou ali, boquiaberta. Takeshi teve uma vida arrancada dele da pior maneira, assim como a de Khalani foi roubada. Takeshi não veio para Braderhelm por escolha própria. Ele foi sentenciado aqui.

Um prisioneiro sem título.

O olhar de Takeshi estava distante, o rosto duro e os músculos rígidos. Ela se viu nos olhos dele. O comportamento consistentemente áspero de Takeshi fazia sentido para ela agora. Ele afastava as pessoas para não se aproximar o suficiente para se importar se elas se machucassem. Como sua mãe.

"Desculpe, Takeshi. O que aconteceu... você não merecia isso", ela sussurrou.

Takeshi olhou para trás como se sentisse o peso da concentração dela. Ele a observou como se fossem almas gêmeas, ambos perdidos em seu mundo cruel e cheio de dor. "Você também não merecia perder seus pais."

Lágrimas se formaram, e ela franziu os lábios, tentando se conter. "Você acha isso?", ela fez uma pausa para engolir, engasgando com as palavras. "Um dia, nós os veremos de novo? Como no céu?"

Foi a primeira vez que ela deixou essas palavras escaparem.

Ele franziu a testa e refletiu sobre a pergunta dela.

"Por muito tempo, eu não acreditei em Deus. Quer dizer, como Deus pôde fazer isso comigo? Com ela? Mas minha mãe acreditava. Se é que existe um paraíso, e se alguém está lá, é ela. E quando olho para você... O queixo de Takeshi se ergueu, e seu olhar ardente interrompeu a respiração dela, como se o oxigênio dela fosse dele para ser preservado.

"Eu sei que não deveria dizer isso, mas sua beleza é tão avassaladora às vezes que me dói. É mais do que física. É quem você é, irradiando do seu coração. É assim que eu sei que, se seus pais são como você, eles também estão no céu."

Lágrimas escorriam pelo seu rosto sem permissão. E naquele momento, ela nem se importou.

"Não é justo", ela sussurrou.

"O que é?" Ele procurou os olhos dela.

"Para que você me conheça melhor do que eu."

Ele reconheceu suas cicatrizes mais profundas. Cicatrizes que ela não mostrava a mais ninguém. A imensa dor, a raiva e o arrependimento por não ter conseguido impedir que seus entes queridos fossem levados ressoavam sob a pele deles.

Mas isso não enfraqueceu Takeshi. Não, ele ficou mais forte por causa disso, pronto para enfrentar o mundo lutando.

"Mas sou grata", confessou ela. "Não só por confiar em mim a sua história, mas por estar presente antes."

O rosto de Takeshi se contraiu. "Fiquei com medo. Vi seu corpo no chão e a primeira coisa que pensei foi na minha mãe. Achei que tinha falhado com você também."

"Eu sei... mas você não me decepcionou. Estou bem", insistiu Khalani, mas seu olhar preocupado se voltou para as marcas vermelhas no pescoço dela.

"Eu até fiz o truque do dedo mole que você me ensinou", acrescentou ela. "Nojento pra caramba. Você é o único que poderia me convencer a fazer isso."

"Eu percebi isso. Mas você parece menos durão quando chama isso de truque do dedo mole, sabia disso, né?"

"Talvez. Mas acabei de fazer você admitir que eu sou um pouco durão."

Takeshi revirou os olhos, mas a tensão em seu corpo firme foi se dissipando aos poucos. "Você está tentando me distrair da chateação, Kanes?"

“Sim, está funcionando?”

Takeshi se virou de costas, o rosto ainda sério, mas com um leve sorriso irônico. "Talvez."

Ela também se deitou de costas, sorrindo para si mesma. Uma paz suave pairava entre eles. Uma trégua. Só por esta noite. E depois da história dele, Khalani sentiu-se compelida a compartilhar um pequeno detalhe seu que ninguém mais conhecia.

"Sabe, eu queria ser jardineira quando era mais nova." Ela se concentrou no teto, imaginando uma grande variedade de flores crescendo nas rachaduras cinzentas.

"Sério?" A voz profunda de Takeshi suavizou enquanto ele olhava para o teto com ela.

Ele também conseguia ver a arte?

"É. Todos os outros alunos da minha turma queriam ser cientistas, moradores da Zona da Morte ou vereadores. Algo grandioso. Eu não, eu me desenhei regando flores em Gênesis."

Ele riu baixinho. "Eu pensei que você quisesse ser a primeira mulher governadora, com essa sua teimosia."

"Não gosto de ser o centro das atenções. Sou mais propensa a desaparecer no fundo e nas sombras. Acho que Braderhelm era o lugar perfeito para mim, mesmo sem flores", brincou ela, colocando os braços sobre as cobertas e se aconchegando mais.

Takeshi ficou em silêncio por um bom tempo. Quando ela começou a fechar os olhos, o peso da exaustão a atingiu, ele sussurrou:

“Vou encontrar algumas flores para você.”

Takeshi colocou os braços ao lado do corpo, ainda deitado sobre as cobertas. Então, lentamente, como se houvesse eletricidade estática percorrendo a lateral do corpo dela mais próxima a ele, o mindinho dele roçou o dela.

E ficou lá.

Khalani respirou fundo, sentindo o coração disparar ao menor toque. Era só isso. Eles não estavam de mãos dadas. Era a conexão mais ínfima possível, mas aquelas células da pele conectadas às dele eram como barras elétricas, pulsando e irradiando energia.

Ela não se lembrava de qual era a função do seu mindinho antes de ser tocado pelo dele.

Ela engoliu em seco, tentando acalmar o pulso. Eles não se moviam, exceto o peito, que subia e descia a cada batida. Khalani finalmente fechou os olhos enquanto o som suave da respiração dele ajudava a acalmar sua mente errática.

Logo ela se viu em um túnel sonolento e afundou ainda mais em suas profundezas, com as laterais dos dedos ainda conectados, até que ela adormeceu.

23

Se o que temos é desconhecido,
ninguém pode prever o caos que ele reinará.

Khalani soltou um suspiro pesado. Sua cabeça estava enterrada em um travesseiro macio, e ela gemeu, esticando as pernas e os dedos dos pés. O som satisfatório de estalos e estalos ecoou em seus ouvidos. Pela primeira vez, ela não acordou com nós queimando na espinha e no pescoço.

Seus dedos apertaram os lençóis frios com mais força, e Khalani abriu os olhos lentamente. A primeira coisa que notou foi a ausência de Takeshi. Sentou-se, percebendo que seu travesseiro tinha uma linda mancha de baba.

Inchar.

Que presente de despedida maravilhoso, que faria qualquer homem fazer fila do lado de fora de sua cela, aguardando sua presença tentadora. Ela prontamente virou o travesseiro para esconder a evidência e olhou ao redor do quarto vazio.

Onde estava Takeshi? Ela nunca o ouviu sair.

Quase como se ouvisse seus pensamentos, a porta se abriu e Takeshi entrou em seu uniforme de guarda. Ele parou alguns passos adiante, com os olhos enigmáticos e surpresos fixos nos dela. "Você acordou."

“Acabei de acordar”, Khalani pigarreou, passando a mão pelos fios de cabelo emaranhados.

"Ótimo. Isso... isso é ótimo." Uma ruga surgiu entre suas sobrancelhas. "Preciso acompanhá-lo de volta à sua cela antes da chamada."

"Ah, é verdade. Quase esqueci que estava na prisão por uma fração de segundo", brincou ela com um meio sorriso, virando os lençóis e saindo desajeitadamente da cama.

Takeshi não a devolveu. A máscara rígida estava de volta no lugar, e sua carranca se aprofundou enquanto ele acompanhava os movimentos dela. Khalani esticou os braços atrás das costas, ignorando a tensão renovada no quarto.

“Precisamos conversar, Kanes.”

Ela franziu as sobrancelhas ao ver a expressão solene no rosto dele. "Sobre?"

"O que aconteceu ontem à noite."

Khalani se endireitou, os traços de exaustão desaparecendo abruptamente. "Você está encrencado pelo que aconteceu com o Guarda Barron ou algo assim? Seja lá o que for, tenho certeza de que vamos descobrir", raciocinou ela, já fazendo cálculos mentais sobre a melhor forma de ajudá-lo.

Era o mínimo que ela podia fazer depois que Takeshi salvou sua vida. E desde a noite passada... algo mudou entre eles. Ele não era mais seu inimigo.

Mas por que ele a encarava daquele jeito? Como se ela fosse a manifestação viva de todos os seus anjos e demônios trazidos à vida.

"Não." Ele passou a mão áspera pelos cabelos. "Não é isso."

"A que exatamente você está se referindo?" Ela ficou imóvel, um nó

considerável se formando sob o centro do peito. O nó ficou mais apertado sob sua pele. Mais quente à medida que o sangue se acumulava em seu coração.

Takeshi se mexeu desconfortavelmente.

Ele abriu a boca, mas hesitou. A guerra transparecia em seus olhos, mas uma firme resolução estampava seu rosto.

"Você já sabe a resposta, Kanes. Eu te trouxe aqui por um bom motivo, mas nós dois dormindo na mesma cama. Eu te contando coisas que não tenho o direito de compartilhar com alguém como você. O jeito que você está me encarando agora. Isso tem que parar."

Ela recuou. "Alguém como eu?"

“Olha para você, Kanes.”

A faca invisível que ele segurava ameaçava parti-la em duas. E tudo o que ela conseguia fazer era ficar imóvel em seu macacão sujo.

"Você é um prisioneiro. E eu não." Seu maxilar se apertou ainda mais. "Você foi sentenciado aqui por um motivo, e minha responsabilidade é mantê-lo preso. Não há *nada* entre nós. Não existe 'nós', e pensar o contrário é ridículo."

Seus músculos se contraíram como se ela tivesse levado um soco no estômago. As paredes escuras do quarto dele se fechavam ao seu redor.

Escapar.

Ela precisava escapar.

Se Khalani permanecesse em sua presença por mais um segundo, ela explodiria. Cada emoção que residia ali se espalharia pelo chão frio, manchando cada canto de seus tentáculos patéticos.

Ela passou correndo por ele.

“Onde você está indo?” ele perguntou.

"Indo embora. Como você queria. E só para você saber, Takeshi." Khalani se virou bruscamente, seu coração se transformando em um bloco de gelo sólido. "A única coisa ridícula é você achar que eu acreditaria que havia algo entre nós. Deus não seria tão cruel."

Os olhos de Takeshi se estreitaram, uma onda de dor percorreu seu rosto, mas ele se recuperou rapidamente. "Que bom ouvir isso."

Ela saiu apressadamente do quarto dele, com um nervosismo percorrendo seus dedos, rosto e peito. O peso da aversão e do constrangimento ameaçava puxá-la para baixo, como se um pedaço de cimento estivesse preso ao seu coração.

"É por aqui?" Ela já tinha começado a correr pelo corredor, recusando-se a fazer contato visual.

"Não." Takeshi fechou a porta com força. "Para o outro lado."

Com toda a dignidade que conseguiu reunir, Khalani se virou e começou a caminhar ao lado dele.

As rejeições insensíveis se manifestaram fisicamente entre eles, como ímãs se repelindo enquanto marchavam em direção à cela dela em completo silêncio. Takeshi cortou completamente qualquer paz ou conexão que pudesse existir entre eles. As palavras se dissiparam pela manhã. Era melhor assim. Ela não estava chateada.

Ela estava ótima.

O calor do sangue subiu ao seu rosto, e uma lágrima atingiu o canto do seu

olho. Ela cerrou os dentes e escovou os olhos discretamente, apagando qualquer sinal de emoção.

Como ela pôde deixar isso acontecer? Quando isso aconteceu?

Por que doeu tanto?

Este pode ser o exato alerta que ela precisava. Ela estava começando a se importar com a única pessoa que trancou os portões da sua casa. Que idiota.

Ele a fez de boba e venceu.

Chegaram ao Bloco 7 em velocidade recorde. Com um clique do teclado elétrico, as barras de metal se abriram, e ela passou por ele sem olhar para trás. Khalani encarou as paredes marcadas de sua cela confinada, enquanto as dores da ruína trituravam os restos de seu coração em lascas.

As grades se fecharam com estrondo, e Takeshi foi embora sem dizer uma palavra ou expressar arrependimento. Ela queria gritar para o ar frio. Seus lábios tremiam, mas Khalani se recusou a chorar. Recusou-se a deixar Takeshi ter mais poder sobre ela.

Takeshi entendia o jogo; já passava da hora de Khalani ler as regras. As peças mudam, mas o tabuleiro nunca muda. Braderhelm não era lugar para delírios ou fantasias equivocadas. Aquele era o seu lar. A sua realidade.

Sem coração, frio e cruel. Assim como ele.

E assim como ela.

****

Khalani subiu correndo as escadas em direção à biblioteca. Sempre que Takeshi Steele lhe invadia a mente, ela cravava as unhas nas palmas das mãos para eviscerar aqueles pensamentos indesejados. E, a essa altura, suas mãos ficariam permanentemente marcadas por marcas de garras.

A lembrança da voz profunda dele a cortando era como arame farpado roçando sua pele.

“Olha para você, Kanes.”

Khalani fez uma careta e não se deu ao trabalho de bater na porta da biblioteca, entrando. O aroma acolhedor dos livros ajudou a acalmar sua mente errática e a lembrou da tarefa crucial que tinha em mãos. Ela precisava conversar com Winnie sobre as plantações e o plano de contatar Hermes. Podia contar a Winnie. Confiava sua vida a Winnie.

E ela também estava começando a confiar em Takeshi.

Uma nova pontada de dor percorreu seu peito, e ela balançou a cabeça. Deixa pra lá. *Deixa pra lá, seu idiota.*

Ela passou rapidamente pelas estantes de livros, enquanto o hino característico de notas suaves soprava no ar.

Imagine que não há países
Não é difícil de fazer
Nada para matar ou morrer
E nenhuma religião também

Khalani dobrou a esquina, e Winnie sentou-se em sua cadeira, balançando a cabeça enquanto lia um livro e cantava as notas em um crescendo estrondoso.

"Imaginem todas essas pessoas! Vivendo a vida em paz... ah ah ahhhhh." Winnie sorriu, balançando para a frente e para trás.

“Ei, Winnie.” Khalani surgiu das estantes.

Winnie se virou imediatamente, com um sorriso radiante tomando conta do rosto. "Oh! Khalani, minha doce menina." Winnie desligou a música e correu até ela, com o tecido roxo do vestido flutuando no chão.

"Winnie sentiu falta da sua companhia. Mas você está um pouco pálida. Está doente, querida? E o que são essas marcas em você?" Os olhos de Winnie se estreitaram enquanto ela tocava delicadamente os hematomas no pescoço.

"Não. Estou bem, Winnie. Mas preciso falar com você", insistiu Khalani.

Ela não estava bem. Estava longe de estar bem. Mas aqueles danos não eram para serem vistos ou compartilhados.

Winnie franziu a testa, mas não protestou quando Khalani a puxou para se sentar. Antes que pudesse se convencer do contrário, Khalani contou a Winnie tudo o que descobriram sobre a quebra da colheita, o discurso enigmático do Governador em Gênesis e o plano de contatar Hermes.

Winnie permaneceu em silêncio enquanto Khalani falava, com uma expressão estranha no rosto. Não havia surpresa em seus olhos, mas sim uma onda de angústia e reconhecimento grosseiro que ameaçava abalar seu corpo frágil. Ela fez uma pausa enquanto os olhos de Winnie brilhavam, e as lágrimas formavam um manto sobre seu olhar.

"Winnie, não chore. Temos um plano. Tenho certeza de que Hermes enviará ajuda se conseguirmos contatá-los." Khalani não sabia se acreditava mesmo nisso, mas tudo estaria perdido se não tentassem.

"Finalmente está acontecendo", Winnie soluçou, segurando as mãos. "Achei que levaria mais tempo, mas está acontecendo agora." Lágrimas escorriam pelo rosto de Winnie.

Ela franziu as sobrancelhas. "Como assim, Winnie? Você sabia disso?"

"Disseram à Winnie que isso poderia acontecer", a voz de Winnie falhou enquanto ela olhava para o chão.

"Quem? Quem te contou, Winnie?"

Winnie fungou e balançou a cabeça ansiosamente.

Khalani *precisava* de respostas. Então, ela insistiu.

"Winnie, seja lá o que for. Pode me contar. Você não precisa carregar o peso que carrega sozinha. Eu posso ajudar a aliviar a carga e podemos pensar em algo juntas. Pode confiar em mim."

Winnie olhou para cima, com poças de água brilhando em seu rosto, e seus olhos revelavam um mistério. Ela mordeu o lábio e perguntou hesitante: "Você promete que Winnie pode confiar em você, Khalani?"

A potência do momento encheu a sala, e Khalani estendeu a mão para Winnie.

" *Eu prometo* . Eu nunca quebraria a sua confiança. Winnie... meus pais se foram há muito tempo, e eu sei que não somos parentes, mas você se tornou minha família."

A verdade emocional fluiu de seus pulmões sem hesitação ou medo. Winnie foi a primeira pessoa a abrir os buracos escuros em seu coração e expô-la a um mundo de cor, beleza e êxtase. Winnie ensinou Khalani a amar novamente. A viver dentro de si mesma. Porque se ela não conseguia se perdoar, por que alguém mais conseguiria?

“Família”, Winnie sussurrou para si mesma.

Winnie olhou para Khalani, um olhar determinado ofuscando seu medo. Winnie se levantou e correu para sua mesa. Vasculhou um armário e tirou um livro preto. Aquele que ela nunca deixava Khalani ler e sempre mantinha escondido.

“Você se lembra quando Winnie lhe contou sobre Timothy Talbot?” Winnie perguntou.

Khalani franziu a testa, lembrando-se vagamente do nome. "Só um pouquinho. Você disse que ele era seu tataravô ou algo assim?"

Winnie deu um pequeno sorriso que pouco fez para aliviar a tensão em seu rosto. "Exatamente. Esse é Timothy Talbot." Winnie apontou para a pintura do homem de túnica branca caminhando em direção a uma estrutura estranha. A arte misteriosa chamou sua atenção no primeiro dia em que conheceu Winnie.

"Isto foi pintado por ele antes de morrer e passado adiante para os Talbots, junto com seu diário." Winnie agarrou o livro com tanta força que seus nós dos dedos estavam ficando brancos.

"Ele era um grande cientista antes de todos nós irmos para a clandestinidade. A Winnie foi instruída a guardar esse segredo. Jurou não contar a ninguém além da família, e agora... essa pessoa é você."

Winnie entregou o diário preto a Khalani. Uma pressão estranha percorreu seu corpo, como se ela soubesse que tudo estava prestes a mudar. Como se todas as experiências de sua vida a tivessem levado àquele momento singular.

“O que está escrito?”

"A verdade."

Os músculos de Khalani ficaram tensos, e ela abriu o texto antigo.

Diário de Timothy Talbot

Dia 100 após o colapso global (AGM)

As Nações Unidas declararam uma crise global devido à precipitação nuclear, e a humanidade enfrenta a extinção iminente. Sabíamos que isso aconteceria, mas agora, o mundo inteiro sabe. O pânico se instalou. Revoltas se espalham por todos os continentes, e nossa seleta coalizão dos melhores cientistas do mundo precisa esconder nosso Projeto. Vivemos na base agora, trabalhando incansavelmente todos os dias. Não há como sair, nem como voltar atrás, pois o destino da espécie humana está em nossas mãos.

Dia 200 Assembleia Geral Anual

Eles mataram Hunter e Brian hoje. Eles não aguentaram o isolamento e queriam voltar para suas famílias e contar a elas sobre o Projeto. Estou tentando conter as lágrimas enquanto escrevo isto. Eles eram meus colegas de quarto na faculdade do MIT, meus melhores amigos. E agora eles se foram, perdidos como tantas pessoas que pereceram desde as bombas. Mas não posso me deixar levar por essas emoções. Agora eu lidero o Projeto e devo continuar. Não vou sucumbir à pressão assustadora que me segura. O futuro é o que eu preciso pensar. O futuro é tudo o que importa.

Assembleia Geral Anual do Dia 365

As Nações Unidas anunciaram um sorteio para cidades subterrâneas. Graças ao Projeto, nossas famílias terão um lugar seguro na cidade subterrânea mais próxima. Gostaria de me sentir melhor com isso. Dizem às pessoas que ficarão no subsolo por pouco tempo. Dizem que a superfície da Terra se recuperará e

que a vida vegetal voltará a crescer. O ar será sustentável em pouco tempo. Eles mentem. Eles precisam mentir.

Os sortudos que conseguirem um lugar no subsolo não sabem que os níveis de radiação levarão centenas de anos para cair a um nível habitável. Todos os vivos neste momento morrerão devido à precipitação radioativa e ao inverno nuclear, ou viverão o resto de suas vidas no subsolo, sem nunca mais ver o sol. A vida na superfície deixará de existir. Nossa única esperança é o Projeto. Precisamos nos mover mais rápido.

Dia 425 Assembleia Geral Anual

Salvar o mundo é uma tarefa cansativa. Comecei a conversar com o Alan. Os testes preliminares parecem promissores.

Dia 460 Assembleia Geral Anual

O status do Projeto parece melhorar a cada dia. As sequências estão quase concluídas e eu já as apresentei ao Presidente. Eu deveria estar aliviado e grato. Mas sinto um peso na boca do estômago. Algumas das minhas conversas com Alan me preocupam. Expressei essas preocupações a John, mas ele tentou amenizar meus temores.

Dia 475 Assembleia Geral Anual

Cumpriremos a missão. Não há outra alternativa. John também tem dúvidas, mas nossas mentes não nos deixam ir até lá. Se nossos medos estiverem corretos, estamos condenados.

Dia 505 Assembleia Geral Anual

Alan me incomoda profundamente. Algumas coisas que foram ditas... ele realmente tem os nossos melhores interesses em mente? Neste momento, não sei mais. Preciso ter uma última conversa com ele. Rezo para que meu instinto esteja errado, mas não posso correr o risco. Algo precisa ser feito.

Dia 531 Assembleia Geral Anual

O Projeto Helix está completo. Nunca pensei que escreveria estas palavras. A equipe comemora na caverna, mas eu não me junto a eles. Eles não sabem o que eu fiz. Vamos nos juntar à família que nos resta nas cidades subterrâneas de Apolo e Hermes. E agora, é a espera.

Quando os níveis de radiação diminuírem, o Projeto Helix iniciará sua função motora e a humanidade poderá retornar à superfície. Voltar para casa. Isso será muito depois de eu morrer. Vou me juntar à minha filha e neta em Apollo. A segurança me vigia de perto, garantindo que ninguém espalhe a verdade sobre o Projeto Helix. Mas este segredo não pode morrer comigo.

Lançamento Final no Diário

Querida Maybell,

Minha querida neta. Ver seus sorrisos e seu lindo rosto me enche de alegria. Uma alegria que pensei que nunca mais sentiria. Você é a cara da sua mãe quando tinha a sua idade. Se sua mãe tivesse vivido mais, teria muito orgulho de você. A radiação a que fomos expostos na superfície nos afetou a todos. De fato, sinto meu corpo enfraquecendo a cada dia. É hora de deixar meu diário para você.

Sei que você terá muitas perguntas, doce menina, e eu gostaria de ter todas as respostas. A verdade nua e crua é que pode haver forças fora do nosso controle que não querem nos ver prosperar. Depois do meu tempo no Projeto, até eu

questionei se valia a pena salvar-nos. Todas as guerras, a fome, a perda de vidas, a destruição do nosso planeta... como podemos confiar em nós novamente? Mas eu olho para você e vejo toda a bondade do mundo bem no fundo dos seus olhos, e então me lembrei. O amor vale a pena salvar. A vida vale a pena salvar. Nunca se esqueça disso.

Espero que meus medos tenham sido infundados, mas precisamos nos preparar. Há muito poucas pessoas em Apollo em quem se possa confiar. Com base em nossos cálculos, os recursos em Apollo devem durar 300 anos. O ar da superfície estará respirável antes disso. Se chegar o ponto em que os recursos diminuam e ainda assim não formos à superfície, você precisa encontrar uma maneira de deixar Apollo. Descubra a verdade sobre o Projeto Helix. Essa é a nossa única esperança. Mesmo que isso aconteça muito depois de você partir, você precisa passar esse conhecimento para nossa família.

Deixe-os saber que o caminho começa em Prometeu.

- Seu amoroso avô, Timothy Talbot

Khalani fechou o livro silenciosamente, uma frieza repentina a envolvendo como um manto. Tudo em que conseguia se concentrar era no subir e descer do seu peito. Suas mãos tremiam quando ela devolveu o diário para Winnie.

"Você vê agora?", perguntou Winnie, olhando profundamente em seus olhos.

“Eu…eu preciso de um segundo.”

Sua respiração ficou ofegante quando ela se levantou e começou a andar de um lado para o outro na sala. Seu rosto formigava e sua visão ficava turva. Projeto Helix, Apollo, recursos em declínio, Gênesis, Prometeu... todas as peças de um quebra-cabeça se espalhavam, e ela mal conseguia encaixá-las.

"O diário não diz nada sobre o que é o Projeto Helix?" Khalani perguntou a Winnie.

Winnie balançou a cabeça. "Não. Mas deve ter sido algo grandioso, algo que poderia salvar a todos nós. E se o que seu amigo disse sobre a quebra da colheita for verdade, então Timothy estava certo, e precisamos deixar a Apollo. Precisamos encontrar o Projeto Hélice."

Khalani colocou as palmas das mãos no rosto, a mente girando. "Mas Timothy disse que os recursos durariam até que o ar da superfície pudesse sobreviver novamente. A superfície está cheia de radiação, Winnie. E se ele estivesse errado?"

"Winnie acredita em Timothy. E se Apollo estiver mentindo para nós sobre a superfície? Você também não sente que está errado?"

Ela sentia algo. Como se o peso do conhecimento a enterrasse viva. Ela aprendera tanto nos últimos dias... era demais. Seu mundo estava virando de cabeça para baixo, e ela girava junto. Perguntas brilhavam em cada esquina, e nenhuma resposta à vista.

"Winnie, eles nos mostraram os cadáveres dos trabalhadores da Genesis. As queimaduras, a pele se deteriorando. Eles morreram de envenenamento por radiação."

"E se tudo fosse um show?!", exclamou Winnie. "Para nos fazer acreditar que a superfície ainda era muito perigosa?"

Khalani deu um suspiro e foi até Winnie, colocando uma mão gentilmente em cada lado dos seus ombros.

"Winnie, eu sei que você quer acreditar nisso. Eu sei que você quer acreditar no Timothy Talbot. Digamos que você esteja certa, que Apolo tenha mentido para nós o tempo todo e que alguma força misteriosa queira que morramos. Por onde começaríamos? Ele disse que o caminho começa em Prometeu, mas você sabe onde fica Prometeu? Nem sabemos se é uma pessoa, um lugar", ela disse, sem entender, buscando no rosto o reconhecimento de quão insano aquilo soava.

Os olhos de Winnie brilharam de esperança. "Winnie não sabe, mas você não quer descobrir a verdade? Podemos escapar para a superfície e descobrir tudo juntas! Somos uma família, certo?"

Khalani olhou para o céu, a pressão a dominando. Ela amava Winnie, mas não conseguia vê-la trilhar esse caminho para a autodestruição.

Somos uma *família* , Winnie. Mas ouça a si mesma. Isso não é um plano. Isso é suicídio. Se a fuga fosse possível, estaríamos vagando sem rumo por um deserto árido. É só isso que a superfície é agora. Morreríamos em poucos dias. Mas temos um plano. Entraremos em contato com Hermes, e tenho certeza de que eles nos enviarão ajuda. Essa é a nossa jogada mais inteligente agora, Winnie. Nossa única mover."

O rosto de Winnie se transformou de convicção em desespero. "Winnie esperava poder confiar em você."

"Pode confiar em mim!", ela insistiu. "Só estou cuidando de você."

Winnie virou a cabeça e uma lágrima perdida escorreu pelo seu rosto, perfurando Khalani como cacos de vidro. "Não fomos feitos para ficar no subsolo, Khalani. Fomos feitos para mais. Winnie sabe disso, mas você... você não quer sair do teatro de marionetes."

Seu estômago revirou como se ela estivesse sendo estripada de dentro para fora. "Winnie", ela sussurrou.

O alarme da tarde soou no ar. "É hora de ir." Winnie lhe deu as costas.

“Winnie…nós podemos consertar isso.”

"Hoje não, Khalani. Talvez nunca. Por favor, vá embora", disse Winnie com a voz embargada.

Culpa e arrependimento se acumulavam como torres em seu peito, mas muitas palavras foram ditas. E nenhuma delas pôde ser retirada.

Ela se virou lentamente e saiu da biblioteca, com os ombros curvados como se seu corpo quisesse ceder e desaparecer. Takeshi a deixou vulnerável. Seu relacionamento com Winnie estava desmoronando diante de seus olhos.

Khalani nunca se sentiu tão isolada. Nem mesmo quando seus pais foram assassinados. E, desta vez, foi tudo culpa dela.

24

Agarro a miséria, o medo e a tristeza nas palmas das mãos.
Eu também sei o que é ser indesejado.

O silêncio é uma miragem. À distância, o vasto vazio parece sedutor, até mesmo cativante. Um refúgio seguro para a mente estar dentro dos próprios pensamentos. Mas, assim que você se aproxima, a ilusão se dissipa, e o silêncio se transforma em algo ensurdecedor.

Barulhento e enlouquecedor.

Semanas se passaram e Khalani não falava com Winnie. Ela nunca foi designada para a biblioteca, nunca a viu para dizer que sentia sua falta e que sentia muito. Quando Winnie chorou e olhou para Khalani com *decepção,* seu coração se despedaçou de dentro para fora.

E Timothy Talbot nunca lhe saiu da mente.

Uma parte dela desejava esquecer completamente o diário. Não depositar suas esperanças em alguém de uma geração perdida, uma geração responsável por forçar a humanidade a viver no subterrâneo. Não acreditar em nada seria mais fácil.

Mas e se Timothy Talbot fosse real e trabalhasse em um Projeto para trazer a humanidade de volta à superfície? A ideia pode muito bem ser uma ilusão de um plano secreto, mas sua mente agarrou a informação como uma tábua de salvação.

Ela não só não pôde visitar Winnie na biblioteca, mas a única interação de Takeshi com Khalani desde que ela passou a noite na cama dele foi para dizer a ela que eles estavam dando uma pausa no treinamento.

Ele nunca deu uma explicação. A pessoa afetuosa que revelou seu passado conturbado havia desaparecido. O Capitão indiferente, que a encarava com irritação e ira, era tudo o que restava.

Ela tentou não pensar nele. De fato, tentou. Mas seu cérebro continuava girando em torno da noite enquanto ela se deitava ao lado do corpo quente dele. Seus músculos conseguiram relaxar. Sua testa aliviou as linhas de tensão. Por um breve momento, ela se sentiu segura.

Mas tudo e nada podem mudar em um único suspiro.

Ele atravessou o coração blindado dela e nunca fechou o buraco. Por que a vida sempre foi assim? Aqueles que causam mais danos nunca pensam em repará-los. Eles apenas deixam você destruído para a próxima pessoa que tiver que lidar com essas cicatrizes retorcidas.

"Você está bem?" Serene olhou para ela com preocupação.

"Estou bem." Khalani passou os dedos pelos cabelos. "Só tenho muita coisa na cabeça."

Ela não contou aos outros sobre Timothy Talbot. Não quando não conseguia determinar se o diário dele era verdade ou fantasia. Por enquanto, era seu fardo de conhecimento para carregar sozinha. Só lhe restava esperar e torcer para que

o plano de contatar Hermes desse certo.

"Por favor, me diga que você tem alguma novidade." Khalani olhou para Adan enquanto caminhavam para o canto mais distante do fosso, longe de ouvidos curiosos.

Adan deu-lhes um sorriso constrangido. "Vocês querem as boas ou as más notícias primeiro?"

“Boas notícias primeiro”, disse Serene, impassível.

“A boa notícia é que consigo fazer o walkie-talkie funcionar.”

Derek franziu a testa. "E as más notícias?"

Adan deu um suspiro profundo e esfregou os cantos dos olhos. "Não consigo fazer o walkie-talkie funcionar aqui embaixo. Apollo está muito fundo para o sinal sair. O sinal só pode ser enviado na superfície. Em Gênesis."

Com essas palavras, uma onda de decepção e desespero pairou sobre eles como uma névoa. "E se esperarmos por outro jantar na mansão do Governador?", Serene incitou, ávida por qualquer coisa.

"Isso pode levar meses. Estaríamos mortos até lá."

Derek balançou a cabeça amargamente, olhando para o horizonte como se estivesse chateado consigo mesmo por ter começado a ter esperança em primeiro lugar.

“E se houver outra maneira?”

Eles viraram a cabeça para ela.

"No jantar, o Conselho disse que estavam preparando um baile para o 10º aniversário do Gênesis. O Governador disse que os prisioneiros de Braderhelm estavam sendo usados como servos. Essa é a nossa entrada", exclamou ela.

“Mas o 10º aniversário do Genesis… isso é daqui a apenas algumas semanas”, argumentou Derek.

"E a segurança estará a mil com todos esses convidados", respondeu Serene secamente.

Um plano já se formava em sua cabeça. "Serene pode roubar um bloco para garantir que estejamos na lista para servir no baile. Ligamos o walkie-talkie para Genesis, encontramos um momento para escapar e ligamos o walkie-talkie para enviar um sinal."

Khalani examinou o rosto de Adan em busca de confirmação. "É possível", hesitou Adan. "Mas precisamos ter certeza de que não há ninguém por perto para interromper a transmissão. Pode levar alguns minutos para alguém da Hermes responder. Se alguém nos vir, estamos mortos."

"E se não fizermos isso, todos morrerão de qualquer jeito", retrucou Khalani. "Não temos escolha. Vocês estão dentro?" Ela encarou os três com uma esperança frágil nos olhos.

Serene franziu os lábios. "E perder a chance de dar uma para aqueles babacas de novo? De jeito nenhum. Eu topo."

Adan ergueu o olhar para o teto. "Lá vai ela, pronta para entrar na briga sem se importar com a própria preservação. Mas também não vejo outra opção. Pode contar comigo."

Khalani assentiu. "Derek?"

Os lábios de Derek tremeram e ele levantou a cabeça, o peso de mil sóis escorrendo de seus olhos.

“Durante toda a minha vida, eu só quis ajudar aqueles em Apollo. E todos os dias que passei em Braderhelm, pensei em todos com quem falhei por não consertar as plantações ou espalhar a verdade. Eu tinha desistido. Não vou perder esta chance de consertar as coisas.”

Khalani estendeu a mão e apertou delicadamente os dedos dele. "Obrigada."

"Certo", disse Adan. "Vocês todos conhecem o plano. Lembrem-se, não pode haver erros, porque só teremos uma chance."

Um tiro. Só uma chance de salvar Apollo.

Tudo o que a cidade subterrânea lhe trouxe foi desespero, mas foi preciso que Khalani se tornasse prisioneira para perceber que não estava pronta para desistir daqueles que a aprisionavam. Havia coisas maiores pelas quais valia a pena lutar.

Merda. Ela estava começando a soar muito parecida com o Timothy Talbot.

"Precisamos caminhar", sussurrou Serene, inclinando a cabeça em direção a um guarda que lançava olhares desconfiados em sua direção.

Eles avançaram rapidamente em direção à frente do monte de batalha para se misturarem aos prisioneiros, a multidão barulhenta alheia à sua destruição iminente. Ou talvez sempre soubessem, e ignorar o inevitável fosse mais fácil.

Mas ela já não se refugiava nas sombras. Já não aceitava mais coisas que estavam fora do seu controle. Alguém lá fora conseguiu o que a maioria pensava ser impossível. A cidade subterrânea de Apolo era um testemunho vivo disso.

Impossível era apenas uma palavra criada para estabelecer limites.

E ela era especialista em cruzar esses limites.

Ela estalou o pescoço quando um prisioneiro careca no monte lutou contra um homem de dentes ralos e cabelos negros e rebeldes e caiu inconsciente. Khalani impacientemente bateu os dedos na lateral do corpo, pronta para contatar Hermes *agora* . O tempo era o torturador silencioso.

"O que te deu essa barata? Com medo de ter sua vida patética jogada na sua cara de novo?" O tom sarcástico e característico de Dana se aproximou dela.

"Vá embora, Dana." Khalani não se deu ao trabalho de dar a Dana a satisfação de seu olhar.

"Ou o quê? Vai chorar em mim?"

Derek se virou, percebendo a comoção, e se posicionou diante de Khalani. "Você não tem uma placa de Petri para rastejar de volta, seu porco inculto?"

Dana deu um sorriso irônico. "Olha, é o guarda-costas dela. Porque o bebê não consegue lutar batalhas sozinho."

"Não vou pedir para você ir embora de novo", Khalani sibilou entre dentes.

"Ahhh, ela está brava." A voz de Dana ficou mais alta. "Talvez dessa vez a gente faça uma balada sobre a mãe estúpida dela morta antes que ela se mate e poupe todo mundo."

Vários prisioneiros engasgaram de tanto rir.

O sangue subiu à superfície de sua pele, aquecendo-a por dentro, como uma fornalha prestes a explodir.

E foi isso que ela fez.

Khalani contornou Derek, girou o braço para trás e deu um soco no nariz de Dana, sentindo a cartilagem se romper sob os nós dos dedos. Dana cambaleou para trás com um grito, os pés raspando na borda do monte. Seu nariz ficou vermelho instantaneamente e seus olhos começaram a lacrimejar.

“Você bi-”

Khalani saltou para a frente e empurrou Dana para a borda do monte, jogando as duas no poço. Arfava ao vê-las cair no chão, rolando para longe uma da outra. Khalani ignorou a dor nas costas e se levantou com um pulo, raspando o cascalho dos braços vermelhos.

Dana estremeceu e se endireitou com um rosnado. "Você está morto, porra." Dana rangeu os dentes, limpando as gotas de sangue que pingavam de sua narina.

Khalani preparou sua postura e ergueu os braços para proteger o rosto, como Takeshi lhe ensinara, quando Dana avançou e desferiu um soco largo em sua cabeça. Khalani se abaixou para a direita, esquivando-se por pouco, e rapidamente desferiu um contra-ataque que acertou a orelha de Dana.

Dana mal reagiu, agarrou os ombros de Khalani e deu-lhe uma joelhada na barriga. Ela ofegou, curvando-se para a frente, sem conseguir respirar.

Dana aproveitou a oportunidade e deu um soco no rosto de Khalani. Seus ouvidos zumbiam com o golpe, e seu corpo se contraiu para o lado enquanto a dor atingia sua cabeça, como se seu cérebro estivesse sendo sacudido continuamente por címbalos.

De repente, seus cabelos foram puxados para trás com força, e o joelho de Dana tocou seu rosto. Khalani recuou bruscamente e caiu no chão, amontoada. Sangue escorria por seu rosto, sua visão ficando turva.

“Acabem com ela!” rugiu um guarda.

“Levantem-se!” gritaram alguns prisioneiros.

Ela apoiou o peso nas mãos e grunhiu, empurrando-se para cima. Os aplausos da multidão se intensificaram. Dana estreitou os olhos e tirou uma faca fina do bolso. O fio da lâmina refletiu a luz nos olhos arregalados de Khalani.

Ela não parou para pensar em como Dana conseguiu tal arma. Não importava. Em Braderhelm, ninguém intervém em lutas de arena. Ela estava sozinha, mesmo na morte.

Mas Khalani não era a garota fraca e sem esperança que Dana destruiu meses atrás. Ela treinou para isso. Aprendeu com os melhores. Se havia uma coisa que ela aprendeu com Takeshi, foi a capacidade de ler os oponentes, atacando todas as fraquezas possíveis.

O foco de Khalani nunca se desviou de Dana, notando como ela inclinava a perna esquerda e abaixava o cotovelo ao desferir um soco. Khalani lambeu o rastro de sangue que escorria por seu lábio superior, e Dana hesitou, subitamente insegura com o olhar desequilibrado em seus olhos.

Khalani saltou para a frente, levantando terra enquanto se aproximava. Dana reagiu exatamente como ela previra, enfiando a faca direto na barriga. Khalani desviou para a direita e acertou um soco na garganta de Dana. Dana largou a faca e caiu para trás, respirando com dificuldade enquanto centenas de olhares se voltaram para Khalani, espantados.

Dana tentou se recompor rapidamente e rebobinou a primeira, saltando para a frente em um movimento frenético. Khalani abaixou o corpo para evitar o arremesso descontrolado que passou por cima de sua cabeça. Rápida como um raio, ela se virou e bateu com o cotovelo com força brutal no nariz já quebrado de Dana.

Um coro de *"ooh's"* ecoou da multidão.

Dana levou as duas mãos ao rosto, os dedos visivelmente trêmulos. Mas Khalani não havia terminado. Ela agarrou a gola de Dana e deu um soco na lateral da cabeça dela, e o joelho de Dana caiu no chão.

"Retire o que disse sobre minha mãe", ela disse asperamente.

Dana se levantou trêmula, cambaleando, e cuspiu um jato de sangue na direção dela. "Vai se foder."

Khalani deu-lhe outro soco.

Dana caiu de quatro. Sangue espesso escorreu de seu nariz e espirrou no chão, lembrando a posição em que Khalani estava há poucos meses, quando lutou contra Dana pela última vez no ringue.

Um coro de aplausos ecoou ao redor dela enquanto o corpo de Dana começava a tremer. Mas não era de choro. Calafrios percorreram sua espinha quando Dana ergueu o olhar. Sangue vermelho vivo escorria entre as rachaduras de seus dentes amarelos enquanto ela ria baixinho.

"Não achei que você fosse capaz. Acontece que você está tão destroçado e quebrado quanto todos nós."

O peito de Khalani se ergueu em uma respiração acelerada. A visão dolorosa da foto de seus pais se despedaçando se repetiu mais uma vez. Momentos podem desaparecer, mas cicatrizes não. A dor sempre permanece.

Como uma assassina treinada, ela pegou a faca do chão e a abaixou até a ponta dos pés. Colocou a faca contra a jugular de Dana, uma excitação sinistra percorrendo-a ao ver o sangue de Dana cortando a lâmina.

"Você tirou de mim a última coisa com que eu me importava. Foi *você* quem tentou me arruinar como este lugar te arruinou", o sussurro áspero raspou em sua língua.

"Então vá em frente e termine com isso", rosnou Dana.

O volume da multidão desapareceu no fundo. Tudo o que ela conseguia ouvir era o som do seu coração batendo forte no peito. Khalani apertou a faca com mais força, pronta para dar o último golpe. Ela esperava por aquele momento havia tanto tempo. Para fazer cada um de seus inimigos pagar com sangue.

Suas mãos tremiam, e Khalani expirou bruscamente. Hesitante. Por que ela estava hesitando?

Dana não merecia misericórdia.

Mas o rosto de Winnie preencheu sua visão. Imagens dos livros que ela lia, das conversas que tinham e dos sonhos que compartilhavam perfuravam sua mente, acendendo uma chama que incitava Khalani a enxergar além de sua escuridão.

Pessoas perecerão. Páginas podem se rasgar em pedaços e queimar até a ruína, mas a vida de Khalani significou que as coisas que mais importavam nunca desapareceram dela, não enquanto ela permaneceu. Winnie lhe ensinou isso.

Ela não precisava aceitar mais nada. O que mais há para aceitar quando você já abrange o mundo?

Um peso pegajoso cedeu ao seu corpo, à sua visão. Ela enfiou a lâmina ainda mais fundo no pescoço por um momento e teve a satisfação de ver Dana estremecer.

“Olhe para mim”, ordenou Khalani.

O primeiro sinal de medo de Dana apareceu quando seus olhares se encontraram.

“Eu não sou nada como você. Não vou arruinar os outros para preencher meus espaços vazios. — Ela se inclinou para sussurrar: — E não preciso terminar o que já conquistei.

O olhar de Dana se transformou em descrença chocada quando Khalani largou a faca e se afastou, deixando um pedaço de sua ruína para trás.

Ela levantou a cabeça, e Derek estava bem na frente, com os olhos arregalados de choque. Até Serene a encarou, perplexa, com um sorriso malicioso começando a se formar em suas bochechas. Adan e Derek estenderam as mãos quando Khalani se aproximou, e a içaram para o alto do monte.

"Não pensei que você pudesse se recusar a matar alguém e ainda parecer durona", exclamou Adan, bagunçando seus cabelos.

Os lábios de Khalani se curvaram, e ela avistou o Zoneador da Morte parado ao lado, inclinando a cabeça em curiosidade. Ela não se importou com os xingamentos ou o coro de vaias dos outros prisioneiros por não encerrar a luta com a morte.

Khalani se virou e seus músculos congelaram. Do outro lado do monte, havia alguém parado ali, observando o tempo todo.

Takeshi Steele.

Os braços musculosos dele estavam cruzados sobre o peito, encarando-a diretamente. Como se nenhum objeto ou força circundasse o espaço entre eles. Seus olhares se encontraram, e o peso do olhar dele fez o coração dela disparar.

Seus lábios se ergueram imperceptivelmente num leve sorriso.

E em um gesto simples, ele encapsulou tudo que não podia ser comunicado em palavras.

Todos aqueles treinos extenuantes. Toda vez que ele a derrubava no chão ou criticava sua postura, gritando para Khalani que ela podia dar mais. Cada olhar trocado exalava fogo, tenacidade e paixão.

Ruídos roçavam sua pele, clamando por sua atenção. Mas tudo o que ela viu foi Takeshi antes que ele se virasse e desaparecesse na multidão como uma sombra trêmula.

Em outra vida, ela esqueceria todas as coisas horríveis que ele lhe disse. Ela correria atrás dele, perguntando se ele viu o que aconteceu, sabendo muito bem que ele viu. Se ele soubesse que Khalani tinha a força dentro dela o tempo todo.

Mas ela não precisava perguntar.

Takeshi simplesmente *entendeu*, assim como ela, todas as respostas que não precisavam ser questionadas. As emoções que a percorriam eram tão pungentes que enchiam a sala inteira.

Ora, eles preenchiam todo o seu universo distorcido.

Porque, pela primeira vez... ela *também estava muito orgulhosa de si mesma* .

25

Eu me recolhi a mim mesmo por muito tempo.

A dor não é algo para se acovardar. A dor é um produto da busca. Quando o suor cai em uma poça, as lágrimas secam e o sangue endurece em crostas, só então a mente descansa profundamente à noite, sabendo que cada grama de esforço foi investida.

Os fortes não veem a dor como uma barreira, mas sim como um foguete que ultrapassa os limites da mente. Sem dor, as vitórias seriam inúteis. Caso contrário, todos venceriam.

Um grunhido alto soou à sua esquerda. Derek estremeceu ao soltar a pá com força. Sangue manchava o cabo de madeira sujo.

“Você está bem?” Khalani pousou o pesado carrinho de mão.

"É. Uma bolha nova estourou." Derek bufou, e ela olhou para as mãos dele, ensanguentadas e cortadas, piores do que o normal.

"Aqui." Ela pegou um pano usado para enxugar suor e rapidamente o enrolou firmemente em volta das palmas das mãos dele, protegendo os ferimentos recentes.

"Obrigado." Derek torceu a boca enquanto ela apertava o pano, mas ele não protestou. "Lembro-me vagamente de ter feito isso por você quando chegou."

Ela deu um sorriso irônico, finalizando o nó com um puxão. "Parece que foi há uma eternidade." Nesse ponto, Khalani perdeu a noção de quanto tempo estava em Braderhelm.

“Muito tempo”, Derek sussurrou.

Ela franziu a testa diante da expressão dele. Era o tipo de cansaço que transparecia no físico, em que a vontade não tem mais força e o cérebro não se lembra mais por que está pressionando.

“Nós vamos superar isso”, Khalani insistiu, apertando suavemente seu pulso.

"Como você sabe?" Derek procurou os olhos dela.

“Eu sei porque a alternativa não é uma opção”, ela enfatizou.

“Vocês dois!!”

Assustados, eles viraram a cabeça quando um guarda careca os atacou. "Por que vocês não estão trabalhando?"

"E-estamos trabalhando, senhor", gaguejou Derek, e o rosto do guarda pareceu endurecer enquanto ele se aproximava. "Estávamos só dando uma voltinha rapida..." Derek caiu no chão quando o guarda o golpeou brutalmente no rosto com um cassetete.

"Parece que eu quero ouvir suas desculpas?" O guarda levantou a bota e chutou Derek no estômago com força esmagadora.

"Pare!" ela gritou enquanto Derek se dobrava sobre si mesmo como um feto.

O guarda virou a cabeça e deu um passo ameaçador em sua direção. "O que você acabou de dizer?"

Ela respirava pesadamente enquanto Derek lutava para se levantar de joelhos.

"Se você continuar machucando ele, ele não vai conseguir trabalhar. E o Diretor não vai gostar nada disso."

O guarda estreitou os olhos. "O que um prisioneiro patético como você sabe sobre o Diretor?"

Sua mente se agitava enquanto ela tentava se endireitar. Mesmo assim, o topo de sua cabeça mal chegava ao peito dele.

"Já me encontrei com o Diretor várias vezes", mentiu ela, descontrolada. "E ele expressou seu descontentamento com os túneis inacabados. Ferir outro prisioneiro fisicamente apto atrasará ainda mais o trabalho, e tenho certeza de que você não gostaria de explicar o atraso a ele."

O guarda a estudou atentamente enquanto segurava o bastão com mais força.

A qualquer momento, ele poderia virar a arma contra ela e usar sua pele e ossos como saco de pancadas, mas Khalani não se esquivou do olhar dele, demonstrando uma confiança apaziguada enquanto suas mãos tremiam levemente.

Os olhos cruéis do guarda percorreram o corpo dela com lascívia, e ele grunhiu. "Você não seria o primeiro pedaço de bunda de prisioneira que o Diretor gostaria de ter. Mas eu posso te machucar de maneiras que o Diretor não vai notar."

Antes que Khalani pudesse reagir, ele enfiou um taser em suas costelas ossudas. A voltagem era alta e uma corrente elétrica quente percorreu seus músculos enquanto ela desabava no chão, tremendo incontrolavelmente.

O guarda se inclinou sobre ela, sorrindo sadicamente.

"Responda-me de novo, e eu encontrarei outros usos para essa boca. Mas não vou matar você. Eu vou matá-lo."

Ele apontou para Derek, mantendo contato visual com ela. Ela cerrou os dentes, imaginando-se pegando a arma de aço da mão dele e esmurrando sua cara feia. Chutando, arranhando e mordendo, repetidamente, como um animal extinto. E então ela enfiaria o taser em cada buraco do corpo dele — na máxima voltagem.

Mas ela conteve aqueles instintos sombrios, deixando a resignação silenciosa falar por ela. O guarda a encarou com um olhar ameaçador e, por fim, foi embora, xingando baixinho.

Depois de vários segundos, seus músculos pararam de se contrair e ela lentamente recuperou o controle de seus membros.

"Você está bem?" Derek ofegou do chão.

"Já passei por coisas piores." Khalani mancou até Derek. "Você está bem?"

"Não." Seu rosto se contorceu, uma cicatriz recente se estendendo do canto do olho até o lábio enquanto ela o ajudava a se levantar. "Mas se não fosse por você, eu provavelmente não estaria me movendo."

Ela o olhou com preocupação enquanto ele cuidadosamente pegava sua pá e colocava pedras no barril, enquanto gemidos baixos escapavam dele.

“Não force tanto.”

Ele ergueu os olhos, mas continuou cavando. "Não temos escolha, Khalani. Não aqui. Eles vão nos deixar descansar quando morrermos." As sobrancelhas dela se franziram enquanto ele agarrava as costelas e se virava para esconder as lágrimas de dor nos olhos.

Entrar em contato com Hermes pode não ser suficiente.

Eles precisavam escapar de Braderhelm.

Khalani passou por sua cela enquanto se dirigia para o poço, tentando descobrir como o impossível poderia se tornar possível, quando uma voz indomável soou atrás dela.

“Kanes.”

As profundas reverberações no tom masculino fizeram os pelos de seus braços se arrepiarem e foram suficientes para acelerar seu coração em um milésimo de segundo. Khalani se virou lentamente. Seu pulso acelerou quando um olhar familiar e sombrio se encontrou com o dela.

Takeshi estava a poucos metros de distância, braços musculosos cruzados sobre o peito, enquanto seus olhos percorriam cada centímetro dela, parando nos hematomas ao redor do olho e nos cortes no lábio. Seu olhar era físico, como pontas de dedos acariciando cada ponto focal.

Suas mãos instintivamente prenderam o cabelo atrás das orelhas, intrinsecamente ciente de sua aparência desgrenhada. Os fios de seu coque bagunçado estavam desfiados, espetados em todas as direções. O suor escorria pelo seu pescoço. O tecido de seu uniforme estava manchado de poeira e fuligem.

“Olha para você, Kanes.”

As palavras dele naquela manhã fatídica a cortaram novamente. Era mais fácil se concentrar no pior dele do que na maneira como ele a encarava no fosso, ou nas palavras delicadas proferidas na segurança de seu quarto. Bom ou ruim não eram descrições adequadas para Takeshi Steele. Ele era o calor do fogo e a queimação sádica das chamas.

Homens como ele deveriam vir com um sinal de alerta.

"O que você quer?" Ela cruzou os braços.

Ele deu alguns passos em sua direção. Lento. Predatório. O uniforme preto grudava em seus ombros largos, as armas escondidas, exceto pela lâmina afiada presa ao cinto. Seu rosto bonito era calmo e composto, mas quando os olhos ardentes de Takeshi se encontraram com os dela, a perigosa tentação dele fez seus músculos formigarem como se estivessem se preparando para correr.

Ou dê um passo mais perto.

“Eu estive pensando”, ele afirmou.

"Cuidado. Muito disso vai te machucar."

"Desde quando algum de nós se importa com a dor?" Os olhos de Takeshi brilharam em desafio.

"Que tal eu te dar um soco na cara para testar os limites dessa teoria?", ela ofereceu.

"Você gostaria disso, não é?"

Ela bufou, totalmente convencida de que Takeshi fora colocado nesta Terra apenas para irritá-la. Atravessando a vida, derrubando muros, apenas para observar como ela remontava os cacos.

"Estou no seu caminho ou algo assim?"

"Depende." Ele se inclinou mais perto, seu corpo enorme envolvendo a visão dela. "Barron está morto. Você venceu decisivamente sua luta na arena. Parece que você terminou o treinamento."

“Parece que sim.”

"A menos que você quisesse mais uma rodada contra seu inimigo principal." Takeshi inclinou a cabeça sutilmente para o lado com aquele olhar ousado, os olhos fixos em cada movimento dela. Nesse momento, seu coração estava conduzindo uma competição de tambores dentro do peito.

O olhar profundo dele buscou o dela, e seus dedos se curvaram como se uma corrente elétrica percorresse sua corrente sanguínea. Perto de Takeshi, ela era um fio desencapado, uma bomba-relógio com o dedo dele sobre o gatilho. As palavras dele afundaram em suas entranhas, repetindo-se como um metrônomo. E a forma como seu estômago se contraiu, como o de uma criança ingênua e estúpida, só a fez querer machucar os dois em retaliação.

"Achei que você não quisesse mais ficar perto de mim. Você deixou isso bem claro para mim no seu quarto."

Takeshi apertou o maxilar. "Eu sei o que disse e não vou me desculpar por isso."

"Que bom ouvir isso." Ela se virou, demonstrando a mesma cortesia que ele lhe demonstrara naquela manhã.

"Espere."

Seus punhos se apertaram ao lado do corpo, mas ela parou, seu corpo agindo por instinto antes que sua mente pudesse pensar. Ela o encarou lentamente, e uma emoção crua pairava no olhar de Takeshi, a vulnerabilidade brilhando como a lua em sua janela.

"A verdade não pode ser retirada, Kanes. Tinha que ser feita. E se você acha que ver sua cara naquela manhã não me fez querer destruir alguma coisa, você está enganado. Mas a ideia de não ter mais um momento em que eu sou apenas seu treinador, e você não é meu prisioneiro, me faz querer matar alguém."

Ela se afastou quando as palavras dele a atingiram. Sua testa se contraiu e sua boca ficou ligeiramente aberta, a voz dele fazendo coisas estranhas em seu peito. O que ele estava dizendo não fazia sentido.

Porque o coração dela doía da mesma forma. Talvez coração não fosse a palavra certa. Quando Takeshi se afastou dela naquela manhã, ela sentiu a dor no fundo da garganta, nas fissuras entre os lábios, nas articulações pesadas dos ombros. Todas as partes insignificantes dela ganharam vida ao redor dele, como se seu corpo preferisse queimar a ficar invisível.

“Takeshi, eu...”

Ela não ousou terminar de falar.

Mais uma sílaba destruiria o que lhe restava de força. Estriparia completamente o seu controle. Do jeito que estava, ela não estava pronta para se virar. Não, apenas o olhar de Takeshi mantinha seus pés presos ao chão.

Ele foi a âncora quando a determinação dela ameaçou se esvair em nuvens de poeira. Ela mordeu o lábio e ergueu o olhar, preparando-se para ser cortada ao meio. Seu corpo não aceitaria nada menos.

Traidor.

“Uma última vez”, ela concordou.

Takeshi não disse nada. Sua expressão era focada e controlada, mas seus olhos brilhavam com um fogo que queimava lentamente. Ele assentiu, selando o pacto.

Ela expirou profundamente enquanto caminhavam em direção à sala de treinamento. Caminhavam com passos pesados e deliberados. Mais lentos do que o habitual. Como se ambos estivessem relutantes em fazer a viagem passar rápido.

Como se o tempo fosse seu inimigo, mais do que a prisão jamais foi.

Takeshi abriu a porta da academia e foi como voltar para casa. Lar não é onde está o coração. Lar é o lugar que aceita o pior de você, o choro feio onde o ranho escorre pelo nariz, a raiva quando seus punhos se fecham para se conectar com algo físico, o chão onde seus joelhos caem quando a vida ganha o prêmio de maior vadia do planeta.

O cheiro de suor e pinho chegou às suas narinas, e ela inalou profundamente como se fosse perfume. Khalani passou por ele e se espremeu entre as barras de borracha, esticando os braços sobre o peito enquanto caminhava em direção ao centro.

Este lugar era o mesmo, mas havia algo diferente. Um ar que fez os músculos de Khalani se contraírem e a pressão entre seus pulmões aumentar. Quando ela se virou e Takeshi passou facilmente por cima das grades, seu corpo relaxou, mas o olhar fixo nela como se pudesse ver através da parte de trás de seu crânio, ela soube a resposta.

Você não precisa estar fisicamente com alguém para conhecê-lo intimamente. Quando alguém toca sua mente, beija suas memórias e lambe seus sonhos, vocês se moldam juntos. E esse era o problema. Ser moldada por Takeshi equivaleria à sua própria destruição.

"Então", ela levantou as mãos para o lado. "Como devemos fazer isso?"

“Nós jogamos um jogo.”

Ela zombou. "Desde quando você transformou o treinamento em um jogo?"

“A vida não passa de um jogo de vencedores e perdedores”, respondeu Takeshi com toda a sua sabedoria vigorosa.

"Tudo bem." Ela sucumbiu. "Qual é o jogo?"

"É simples." Ele estalou os dedos, olhando para eles como se estivesse relaxando sob o sol. "Um golpe no corpo vale um ponto. O primeiro a marcar cinco pontos vence."

Seus lábios se contraíram. Ela gostava daquele jogo. Gostava *muito daquele jogo.* Takeshi era forte, ágil e capaz de acabar com a vida dela num piscar de olhos se quisesse, mas uma parte insana dela apreciava a euforia de lutar com ele. Mas ele não facilitaria as coisas. Ela teria que jogar com inteligência para vencer.

"Tudo bem. Mas preciso de uma coisa sua." Ela o encarou. "Tenho um nó enorme nas costas do primeiro turno e não consigo alcançá-lo."

O olhar de Takeshi se estreitou. "E você espera que eu o quê... apague isso para você?"

"Achei que você queria que houvesse igualdade de condições, mas se não, tudo bem. Eu lido com isso." Khalani deu de ombros e se virou.

Um suspiro exasperado soou por cima do ombro dela. "Traga seu traseiro aqui, Kanes."

Khalani lutou contra o sorriso que repuxava seus lábios enquanto se aproximava. Seus olhos semicerrados brilhavam intensamente, e ele fez um

gesto com o queixo para que ela se virasse. Os dedos de Takeshi roçaram seu ombro enquanto ela lhe dava as costas, massageando a pele levemente com seu toque quente. Ela se forçou a não gemer de êxtase enquanto arrepios percorriam sua clavícula.

“Onde está o kn—”

Ela rapidamente puxou o braço para trás e lhe deu uma cotovelada na barriga. Um grunhido alto escapou da boca dele, e ela saltou para a frente, pronta para a retaliação.

Takeshi respirou fundo e se endireitou lentamente, com um brilho ameaçador se agitando sob seu olhar furioso.

"Você trapaceou."

"Brigar nunca é justo. Um ponto para mim." Ela não conseguiu evitar o leve arqueamento das bochechas.

Uma expressão nefasta surgiu em seu rosto. "Você sabe que vou fazer você se arrepender disso."

"Talvez uma bengala ajude você a se mover mais rápido. Isso me faria sentir melhor em relação a bater em idosos." Khalani se preparou e cerrou os punhos.

Uma parte de seu íntimo estremeceu ao estreitar os olhos dele, mas o lado perverso de Khalani riu e lhe disse para cortar mais fundo por todas as vezes que ele a fez se importar sem dar nada em troca. Sua língua estalou contra os dentes como um animal enjaulado, e ele se lançou para frente sem aviso.

Ela entrou em pânico, mal conseguindo bloquear um golpe em direção ao seu núcleo, mas Takeshi era incrivelmente rápido. Ele a atingiu em ambos os lados das costelas com a palma da mão aberta. Droga.

Ela cerrou os dentes enquanto o desferia uma saraivada de socos em direção ao corpo. Ele bloqueava cada um deles sem esforço algum, sem suar a camisa. Um olhar malicioso ofuscava sua expressão, e ele a rebateu com outro golpe em seu âmago, agarrou seu pulso e girou seu corpo para que suas costas ficassem rentes ao seu peito.

O grande antebraço de Takeshi rapidamente envolveu seu pescoço, não apertado o suficiente para que ela não conseguisse respirar, mas sua outra mão segurou seu pulso esquerdo imóvel ao lado do corpo.

"Idoso, hein? Acho que você quer dizer experiente, Kanes. Eu sei uns truques que fariam uma garota como você ficar vermelha só de pensar. Ainda quer brigar sujo comigo?"

O sussurro acalorado e nada gentil em seu ouvido provocou arrepios em seus braços e a fez mergulhar em território proibido. Seus peitos se ergueram em uníssono, e ela lutou contra a vontade de se virar e ver o quanto ele estava irritado.

"Você queria brincar. Vamos brincar", ela retrucou e pisou no tornozelo dele.

Takashi grunhiu e, rápido como uma víbora, afastou as pernas dela e a derrubou de costas, mas não antes de ela envolver os braços em volta da cabeça dele, levando-o junto. Rolaram pelo chão duro, e ela sentiu mais dois golpes no peito antes de cair em cima dele.

Khalani rapidamente agarrou seus pulsos com as duas mãos enquanto o montava, sabendo muito bem que ele a deixou segurá-lo. Seus olhos se arregalaram em triunfo, mas se detiveram diante do sorriso malicioso dele.

"Merda." Ele chegou a 5.

"Eu ganhei", bufou Takeshi. "Quase esqueci o quanto você gosta de fazer as coisas."

Seus olhares se encontraram, e ela não moveu os quadris de cima dos dele imediatamente. Suas unhas se apertaram nos pulsos dele, cravando-se em sua pele, quase tirando sangue, numa tentativa cruel de lhe causar dor, como ele a causara naquela manhã humilhante em seu quarto.

Mas Takeshi não se moveu. Não se opôs. Seu rosto se consolidou em determinação, como se ele fosse mais do que capaz de lidar com toda a punição que ela tinha para lhe dar, como se pudesse absorver cada centímetro de sofrimento dela e suportar o peso sozinho.

Tensão surgiu em sua testa. Ele não deveria olhar para ela daquele jeito. Como se fosse lutar qualquer batalha por ela, derrotar qualquer adversário que cruzasse seu caminho. Porque não era verdade. Era tudo um jogo para ele.

E ela corria muito mais perigo agora do que em qualquer outro momento da prisão. Porque não era seu orgulho, sua força ou seu corpo que estavam em jogo. Aquela fera irritante e frágil em seu peito estava se agitando como uma tempestade só pelo vislumbre de vulnerabilidade no olhar dele, espelhando o dela.

Os olhos dela baixaram até os lábios dele.

Como seria ter aquela parte dele roçando no corpo dela? Ela provavelmente ficaria desfeita.

“Kanes”, um sussurro áspero escapou dele.

Os olhos dela se ergueram, e uma carranca profunda se formou na testa dele. Ela notou que os punhos dele estavam cerrados contra o chão, e ele balançou a cabeça, querendo que ela parasse de olhar, mas seus olhos comunicavam muito mais, como se implorassem para que ela continuasse.

Seu coração batia mais rápido e ela se viu inclinada para a frente.

Pare enquanto ainda pode.

A parte lógica do seu cérebro que estava desligada encontrou o botão de ligar. Khalani rapidamente saiu de cima de Takeshi, esfregando as mãos nas laterais do cabelo emaranhado.

O que ela estava pensando? Que diabos ela estava fazendo? Khalani estava se deixando distrair e ser puxada por Takeshi quando precisava se concentrar no plano deles de contatar Hermes.

Isso precisava acabar.

"Desculpe", ela murmurou, com o sangue subindo pelas bochechas. "A gente devia ir."

Takeshi se levantou em toda a sua altura. "O que houve, Kanes?"

"Nada." Ela fez um gesto de descaso. "Não há nada de errado."

"Besteira", ele elevou a voz. "Eu te conheço muito bem. Notei o estresse nos seus olhos no último mês. O que é?" O olhar intenso dele perfurou um buraco nela enquanto ele esperava por uma resposta.

Ela balançou a cabeça e se virou. "Não. Deixa pra lá, Takeshi."

"Kanes!" O rugido profundo ecoou nos anjos no teto, e ela se virou em choque. Os músculos dele se contraíram de irritação. "Por que você tem que ser tão teimoso? Pode ser sincero comigo."

Toda a tensão, frustração e raiva fervilhavam dentro dela, prontas para incendiar e destruir tudo em seu caminho. "Você está brincando, né? O rei da frieza está me acusando de teimosia? Por que você não vai primeiro? Me conta tudo o que pensa, Takeshi!"

Seus lábios se apertaram numa linha dura. "Não estamos falando de mim."

"Ah, sim, somos. A questão é que você quer que eu seja franco com você, mas não pode me mostrar a mesma cortesia."

"O que você está falando?"

Ela deu alguns passos em sua direção. "Você sabe muito bem do que estou falando. Por que você foi gentil e doce na noite em que dormi na sua cama e, na manhã seguinte, voltou a ser um *babaca frio e indiferente* ? Me explica isso!"

O olhar inflexível de Takeshi endureceu. "Esqueça que eu perguntei, Kanes." Ele caminhou em direção à saída. "Acho que finalmente terminamos seu treinamento."

Ela soltou uma risada sem graça que ecoou por toda a igreja. "Nossa! Olha quem está com medo agora."

Takeshi congelou como se alguém tivesse atirado nele, e seus olhos a seguiram pelo quarto.

“Do que você me chamou?” sua voz ficou mais baixa.

Khalani sentiu uma tempestade crescendo dentro de si e se recusou a recuar. "Você me ouviu. Eu disse que você está com medo."

"Cuidado, Kanes. Você está pisando em terreno instável", rosnou ele.

Khalani estava muito exausta para parar e ergueu o queixo. "Vá em frente." Ela ergueu as mãos e se aproximou do corpo grande dele. "Não tenho medo de você. Que diabos, eu posso te entender melhor do que a mim mesma. Você não é como o Barron ou os outros guardas aqui. Você é a pessoa que abandonou a escola para proteger sua mãe. Você matou outro guarda para me proteger."

Mas você também é um mistério total e um quebra-cabeça complicado demais para sequer *querer* resolver. Seus lábios dizem uma coisa, mas seus olhos dizem o oposto. Você vai do calor ao frio porque está com medo. que eu poderia ser mais do que apenas uma criminosa suja e repugnante que merece morrer na prisão.” Seu pulso acelerava como se ela estivesse atravessando um campo de batalha.

Takeshi enrijeceu-se, e o ar ficou parado, como se a poeira e os corpos flutuando dentro das pinturas estivessem prestando atenção a cada palavra sua.

Quando cheguei aqui, eu estava completamente vazio. Se você gritasse dentro da minha boca, sua voz ecoaria de volta através dos espaços vazios! Então, você quer a verdade? Toda ela?! Não posso te contar porque, de alguma forma, em meio a toda essa merda, desenvolvi sentimentos por você. Não sei como isso aconteceu, porque você me irrita pra caramba e me irrita como se fosse sua missão na vida. Mas esse simples fato me queima tanto que nem me lembro como é não sentir dor.

"Sinto tanto que, a qualquer momento, tudo vem à tona, e eu me faço de idiota. Então, é isso, Takeshi! Eu gosto de você. E meu segredo mais profundo não significa nada porque você não sente o mesmo por mim. Somos mundos separados. E é aí que sempre estaremos."

Ao final do discurso, ela estava ofegante. Os olhos de Takeshi se arregalaram

e ele pareceu parar de respirar também. Naquele momento, foi como se Khalani tivesse uma experiência extracorpórea e repetisse cada frase sem sentido que saía de sua boca.

"Meu Deus." Seus olhos se arregalaram de horror. "Esqueça tudo o que eu disse, Takeshi. Não se preocupe com isso."

“Kanes.”

"Não, sério. Eu estava sendo idiota, e isso não significou nada", explicou ela apressadamente. Khalani olhou para o teto, desejando que um dos anjos pintados descesse e a atingisse ali mesmo.

“Kanes.” Takeshi deu um passo em sua direção, seu peito largo a poucos centímetros do rosto dela.

"Por favor. Me faça um favor e vamos fingir que essa conversa nunca aconteceu. Preciso voltar—"

“Khalani!”

Seus músculos congelaram. Era a primeira vez que Takeshi a chamava pelo nome verdadeiro. E o som dele percorrendo sua língua e lábios era como fogo líquido percorrendo suas veias.

"Sim?"

"Cala a boca", ele rosnou. "Nós nunca fomos mundos separados. Se fôssemos, você não estaria em todo lugar dentro de mim. Quando olho para você, meu peito parece que vai se abrir, e todas as emoções que eu havia reprimido voltam rugindo com uma vingança do caralho . " O poder por trás da voz dele a abalou.

Para cada cicatriz visível em seu corpo, preciso me impedir de perseguir seus agressores e degolar cada um deles até o osso. Eu a vi lutar em todas as batalhas, apesar das provações e tragédias que enfrentou, e isso nunca deixa de me surpreender. Só de olhar para você agora me dá vontade de te possuir de todas as maneiras imagináveis, e *nada* nisso é inocente.

Khalani esqueceu o conceito de respiração. O calor percorreu cada centímetro do seu corpo, e seu coração ameaçou explodir em um milhão de pedaços. A energia dele dominou o ambiente, e todas as barreiras que ela inutilmente construiu contra ele ruíram. Takeshi era seu buraco negro, sugando cada detalhe dela até que ela finalmente parou de resistir e mergulhou de cabeça.

"Você sabe que eu nunca fui inocente." Ela ergueu a cabeça, com o pulso acelerado. "Foi por isso que você me conheceu na prisão."

Os olhos dele brilharam pecaminosamente, e então ele a agarrou pela nuca e a beijou.

26

Você é a história que leio lentamente. Quero saborear e memorizar cada palavra sua.

No momento em que os lábios carnudos de Takeshi tocaram os dela, uma energia ardente percorreu sua pele, acelerando seu coração e pulmões. Todos os órgãos trabalhavam intensamente para manter seu corpo ereto. Khalani agarrou a camisa dele para se firmar, mas percebeu que suas mãos puxavam Takeshi para mais perto.

Quando os lábios dela se moveram lentamente contra os dele, Takeshi apertou ainda mais, aprofundando o beijo ainda mais.

Toda a tensão, frustração e intimidade construídas entre eles transbordaram e transbordaram como uma onda. Eles não estavam mais em Braderhelm, não estavam mais em Apolo. Por um breve momento, foram os únicos ocupantes da Terra, sem medo, sem pensamentos sobre o que era certo ou errado.

Apenas puro abandono.

Quando a língua dele escorregou para fora, o coração dela disparou. Khalani ficou na ponta dos pés, querendo — não, *precisando* — de mais.

Takeshi colocou a mão na parte inferior das costas dela, puxando-a ainda mais para perto — seus corpos estavam presos um ao outro — como se pudessem se fundir em uma só pessoa.

Takeshi começou a andar de costas com ela, seus lábios exigentes colados aos dela. As costas dela encontraram as barras de borracha, e ele afastou a boca. Ela estava prestes a protestar quando a língua dele tocou seu pescoço, logo abaixo da orelha. Arrepios percorreram sua espinha enquanto o calor em seu estômago queimava ainda mais.

Khalani sentiu o raspar dos dentes de Takeshi enquanto ele mordia, não fundo o suficiente para deixar uma cicatriz, mas a leve ardência fez seu pulso acelerar.

A língua dele alisou a dor. Um gemido profundo escapou dos lábios dela. Os músculos do pescoço dela tinham a consistência de pudim, e sua cabeça caiu para trás enquanto Takeshi continuava a lamber, morder e chupar, os músculos fortes do corpo dele se moldando aos dela.

Nada deveria ser tão bom.

Cada terminação nervosa do corpo de Khalani ardeu de desejo, e parecia que ela iria explodir em seus braços. Simplesmente se desfazer. Mas Takeshi estava lá para recompô-la. Sua língua desceu para percorrer as linhas da clavícula dela, e suas unhas se cravaram em seus bíceps enquanto a mão dele agarrava sua coxa, prendendo seu corpo ao dele.

"Capitão Steele, entre", uma voz masculina soou do bolso de trás de Takeshi.

Khalani franziu a testa, levantando a cabeça, mas o olhar aquecido de Takeshi interrompeu seu movimento.

"Estamos ignorando isso", Takeshi resmungou, beijando-a pelo peito.

Seus lábios eram gentis e melódicos, mas então ele os centralizou sobre o seio dela e chupou o mamilo com força, como se o tecido nem estivesse ali. Um gemido escapou de sua garganta, e seu pescoço caiu para trás, com os olhos se conectando com os anjos que se erguiam acima dela.

A mão dele segurou a nuca dela, mantendo-a no lugar enquanto a consumia. Dando-lhe um gostinho do paraíso.

“Capitão Steele, você está nos ouvindo?”

Takeshi rosnou contra o tecido e arrancou o walkie-talkie do bolso de trás com fúria. "O quê?!", gritou, e a pessoa do outro lado da linha hesitou.

"D-desculpe, senhor. Sabemos que o senhor gosta de se exercitar sozinho neste horário, mas o Diretor está solicitando sua presença em seu escritório."

Ela enrijeceu-se, lançando-lhe um olhar arregalado, e Takeshi murmurou um palavrão.

“Não pode esperar?” ele exigiu.

"Acho que não, Capitão. O Diretor insistiu muito para que o chamássemos para encontrá-lo agora mesmo", gaguejou o guarda.

As sobrancelhas de Takeshi estavam franzidas ao desligar o walkie-talkie. "*Porra* ." Ele passou a mão pelos cabelos, frustrado. Seus peitos se ergueram rapidamente, relutantes em se soltarem. Como se, no segundo em que o fizessem, a prisão também roubasse aquele momento, destinado a ser esquecido e desmembrado.

"Você tem que ir?" ela perguntou, com os lábios inchados.

"Nós dois temos", seu tom era assassino, como se preferisse trancar a porta, impedindo qualquer um de entrar. Mas ambos sabiam que isso não podia acontecer. Sua posição não o permitiria.

Ela assentiu solenemente, soltando a camisa dele com força e se endireitando. A perda daquela conexão já fazia seu peito parecer perfurado por facas, mas Khalani não ousou demonstrar.

"Eu entendo", admitiu ela, tentando permanecer impassível quando tudo o que queria era pedir para ele ficar com ela. Talvez nada tivesse mudado entre eles. Mas suas entranhas estavam retorcidas e emaranhadas. Seus lábios formigavam como se seu corpo estivesse tentando memorizar o toque dele.

"Khalani." Takeshi olhou fundo nos olhos dela. "Estou precisando de todo o meu autocontrole para não bloquear este quarto, fazer você gritar de prazer e tirar todo o tormento que você suportou neste lugar." Seu maxilar se apertou como se estivesse tentado a fazer exatamente isso.

"Mas você não pode", ela completou por ele.

"Agora não", Takeshi ferveu. "E se você não quiser que isso aconteça de novo, eu entendo e vou manter distância. Mas se quiser, ainda não acabou para mim. Para ser sincero... talvez eu nunca te supere." Rugas profundas marcavam sua testa, como se sua própria admissão o surpreendesse.

Lidar com a cacofonia de emoções que suas palavras evisceravam era como escalar uma montanha sem cinto. O medo de cair é constante e infinito, mas você continua em frente com a sensação de liberdade que sente ao chegar ao topo. E o fato de ela estar com medo tornou a decisão mais fácil.

Porque as coisas que valem a pena serem vistas exigem mais esforço.

"Para mim também não acabou", ela sussurrou, renunciando à sua verdade.

Takeshi soltou um suspiro profundo, encostando a testa na dela.

Por um segundo, um sopro fugaz na vida de um ser humano, o tempo desacelerou para eles. Quando a pele dele tocou a dela, não havia títulos ou restrições, nem escrúpulos ou respostas antagônicas. Eram simplesmente duas pessoas se rendendo às iniquidades do coração.

A respiração quente de Takeshi contra seus lábios fez os pelos de seus braços se arrepiarem, o desejo a inundando mais uma vez, mas ele se afastou. Takeshi balançou a cabeça com uma risada, mas seus olhos estavam ardendo.

“É melhor irmos agora, senão minhas mãos e língua estarão em você, e não sairemos desta sala até amanhã.”

Oh não…

Não isso...

Takeshi sorriu diabolicamente ao ver a expressão no rosto dela e agarrou sua mão, puxando-a para a saída. As sobrancelhas de Khalani se ergueram até a linha do cabelo ao ver suas mãos entrelaçadas. Ela queria dizer algo, mas não conseguia formar frases coerentes, como se seu cérebro tivesse entrado em férias no momento em que os lábios de Takeshi encontraram os dela.

Ao saírem da sala de treinamento, Takeshi apertou a mão dela, soltando-a relutantemente enquanto caminhavam pelos corredores desolados. O silêncio pairava no ar, e seu rosto se contorceu em uma promessa de violência enquanto se aproximavam da cela dela.

"Queria não ter que te deixar nesta cela", Takeshi sibilou indignado, com o maxilar travado. Ele era como aqueles gatos selvagens esguios que ela conhecera na escola. Ágil e calculista, esperando para atacar e devorar.

"Já estou acostumado", disse Khalani. "As baratas não me incomodam, nem eu as incomodo. Tínhamos uma relação muito simbiótica."

Takeshi resmungou e abriu as grades. "Conversamos mais amanhã, ok?" Seus olhos estavam pensativos, mas cheios de esperança, um sentimento raramente visto em Takeshi.

Ela assentiu, com medo de que, se falasse, todo o seu coração transbordasse. Depois daquele dia, nenhuma força, nem mesmo ela, poderia negar seus sentimentos por Takeshi Steele. E, a julgar pela maneira como ele a apertava nos braços e a beijava com selvagem desenvoltura, Takeshi também não conseguia negar aquelas emoções veementes.

As sobrancelhas de Takeshi se franziram quando as barras se fecharam com força, e eles se encararam através da barreira, resquícios de seus pensamentos acalorados ondulando no espaço entre eles. Sua expressão endureceu como se estivesse se preparando para a guerra antes de desaparecer de vista.

Talvez fosse isso que ela precisava fazer. Preparar-se para a guerra. Se havia algo que Khalani aprendera em sua curta e tumultuada vida, eram essas duas regras.

Toda ação tem uma consequência. E a verdade sempre vem à tona.

Sempre.

Eles estariam livres ou mortos quando isso acontecesse.

****

Takeshi não chegou para realizar a contagem das celas na manhã seguinte. Outro guarda, de olhos frios e cinzentos, com o dobro da idade de Takeshi,

ocupou seu lugar.

O pulso de Khalani acelerou e linhas profundas marcaram sua testa. "Com licença, senhor", sussurrou ela quando o guarda passou por sua cela. "Onde está o Capitão Steele?"

Sua cabeça virou para o lado, a dor explodindo em sua bochecha quando o guarda gélido a atingiu com as costas da mão no rosto.

"Eu disse que você sabia falar?", ferveu o guarda. "Da próxima vez, corto sua língua patética."

Khalani cerrou os dentes e assentiu em submissão, a dor aguda persistindo enquanto o guarda se afastava. Ela sentiu o olhar de Serene, mas não conseguia olhar em sua direção. Não conseguia encarar ou se concentrar em nada enquanto sua mente ondulava por desfechos violentos.

O Diretor de alguma forma descobriu sobre o beijo deles?

Takeshi foi dispensado do emprego?

Pior?

“Todos para o fosso!” gritaram os guardas.

Khalani ergueu a cabeça, surpresa. Eles deveriam entrar no fosso no final do dia. Os outros prisioneiros olharam ao redor, confusos, mas todos começaram a se arrastar em direção ao fosso.

Uma mão gentil agarrou seu ombro. "Você está bem, Khalani?", perguntou Serene, com seus olhos azuis brilhantes cheios de preocupação.

Seus lábios tremeram e ela balançou a cabeça, tentando desesperadamente manter a compostura. "Por que estão nos levando para o poço?"

"Não sei." Serene franziu a testa. "Mas é melhor irmos antes que aquele guarda volte. O que será que aconteceu com Steele?"

Khalani estremeceu ao ouvir seu nome. Talvez nada tivesse acontecido e o guarda estivesse apenas substituindo Takeshi naquela manhã. A explicação poderia ser simples. Mas seu coração batia freneticamente enquanto todos os prisioneiros de Braderhelm se dirigiam ao fosso.

As sobrancelhas de Khalani se franziram ao entrarem na vasta caverna. Uma plataforma elevada de madeira, com cerca de quinze metros de comprimento e largura, foi colocada no centro da sala, acima do monte de batalha, e o Guardião, vestido com seu uniforme preto empoeirado, estava de pé sobre ela.

Seu olhar penetrante percorreu a sala, pousando brevemente sobre ela, mas ele rapidamente desviou o olhar. Todos os guardas pareciam estar no fosso, em posição de sentido ao redor do grande círculo de prisioneiros, com rifles pretos empunhados agressivamente.

Todos os guardas...exceto Takeshi.

Ela ficou na ponta dos pés, olhando apressadamente ao redor da sala, torcendo para estar enganada. Uma mão quente de repente apertou a sua, e ela quase pulou da pele.

"O que você acha que está acontecendo?" Derek apertou a mão dela com mais força, seu olhar ansioso percorrendo a plataforma de madeira.

"Não sei. Mas eu não gosto", ela sussurrou de volta.

Adan se aproximou de Serene, e os irmãos trocaram olhares preocupados. Resmungos de confusão e conversas ansiosas diminuíram entre os prisioneiros.

“Parem de falar!” gritou um dos guardas, apontando o cano da arma para a

multidão.

Todos se aquietaram instantaneamente, e o Diretor estalou os lábios e estendeu as mãos em saudação.

"Tenho certeza de que todos vocês estão se perguntando por que estão aqui." O olhar calculado do Diretor se movia entre cada prisioneiro.

"Não vou adiar mais o suspense. Apesar dos seus erros lamentáveis, todos vocês receberam uma segunda chance na vida em Braderhelm. Alguns ajudaram na limpeza das ruas. Outros até tiveram o prazer de servir o próprio Governador em Gênesis." O Guardião a encarou, e ela engoliu em seco, sentindo-se invadida pelo desconforto.

“O Conselho e o Governador decidiram recompensar seu trabalho duro concedendo a metade dos prisioneiros a oportunidade de servir no Baile Gênesis, em comemoração ao 10º aniversário da Grande Cidade Dourada.”

Sussurros de choque percorreram a multidão, exceto os quatro. Derek apertou a mão dela com mais força. O plano deles de levar o walkie-talkie para Genesis e contatar Hermes estava lentamente tomando forma.

O diretor continuou: “Nosso capitão, Takeshi Steele, planejou diligentemente medidas de segurança para este evento e compilou uma lista de… prisioneiros merecedores.”

O coração de Khalani se soltou do peso que a imobilizava quando Takeshi Steele entrou no fosso. Ninguém descobriu sobre o beijo proibido. Takeshi estava *vivo* .

Derek sibilou quando as unhas dela cravaram em sua palma.

Seu peito batia furiosamente enquanto Takeshi subia na plataforma de madeira e entregava ao Diretor uma grande folha de papel. O Diretor acenou com a cabeça para ele, e Takeshi desceu, ocupando seu lugar ao lado dos guardas. Seu rosto era implacável — nenhuma emoção emanava dele — e seu olhar incrivelmente duro olhava fixamente para a frente.

“Os seguintes prisioneiros servirão no Baile Genesis.”

O diretor começou a ler a lista que Takeshi lhe entregou, gritando número após número. O momento austero quase pareceu uma cerimônia de formatura, exceto pelo fato de não haver diplomas ou felicitações, e armas apontadas para quase todos os prisioneiros.

A voz alta do Guardião permeava o ar, mas sua atenção estava totalmente voltada para Takeshi. Ela não percebeu o quanto ele significava para ela até que as vozes temidas em sua mente sussurraram sobre sua morte permanente. Teria sido culpa dela. A morte espreitava do lado de fora de sua porta, esperando para retalhar e expurgar aqueles com quem ela mais se importava.

E a velocidade com que Takeshi passou de nada a consumir tudo a aterrorizava.

Khalani estremeceu quando o Diretor gritou seu número.

A sensação de aperto no estômago não cessou até que os números de Adan, Serene e Derek foram chamados logo depois. Eles tiveram sorte. O plano perigoso de contatar Hermes ainda era viável, alcançável.

Este dia pode acabar bem.

O Diretor dobrou lentamente o lençol, aparentemente pronto. "Se eu não liguei para o seu número, fique na plataforma e você receberá sua nova tarefa."

Os prisioneiros ao redor dela resmungaram, mas aos poucos se aproximaram. Menos da metade dos prisioneiros permaneceu imóvel enquanto o restante — cerca de 200 pessoas — subiu ao palco de madeira, com rostos marcados pela confusão e cautela.

O Diretor desceu do palco, e os prisioneiros no palco ficaram ombro a ombro, sujos e emaciados. Khalani não pôde deixar de notar que a maioria dos homens e mulheres que permaneceram no chão eram os mais fortes e mais jovens dentre os prisioneiros.

"Maravilhoso", exclamou o Diretor, tirando outro pedaço de papel do bolso. "Vou ler isto do Grande Governador Huxley para você."

O Diretor pigarreou. "Aos meus eleitores de Braderhelm, embora seja lamentável que todos vocês tenham cometido vários crimes dos quais deveriam se envergonhar, reconhecemos o trabalho árduo investido para compensar esses atos atrozes. Apolo é um pai para todos nós, e devemos manter esse precioso equilíbrio da vida."

Diante dos acontecimentos recentes que deslocaram recursos, decisões difíceis foram tomadas para ajudar a preservar esse equilíbrio, mas temos orgulho de saber que Braderhelm conta com voluntários dispostos a se sacrificar pelo bem maior. De fato, você será elogiado, e as pessoas falarão de seus feitos heroicos por muitos anos.

Os pelos dos braços dela se arrepiaram, e ela olhou para Takeshi, que lançou seu olhar severo para o Diretor, seu pomo de adão balançando enquanto ele engolia.

A atmosfera estava tensa enquanto o Diretor acenava para os dez guardas em frente à plataforma. Em uníssono, eles ergueram seus rifles para o palco. Os olhos dos prisioneiros se arregalaram, as bocas se ergueram em horror, as mãos se ergueram lentamente em sinal de rendição. Mas era tarde demais.

Como uma unidade, os dez guardas puxaram os gatilhos, e tiros ecoaram pelo fosso como uma explosão.

BANG. BANG. BANG.

Bala. Depois de bala meteórica.

Gritos ricocheteavam mais rápido que munição. Corpos caíam, um em cima do outro, como a chuva com que ela sonhava quando criança. Como uma onda carmesim, cada prisioneiro no palco desabava no chão, corpos se contraindo, e uivos de agonia ecoavam em sinfonia até que o próximo estrondo de balas também abafasse aqueles gritos.

Khalani ficou boquiaberta. Seu corpo inteiro tremia como um terremoto. Ela não conseguia falar. Pensar. Uma onda de horror emanava dos prisioneiros que permaneciam de pé, com mãos ásperas cobrindo os ouvidos para bloquear os sons horríveis. As pessoas caíram de joelhos, balançando a cabeça em negação, incapazes de olhar para os corpos.

Alguns prisioneiros sobreviventes saltaram do palco de forma cruel, gritando de terror enquanto tentavam escapar do derramamento de sangue, mas foram brutalmente abatidos, caindo de cara no chão.

O clarão dos tiros finalmente cessou, e não havia movimento na plataforma. Montanhas de prisioneiros mortos, homens e mulheres, jaziam uns sobre os outros, com os olhos ainda abertos de pânico e terror. O sangue se acumulava no

palco de madeira como um manto carmesim, pingando pela borda.

"Que diabos está acontecendo?!" Brock gritou de um dos prisioneiros ao lado dela e deu um passo à frente como se fosse pular no palco.

"Para trás, Zumbi da Morte!", gritaram os guardas para Brock, brandindo suas armas em sua direção. O cheiro pútrido da morte ondulou pelo ar, e os prisioneiros choraram e tremeram. Alguns vomitaram bile, mas ninguém ousou se mover mais um centímetro.

O Diretor pigarreou, parecendo desconfortável, mas encarou os prisioneiros sobreviventes. "Infelizmente, isso tinha que acontecer, mas servimos à vontade do Governador Huxley e da cidade de Apollo. Os turnos da tarde estão cancelados. Voltem para suas celas imediatamente. Qualquer indício de rebelião, e eu prometo , vocês sofrerão o mesmo destino que esses prisioneiros."

Suas palavras ecoavam pelas paredes como um tambor distante, mas não tinham sentido. Quando os pesadelos se entrelaçam e se entrelaçam na realidade, a importância da vida ou se reduz a uma pedrinha ou te esmaga até se tornar uma. Sua visão se estreitou, e Khalani se concentrou em um dos prisioneiros mortos.

A garota estava curvada sobre a pilha, com sangue escorrendo da boca. Sua cabeça estava meio raspada, o rosto ligeiramente voltado para a luz, e Khalani reconheceu os piercings.

Era Dana.

A respiração ofegante vinha em pequenos intervalos, como se seus pulmões tivessem sido perfurados por uma bala. Lágrimas escorriam por seus olhos, e ela cambaleou no lugar, a visão escurecendo enquanto os prisioneiros ao seu redor começavam a se mover lentamente, soluços de partir o coração ecoando pela sala fria.

Os olhos de Dana estavam parcialmente abertos. Khalani sentiu como se seu olhar estivesse perfurando seus nervos, como se gritasse: Não era isso que você queria?

Khalani fechou os olhos, levando as mãos ao rosto em uma tentativa vã de bloquear sua visão para sempre, mas foi inútil. Nada jamais apagaria aquela imagem. A brutalidade e o desrespeito flagrante pela vida humana a aterrorizavam muito mais do que se uma arma fosse apontada para sua testa.

Por que Kalani foi poupada enquanto Dana — uma das prisioneiras mais fortes de Braderhelm — foi escolhida para morrer? Por que ela estava na lista...

De repente, ela congelou e seu olhar se voltou para Takeshi.

Uma veia em seu pescoço latejava, e seus punhos estavam cerrados ao lado do corpo enquanto seu olhar assassino perfurava o Diretor. Mas ele não fez nenhum movimento. Nenhum protesto. Nenhum argumento contra as ações do Diretor.

Takeshi entregou a lista de nomes ao Diretor, poupando a vida dela e executando os outros.

Ele sabia que isso aconteceria.

O horror, a culpa e a traição eram como cacos de metal que atingiram seu peito e quase fizeram Khalani cair de joelhos, destruindo todo sentimento de esperança.

Ela achava que ele era diferente, mas, na verdade, Takeshi Steele fora

moldado pela mesma violência que alimentava os demais guardas. Em sua estúpida paixão por ele, ela se esqueceu de quem ele realmente era. Seu coração se estilhaçou e se quebrou como cacos de vidro que se formavam em teias de aranha por todos os cantos.

Olhos sem vida perfuravam sua alma, agravando sua vergonha e seus pecados. Centenas de vozes gritavam em sua mente que a culpa era dela, a mais alta sendo a sua. Ela deveria ter matado o Governador quando teve a chance. Deveria ter protegido mais seu coração.

Deveria ser ela deitada naquele palco .

"Você ouviu o Diretor", um dos guardas empurrou o ombro dela com a coronha da arma. "Volte para a sua cela!"

"Eu cuido disso daqui", interrompeu a voz grave de Takeshi. Ele se ergueu ao lado do guarda, a ameaça latente evidente em seu olhar ameaçador.

“S-sim, capitão”, gaguejou o guarda e recuou apressadamente.

O peito de Khalani apertou ainda mais, mas ela se recusou a olhar para ele. Recusou-se a desmoronar diante dele. Ele não merecia a dor dela. A raiva dela. As lágrimas dela. Ele renunciou ao direito a elas no minuto em que sentenciou todas aquelas pessoas à morte como animais.

Ela caminhou direto para a saída, ignorando-o completamente. Passos fortes a seguiram, e ela sentiu o olhar áspero de Takeshi cavando um buraco em suas costas.

Fúria e desespero eram entidades distintas dentro dela. Para cada prisioneiro que morria, ela queria cravar uma adaga nos responsáveis. Queria que doesse . Queria que os desgraçados olhassem em seus olhos enquanto ela tirava a vida deles, sabendo que o inferno os esperava do outro lado.

Os olhos ternos de Takeshi passaram por sua mente, e ela esfregou o peito, agarrando-o para se distrair das lágrimas que ameaçavam cair. Ela não conseguia entender aquilo. Por que ele deixaria isso acontecer? Por que ele não tentou impedir? Ele poderia muito bem tê-la matado junto com os outros.

Seus lábios tremeram, um leve resquício de pesar escapou, mas Takeshi ouviu. Ele agarrou seu cotovelo e a puxou para um corredor desolado, sem nenhuma alma à vista. "Kanes."

Ela balançou a cabeça brevemente, encarando o peito largo dele, desejando poder se esconder nas sombras. Se ela visse a traição nos olhos dele, isso a tornaria real.

"Khalani", o sussurro áspero escapou dele como se o nome dela fosse uma prece esquecida. Ele roçou o dedo na bochecha dela, capturando uma lágrima que escapou, e ela deu um pulo para trás como se a carícia dele a queimasse.

"Não me toque", ela sibilou.

O rosto de Takeshi se contorceu em agonia. "Eu não tive escolha, Khalani."

"Pare. Não quero ouvir isso." Ela estava perdendo o controle.

"Se eu não tivesse escrito os nomes deles, o Diretor teria escrito, e você poderia estar naquela lista. Eu *me recuso* a deixar isso acontecer. Eu estava te protegendo", insistiu ele, buscando reconhecimento, luz nos olhos dela. Mas tudo o que viu foi um abismo vazio onde futuros morrem.

"Eu não sou a única pessoa que merece sua proteção! Todos nós significamos algo para alguém. Era a filha, a mãe, o marido de alguém lá em cima naquele

palco." Lágrimas escorriam livremente por suas bochechas, as imagens horríveis se recusando a se dissipar.

Seus músculos se enrijeceram, amargura e resignação pairando sobre sua expressão. "Nem todos podem ser salvos."

Ela cerrou os dentes e encontrou forças para encarar diretamente os olhos flamejantes dele, e era como se toda a paixão ardente do mundo estivesse engarrafada naquelas esferas de carvão. "Por que você escolheu ser guarda?"

“Para defender minha mãe e aqueles que não podem se proteger”, ele respondeu sem hesitar.

“Então, você nos ajudará a lutar contra o Governador e escapar de Braderhelm?”

Takeshi ficou tenso, e sua testa se franziu ainda mais, consternado. O silêncio que se seguiu foi toda a resposta de que ela precisava.

Ela estreitou os olhos e olhou diretamente para o rosto dele.

“Acho que sua mãe estaria se revirando no túmulo se soubesse o que aconteceu com você.”

Ele visivelmente estremeceu com as palavras dela, mas ela continuou.

"A pessoa que fica parada é tão culpada quanto a que puxa o gatilho. Os mortos não precisam de suas desculpas, pensamentos e orações. Eles precisam de ação. Mas você ainda se apega à esperança de que o Governador não permita que isso aconteça novamente. Ele permitirá. Talvez eu esteja na lista da próxima vez, e você não terá nada a dizer. Qual será sua jogada então? Até que você possa me olhar nos olhos e me dizer que está pronta para lutar contra seus superiores, *contra Apolo* , não tenho nada a lhe dizer", o sussurro hostil escapou dela.

Takeshi ficou em silêncio, chocado. Ele era a pessoa mais forte e confiante que ela já conhecera, mas, naquele momento, nunca pareceu tão inseguro de si.

Ela se virou e foi embora. Chega de conversa. Chega dele. E ele a deixou ir.

Quando as grades da cela se fecharam, ela se jogou bruscamente no catre e colocou o cobertor fino na boca, mordendo-o até o fim. E gritou. Gritou até a voz ficar rouca e os dentes baterem. Gritou até a garganta não conseguir mais emitir som algum.

Ela ergueu a cabeça para o teto sujo como se pedisse ajuda a Deus, mas ninguém respondeu. Ela estava sozinha. Abandonada na destruição. Porque algumas coisas são melhores se deixadas em pedaços, para que não usem sua força para derrubar o mundo.

Ela esculpiu um poema para se lembrar daquela noite. Foi uma lição. Um aviso. Uma promessa.

Sonhos Cortados

Quando os corações não aguentam mais
E os pulmões não respiram mais
O que acontece com suas esperanças moribundas?
Eles são levados para a luz?
Voou com sombras no escuro?
Ou eles ficam com aqueles perdidos de vista?
Cubra seus olhos e segure esse medo
Esses destinos serão entregues no frio

Cuidado com a garota que contém sonhos cortados
Sua vingança é conhecida por dilacerar a alma

27

Minha fúria se estende sem a presença do vento ou do chicote. É silenciosa, corrompe e faz você sangrar do mesmo jeito.

As mãos de Khalani tamborilavam incansavelmente no material preto e áspero que roçava sua coxa. Seu corpo tombou brevemente para o lado enquanto o elevador Gênesis a elevava, junto com os outros prisioneiros, em direção ao teto cavernoso da Apollo. A tensão pairava no ar como uma corda enrolada em seus pescoços. Inflexível. Implacável.

Ela olhou para os outros prisioneiros, vestidos com o mesmo vestido promíscuo ou calças pretas e camisas de botão combinando, com os olhos arregalados de apreensão.

Seus músculos se contraíram quando a bela campina de Gênesis surgiu à vista. A cachoeira rugia ao longe, e o sol brilhava radiante. Cada prisioneiro, até mesmo um punhado de guardas, ficou boquiaberto, maravilhado com a cidade cintilante e a cúpula expansiva ao fundo.

Ela não estava mais encantada com a beleza absoluta. A crueldade pode ser disfarçada com tinta pastel.

Khalani viu através de tudo, direto no âmago podre.

Na superfície gramada de Gênesis, eles esperaram que todos os prisioneiros sobreviventes, cerca de 100, fossem resgatados.

Quase todos os guardas de Braderhelm foram designados para vigiar os prisioneiros, armados até os dentes, prontos para atirar em qualquer um que ousasse escapar. E a presença intimidadora de Takeshi estava à frente, com o perigo à espreita sob seu olhar vigilante.

Khalani se posicionou o mais longe possível dele. A julgar pela forma como o maxilar de Takeshi se contraiu e seus olhos violentos a dilaceraram, isso não passou despercebido.

"Vamos." O grande corpo de Takeshi avançou com domínio seguro, como se uma pedra fosse sair do seu caminho.

Os cidadãos de Gênesis sussurravam e evitavam os prisioneiros como se fossem uma onda negra prestes a atingi-los. Luzes cintilantes penduravam-se nos postes de luz e adornavam as janelas em comemoração, o céu abobadado em uma mistura de rosas e roxos enquanto o sol se punha sobre a cidade.

A Prefeitura ficava no centro de Gênesis, um edifício grandioso com centenas de degraus de marfim que levavam às suas portas. Ela esticou o pescoço para a colossal estátua de mármore em frente ao prédio. Representava um homem completamente nu, com um corpo esculpido que não deixava *nada* para a imaginação. Seus músculos eram esculpidos com perfeição enquanto ele contemplava a cidade como um conquistador valente.

Uma placa dourada diante da estrutura impressionante dizia: "Estátua de Davi".

Os olhos de Khalani se arregalaram ao entrarem na Prefeitura. Um salão de baile requintado se estendia à sua frente, irradiando riqueza e poder. O interior era imponente, com tetos altos e abobadados — cobertos por luzes brilhantes — e paredes cobertas com espécies de flores raras. Até o piso parecia coberto de ouro.

Centenas de mesas ornamentadas estavam dispostas em ambos os lados do salão, com a área central liberada para a dança. Os criados corriam pelo salão, posicionando apressadamente arranjos florais gigantes e alisando toalhas de mesa douradas. O próprio ar exalava aromas doces e oferendas ambrosiais, exibindo descaradamente prestígio e autoridade como se fossem aperitivos para saborear.

Takeshi se virou para falar com os prisioneiros, seu rosto era liso como granito enquanto seus lábios formavam uma linha dura, aparentemente nada impressionado com a demonstração descarada de riqueza.

"Todos os prisioneiros irão para a cozinha ali para receber as tarefas de Arthur." Ele chamou vários guardas para irem com os prisioneiros, e o restante dos guardas ficou para um interrogatório.

Apesar da fúria e do ressentimento, ela não conseguiu evitar o contato visual com ele ao passar, e naquele único olhar, camadas de ressentimento se acumularam entre eles. Ela era a geada amarga e Takeshi, as chamas hostis, em choque interminável e eternamente travados em batalha.

Khalani cerrou os punhos ao lado do corpo, tentando trancar suas emoções em relação a Takeshi no abismo mais profundo de sua mente. E jogou a chave fora.

A cozinha era cinco vezes maior que a da mansão do Governador. O cheiro de especiarias e comidas deliciosas impregnava o ar, e sua boca salivava. Roncos audíveis de estômagos vazios ecoavam dos prisioneiros ao seu redor.

Arthur, o mordomo do governador, entrou apressado na sala, impecavelmente vestido com um smoking preto, sem nenhum sinal de opacidade em sua cabeça calva e brilhante, enquanto a aba do casaco se arrastava atrás dele.

"Certo, pessoal!" Ele bateu palmas. "Tem muita coisa para fazer e pouco tempo! Os convidados chegarão em uma hora, e precisamos terminar de arrumar os pratos, a comida, a decoração e as bebidas."

Ele pegou uma lista e ligou para cada detento em uma delegacia específica. Khalani esperou que seu número fosse chamado, mas Arthur dobrou o papel com um floreio. "Chega de enrolação. Apresentem-se em suas delegacias!"

Ela franziu a testa, aproximando-se dele. "Hum, com licença, senhor. Não recebi uma tarefa."

Arthur a examinou atentamente. "Qual é o seu número?"

317. Meu nome é Khalani Kanes. Servi na mansão do Governador há pouco tempo.

"Ah, sim... eu me lembro de você." Arthur folheou o jornal. "Eu vejo aqui. O Governador o escolheu especificamente para ser seu criado de mesa esta noite."

Ela recuou quando o peso em seu estômago caiu como um deslizamento de pedras. "Como?"

"Você servirá a mesa principal, a redonda no centro. É uma honra tremenda, mas traz consigo uma responsabilidade enorme. Você pode ajudar a preparar as

bebidas por enquanto, mas assim que os convidados chegarem, estará grudado em cada necessidade do Governador. Se errar, provavelmente será a sua morte." Com aquele adorável presente de despedida, Arthur se afastou, gritando sobre queimar o pão.

Khalani permaneceu imóvel, incapaz de fechar a boca. Por que o universo a puxava constantemente para mais perto do único homem que ela odiava com todas as facetas do seu ser? O que ele queria com ela?

A pressão aumentava como um balão inflado dentro de seu peito, mas ela não podia deixar que essas emoções agourentas a dominassem ou que a presença do Governador a distraísse do plano. Naquela noite, eles contatariam Hermes e encontrariam uma saída daquele inferno.

Os guardas emolduravam as paredes como um mural, e ela sentiu seus olhares cruéis percorrê-la, mas Takeshi não estava em lugar nenhum. A hora seguinte passou em velocidade relâmpago e, antes que ela percebesse, estava postada na mesa principal, esperando os convidados entrarem.

Uma orquestra composta apenas por homens entrou no salão, trajando ternos impecáveis. Sentaram-se no canto mais distante, com elegância e elegância, enquanto preparavam seus instrumentos. Uma melodia leve e etérea soou por todo o salão, e seu corpo se enrijeceu. Uma miríade de pessoas, trajando vestidos e smokings luxuosos, começou a invadir o salão. Mordomos escoltavam os convidados até seus assentos, enquanto conversas animadas e risadas ruidosas enchiam o salão.

Ela permaneceu em silêncio, aguardando ansiosamente a chegada do Governador. Dez minutos se passaram e todos os assentos estavam ocupados, exceto a sua mesa. E então, um som estridente de aplausos irrompeu dos convidados como uma onda gigante, silenciando toda a conversa quando Alexander Huxley entrou no salão. Ele usava um terno dourado impecável, cabelo penteado para trás, com uma aura que exalava força e confiança.

Era fácil se deixar levar por ele. Até Khalani não conseguia desviar o olhar de suas belas feições e do sorriso perfeito que faria qualquer pessoa sã se apaixonar perdidamente.

Ele estava ladeado por duas belas mulheres, agarradas aos seus braços, radiantes com sorrisos de admiração. Atrás dele, três vereadores acenavam para os convidados que passavam, mas toda a atenção estava voltada exclusivamente para o Governador, uma mistura de adoração, luxúria e veneração nos olhares das pessoas.

Os lábios dela se apertaram enquanto ele se aproximava. Mal sabiam os convidados que ele havia recentemente condenado mais de duzentas pessoas à morte. O Governador já havia completado a decadência do povo há muito tempo, pois não fizera nada de errado aos olhos deles. Se soava mal, as negações eram abundantes. Mesmo que fosse verdade, o Governador tinha todo o direito de agir de acordo, diriam eles.

Covardes, todos eles.

Alexander Huxley aproximou-se da mesa lentamente, como uma víbora pronta para atacar. "Ah, Srta. Kanes. É um prazer revê-la."

Ela engoliu em seco e se forçou a sorrir. "Obrigada, senhor. É uma honra servir aqui esta noite."

As duas lindas garotas, uma com cabelos loiros platinados em um vestido amarelo liso com decote profundo e a outra em um vestido de baile verde esmeralda com lindos cachos ruivos enrolados sobre os seios, ladeavam o Governador.

"Você não vai puxar as cadeiras para nós?", zombou a mulher do vestido amarelo.

Ela cerrou os dentes, mas Khalani controlou as emoções, apenas assentindo brevemente. Relutantemente, puxou os assentos para cada um dos convidados, mas quando se dirigiu para trás da cadeira do Governador, ele fez um gesto de dispensa.

— Acho que consigo puxar minha própria cadeira, Srta. Kanes. É uma linda noite para comemorar, não acha? — Os olhos de Alexander se voltaram para ela enquanto ele estava ao lado da mesa, lançando-lhe um sorriso cúmplice.

O Governador era esperto demais para ignorar que ela odiava Gênesis. Ela tinha certeza de que ele gostava de fazer as pessoas responderem perguntas que não queriam. Ele gostava desse tipo de controle.

"Tenho certeza de que será uma noite inesquecível." Ela engoliu em seco quando ele se aproximou.

O Governador sorriu lentamente, e seu penetrante olhar azul lhe causou arrepios na espinha. "De fato."

Um nó se contorceu em seu peito quando o Governador sentou-se graciosamente e a conversa recomeçou no salão de baile. Ela mal conseguia respirar com ele tão perto. "Acho que vou começar com uma garrafa de vinho tinto para beber. Senhoras, gostariam de vinho ou champanhe?", perguntou Alexander com um sorriso encantador.

A garota ruiva lambeu os lábios, sedutora. "Beberei o que você estiver bebendo, Grande Governador."

"O mesmo para mim." Os olhos da outra mulher percorreram o Governador como se ela o estivesse despindo mentalmente.

Ela ia bater a própria cabeça com a garrafa de vinho antes que a noite acabasse. Alexander riu baixinho, virando-se para ela, mas ela percebeu que o sorriso não alcançava seus olhos. Estavam visivelmente vazios.

“Faça dois Garrafas de vinho tinto. E o que meus colegas do conselho quiserem. — Ele acenou com a mão, dispensando-o.

Khalani assentiu e escapou o mais rápido possível. A energia da Governadora era como cola grudenta grudada em sua pele. Ela soltou o ar que seus pulmões prendiam ao entrar na cozinha.

“Nós escolhemos um lugar para enviar a mensagem”, Serene sussurrou atrás do ombro.

Khalani se virou, olhando ao redor para se certificar de que ninguém mais estava ouvindo. "Onde?"

"Adan encontrou um depósito para enviar o sinal. Depois que a comida for servida e eles estiverem distraídos dançando, encontrem-se aqui e nós daremos uma espiadinha—"

"Vocês dois! Voltem para lá!", gritou Arthur.

Assustada, Khalani entrou em modo overdrive e rapidamente trouxe as bebidas para a mesa do Governador, tentando controlar sua respiração irregular.

O cheiro de bife e frango artificiais pairava no ar, e ela se forçou a não encarar a comida enquanto permanecia a poucos metros da mesa em silêncio, com a fome latejando em seu estômago.

Khalani virou a cabeça ao ouvir o som da comoção.

"Sua imbecil patética! Pedi meu bife bem passado!", gritou uma senhora idosa com maquiagem berrante e um vestido lilás grosso para uma das prisioneiras.

"Desculpe, senhorita. Vou pegar outro", desculpou-se o prisioneiro, pegando a comida.

"Não quero suas mãos sujas tocando meu prato! Mande outra pessoa buscar minha comida. Alguém competente." A senhora enrugada balançou a mão em desgosto, como se a menina fosse uma mosca que precisasse ser espantada.

“ Então pegue você mesmo ”, a garota cuspiu.

Dois guardas apareceram de repente atrás da prisioneira, segurando um taser em seu pescoço. A garota começou a ter convulsões e caiu no chão, desajeitada. Ela ainda estava em convulsão e gemendo baixinho enquanto os guardas a arrastavam para longe.

Os músicos começaram a tocar mais alto, e os convidados desviaram sua atenção da garota torturada, continuando a rir e conversar com entusiasmo como se nada tivesse acontecido.

Ela odiava todos eles. Cada um deles.

"O planejamento para o baile correu bem, Borris. Você merece ser elogiado pelo seu trabalho diligente", disse um dos vereadores enquanto enfiava na boca um pedaço anormalmente grande de peito de frango.

Borris curvou a cabeça em agradecimento. "Obrigado. Trabalhamos duro para refletir esta ocasião memorável para nossa amada cidade."

"É difícil imaginar a vida antes do Gênesis." A ruiva estremeceu. "O fato de vivermos no subsolo com aquelas pessoas sujas, as mesmas pessoas que protestaram contra a construção do grande domo. Isso me enoja."

A loira assentiu e acenou com o copo vazio para Khalani. Ela se adiantou para enchê-lo, agarrando a garrafa com força.

Se aqueles manifestantes tivessem ajudado a construir a cúpula, isso pelo menos teria dado algum sentido às suas vidas patéticas. Eles tiveram o que mereciam.

Os pensamentos de Khalani se tornaram assassinos, e suas mãos tremiam visivelmente ao se imaginar pegando a garrafa e quebrando-a no rosto da garota. Ela adoraria ver o sangue espirrar em suas mãos e cobrir o chão dourado, o suficiente para pintar um mural.

Com toda a autodisciplina que conseguiu reunir, ela encheu o copo da garota sem causar danos físicos. Não foi pouca coisa.

"E o que a senhora acha dessa avaliação, Srta. Kanes?" Alexander Huxley cobriu a boca com os dedos, escondendo o sorriso malicioso enquanto a observava. Como se soubesse de suas fantasias violentas e gostasse disso.

"As opiniões de um prisioneiro não têm significado no Gênesis, senhor." Ela pousou a garrafa de vinho com um baque alto.

"Que fofo da sua parte achar que suas opiniões importam em qualquer lugar." A mulher de vestido amarelo riu baixinho.

"Pode ficar quieta agora, Francine." O tom ríspido do Governador reduziu Francine ao tamanho de uma ervilha, e ela afundou na cadeira, com a boca aberta em choque.

O silêncio caiu sobre a mesa.

O olhar do Governador não se desviou do dela. "Estamos na ponta dos nossos assentos, esperando", ele sondou astutamente.

Khalani engoliu em seco. Uma armadilha cuidadosamente preparada estava à sua frente, claramente visível, mas ela não conseguia encontrar uma saída.

“Ela é claramente estúpida demais para falar”, zombou a ruiva.

Khalani estreitou os olhos e ousou expressar um pingo de emoção. "Acho que aqueles manifestantes mortos valiam mais em seus dedos do meio do que todas as pessoas de Gênesis juntas." Veneno escorria de sua língua com absolvição.

As palavras ditas em voz alta foram melhores do que ela imaginava. Ela se preparou mentalmente para o castigo que certamente viria. Todos ficaram de queixo caído, exceto Alexander Huxley.

Ele sorriu como se ela fosse seu brinquedo de diversão.

"Como ousa?!" O rosto da mulher quase combinava com a cor de seus cabelos ruivos quando ela se virou para o Governador. "Exijo que esta serva seja morta por desrespeito."

“Você *exige?*” perguntou o Governador em uma voz perigosamente baixa.

O medo tomou conta de sua expressão. "N-Não, me perdoe. Não exija. Eu só peço humildemente. Ela não merece mais estar viva por seu terrível desrespeito a você", explicou rapidamente. Francine, astutamente, manteve a boca fechada, encolhida na cadeira.

Alexander Huxley tamborilou o dedo na mesa, pensativo. Ninguém ousava se mexer, o desconforto era maior que o chão em que pisavam.

"Merecedor." O Governador sentiu o gosto da palavra na língua. "Interessante. Deixa eu te perguntar, Nora, o que você já fez para merecer viver na superfície?"

Nora recuou diante do olhar frio dele e respondeu com a voz trêmula: "Meu pai é dono de muitas lojas em Apollo. Sou uma cidadã de classe alta."

Alexander Huxley bufou, mas não havia humor em seu olhar penetrante. "Garota idiota. Você não merece respeito algum porque sua gente nunca apreciou a terra em que você está e aqueles que trabalham para preservá-la. Mais uma palavra sua esta noite, e eu mando para o seu pai patético aquela língua linda e embrulhada para presente."

O rosto de Nora empalideceu e seus olhos se arregalaram de terror.

"E você?", Alexander se virou para Khalani. "Suas piadas podem me divertir, mas não se esqueça de quem você serve, ou eu lhe darei uma lição como lembrete. E não acho que você gostaria tanto dos meus ensinamentos quanto gosta dos outros." Seus olhos azuis enigmáticos e gélidos se estreitaram.

A paranoia a atingiu com a escolha de palavras do Governador. Ela tremeu junto com todos os presentes à mesa.

"Então, então!" exclamou o Governador, assustando o grupo. "Chega dessa conversa séria! Acho que está na hora de começar a festa." Ele se levantou e caminhou até o centro do salão.

A conversa animada diminuiu lentamente, junto com a música, enquanto um

criado entregava um microfone ao Governador. Khalani se afastou da mesa imobilizada, arrepiada enquanto as palavras sinistras dele continuavam na memória.

"Olá, minhas lindas súditas! Devo dizer que todas vocês estão radiantes esta noite, especialmente as moças."

Várias mulheres riram de paixão, mas Nora e Francine olharam silenciosamente para o chão, com expressões fechadas como se estivessem presas em um pesadelo.

"Há muitos anos, ninguém imaginava que estaríamos neste solo sagrado hoje. Mas aqui estamos, na superfície da Terra, protegidos em segurança pelo domo do Gênesis. Dez anos se passaram, e o Gênesis continua sendo um farol de luz e esperança para toda a Apollo." Aplausos se espalharam por todo o salão de baile, e o Governador estendeu as mãos, silenciando a multidão.

Antes do Colapso, nossos ancestrais eram atormentados pela ganância, pelo egoísmo e pela ignorância. Infelizmente, essas características não desapareceram completamente de nossas cidades. Como esperado, é claro, a mudança acontece lentamente. Alexandre riu, e as pessoas riram, sem perceber que ele as insultava.

Mesmo assim, Gênesis continua sendo uma cidade maravilhosa, e este é um dia memorável. Não vou mais aborrecê-los. Vamos dançar esta noite, pois sábio é o homem que é grato por cada dia, mesmo sabendo que pode ser o último.

Khalani franziu a testa, sabendo que cada palavra dita pelo Governador continha um propósito. Um motivo oculto que ela não conseguia explicar ou prever. O olhar arrepiante dele se voltou para ela, e ela desviou o olhar, os nervos à flor da pele de apreensão. Para todos os outros, ele era um salvador divino, mas ela via a verdade sob a superfície sedutora, até a base traiçoeira que se escondia por baixo.

Cadeiras raspavam no chão, e a tagarelice despreocupada sobre a generosidade e hospitalidade do Governador roçava sua pele. Os convidados seguiram para a pista de dança, formando duplas enquanto a orquestra iniciava uma valsa.

Khalani empilhou os pratos na mesa agora vazia, uns sobre os outros, com um pouco de força, enquanto se apressava para voltar para a cozinha.

Era hora de entrar em contato com Hermes.

Sua pele se arrepiou ao sentir que alguém a observava, como se passassem dedos por sua espinha. Ela se virou e olhou duas vezes.

Takeshi Steele estava parado nas sombras da parede como um assassino silencioso, seu olhar escuro fixo nela.

As linhas marcantes de seu belo rosto se destacaram, e ela lutou contra a vontade de ir até lá e mandá-lo embora, espião, para outro lugar. As sobrancelhas dele começaram a se franzir, e o rosto de Takeshi se tornava mais assustador a cada segundo. Ela franziu a testa, confusa, enquanto a mão dele se aproximava de onde ela sabia que sua arma estava escondida, preparando-se.

Para que?

“Uma noite bastante interessante até agora.”

A voz suave como mel deslizou por trás de seu ombro, e seus músculos se contraíram e se contraíram de tensão. Ela se virou lentamente e ficou cara a cara com Alexander Huxley. Ele era significativamente mais alto do que ela e, de

perto, era ainda mais cativante e encantador. Perigoso.

"Muito", ela disse em um tom seco.

O canto da boca dele se ergueu. "A senhora me odeia, não é, Srta. Kanes?"

Suas mãos tremiam quando ela repentinamente voltou sua atenção para a mesa, arrumando os pratos furiosamente para dar o fora dali. "Isso não é verdade, Governador Huxley."

Não havia palavras suficientemente severas em inglês para descrever o ódio que ela sentia por ele.

Ele riu baixinho. "Pode parar com essas pretensões. Não tenho mais paciência para essas frivolidades."

"O que você quer de mim? Que me torture lentamente antes de me matar, inevitavelmente?" A pergunta incômoda desapareceu quando ela respirou fundo.

— Muito pelo contrário. — Ele se aproximou. — Eu vivi muito tempo, Srta. Kanes. Sabe o que eu tenho buscado constantemente?

"Moralidade?"

Os olhos dele se estreitaram imperceptivelmente quando ela se virou para encará-lo. Isso pareceu tocar em algo sensível.

"Imprevisibilidade. Anseio por variabilidade nesta peça monótona, e você, Khalani, proporciona isso muito mais do que qualquer um desses componentes chorosos, míopes e irracionais que vivem em Gênesis."

Ela estremeceu ao ouvir seu nome ecoando nos lábios enganosos dele. "Você não deveria dizer isso do seu povo."

"Eles nunca foram meu povo." Uma escuridão tomou conta de sua expressão.

Khalani recuou e congelou, como se estivesse presa em uma teia venenosa. Ele pairou sobre ela, estudando-a com a atenção inabalável de um predador. "Há poucas coisas em comum entre nós, Khalani. Menos do que você imagina. Mas nosso ódio por esta cidade é um fio análogo que nos conecta."

Ela não queria ter nada em comum com ele.

“Você está… você está errado.”

Ele sorriu. "Ah, aí está. Negação. Uma marca constante de emoção. Deixe-me perguntar: o que Apolo fez por você além de causar destruição na sua vida?"

O sangue subiu-lhe ao rosto, e o ódio que ela reprimia começou a transbordar. "Destruição pelas *suas* mãos. Sob o seu domínio, meus pais morreram e eu fui condenada à Prisão de Braderhelm... você tirou tudo de mim."

"A morte é apenas um ciclo na vida." Alexander fez um gesto com a mão. "Você nasce apenas para morrer, e essa é a maldição humana. Mas não fui eu quem tirou a sua vida, nem a dos seus pais. Foram as pessoas que vieram antes de você. Se a destruição está na equação, a paz jamais poderá ser o resultado. E as pessoas que viviam na superfície se enganaram acreditando no contrário e, egoisticamente, destruíram suas vidas e todas as gerações futuras. Seus ancestrais destruíram a sua vida, não eu. Sou apenas um catalisador para trazer a mudança necessária."

“E que mudança é essa?”

Os olhos dele brilharam de antipatia quando ele se abaixou para sussurrar em seu ouvido: "Tirando a destruição da equação."

As rugas ásperas em sua testa se aprofundaram quando o Governador se afastou, a máscara perfeita de volta ao lugar. "A senhora deveria voltar ao seu

trabalho, Srta. Kanes."

Ela assentiu, entorpecida, pegando os pratos e caminhando o mais rápido possível em direção à cozinha. Sentiu o olhar de Takeshi sobre ela o tempo todo, mas continuou em frente. Era tudo o que conseguia fazer.

Sua mente acelerou. Tudo estava de alguma forma conectado. As perdas de safra, Gênesis, os assassinatos, o Governador, ela simplesmente não sabia como. A verdade estava além de sua compreensão.

A cozinha estava lotada de prisioneiros. Ela esticou o pescoço e finalmente avistou Serene, Derek e Adan no canto dos fundos.

“Ei.” Khalani praticamente correu até eles.

"Onde diabos você estava?", perguntou Serene.

Adan balançou a cabeça. "Explicações depois. Não temos muito tempo."

Eles assentiram e deixaram uma porta lateral na cozinha. Seguiram por um corredor mal iluminado, afastando-se do salão de baile, e Adan abriu uma discreta porta de madeira.

"Depressa, entre."

Eles entraram arrastando os pés, e Derek fechou a porta, deixando-os na escuridão total. Alguém acendeu uma luz, e eles se encontraram em um quarto minúsculo onde suas cabeças quase tocavam o teto, e uma grande lata de lixo ocupava a maior parte do espaço.

"O armário do zelador?" Serene fungou o nariz com desgosto.

“Ah, desculpe, você estava preferindo o palácio?”

"Isso funciona! Vamos logo." Khalani passou a mão trêmula pelos cabelos.

Adan tirou o walkie-talkie do bolso de trás. Levantou a antena e respirou fundo.

"Lá vamos nós." Ele apertou um botão, e uma luz no walkie-talkie ficou verde, um zumbido estranho ecoando da máquina.

Khalani engoliu em seco e se remexeu no espaço confinado. Eles esperaram.

Dois minutos.

Cinco minutos.

“Por que está demorando tanto?”, perguntou Derek.

"Eu te disse. Vai levar um tempo para o sinal chegar a Hermes. É uma longa distância. Mas deve chegar a qualquer momento." Adan agarrou o walkie-talkie ansiosamente, o nervosismo transparecendo.

De repente, alguém bateu na porta.

Todos congelaram de medo, e Khalani levou um dedo aos lábios em silêncio e apagou a lâmpada, lançando-os na escuridão.

Não abra a porta.

Não abra a porta.

Não abra a porta.

A maçaneta começou a girar lentamente, e suas entranhas se contorceram em pânico, e eles silenciosamente desceram até o chão, rezando para não serem notados no escuro. A porta se abriu com um rangido, e uma figura alta entrou no quarto, com o rosto escondido.

O estranho puxou a lâmpada e a luz inundou o quarto, revelando Takeshi Steele.

"O que você está fazendo aqui?" ela sussurrou com força, levantando-se.

Ele lançou um olhar furioso para os quatro, fechando a porta enquanto seu corpo gigante preenchia o espaço apertado. "Eu deveria estar fazendo a mesma pergunta." Cruzou os braços sobre o peito, esperando uma explicação.

Ela vasculhou a mente em busca de uma mentira plausível, mas nada conseguia explicar por que estavam escondidos num armário, segurando um walkie-talkie e com medo evidente nos olhos. A única opção que restava era a verdade.

"A Apollo está em apuros, Takeshi. Estamos tentando salvá-la."

"É mesmo? Você tem aproximadamente dois segundos para explicar." Takeshi a encarou com fúria, e ela encontrou coragem para continuar sob seu olhar desarmante.

Derek trabalhava nos Laboratórios R&R. As plantações estão morrendo. É por isso que mataram aqueles prisioneiros. E isso vai continuar acontecendo até que todos estejamos mortos. Estamos entrando em contato com Hermes para pedir ajuda.

As rugas em sua testa se aprofundaram enquanto ele processava as palavras dela. "Isso não pode ser verdade. Eles não deixariam o suprimento de comida ser destruído."

"Eles estão mentindo para você. Preciso que confie em mim."

"O que você está dizendo é impossível, Kanes. Vocês precisam voltar antes que alguém perceba que vocês sumiram."

"Não, Takeshi!" Um peso de chumbo a atingiu no estômago. "Você tem que me ouvir!"

Takeshi abriu a boca para argumentar.

E então, uma voz surgiu no walkie-talkie.

28

Inspire obediência. Expire discordância.

"Entre, Brock?"

Eles se viraram em choque ao ouvir a voz misteriosa ecoando no dispositivo.

"Sim, alô?! Estamos falando com você da Apollo." Os olhos de Adan brilhavam de entusiasmo enquanto ele agarrava o walkie-talkie.

A longa pausa que se seguiu fez seus músculos ficarem tensos.

“O que ganha vida na sombra da noite?” perguntou o homem enigmático.

Adan cambaleou para trás, confuso. "O quê?"

"O que ganha vida na sombra da noite?" a voz masculina ficou mais baixa.

“Eu...eu não sei o que você quer dizer.”

"Você não está com o Brock. Vou terminar a ligação."

"Não, não!", ela arrancou o walkie-talkie das mãos de Adan. "Aqui é Khalani Kanes, de Apollo. Precisamos da sua ajuda. As plantações em Apollo estão morrendo, e nossos líderes não estão fazendo nada para impedir. Eles já começaram a matar pessoas. Precisamos da ajuda da cidade de Hermes, ou vamos morrer", ela sussurrou, segurando o walkie-talkie perto da boca.

Um longo silêncio se instalou no espaço estreito como uma faca prestes a atacar. Até Takeshi se inclinou para a frente, esperando uma resposta.

"Se você não faz parte do governo deles, como conseguiu essa linha segura com Brock?"

“Estamos presos em Apollo, junto com Brock. Confiscaram todos os pertences dele, mas conseguimos roubar o walkie-talkie dele de volta. Estou dizendo a verdade. Por favor... vocês precisam nos ajudar”, implorou ela.

O homem misterioso não respondeu, e os dedos dela tremeram, esperando por um vislumbre... o mais tênue fio de esperança de que nem tudo pelo que sofreram foi em vão.

"Sinto muito. Hermes não pode te ajudar", disse a voz desconhecida.

“Você não ouviu o que eu acabei de dizer?”

"Ouvi perfeitamente. Mas se o que você diz for verdade, Hermes não enviará ajuda. Não quando a mesma coisa está acontecendo aqui."

Derek trocou um olhar arregalado com ela. "O que você disse?"

A matança não acontece só na sua cidade. Nosso regime governamental em Hermes começou a colocar nossos sem-teto e párias em campos de trabalho. E, uma vez que você entra, não tem como sair. Então, se você está esperando que Hermes envie recursos ou mão de obra para a Apollo, está perdendo tempo.

Adan virou-se, enojado, e os ombros de Khalani se curvaram como se uma massa de pedras estivesse empilhada sobre ela. Era tarde demais. Eles perderiam tudo.

Tudo.

"Mas *você* ainda pode conseguir", a voz do homem ecoou pela linha como oxigênio.

Ela apertou o aparelho com mais força. "O que você quer dizer?"

Há um grupo de resistência dentro de Hermes que pode te ajudar. O Zoneador da Morte, Brock, era um deles, e ele entregou os suprimentos necessários de Apollo, mas parece que o pegaram primeiro. Se você quiser sobreviver, precisa viajar até Hermes.

As linhas duras do corpo de Takeshi ficaram rígidas ao lado dela, sua energia se tornando mais inebriante a cada segundo, preenchendo todo o ambiente com o peso de sua presença, como um predador silencioso esperando para atacar. E, pelo visto, sobre ela.

"Não podemos escapar", ela sussurrou no walkie-talkie. "Os trajes de proteção contra radiação estão trancados, e não saberíamos para onde ir."

Se você conseguir escapar, Brock é sua única chance de sobrevivência. Ele pode guiá-lo até nós, mas você precisa partir logo, enquanto o tempo ainda está bom. Entre em contato comigo quando chegar ao Arco do Portal, e eu o levarei até Hermes. Esta é sua única chance, então aproveite ou morra. Adeus. A linha caiu.

Eles ficaram em completo silêncio, olhando um para o outro, incrédulos. "Merda", alguém sussurrou.

“Você acredita nele?”, perguntou Khalani.

Adan franziu a testa, incrédulo. "Ele não parecia estar mentindo."

“Quais são as chances de Apolo e Hermes sofrerem a mesma quebra de safra?”

"Astronomicamente baixo", murmurou Derek. Khalani passou a mão pelo rosto. A perspectiva de viajarem para Hermes, na superfície? A ideia era simplesmente insana.

“Me dá o walkie”, exigiu Takeshi, estendendo a mão.

Ela hesitou, incapaz de decifrar a expressão fria dele. Mesmo diante de notícias intransponíveis, Takeshi sempre manteve a compostura, o livro mais desafiador de ler. Seus olhos ardentes eram inflexíveis, e ela, timidamente, lhe entregou o walkie-talkie.

"Você vai nos denunciar?", ela perguntou enquanto ele guardava o aparelho no bolso de trás, o medo correndo por suas veias como água gelada.

Um músculo em seu maxilar se contraiu. "Escutem com atenção. Não mencionem isso a ninguém, entenderam?" Ele lançou um olhar severo a cada um deles e esperou até que concordassem. "Não há como fazer planos ou tramar fuga até eu descobrir mais informações. *Entendido, Kanes* ?"

Seus lábios se apertaram enquanto Takeshi a olhava com ferocidade. Ele era a última pessoa de quem ela queria receber ordens, mas agora não tinham outra escolha.

"Multar."

"Ótimo. Agora, saiam por esta porta e não olhem para trás", sua voz grave reverberou no espaço fechado com tanta autoridade que eles obedeceram rapidamente e saíram correndo do armário apertado.

O calor do corpo de Takeshi tomou conta do espaço dela, e a lembrança da língua dele percorrendo a pele abaixo do pescoço dela a fez sair pela porta o mais rápido que pôde, sem muita delicadeza.

Ela alisou o vestido, tentando acalmar a respiração irregular, e correu de volta

para a cozinha, com medo de suas próprias ações se olhasse para trás.

****

Em Braderhelm, ela continuou a trabalhar no piloto automático, fisicamente presente, mas mentalmente ausente. Sua mente se concentrou no que o homem misterioso sugeriu: Fuga. Deixar Apolo para trás e buscar refúgio em Hermes, viajando pela superfície mortal da Terra.

Seu peito apertou ainda mais, não porque o pensamento a assustasse, mas porque a ideia se enroscava dentro de seu coração como uma onda de ar fresco depois de se afogar em cascalho grosso.

Todos os sinais apontavam na direção oposta a Apolo, e os sussurros sutis de sua mente, que imploravam a Khalani que encontrasse a verdade, não mais se manifestavam fracamente. As respostas estavam além do horizonte, e depois de ceder o controle de sua vida inteira, ela não se acomodaria mais e deixaria que outra pessoa decidisse seu fim.

"Olha", sussurrou Serene. "Lá está o Brock."

Khalani, Serene, Derek e Adan pairavam no canto mais distante do fosso. Não foi preciso muita persuasão para que concordassem que confiar ou esperar pelo Capitão Steele não era viável. Precisavam escapar de Braderhelm. Por si mesmos. Um pelo outro. Mesmo que isso significasse arriscar a vida.

Sorte e graça nunca foram essenciais na vida de Khalani. Na verdade, ela sempre achou que Deus tinha algo contra ela. Mas, olhando para as pessoas ao seu redor, dispostas a sacrificar o que restava de suas vidas umas pelas outras, ela nunca se sentiu tão afortunada.

Khalani se virou e estreitou os olhos. Brock estava sozinho, do outro lado do fosso. Sozinho. "Vamos."

Os músculos das costas de Brock se contraíram enquanto ele fazia flexões no chão. O suor brilhava em sua espinha nua. Ele encarava o chão com tanta intensidade que ela hesitou em interrompê-lo, lembrando-se da morte rápida que ele causou no fosso.

"Desculpe interromper, Brock." Sua voz tremeu. "Podemos conversar com você por alguns minutos?"

“Não”, Brock rosnou, continuando a se abaixar até o chão.

Ela olhou para os outros com cautela, e Serene, sem muita sutileza, a empurrou para frente.

“É muito importante e acho que você vai querer ouvir isso.”

"Leve uma surra, garoto."

Khalani o encarou e se agachou. "Você não pode ser mais do que alguns anos mais velho que eu, então não me chame de criança. Fizemos contato com um dos seus membros da resistência em Hermes", sussurrou ela a última parte.

Brock parou no meio da flexão e se levantou de um salto. Sua testa se contraiu, e Brock deu um passo à frente agressivamente, a intensidade em seus olhos cinzentos a perturbando.

"Você contatou o Hermes? Como?"

Brock ouviu atentamente enquanto ela explicava o que acontecia em Gênesis, olhando ao redor de vez em quando para ver se alguém se aproximava o suficiente para ouvi-los. Brock cerrou o maxilar quando ela terminou, e sua respiração ofegante.

"Eu sei o que você vai me perguntar, e a resposta é não. Não consigo te levar até Hermes." Ele cruzou os braços sobre o peito.

Adan se aproximou. "Como assim? Não consegue nos dar os trajes de proteção contra radiação?"

Brock soltou uma risada baixa. "Você não tem ideia no que está se metendo. Os trajes de proteção contra radiação não são um problema, porque eles nem sequer são um fator."

Ela recuou, confusa. "Que diabos isso quer dizer?"

"Essa informação te mataria. Mas, segundo você, já estaremos mortos em um ano, de qualquer forma." Sua expressão endureceu. "No meu último envio de suprimentos de volta para Apollo, fui atacado."

"Por quem? Outros habitantes da Zona da Morte?", perguntou Derek.

Não. Não sei quem eram, provavelmente cidadãos de Hermes que conseguiram escapar para a superfície. Eles me seguiram por alguns dias. Imagine minha surpresa quando não estavam usando trajes de proteção contra radiação e não mostraram sinais de envenenamento por radiação. Brock olhou para além deles, lembrando-se.

"Tem certeza? Isso não é possível." Ela ficou boquiaberta.

Brock zombou dela. "Tenho certeza, querida. Consegui atirar neles antes que pudessem me derrotar. Voltei para Apolo e solicitei uma reunião privada com o Governador, que me concedeu. Contei a ele tudo o que vi e, na hora seguinte, fui jogado em Braderhelm sem julgamento. O Governador poupou minha vida porque não queria chamar atenção para a minha morte e sabia que minhas palavras não teriam importância aqui embaixo."

Khalani olhou para o chão, chocada. Tudo o que Winnie lhe dissera era verdade.

E se Timothy Talbot também fosse real?

"Você está nos dizendo que a superfície é capaz de sobreviver?" Derek suspirou, incrédulo.

"Agora mesmo somando dois mais dois?", zombou Brock.

"Mas isso não faz sentido. Se for verdade, por que ainda estamos presos no subsolo?"

Ele inclinou a cabeça. "Essa é a pergunta de um milhão de dólares, não é?"

A tensão aumentou com o peso das implicações dele. Quase sufocando o ar ao redor dela. Seriam eles forçados a viver no subsolo, a nunca andar na superfície da Terra, tudo por causa de uma mentira? Ela se inclinou para o lado, sentindo que ia vomitar.

“Mas se a superfície não está mais poluída com radiação, por que você não nos ajuda?” Adan interrompeu.

"Você deu uma olhada por aqui ultimamente? Eles redobraram a segurança. Há uma entrada secreta para a superfície, não muito longe de Braderhelm. É um dos usos do Zoneador da Morte, mas seríamos baleados muito antes de chegarmos perto. Para um plano de fuga ser viável, precisaríamos de um guarda para ajudar, e caso você não tenha notado, esses são escassos." Brock revirou os olhos. "Acabou. Apenas aceite como eu aceitei."

Khalani torceu as mãos. A resposta para o problema deles estava na ponta da língua, mas ela tinha medo de dizê-la. Aterrorizada com as implicações.

“Se encontrarmos um guarda do nosso lado, você nos ajudaria?”

Os outros se viraram para ela, surpresos, e Brock ergueu uma sobrancelha. "Quem?"

"Não foi isso que eu perguntei. Deixe que eu me preocupe com quem." Seus olhos brilharam de determinação. "Eu sei que você odeia Apolo tanto quanto nós. Você pode ficar aqui e apodrecer ou lutar conosco e escapar."

"Nenhum homem jamais escapou de Braderhelm." Brock cruzou os braços. "Você não tem chance de sobreviver."

"É mesmo?" Ela se aproximou, e os olhos febris de Brock brilharam. "Então, uma mulher ainda não deve ter tentado."

Brock a observou por alguns instantes e esboçou um sorriso. "Você fala demais quando eu poderia te matar onde você está. Mas eu te darei a chance de desafiar a morte. Ou tentar, melhor dizendo. Eu só ajudarei *se* você conseguir um guarda para nos ajudar a escapar. Se não, você estará por conta própria. Não fale comigo novamente até ter uma atualização." Brock se afastou.

Serene o encarou boquiaberta e se virou para Khalani, incrédula. "Você não vai dizer o que eu acho que vai dizer."

"Precisa ser Steele", ela disse com a voz entrecortada, odiando as palavras que escapavam de sua boca.

Eles discutiram com ela.

"Ele é o Capitão. Isso é suicídio."

“Eu sei que ele não nos entregou, mas ele ajudou a matar todos aqueles prisioneiros.”

Ela ergueu as mãos. "Confiem em mim, eu sei o que vocês estão pensando. Mas ele é literalmente o único a quem poderíamos pedir ajuda. Se ele disser não, teremos que seguir o plano sem o Brock. Temos que tentar."

Eles finalmente desistiram, e Khalani respirou fundo.

Ela se preparou, preparando-se para falar com a pessoa que mais a abalou. Aquele que reacendeu seu coração apenas para parti-lo com as próprias mãos. Era hora de enfrentar Takeshi Steele.

29

Abra minha mente e testemunhe um mar de você jorrando.

Ela estalou os dedos individualmente nas lajes escuras e ocas da cela, mais uma vez. O eco dos estalos e estalos de suas articulações filtrava-se pelo espaço como uma melodia distorcida de destruição iminente. As linhas desenhadas a giz na parede de pedra prendiam sua atenção.

Khalani desejou ter conhecido o prisioneiro que viveu naquela cela, que teve energia para comemorar seus dias na Prisão de Braderhelm, 497. Ela contou muitas vezes.

Eles morreram com seus sonhos presos dentro?

Ela não ousava contar quantas esperanças, crenças e desejos pereciam no subsolo. Que triste destino, nascer da dor, apenas para que o ciclo de sofrimento continuasse. Como se os humanos transmitissem a miséria herdada de suas mães.

Passos fortes soaram do lado de fora da cela de Khalani.

Suas costas se enrijeceram. Linhas de estresse marcavam os cantos de sua boca enquanto ela se levantava e espiava pelo celular. As mãos de Khalani apertaram as barras frias quando Takeshi apareceu.

As linhas acentuadas e angulares de suas maçãs do rosto se destacavam enquanto as mechas macias do cabelo preto e desgrenhado de Takeshi caíam sobre seu rosto. Não de uma forma que parecesse desleixada ou desleixada, mas de uma forma natural e cativante, como se sua beleza rude não exigisse atenção, mas a manifestasse de qualquer maneira.

Suas pernas longas devoravam a passarela enquanto ele caminhava pelos corredores, completando a contagem de celas da noite. Vestido todo de preto, com aquele fogo implacável no olhar, ele parecia o libertador do inferno, pronto para proteger e estripar.

“Takeshi”, Khalani sussurrou quando ele passou pela cela dela.

Ele congelou imediatamente. As rugas em sua testa se aprofundaram enquanto ele se virava lentamente para ela. A expressão cautelosa em seu olhar penetrante fez o pulso dela acelerar. Lembranças do beijo que compartilharam perfuraram sua mente.

Por mais que ela tentasse, não havia como esquecer disso.

A maneira como seus lábios reivindicavam os dela. A maneira como seus dedos roçavam seu corpo com terna paciência, mas seus olhos negros a encaravam com uma promessa — um aviso — não mais apenas a força silenciosa e vigilante. Quando Takeshi se rendeu aos seus desejos, ele não se limitou a tomá-los.

Ele possuiria e permaneceria em cada centímetro quadrado, até que não restasse mais nenhuma dúvida sobre a quem você pertencia.

E ela estava preparada para entregar tudo a ele, todas as suas dúvidas e medos guardados num jarro, mas ele pegou o copo e o quebrou contra a parede. E, a

julgar pela intensidade do seu olhar frio, as partes vulneráveis dele também se espalharam pelo chão daquela prisão.

"O que?"

"Posso falar com você um segundo?" Suas mãos ficaram úmidas.

Ele se aproximou, a cautela evidente na postura rígida de seu corpo.

"Você se importa de entrar aqui? Ninguém mais está ouvindo", ela murmurou essas últimas palavras.

Ele hesitou, mas puxou o touchpad. Depois de um instante, as grades se abriram e ele entrou. O corpo grande de Takeshi ocupava toda a cela, dominando completamente o espaço. Ele cruzou os braços sobre o peito, os músculos tensos de cautela.

Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha enquanto os olhos negros dele a perfuravam, sentindo os nervos formigarem. Mas ela não tinha tempo para pensar nas consequências se Takeshi recusasse seu pedido, ou pior.

Khalani respirou fundo para se acalmar, endireitou a coluna e olhou para ele com uma ferocidade que fez seus olhos se estreitarem.

“Decidimos deixar a Apollo.”

Takeshi não reagiu, mas uma tensão estática estava presente no ar, uma pressão angustiante que a fez sugar o ar um pouco mais rápido enquanto continuava,

"Conversamos com Brock. Eles têm mentido para nós, Takeshi. Sobre a radiação na superfície. As plantações. Tudo. Mas temos um plano para escapar para Hermes. Há uma entrada secreta para a superfície, não muito longe de Braderhelm. Mas, para escaparmos, precisamos da sua ajuda... *Preciso* da sua ajuda, Takeshi", sussurrou Khalani, com o coração se partindo um pouco diante da distância nos olhos dele.

Seu olhar endureceu. "Você não me escuta, Kanes. Para que precisa da minha ajuda?"

“Você é o Capitão. Você conhece cada rotação de guarda e cada corredor em Braderhelm. Você é a nossa melhor chance de sobrevivência, porque se ficarmos aqui, morreremos. E eu tenho que acreditar que uma pequena parte de você ainda se importa o suficiente para impedir que isso aconteça.”

A testa de Takeshi se enrugou enquanto ele ponderava as palavras dela. "O que te faz pensar que eu não vou contar ao Diretor sobre o seu plano? Eu contribuí para matar aqueles prisioneiros. Você já me vê como um assassino a sangue frio", a ira em seu tom se intensificava a cada palavra, e os lábios dela se entreabriram diante da amargura áspera em sua expressão, prendendo-a no lugar.

Talvez eu queira. Nada justificará o que aconteceu com aqueles prisioneiros, mas uma parte de mim espera que a pessoa que tentou salvar a mãe, que me salvou, ainda esteja lá. Que, apesar das más escolhas que você fez, você ainda seja capaz de fazer algo de bom. E eu sei que tudo acabou agora, mas... Khalani hesitou, com um nó se formando em seu peito. "Mas eu não quero perder outra pessoa na minha vida que um dia se importou comigo."

A tensão entre as sobrancelhas de Takeshi aumentou, e um brilho estranho surgiu nas profundezas negras de seus olhos. De todas as ameaças e adversários que enfrentou, ele a encarou como se ela fosse a mais perigosa.

"Você já se esqueceu de uma das primeiras lições que lhe ensinei." Takeshi

avançou lentamente.

Ela franziu as sobrancelhas. "E o que é isso?"

“Não perca seu tempo esperando por coisas aqui embaixo.”

"Então é essa a sua resposta?" O olhar dela correspondia à intensidade do dele.

“Depende.”

"Em. O quê?"

"Escapar de Braderhelm não será fácil, mesmo com a minha ajuda. E isso vai parecer moleza comparado a viajar pela superfície. Morrer é o resultado mais provável, e mais rápido ainda se Brock estiver mentindo sobre a radiação", o tom mordaz de Takeshi reverberou pelas paredes de pedra.

"Ele não é."

"Mesmo assim, o risco existe." Ele abaixou a cabeça. "Você está preparado para enfrentar esses perigos e sair vivo? Ou está apenas procurando uma maneira melhor de morrer?" Takeshi estava tão perto que ela quase conseguia sentir o cheiro quente e terroso que emanava de sua pele.

Os olhos de Khalani se estreitaram quando a pergunta a atravessou, levando-a de volta àquela tarde fatídica no fosso, tantos meses antes, a primeira vez que Takeshi perguntou se ela queria morrer. Ele viu a verdade, mesmo então. Rendendo-se à injustiça da vida escapando na morte.

Pensamentos tão sombrios e cruéis quanto o número em seu pulso.

Mas ela resistiu. Ela *permaneceu*. E Khalani finalmente percebeu que há coisas pelas quais vale a pena sangrar.

"Você tem razão, Takeshi. Eu não te dei ouvidos. Eu deveria ter dado. Não ter esperança teria tornado minha vida muito mais fácil e menos decepcionante. Mas numa coisa eu finalmente te derrotei."

Khalani ergueu a cabeça, encontrando seu olhar penetrante. "Posso não ser capaz de te nocautear ou silenciar minhas emoções, mas, na minha opinião, é preciso muita força para manter a esperança quando tudo está desmoronando ao seu redor. Não desisti e não pretendo começar agora. Então, o que vai ser? Você vai nos ajudar ou estou perdendo meu tempo?"

Sua expressão mudou em apreciação. "E se eu dissesse não, o que aconteceria?"

"Vou encontrar outro jeito de escapar. E nem você pode me impedir." Ela ergueu o queixo, desafiando-o a contradizê-la.

O canto do lábio de Takeshi se ergueu imperceptivelmente, e um toque de depravação brilhou em seus olhos semicerrados. "Estou intrigado o suficiente para quase deixar você tentar." O silêncio se prolongou. "Felizmente para você, não será necessário. Eu ajudo."

Ela soltou um suspiro profundo, sentindo um alívio frio se espalhar apesar da incerteza em confiar em Takeshi. "Iss—"

"Não." A voz intensa dele a açoitou. "Não quero ouvir isso de você. Não quando estiver errada."

"Sobre o quê?"

"Para sua própria sobrevivência, Kanes, não cometa o erro de procurar o 'bem' em mim. Você só vai acabar se decepcionando."

Ele se virou quando o rosto dela se transformou em descrença.

"Então por que você mudou de ideia?" ela perguntou, incapaz de manter a boca fechada.

Takeshi parou, os grandes músculos das costas voltados para ela.

"Tenho meus motivos. Talvez um dia eu te conte. Talvez não."

Ele foi embora sem olhar para trás.

Uma torrente de emoções inundou seu corpo, aromas amargos e especiarias fortes cobrindo o céu da boca.

"Sou apenas mais um jogo para você?", a pergunta dolorosa escapou de sua língua antes que ela pudesse retomá-la.

Takeshi fez uma pausa, e Khalani ficou imóvel, não querendo ouvir a resposta, mas morrendo de vontade, tudo ao mesmo tempo.

"Todo mundo é jogador, Kanes. Eu já castiguei. Eu já matei. Mas nunca brinquei com a sua vida." Seus olhares se encontraram. "Você pode dizer o mesmo?"

Ela franziu os lábios em resposta.

"O que eu pensei." Ele encarou descaradamente. "Vou te levar para a superfície. Vivo. Qualquer mudança nesse resumo, e você não vai gostar da minha reação."

“Eu já vi você bravo comigo.”

"Não, não. Você não ousaria ficar aqui sozinha comigo nesta cela se tivesse."

O tom letal de Takeshi e o brilho nos olhos dele fizeram os músculos dela se contraírem instintivamente. Takeshi inclinou a cabeça e abriu as grades, deixando-a sozinha com um leve estrondo de fechamento.

Ela olhou fixamente para o local onde ele havia deixado, enquanto a conversa se repetia em sua mente. Repetidamente. Se o plano deles desse certo, ela não conseguiria descansar ou relaxar, não com Takeshi Steele por perto. Ele poderia se tornar uma ameaça ainda maior no futuro. Ela esfregava as mãos nas pernas sem parar, enquanto uma emoção estranha e aterrorizante a invadia.

Ela seria capaz de tomar as medidas necessárias e matar Takeshi se isso acontecesse?

Khalani praguejou dentro de sua cela.

Sim. Sim, ela faria isso. Ela não teria outra escolha. Porque no minuto em que você começa a se importar mais com o inimigo do que consigo mesmo, você já perdeu.

30

Sozinho, eu caio. Juntos, nós nos levantamos.

Desde a execução em massa de prisioneiros, uma onda de raiva silenciosa e solene pairava no ar. As emoções latentes acariciavam sua pele, fazendo suas palmas coçarem enquanto ela caminhava pela cova. Os olhos de Khalani dançaram para o local do derramamento de sangue, e um arrepio perturbador percorreu seus ossos como se as almas dos mortos permanecessem. Observando. Julgando os poucos sombrios que restavam.

Todos estavam nervosos, até mesmo os guardas, cujo número havia aumentado na última semana. Estavam se preparando. Para uma revolta, talvez... ou algo pior. A ideia não lhe caía bem, e seus passos se intensificaram enquanto caminhava em direção a Brock no canto mais distante, com Serene, Derek e Adan a reboque.

Eles não ficaram felizes nem muito entusiasmados com a ideia de Takeshi ajudá-los a escapar, mas concordaram em prosseguir com o plano simplesmente porque não tinham outra opção.

Brock ficou sozinho, com as costas apoiadas na parede de pedra e um pé para trás, observando os prisioneiros com um olhar atento enquanto ele preguiçosamente fumava um cigarro.

Quem deu um cigarro a esse homem?

"Voltou tão cedo? Veio implorar depois de perceber que nenhum guarda vai te ajudar?" Brock soprou uma baforada de fumaça quando eles se aproximaram.

“Não, na verdade viemos para dizer que encontramos um.” Ela cruzou os braços sobre o peito.

Brock inclinou a cabeça, confuso, e jogou o cigarro no chão, pisando nele. "Quem?"

“Esse sou eu.”

Khalani congelou quando o estrondo familiar e baixo soou atrás dela, enviando um arrepio de nervos pela espinha.

As sobrancelhas de Brock quase atingiram a linha do cabelo enquanto Takeshi avançava em direção ao grupo, encolhido num canto. Seus olhos encontraram os dela, e a profundidade deles fez seu pulso acelerar, como lâminas negras a abrindo lentamente. Seu olhar percorreu seu corpo atlético até a arma presa ao quadril, uma que ele normalmente não usava.

Serene, Derek e Adan enrijeceram-se como se uma camada de aço tivesse sido injetada em suas espinhas. Ele permaneceu perto, perto o suficiente para que seus dedos se tocassem, e Khalani não respirou até sentir o olhar penetrante de Takeshi se afastar dela. A força de sua presença aderiu a ela como cola, cruel e inabalável, colocando cada centímetro de seu corpo em alerta.

Brock assobiou baixinho enquanto avaliava Takeshi, virando-se para Khalani. "Você conseguiu trazer o Capitão para o nosso lado? Não sabia que favores sexuais iam tão longe."

"Sugiro que não diga mais nada", a voz de Takeshi se aprofundou. "Precisamos de você viva para que este plano funcione." Uma promessa de violência pairava em seus olhos de obsidiana, como se ele estivesse a segundos de esquartejar Brock. Algo lhe dizia que ele iria gostar.

"Espere aí. Khalani pode confiar em você para ajudar, mas não tenho tanta certeza. O que você ganha com isso?" Serene encarou Takeshi com um olhar serpentino.

"Não espero que confie em mim. Na verdade, desaconselho." O olhar pungente de Takeshi se voltou para ela. "Mas você não estaria aqui se eu a quisesse morta. E como eu só tenho uma chance de sair viva, isso já basta."

A antipatia no ar pesava como correntes de metal penduradas sobre seus ombros. Serene cerrou os dentes com um ressentimento fervente, mas assentiu rigidamente.

"Qual é o plano?" A voz de Derek tremeu.

Takeshi o encarou com um olhar crítico. "Em dois dias, algumas horas antes do primeiro turno, desativarei as câmeras e os alarmes. Essa é a parte fácil. Os túneis de Braderhelm são extremamente complexos, projetados para que qualquer um que tentasse escapar jamais encontrasse a saída."

"Mas você sabe o caminho, eu acho." As sobrancelhas de Serene se franziram, a inimizade e a desconfiança em sua expressão eram inerentes.

"Naturalmente", respondeu ele em tom seco. "Temos um dispositivo para implantar gás em certas celas de prisioneiros que os deixará inconscientes para o transporte. Vou ligar os dutos de ventilação para que os outros prisioneiros desacordem. Não queremos nenhum barulho adicional. Depois de destrancar manualmente suas celas, eu os guiarei até os Portões de Braderhelm."

“E o resto dos guardas?”

A maioria dos guardas estará dormindo, e poucos estarão de plantão. Conhecendo a rotação deles, passar despercebido não deve ser difícil. Mas quando chegarmos ao portão de Braderhelm, dois guardas estarão posicionados lá. Eles têm um alarme separado que, se ativado, trará centenas de guardas até nós em minutos.

Eles visivelmente engoliram em seco quando Takeshi continuou: "Não posso enfrentá-los fisicamente sem disparar o alarme. O risco é muito alto. Um de vocês vai precisar me ajudar a eliminá-los. Presumo que saibam usar uma arma sem errar." Takeshi se virou para Brock, a tensão no ar era palpável.

"Você estaria certa." O canto do lábio de Brock se ergueu, e os pelos dos braços dela se arrepiaram.

Takeshi assentiu. "Ótimo. Nossos dois canhões terão silenciadores para minimizar o som. Precisamos eliminá-los ao mesmo tempo. Assim que os guardas estiverem mortos, abrirei os portões e podemos roubar um dos transportes para escapar. Qual a distância dessa entrada secreta para a superfície?"

Não muito longe. Menos de um quilômetro. Levará apenas alguns minutos para chegar lá de transporte. Um elevador escondido no túnel nos levará à superfície.

Takeshi ficou em silêncio por um momento, estudando Brock com um olhar atento. "Que assim seja. Vou buscar suprimentos para a viagem de duas semanas

até Hermes. Espero que todos estejam prontos." Ele falou com tanta calma, autoridade e confiança inabalável que ela começou a acreditar que aquilo poderia funcionar.

Brock cruzou os braços, estufando o peito. "A maior parte deste plano depende de você, *Capitão* . Espero que esteja pronto, ou acabaremos sendo mais um na longa lista de pessoas que você matou."

Um músculo se contraiu no maxilar de Takeshi. "E você tem certeza de que os trajes de proteção contra radiação não são necessários?"

"Não me questione. Tenho certeza."

"Espero que sim." Puro terror e malícia emanam de Takeshi enquanto ele lambe os lábios. "Vou arrancar seus intestinos e te dar de comer se estiver mentindo."

"Eu gostaria de ver você tentar", Brock sibilou, seus punhos gigantes se fechando ao lado do corpo.

A quantidade de testosterona no ar era sufocante. Os dois homens se encaravam com uma fúria fulminante que certamente explodiria em uma briga a qualquer momento. E ela apostava em Takeshi.

"Se vocês dois terminarem de comparar os tamanhos dos paus, podemos voltar ao plano em questão." Os lábios de Khalani se estreitaram.

Takeshi manteve o olhar firme unicamente em Brock, os músculos do corpo dele incrivelmente imóveis, como a calma silenciosa antes de um gatilho ser puxado. Só quando ela disse o nome dele é que Takeshi saiu daquela fixação indignada. Ele se afastou lentamente da Zona da Morte, virando-se para ela com uma tempestade se formando em seus olhos que a fez franzir as sobrancelhas.

O que aconteceu com ele?

Ele se virou para os outros, mal a reconhecendo. "Haverá uma inspeção em três dias, e os guardas estarão em vigilância mais rigorosa. É por isso que faremos isso em dois dias ou nunca. Vocês cinco devem estar preparados."

“Seis”, interrompeu Khalani.

Takeshi virou a cabeça bruscamente para ela. "Como assim, seis?"

"Estou pedindo para Winnifred vir conosco", respondeu ela em um tom que não dava margem a discussões. Ela se recusou a deixar Winnie para trás.

"A bibliotecária maluca?" Brock fez uma careta.

"Por quê?" Takeshi ferveu.

"Eu sei que você não vai entender, mas ela é como uma família para mim e não será um fardo. Winnie é inteligente. Ela *quer* ir embora", insistiu Khalani.

Brock balançou a cabeça. "A mulher é velha. Ela só vai nos atrasar."

Sua expressão endureceu. "Isso não está em discussão."

"Tudo bem. Mas chega", Takeshi rosnou e virou a cabeça para dois guardas que caminhavam em sua direção. "Chega de conversa sobre isso. Estejam prontos em dois dias."

Takeshi marchou em direção aos guardas e falou com eles, indo na direção oposta ao grupo.

“Isso está realmente acontecendo”, Serene sussurrou como se só agora tivesse compreendido as implicações do seu plano ousado.

Em poucos dias, eles estariam na superfície da Terra, respirando o ar puro, ou seriam enterrados sob ela. Sem segundas chances.

Apenas começos potenciais e finais garantidos.

****

Uma ansiedade frenética cresceu dentro dela enquanto ela subia apressadamente as escadas para a biblioteca. Ela não falava com Winnie desde a última briga, e o nó em seu peito aumentava a cada passo. Ela não se deu ao trabalho de bater e entrou na biblioteca.

O som característico da música ecoou pelo ambiente, e ela respirou fundo. O aroma cálido de livros antigos e o leve toque de perfume rosado invadiram seus sentidos, e um pequeno sorriso se formou em seus lábios, como se ela finalmente pudesse respirar novamente.

Ela caminhou lentamente em frente às estantes de livros enquanto uma canção delicada sussurrava no ar, assustadoramente bela.

Talvez haja um Deus acima
Mas tudo que aprendi sobre o amor
Era como atirar em alguém que te superou
E não é um grito que você ouve à noite
Não é alguém que viu a luz
É um resfriado e é um Aleluia quebrado

Ela dobrou a esquina, e os olhos de Winnie estavam fechados, balançando enquanto ela cantava lentamente o hino encantador.

Khalani deu um passo à frente, e a madeira rangeu sob seus pés. Os olhos de Winnie se abriram de repente, e ela se virou para ela, chocada.

"O que você está fazendo aqui?" Winnie ficou boquiaberta enquanto se levantava rapidamente e desligava a música. O olhar cauteloso em seus olhos feriu o coração de Khalani.

"Ei", ela brincou com as mãos. "Que bom ver você. Quanto tempo."

Winnie assentiu com uma solidão avassaladora no olhar.

"Sim."

O silêncio desconfortável cresceu em força como um monstro abrindo a mandíbula antes de estalar.

Ela mordeu o lábio e sentiu o buraco no estômago se expandir.

"Winnie, vim te dizer que sinto muito. Sinto muito, muito mesmo. Você estava certa. Sobre Apollo, a superfície, o Governador. Tudo. E agora estou começando a acreditar que Timothy Talbot também pode estar certo."

Winnie permaneceu em silêncio, com a expressão imutável. Winnie, a pessoa mais vivaz e vibrante que já conhecera, parecia... entorpecida. Seus olhos estavam fundos, e o corpo de Winnie parecia mais frágil desde a última vez que Khalani a vira. Ela não estava comendo?

"Winnie esperou muito tempo para você dizer isso. Mas você estava certa. Não há nada que possamos fazer. Nunca conseguiremos ir embora." Winnie abaixou a cabeça.

Isso não é verdade, Winnie! Temos um plano. Vamos escapar amanhã de manhã. Brock conhece uma entrada secreta para a superfície, e o Capitão Steele vai nos ajudar. Você também vem.

“Um plano?” ela perguntou, levantando a cabeça.

"Sim", Khalani sorriu. "Finalmente vamos conseguir sair daqui."

Um tênue lampejo de esperança surgiu nos olhos de Winnie, mas foi

rapidamente apagado. Ela balançou a cabeça, olhando para as palmas das mãos. "Não há planos para Winnie, Khalani. Winnie está envelhecendo. Ela seria um fardo."

Khalani avançou e agarrou seus ombros. "Não diga isso. Nem pense nisso, porque você nunca seria um fardo! Aprendi mais com você sobre amor, arte e paixão do que em toda a minha vida. Vale a pena lutar por essas coisas, como Timothy disse! Você não pode desistir agora. Eu te amo demais para deixar você desistir."

Lágrimas começaram a se formar nos olhos de Winnie enquanto ela olhava para cima com um calor incrível. "Winnie esqueceu como era ouvir alguém dizer que a ama."

Nada poderia ter impedido Khalani de abraçar Winnie. "Você sabe que sim. Eu te amo, Winnie."

A prisão a esmagou até a morte, mas suas muitas cicatrizes só começaram a se curar quando ela conheceu Winnie. Não porque ela tenha esquecido o passado. A cura nunca é tão fácil.

A liberdade está no perdão.

A garotinha que estava deitada no chão tantos anos atrás precisava saber que não era culpa dela. Não era culpa dos pais dela por terem ido embora. E não era culpa dela por ter juntado seus pedaços quebrados do único jeito que sabia.

"Winnie jamais poderia substituir sua mãe, Khalani." Winnie segurou o rosto com as mãos, um brilho suave nos olhos. "Mas o amor dela por você não tem limites, assim como o de uma mãe. Se Sarah tivesse vivido até a sua idade, Winnie teria desejado que ela fosse igual a você."

O queixo de Khalani tremia enquanto o conteúdo dolorido de seu coração ameaçava transbordar. "É por isso que estamos deixando este lugar, Winnie. Juntos. O Capitão Steele vai te pegar amanhã de manhã, e finalmente seremos livres."

“Winnie não pode levar a máquina de escrever com ela, pode?”

O coração de Khalani se apertou. "Não. Mas quando tudo melhorar, voltaremos para buscar sua história e a completaremos."

“Promete?” ela perguntou.

"Eu prometo."

Eles se abraçaram o máximo que puderam, com lágrimas escorrendo por todas as coisas que haviam perdido e ganhado em Braderhelm.

Khalani não conseguiu dormir naquela noite, enquanto lutava na cama. Ela desistiu depois de algumas horas e sentou-se no chão, com uma energia implacável formigando por dentro, livre e se expandindo com severidade.

Seu peito subiu com uma respiração profunda enquanto ela escrevia seu último poema em Braderhelm.

Canções de rendição

Essas paredes construídas para conter, sussurram em meu ouvido
As canções da rendição me chamam para mais perto
Essas barreiras representam o medo eterno
Enquanto a música me diz para ser meu próprio compositor
Deixar ir é a coisa mais difícil
Agarrando-se ao tempo como se ele fosse equivalente a um significado

Mas agora eu sei a verdade e crio minhas próprias asas
As barricadas podem bloquear o físico, mas não podem conter os sentimentos
As mentiras mais doces abafarão a alma
Enquanto as dúvidas o convidam a permanecer
Querida, não espere que esses sinos toquem
Eu imploro que você se levante e quebre as correntes.

31

Não aceite o amanhã com desdém.
Agarre-o com toda a sua paixão e força.

Khalani andava de um lado para o outro dentro de sua cela fria, batendo a palma da mão incessantemente na coxa. Suas unhas estavam roídas até virarem uma lima áspera enquanto ela esperava na escuridão sagrada por horas. As luzes da prisão se acenderiam em breve.

Onde estavam Takeshi e os outros?

Uma tosse quase inaudível soou da cela à sua direita, e Khalani aguçou os ouvidos ao ouvir o corpo caindo no chão. Takeshi ligou o gás. Minutos se passaram, e o som suave de passos fez seus músculos se contraírem.

Ela se virou rapidamente para as barras de metal, e Takeshi surgiu como um assassino mortal na noite. As barras se abriram silenciosamente, e sua presença intimidadora e imponente acelerou seu pulso ao entrar em seu espaço solitário. O rosto de Takeshi era difícil de distinguir, mas aquela voz grave e característica zumbia através das sombras.

“Você está pronto, Kanes?”

Seu peito subia em respirações constantes, mas seus pés estavam presos ao chão. Assim que ela saiu daquelas grades, não havia mais como voltar atrás. "Não pensei que você viria por um segundo", admitiu Khalani.

"Como se isso fosse impedi-la." A vibração estimulante da voz de Takeshi causou arrepios em seus braços.

O silêncio se estendeu entre eles, e ela não precisou ver seus olhos de obsidiana para saber que eles queimavam por completo. Sua presença inebriante tornava difícil pensar. Respirar. Ela pigarreou e se preparou para sair.

"Espere." Takeshi tirou uma pistola preta do bolso. "Pegue isso."

Ela franziu as sobrancelhas quando ele lhe entregou a arma. O peso e a sensação mortal fizeram suas palmas coçarem e seu estômago se revirar.

"Eu não preciso disso." Ela devolveu a arma para ele, mas Takeshi balançou a cabeça.

"Sim, você tem. Não vou deixar você usar essa luz. Aqui está a trava de segurança. Mire apenas naquilo que pretende atirar, ok?" Seu tom não dava margem para discussão, e Takeshi não a deixou sair até que ela concordasse.

Após abrir a cela de Serene, Takeshi rapidamente os conduziu até o final do corredor, onde Derek, Adan, Brock e Winnie aguardavam. Nenhum prisioneiro se mexeu em suas celas enquanto eles corriam silenciosamente pela escuridão.

Todos, exceto Takeshi e Brock, se encolheram ligeiramente, lançando olhares apressados ao redor, esperando que um guarda atirasse neles a qualquer momento. Cada um carregava mochilas, e Brock entregou as suas próprias mochilas carregadas a Khalani e Serene. O peso a pressionava nas costas, e Brock lançou um olhar surpreso para Takeshi ao notar a arma em sua mão, mas

não disse nada.

“Vamos”, ordenou Takeshi.

Winnie apertou a mão aberta de Khalani enquanto seguiam silenciosamente atrás. Como Takeshi disse, não havia guardas à vista, e os alarmes não soaram enquanto corriam para o elevador.

"Fiquem atrás de mim", Takeshi os lembrou enquanto o elevador subia alguns andares.

O coração de Khalani ameaçou saltar do peito, e ninguém ousou falar. Um medo avassalador pairava no ar, como se demônios estivessem seguindo seus passos.

Assim que o elevador se abriu, Takeshi os conduziu rapidamente por uma miríade de túneis. De vez em quando, ele erguia o punho e os impedia de avançar, olhando para o relógio, esperando minutos intermináveis até que um guarda passasse antes de prosseguirem sua ousada fuga.

Eles caminharam por um labirinto contínuo por uma eternidade até se aproximarem de uma pequena abertura. Ao longe, uma visão que ela não presenciava desde que retornaram de Gênesis. A entrada de Braderhelm.

As gigantescas portas de aço pareciam mais imponentes e intimidantes agora do que no primeiro dia em que as vira. Dois guardas robustos, que pareciam capazes de quebrá-la ao meio, estavam em posição de sentido, com rifles apoiados nos ombros. Takeshi acenou para que se agachassem, fora de vista, na passagem de pedra.

"Está vendo aquele pilar de pedra? Eu nos trouxe até esta passagem porque ela bloqueia a maior parte da visão deles. Brock e eu vamos nos esgueirar atrás do pilar e atirar nos guardas. Não saiam daqui até eu dar o sinal." O olhar áspero de Takeshi oscilou entre eles e se concentrou em Khalani, fazendo-a sentir um formigamento na espinha.

Brock correu para a frente enquanto Takeshi lhe entregava uma pistola com silenciador e um brilho áspero. "Um movimento em falso, Death Zoner, e eu acabo com você."

"Não me venha com ideias, Steele. Vamos acabar logo com isso", sibilou Brock ao aceitar a arma com um olhar amargo.

O maxilar de Takeshi endureceu, mas ele se virou para o portão. Assim que Takeshi se aproximou lentamente do pilar, ele rapidamente estendeu o punho para deter Brock quando um recém-chegado caminhou em direção aos dois guardas vindo de uma entrada diferente.

Os guardas se endireitaram quando o homem desconhecido, vestido com um terno fino, falou com eles.

"Quem é esse?" Brock sussurrou.

Takeshi balançou a cabeça, confuso. "É o Diretor. O que ele está fazendo aqui?", murmurou para si mesmo.

Seus corpos se tensionaram quando um estrondo ecoou pelos corredores, e as portas de Braderhelm se abriram lentamente. O rosto de Khalani ficou pálido e sua boca se abriu quando ninguém menos que Alexander Huxley atravessou os portões.

"Que diabos está acontecendo?" Brock murmurou furiosamente.

Ladeado por dois guarda-costas, o Governador avançou e apertou a mão do

Diretor. Após alguns instantes, o Diretor gesticulou para que o Governador e seus guardas o seguissem, aproximando-os do esconderijo. Khalani e os outros se encostaram na parede como se estivessem fundidos.

Ela fechou os olhos e silenciosamente rezou com fervor e voracidade para que eles não fossem vistos.

"Obrigado por nos receber, Diretor." A voz única de Alexander Huxley reverberou pela caverna. "Sei que não éramos esperados até amanhã, mas com os eventos recentes, há muito que precisamos discutir para encontrar outros usos para este espaço."

"Sua avaliação é um bom presságio, Governador Huxley. Eu ficaria honrado em servir como Conselheiro e eliminar os traidores." O Diretor riu baixinho.

Os passos pesados se afastaram por um corredor separado, enquanto a voz do Governador se dissipava lentamente como o som de poeira raspando. Khalani respirou fundo enquanto Takeshi continuava a observar os dois guardas ainda parados em frente ao portão.

"Agora." Takeshi gesticulou para Brock, e eles se esgueiraram para trás do pilar de pedra. Eles se entreolharam e assentiram, apontando suas armas para os guardas. Um segundo se passou, e dois disparos suaves ecoaram das armas, e os dois guardas caíram no chão com um baque alto.

Seus olhos se arregalaram quando Takeshi acenou apressadamente para eles.

"Mover."

Como um tiro de canhão, eles correram para a porta aberta. As pernas de Khalani doíam, e ela tropeçou em uma pedra e perdeu o equilíbrio, caindo de cara no chão. Um braço forte rapidamente a puxou para se levantar.

"Não pare, Kanes." Takeshi franziu a testa, examinando-a com preocupação. Ela se limpou e continuou em frente quando ouviram pancadas fortes atrás deles.

Eles se viraram horrorizados quando um guarda apareceu no corredor, com os olhos brilhando de choque ao contemplar a cena à sua frente. O jovem guarda olhou para os dois homens mortos no chão e rapidamente tirou um walkie-talkie do bolso.

"Código Vermelho! Temos uma esc—"

Takeshi ergueu a arma e atirou na cabeça do garoto. Os olhos do garoto ainda estavam abertos de puro terror enquanto ele desabava.

"Vamos!" Ele agarrou o braço dela enquanto ela tirava o queixo do chão, e eles dispararam em direção às portas. Eles passaram pelos portões, e cinco transportes estavam estacionados do lado de fora. Brock, Derek, Serene e Adan estavam em um, e Winnie esperava no outro.

"Depressa." Winnie acenou para eles se aproximarem.

Khalani e Takeshi correram para a frente. Takeshi sentou-se no banco do motorista e, assim que ela se sentou, eles partiram em disparada.

O vento batia em seu rosto enquanto Takeshi conduzia o transporte ao seu limite máximo. Seu coração batia tão forte que se transformou em um único som enquanto avançavam pela longa e escura caverna, para longe de Braderhelm.

Poucos minutos depois, Brock freou bruscamente o transporte. Khalani teve que apoiar a mão na frente do corpo enquanto Takeshi freava bruscamente. Todos saltaram para fora, e Brock começou a tatear as paredes.

"Onde você está?" Brock murmurou para si mesmo.

Sua ansiedade era paralisante enquanto ela olhava nervosamente na direção de Braderhelm. Se algum guarda ouvisse a última mensagem, eles estariam vindo em sua direção a qualquer momento.

"Entendido!", exclamou Brock, abrindo um interruptor para revelar um teclado eletrônico. Ele digitou rapidamente uma sequência de números e recuou apressadamente.

Não aconteceu nada.

“Hum, Brock, onde fica a entrada secreta?” ela perguntou.

Brock franziu a testa e digitou os números novamente. Nenhum movimento. Nem um sussurro.

"Merda!", ele bateu com força. "Devem ter trocado a senha."

Takeshi praguejou enquanto o plano deles começava a ruir. Não havia apoio. Não havia outro lugar para onde pudessem escapar ou se refugiar.

"Saia da frente!" Adan empurrou Brock para o lado e começou a brincar com a parte de trás do bloco, puxando fios e conectando-os.

O zumbido característico dos transportes disparando sobre ímãs ecoou pela caverna sinistra. Eles sacudiram a cabeça, um medo avassalador se enrolando em seus pescoços.

“Depressa, Adan!” exclamou Serene.

"Só um segundo." Adan franziu a testa, trabalhando com os fios.

Bang!

Um tiro ricocheteou nas paredes, e eles se jogaram no chão, cobrindo a cabeça. As luzes dos transportes dispararam a toda velocidade, revelando completamente sua localização. Não havia cobertura ou lugar para se esconder. Mais alguns tiros ecoaram por eles, e Khalani ouviu alguém gritar.

"Consegui!" Adan gritou, e uma pequena parte da parede se abriu, revelando um elevador.

Eles correram para dentro, e Brock bateu a letra **S** no painel. As portas finalmente se fecharam no momento em que os transportes chegaram, e o chão tremeu sob eles quando o elevador começou a subir.

Ela se encostou na parede e deu um grande suspiro de alívio.

Eles conseguiram.

“Khalani”, Winnie choramingou.

Ela se virou para Winnie, que tinha sangue escorrendo pelo peito enquanto segurava uma mão trêmula na clavícula.

O queixo de Khalani caiu. Um peso insuportável a atingiu como uma pedra. Seus pulmões mal pareciam funcionar enquanto ela corria para o lado de Winnie. O sangue continuava escorrendo pelo macacão de Winnie, e o cheiro acobreado invadia o ar.

"Não, não, não! Winnie. A-aguenta firme!" O pânico a invadiu. Isso não ia acontecer. Não com a Winnie.

O elevador continuou a subir a toda velocidade. Takeshi imediatamente estava ao lado dela, amarrando um pedaço de pano da mochila. "Onde ela foi atingida?"

"Não sei!", gritou Khalani, em pânico. "O ombro dela, talvez. Tem muito sangue."

"Distraia ela, Kanes. Isso vai doer." O olhar penetrante de Takeshi a atingiu.

As mãos de Khalani tremiam quando ela colocou a arma no bolso e segurou o rosto de Winnie. "Ei, Winnie. Sou eu. Vai ficar tudo bem."

O rosto de Winnie estava pálido, e seu lábio inferior tremia quando Takeshi rapidamente amarrou o pano em seu ombro ensanguentado.

"Só se concentra em mim, Winnie. Bem aqui." Khalani apontou para os olhos dela. "É isso. Eu estava pensando nos seus filmes. Principalmente em Grease. Espere até chegarmos à superfície e poderemos reencenar os passos de dança do Danny Zuko." A boca de Winnie se ergueu perceptivelmente até Takeshi dar um puxão forte no nó. Seu grito coincidiu com um *bing estridente* quando as portas do elevador se abriram.

Um brilho distante iluminou seus rostos chocados. À frente deles, havia uma porta de vidro transparente. Através dela, um túnel levava a uma abertura, repleta de uma luz intensa.

A superfície estava do outro lado.

"Vamos, Winnie. Fica comigo", acrescentou Khalani enquanto o suor escorria pelo rosto pálido de Winnie, que cambaleava. Khalani passou o braço em volta da cintura de Winnie enquanto elas saíam mancando do elevador. As portas se fecharam assim que elas saíram, e o elevador desceu a toda velocidade.

"Precisamos destrancar a porta", disse Brock, correndo até um console encostado na parede enquanto Adan corria para ajudar.

"Viu só, Winnie? Estamos quase lá", sussurrou ela enquanto Winnie recuava para se encostar na parede de pedra. As bochechas de Winnie ficavam mais pálidas a cada segundo, e Khalani se virou para Takeshi, freneticamente.

"Ela vai ficar bem?", sua voz tremia enquanto as lágrimas ameaçavam cair. Qualquer resposta que não fosse sim era inaceitável para ela.

Rugas profundas marcavam a testa de Takeshi. "Espero que sim, Kanes."

"Entramos!" exclamou Brock quando as portas de vidro se abriram.

Takeshi foi para o outro lado de Winnie e ajudou a sustentar seu peso enquanto os outros corriam pelo túnel. A porta de vidro fechou-se ruidosamente atrás deles, e Khalani e Takeshi se moveram o mais rápido que puderam, apoiando Winnie — o que não era nada rápido —, mas a luz do túnel ficou mais forte, e uma energia desenfreada a impulsionou para a frente.

Vozes gritavam através da barreira de vidro. Khalani virou a cabeça rapidamente quando o Governador, o Guardião e vários guardas entraram na caverna.

“Abra a porta!” gritou o Governador para um guarda.

"Não podemos, senhor! A radiação vai nos matar!", negou o Diretor.

"Andem mais rápido", rosnou Takeshi enquanto corriam para frente, praticamente carregando Winnie do chão.

"Seus idiotas estúpidos! Eu vou fazer isso!" Alexander Huxley gritou.

As portas de vidro se abriram atrás deles, e a adrenalina percorreu seus músculos enquanto eles avançavam. Ela apertou os olhos, seu pulso acelerando enquanto a luz se intensificava, envolvendo completamente seus corpos enquanto eles saíam do túnel em direção a uma superfície arenosa. O calor acariciava sua pele e os envolvia como um manto.

A luz do sol atingiu seus olhos, e Khalani estendeu a mão direita, protegendo o rosto.

“A superfície”, Winnie suspirou ao lado dela com a voz fraca.

Khalani lentamente levantou a mão e seu corpo parou, cessando completamente o movimento, como se estivesse congelado no espaço.

Uma cúpula gigantesca não se ergueu sobre eles. Terra e pedra não conseguiram cobrir sua cabeça. Na superfície da Terra, o céu era de um azul cristalino e claro, e o sol escaldante era tão ofuscante que os raios quase eclipsavam sua visão.

Ela olhou ao redor, chocada. Pareciam estar em um deserto plano, com prédios desabados e escombros espalhados por toda parte. Veículos estranhos estavam espalhados por ali, com o metal rasgado e enferrujado. Todos os objetos jaziam em desolação.

A ruína nunca pareceu tão bonita.

Khalani respirou fundo. Até o ar tinha um cheiro e um gosto diferentes. Livres. Eles eram livres.

“Não vá mais longe!” gritou a voz de Alexander Huxley.

Eles se viraram, e o Governador apareceu diante deles, sozinho. Takeshi segurou Winnie e sacou sua arma, mirando nele.

Alexandre ergueu os braços ao lado do corpo, inocente. "Não tenho armas. Venho até vocês em paz. Por que vocês não voltam todos para resolvermos isso? Posso até garantir a liberdade de vocês em Braderhelm."

As mentiras dele arranharam sua pele, e Khalani tirou a arma do bolso e deu um passo predatório para a frente. "Você só sabe mentir. Já houve alguma radiação na superfície?"

Alexander ergueu os lábios. "Ah, eu lhe asseguro, houve um dia. Batalhas ocorreram no próprio chão em que você pisa. Apolo salvou inúmeras vidas, e somente debaixo da terra esses piores instintos podem ser controlados. Como você pode ver, não há nada aqui fora, nada além da morte."

"Em *Apolo* , só existe morte. Foi você, não foi? Você é a responsável por destruir as plantações." A verdade berrou de sua língua.

O Governador levantou uma sobrancelha.

"Perceptivo. Um tanto... poético, não é? Eles me veem como seu salvador enquanto eu estava esperando o momento certo, esperando o dia voltar."

"POR QUÊ?!" ela gritou, a arma tremendo visivelmente. "Por que você faria isso?"

"Você sabe menos do que poderia sonhar", declarou Huxley com uma voz entediada, como se estivessem falando sobre formações geológicas. "Você não vê agora, mas isso é para o benefício de todos. Tudo o que você precisa fazer é confiar em mim."

Khalani soltou uma risada sem graça. "Qualquer um que confie em você é estúpido ou louco. Você nos manteve trancados para encobrir suas mentiras por décadas. Mas isso acaba agora. Estamos indo embora e espalharemos a verdade sobre a superfície e as atrocidades do que você fez em Apollo", sibilou Khalani, apertando a arma com mais força.

O sorriso arrepiante do Governador se transformou numa carranca raivosa. "Nada mudará o que está por vir. *Nada* ... Você morrerá com o resto deles, assim como seus pais."

A loucura a invadiu, ameaçando atacá-la e desmembrá-la enquanto seus

rostos brilhavam em sua mente. Ela não estava mais vazia, remendada com lacunas. Toda a dor e o sofrimento que suportara preenchiam suas rachaduras e fendas, a necessidade de violência suprimindo qualquer piedade que lhe restasse. A antiga ela teria se encolhido sob o peso de tamanha fúria, mas ela não estava mais sujeita às regras do submundo.

Na superfície da Terra, a maior vitória e o maior fardo da humanidade sempre foi o livre-arbítrio.

Khalani levantou sua arma e atirou em Alexander Huxley no peito.

O Governador não se moveu. Ele não caiu no chão. Alexandre olhou para o peito... e *sorriu.*

"Isso não foi muito legal." Ele sorriu quando as mãos de Khalani tremeram e seus olhos quase saltaram das órbitas.

Brock avançou e lançou todo o seu peso em um soco direto na cabeça do Governador, mas Alexander agarrou o pulso de Brock como se ele não pesasse mais que uma pena. Com um sorriso sinistro, ele puxou os braços de Brock para trás como se fossem um pretzel, e Brock soltou um grito estilhaçante.

Rápido como um raio, Takeshi se chocou contra o Governador como um trem, levando os dois ao chão. Takeshi imediatamente se levantou e deu um soco no rosto do Governador, mas este liberou o braço e desferiu um soco sob o queixo de Takeshi. Takeshi jogou a cabeça para trás, e Alexander aproveitou a vantagem, virando Takeshi rapidamente e se ajoelhando sobre ele.

Quando Alexander começou a socar o rosto de Takeshi, o sangue espirrou na areia como confete. O terror puro a cortou e retalhou como se seu próprio corpo estivesse sendo massacrado. Ela não pensou. Avançou com foco de laser.

"Sai de cima dele!" ela gritou ferozmente, investindo contra o Governador.

Com um estalo, Alexander Huxley agarrou a garganta dela com a mão nua. Seus olhos azuis e frios estavam cheios de hostilidade enquanto ele apertava os dedos e começava a esmagar a traqueia dela. Era como se sua garganta estivesse sendo moldada do tamanho de um canudo. A escuridão tomou conta dos limites de sua visão enquanto ela lutava desesperadamente por um pouco de oxigênio. Nada vinha.

Ela agarrou a palma da mão que a prendia como um animal selvagem e encurralado, mas os dedos só a apertaram ainda mais. Seus movimentos ficaram mais lentos, indolentes. Um gargarejo escapou de seus lábios, os olhos rolando lentamente para trás. E Khalani sabia que aquele era o fim.

Não importa o quanto ela lutasse, a morte sempre voltava para buscá-la.

Um rugido agudo e agonizante interrompeu sua amarga aceitação, e a mão mortal em volta de sua garganta foi arrancada. Khalani desabou na areia, sufocando e arfando como se sua garganta estivesse cheia de areia escaldante. Saliva escorria de sua boca enquanto mãos gentis a envolviam.

"Eu te peguei. Só respira", a voz de Derek tremeu. Sua visão turva mal o distinguia, mas Derek não a encarava. Khalani virou a cabeça.

O tempo parou completamente enquanto Takeshi permanecia em pé sobre o cadáver de Alexander Huxley. Literalmente morto, pois a cabeça do Governador não estava mais presa ao seu torso.

Os olhos de obsidiana de Takeshi não estavam fixos no Governador, mas no corpo curvado de Khalani enquanto ele corria até ele, ofegando pesadamente.

"Você está bem, Kanes?" Ele se ajoelhou ao lado dela, a brutalidade pura estampada nos cantos do rosto, a veemência em sua expressão era impressionante.

"Sim." Ela tossiu, tentando se mover, mas os braços fortes de Takeshi sustentaram Khalani completamente enquanto ela se levantava, cambaleando.

"Você arrancou a cabeça dele", Serene sussurrou alarmada, encarando Takeshi com os olhos arregalados.

“Pessoal”, Adan falou de longe.

Os olhos de Takeshi percorreram Khalani, o maxilar tenso a cada ferimento. Sua boca se contraiu em uma linha dura quando ele se virou para Serene.

“E eu faria de novo”, declarou ele sem arrependimento.

“Você... você arrancou a cabeça de alguém”, Serene repetiu incrédula.

"Gente!", gritou Adan. "Vocês precisam dar uma olhada nisso."

Eles pararam ao ouvir a voz trêmula de Adan e caminharam até onde ele estava, olhando para o corpo decapitado de Alexander Huxley. Derek ajudou Winnie enquanto se aproximavam lentamente. Brock cambaleou, ainda segurando o cotovelo deslocado de dor, e seu queixo caiu.

Pilhas irregulares de metal e fios saíam do pescoço dilacerado do Governador. O estalo da eletricidade soava onde o corpo ainda se contraía. Khalani olhou para onde a cabeça do Governador estava no chão. Seus olhos azuis e mortos a encaravam diretamente, e se não fosse por Takeshi segurando-a, seu corpo trêmulo teria afundado no chão.

"Ele não é humano", Derek suspirou em choque.

“Ele era um robô.” O rosto de Adan empalideceu.

Ninguém falou enquanto olhavam para o corpo sem vida do Governador. O impossível estava diante deles, abalando a própria realidade. Derrubando os alicerces do seu mundo. O homem que ela odiava com todo o seu ser nunca foi uma pessoa real, apenas uma máquina que controlava suas vidas por inteiro.

Ficção e realidade se fundiram, e Khalani cravou as unhas na palma da mão com força bruta, como se quisesse testar se ainda conseguia sangrar, se ela também era real...

"Isso é loucura. Isso é..." Serene passou as mãos pelos cabelos desgrenhados. "Isso é loucura. Você sabia disso?" Ela se virou para Takeshi, com os dedos visivelmente trêmulos.

"Não", negou Takeshi com veemência. "Se eu soubesse, eu o teria matado na primeira oportunidade", disse Takeshi com tanta voracidade e ódio que Khalani acreditou.

“Mas o que isso significa?!”

"Isso importa?", rosnou Brock, e todos se viraram para ele, chocados. "Não podemos voltar para Apolo. Vocês todos sabem disso. Nosso caminho para Hermes continua o mesmo, e só temos suprimentos para duas semanas. Temos que seguir em frente."

Ninguém se moveu por um longo tempo, mas Adan lentamente agarrou sua bolsa e colocou um braço protetor em volta de Serene, cujos olhos pareciam espelhos vazios enquanto Adan a incitava a se aproximar. Khalani não deixou de notar o olhar desconfiado que ele lançou a Takeshi.

Os outros juntaram suas coisas lentamente, com olhares em choque, enquanto

Derek passava o braço em volta da cintura de Winnie e a ajudava a andar. Seus amigos se moviam como se não tivessem escolha. No presente, os pesadelos viviam na realidade, e a verdade residia nas fábulas. E o relógio jamais poderia voltar atrás.

"Não entendo." O olhar de Khalani se fixou na cabeça solitária do Governador, com fios desfiados saindo de onde seu pescoço costumava ficar.

"Eu também não. Mas esta máquina nos impediu de descobrir a verdade sobre a superfície. E vamos descobrir o porquê." A expressão de Takeshi se obscureceu enquanto seu olhar poderoso se deslocava da Governadora para ela. Ele olhou para as marcas aparentes no pescoço dela, e um frenesi arrepiante se formou em seu olhar. Takeshi abriu a boca.

“Precisamos ir agora!” Brock gritou atrás deles.

Takeshi fechou a boca com um estalo, balançando a cabeça. Mesmo assim, seus olhos escuros comunicavam muito mais, como se ela fosse o sol ardente e a lua vibrante, marcantes e de longo alcance, destinados a se separarem para sempre.

Sua mente se debateu com a impossibilidade do momento. Milhões de perguntas giravam em sua mente quando tudo o que se estendia diante delas era miséria, morte e destruição. Mas ela não tinha escolha a não ser deixar Apolo para trás e abraçar a terra à sua frente, como um poema esperando para ser escrito.

E para cada *coisa* ou pessoa que estivesse em seu caminho, ela gravaria seu poema em sangue.

A AVENTURA CONTINUA…

POUCOS MORTAIS DOS EUA

EM BREVE

AGRADECIMENTOS

Mãe — Obrigada por ser minha principal incentivadora e cultivar meu amor pela literatura. É por sua causa que sou a escritora que sou. Suas edições ao longo do meu livro ajudaram imensamente a história. Sinceramente, seria preciso um livro inteiro para listar tudo o que você fez por mim. Eu te amo. Para sempre.
Pai — Obrigada por acreditar em mim e sempre me fazer sentir que posso realizar qualquer coisa. Suas sugestões tornaram a história muito mais emocionante, e sou muito grata por ter um pai que se importa tanto. Prêmio de Melhor Pai.
Christina — Obrigada por todas as suas críticas, até mesmo aquelas em que você disse "eca" e "vomito". Haha. Sinceramente, você ajudou a moldar o livro para que ele fosse muito mais corajoso e intenso, e eu sou muito grata a você. Você é a melhor irmã que eu poderia pedir.
Rodney — Obrigado pelas suas sugestões iniciais, que ajudaram a minha escrita a ter um *significado* maior. Aprendi com você que cada frase deve ter um propósito. Nossos princípios... nossas vidas *importam*, e podemos fazer a diferença. Você continua me mostrando como seguir em frente e não desistir.
Kyle — Uau. Este livro é muito melhor por sua causa. Obrigada por ajudar a moldar Takeshi Steele, por ler cada página do meu livro e por criar o título! Amo você de todo o coração e estou muito animada para as muitas aventuras que virão.
Kristofer Mehaffey — Preciso colocar o nome completo para que todos saibam quem desenhou a capa incrível do livro!! Você é tão talentoso; isso me deixa perplexo. Obrigada por me aturar e por todas as minhas mudanças de última hora. Sou muito grata a você e ao meu irmão por ter ótimo gosto para amigos. :)
Annie — Obrigada pelo seu apoio desde pequena e pelo incentivo para que eu continuasse lendo, mesmo os livros com romances de tirar o fôlego. Você me inspira infinitamente e eu te amo muito.
Justine — Obrigada pelo seu incentivo infinito e pelas suas edições iniciais que ajudaram a melhorar o livro. Você é maravilhosa, e estou muito animada para as nossas futuras noites, em que dançaremos música francesa, beberemos vinho e não nos preocuparemos com nada no mundo.

Obrigado!

Há tantos livros para ler no mundo, e escolher o meu faz meu coração brilhar mais forte do que qualquer estrela que eu ousaria segurar. Se você gostou de ler "Us Dark Few", deixe um comentário para me ajudar a continuar criando e compartilhando histórias como esta. Continue a compartilhar suas origens, crenças e sonhos para todos ouvirem.

Com amor,

Alexis Patton